CHRISTINA LAUREN

Autora best-seller da série *Cretino Irresistível*



SUBLIME

E se o seu amor pertencesse a outro mundo?

UNIVERSO DOS LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SUBLIME

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 · 6· andar · Bloco 2 · Conj. 603/606
Barra Funda · CEP 01136-001 · São Paulo · SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

CHRISTINA LAUREN



SUBLIME

São Paulo
2015

UNIVERSO DOS LIVROS

Sublime
Copyright © 2014 by Lauren Billings and Christina Hobbs.
All rights reserved, including the right of reproduction in whole or in part in any form.

© 2015 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial · Luis Matos
Editora-chefe · Marcia Batista
Assistentes editoriais · Aline Graça, Letícia Nakamura e Rodolfo Santana
Tradução · Thiago Dias
Preparação · Raquel Nakasone
Revisão · Raquel Siqueira e Jonathan Busato
Arte · Francine C. Silva e Valdinei Gomes
Capa · Francine C. Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L412i

Lauren, Christina
Sublime / Christina Lauren; tradução de Thiago Dias.
– São Paulo: Universo dos Livros, 2015.
304 p.

ISBN: 978-85-7930-833-8
Título original: *Sublime*

1. Literatura americana 2. Literatura fantástica 3. Espiritualismo 4. Romance I. Título II. Dias, Thiago

15-0150 CDD 813

À *nossa parceria de escrita e amizade que, a cada livro, se torna mais forte.*

Um torpor fez meu espírito selar
Não senti temores humanos
Parecia ela incapaz de experimentar
O toque secular dos anos.
Agora não se move, sem forças
Não ouve, vê ou anda
O curso terrestre envolve-a e arrasta-a
Com rocha, e pedra, e planta.

SIR WILLIAM WORDSWORTH

Sublime (adjetivo): transcendental; completo, absoluto.
Sublimar (verbo transitivo): passar diretamente do estado sólido para o estado de vapor.

CAPÍTULO 1
Ela

A garota está curvada em ângulos bizarros quando acorda. Não parece possível estar dormindo ali – sozinha, num caminho sujo, cercada por folhas, grama e nuvens. Sente como se tivesse caído do céu.

Ela se senta, desorientada e coberta de poeira. Atrás dela, uma trilha estreita faz uma curva e desaparece, entre inúmeras árvores queimando vivas com a cor do outono. Diante dela há um lago. Suas águas são calmas e azuis, sua superfície ondulando somente nas extremidades onde a água rasa encontra as pedras. Por instinto, ela engatinha até lá e espia dentro, sentindo subitamente uma pena da garota confusa que a encarava de volta.

Somente ao ficar em pé ela vê os enormes prédios assomando no perímetro do parque. Feitos de pedra cinza, eles se erguem altos acima das árvores flamejantes, olhando para baixo, onde ela estava. Os prédios parecem tanto acolhedores quanto ameaçadores, como se ela estivesse naquele estado entre desperta e dormindo, quando é possível sonhos e realidade coexistirem.

Em vez de sentir medo, ela sente uma onda de empolgação irromper dentro de si. Empolgação, como o som do tiro de largada para um atleta.

Vai.

Ela desce rapidamente pela trilha e cruza a estrada suja até onde a calçada abruptamente começa. Ela não se lembra de ter colocado o vestido de seda que está usando, feito com um delicado calicô de flores e caindo em dobras finas e esparsas até os joelhos. Ela observa seus pés pouco familiares, dentro de novas sandálias ainda rígidas. Apesar de não sentir frio, estudantes de uniforme passam caminhando, envoltos em grossos tecidos de lã azul-marinho e cinza. A personalidade de cada um repousa nos pequenos acréscimos: botas, brincos, um lenço vermelho que aparece de relance. Mas poucos se dão ao trabalho de notar uma moça pequenina arrastando os pés e curvando-se, lutando contra a força do vento.

O cheiro de terra molhada é familiar, assim como a maneira como os prédios de pedra captam os ecos ao redor e os prendem juntos de si, fazendo com que o tempo passe mais devagar e as conversas durem mais. Pelo modo como o vento castiga por onde passa, e pela preciosa e nova memória das árvores na trilha, ela sabe que é outono.

Mas nada parece estar como ontem. E ontem era primavera.



Uma arcada assoma à sua frente, adornada com letras de cobre azul-esverdeadas e castigadas pelo sol, que parecem ter sido escritas com a mesma tinta que o céu.

ESCOLA PREPARATÓRIA SAINT OSANNA PARA MENINAS E MENINOS
SÉRIES K-12
EST. 1814

Abaixo, uma grande placa de metal agita-se, abandonada ao vento:

Se alguém fizer tropeçar um destes pequeninos que creem em mim, seria melhor que fosse lançado no mar com uma grande pedra amarrada no pescoço.
MARCOS 9,42

O campus é maior do que ela imagina, mas de algum modo ela sabe para onde olhar – direita, não esquerda – para encontrar o agrupamento de prédios menores de tijolo e, a distância, uma cabine de madeira. Ela segue adiante com um tipo diferente de empolgação agora, como ao entrar em uma casa acolhedora sabendo o que tem para o jantar. Do tipo familiar. Exceto por ela não fazer ideia de onde está agora.

Ou de quem ela é.

Dos quatro prédios principais, ela escolhe o da esquerda, nos limites onde começa a vegetação selvagem. Os degraus estão apinhados de estudantes mas, ainda assim, ninguém a ajuda com a porta, que parece decidida a empurrá-la para trás com seu peso. A maçaneta é pesada e rígida em sua mão. Além disso, sua pele parece tremeluzir.

– Feche a porta – alguém grita. – Estou congelando!

A garota passa correndo pela entrada, desviando sua atenção da própria pele brilhante. O ar lá dentro é quente e carrega consigo o cheiro familiar de bacon e café. Ela fica parada à porta, mas ninguém lhe lança um olhar. É como se ela fosse mais uma estudante qualquer caminhando pela multidão; a vida segue seu rumo no burburinho do refeitório, e sentindo uma vaga agitação, ela continua sem se mover. Ela não é invisível – consegue ver seu reflexo na janela à sua direita –, mas poderia muito bem ser.

Finalmente, abre caminho através de um labirinto de mesas e cadeiras até uma mulher idosa, parada com uma prancheta na entrada da cozinha. Ela está checando itens de uma lista, sua caneta sendo pressionada e ticando cada item com perfeição e praticidade. Cada nova marca é idêntica às outras. Uma única pergunta pousa na língua da garota e lá permanece, imóvel, enquanto espera a mulher notá-la ali.

A garota está com medo de falar. Ela nem mesmo sabe quem ela é, imagine então perguntar a única questão que precisa ser respondida? Baixando os olhos, percebe que sua pele brilha suavemente sob a fixidez da luz amarelada e, pela primeira vez, sente a preocupação por não parecer totalmente… normal. E se ela abrir a boca e se dissolver em uma revoada de corvos? E se perdeu suas palavras, juntamente com seu passado?

Você consegue.

– Com licença – ela diz uma vez, depois de novo, mais alto.

A mulher ergue o olhar, claramente surpresa por encontrar uma estranha parada tão perto. Ela parece estar numa mistura de confusão e, por fim, inquietação, enquanto repara no vestido

empoeirado e no cabelo enroscado em folhas. Seus olhos perscrutam o rosto da garota, procurando, como se um nome fosse lhe surgir do fundo da mente.

– Você é…? Posso ajudá-la?

A garota quer perguntar: "Você me conhece?". Em vez disso, diz:

– Que dia é hoje?

As sobrancelhas da mulher juntam-se ainda mais enquanto ela observa a garota. De algum modo, não era a pergunta certa, mas ela responde mesmo assim:

– Terça-feira.

– Mas qual terça?

Indicando um calendário atrás dela, a mulher responde:

– Terça, quatro de outubro.

Somente agora a garota percebe que saber a data não ajuda muito, pois apesar de esses números lhe parecerem estranhos e errados, ela não sabe em que ano deveria estar. A menina dá um passo para trás, balbuciando um agradecimento, e reivindica seu lugar contra a parede. Ela se sente grudada ao prédio, como se ele fosse o lugar onde seria encontrada.

"É você", alguém dirá. "Você voltou. Você voltou".



Mas ninguém lhe diz isso. O refeitório esvazia-se durante a hora seguinte até que somente um risonho grupo de adolescentes permanece sentado em uma mesa redonda no canto. Agora a garota está certa de que tem algo errado: elas não olham na sua direção sequer uma vez. Mesmo em suas memórias roídas pelas traças ela sabe como adolescentes notam rapidamente alguém diferente.

Da cozinha, um garoto aparece, enfiando um avental vermelho pelo pescoço e amarrando-o enquanto anda. Cachos escuros e selvagens caem-lhe sobre os olhos, e ele afasta-os com um movimento inconsciente da cabeça.

Naquele momento, seu coração silencioso se contorce por trás das paredes vazias do seu peito. E ela percebe, na ausência de fome ou sede, desconforto ou frio, que essa é a primeira sensação física que ela tem desde que acordara sob um céu repleto de folhas outonais.

Seus olhos percorrem cada parte dele; os pulmões, ansiando por um fôlego que ela, até então, não se lembrava que precisava. Ele é alto e magricela, de alguma forma conseguindo parecer forte. Seus dentes são brancos, mas levemente tortos. Uma pequena argola prateada faz uma curva inteira em torno do seu lábio inferior, e os dedos dela ardem com o desejo de se aproximar e tocá-lo. Seu nariz foi quebrado pelo menos uma vez, mas é perfeito. E alguma coisa na luz em seus olhos quando levanta o olhar faz ela ansiar dolorosamente por dividir a si mesma com ele. Mas dividir o quê? Sua mente? Seu corpo? Como ela pode dividir coisas que não conhece?

Quando ele se aproxima da outra mesa, as adolescentes param de falar e o observam, olhos cheios de esperança, sorrisos empolgados no rosto.

– Ei – ele as cumprimenta com um aceno. – Se atrasaram pro café da manhã?

Uma garota com uma mecha rosa-choque no cabelo inclina-se para a frente e lentamente afrouxa a corda do avental dele.

– A gente veio comer alguma coisa doce.

O garoto sorri, mas é um sorriso condescendente – mandíbula flexionada, sorriso abrindo-se somente em parte do rosto –, e se afasta do alcance dela, gesticulando para o bufê encostado contra uma parede distante.

– Então levem o que quiserem. Eu preciso começar a limpar logo.

– O Jay disse que vocês fizeram umas acrobacias muito doidas na pedreira ontem – diz ela.

– É – ele assente com um movimento devagar e tranquilo, e afasta da testa um punhado de cabelo ondulado. – A gente deu uns saltos. Foi bem louco. – Uma breve pausa, e então: – Vocês deviam pegar alguma coisa para comer agora mesmo. A cozinha fechou há cinco minutos.

Instintivamente, a garota lança um olhar para a cozinha e vê a senhora parada na entrada, observando o garoto. A mulher então pisca na direção dela, estudando-a com olhos cautelosos e fixos; a garota é a primeira a desviar o olhar.

– Você não pode sentar e ficar um pouco aqui com a gente? – pergunta a Cabelo Rosa, sua voz e lábios saindo pesados com uma expressão de enfado.

– Sinto muito, Amanda, tenho aula de cálculo no Henley. Só vou ajudar Dot a limpar a cozinha.

Ele é fascinante de se observar: seu sorriso tranquilo, a curva rígida dos seus ombros e a maneira confortável com que enfia as mãos nos bolsos e se balança para a frente e para trás sobre os pés. É fácil compreender por que as garotas querem que ele permaneça.

Mas então ele se vira, afastando os olhos da mesa de suas colegas para ver a garota sentada sozinha a observá-lo. Ela começa a sentir a pulsação do pescoço começar a bater, parecendo ecoar dentro da própria garganta.

E ele a vê, pernas e braços nus, usando um vestido primaveril em pleno outubro.

– Você veio tomar café da manhã? – pergunta ele. Sua voz vibra por seu corpo. – Última chamada…

Sua boca abre mais uma vez, e o que sai não é o que ela espera; ela tampouco se dissolve numa revoada de corvos.

– Eu acho que estou aqui por sua causa.

CAPÍTULO 2
Ele

UMA SEMANA DEPOIS

Colin está parado cabisbaixo perto da porta, olhando para os dedos saindo da extremidade do gesso recém-adquirido. Eles estão grandes e esquisitos – alguns são tortos devido a fraturas mais antigas das quais ele nunca cuidou. Suas juntas são grossas, sua pele, cheia de cicatrizes, cortes e arranhões que ele deixou que se curassem sozinhos. Hoje seus dedos parecem inchados. Maltratados.

Quando finalmente consegue abrir a porta, depara-se com sua chefe.

– Colin – diz Dot, a linha de um sorriso fixa no rosto. – Joe ligou e disse que você ficou na enfermaria a manhã toda.

Ela não precisa acrescentar "Nem se dê ao trabalho de inventar uma desculpa" ou "Eu sabia que isso aconteceria de novo".

Ele solta um suspiro nervoso, que se condensa no ar frio.

– Eu sinto muito, Dot – diz ele, fechando a porta atrás de si.

– Por que você está se desculpando comigo? É o seu braço que está numa tipoia. – Ela limpa a garganta, sua expressão suavizando quando toca o gesso. – Quebrou dessa vez? – Ele assente. – Então, por que veio trabalhar?

O avental dela está encharcado. Ela está lavando as louças de novo e Colin faz uma nota mental para chutar as bolas de Dane por ele não ter lavado antes de ir para a aula.

– Eu vim dizer que não vou poder trabalhar por duas semanas. – As palavras saem queimando. Trabalhar no refeitório faz com que se sinta um pouco mais do que um caso de caridade.

– Só duas? – Ela endireita o pescoço e olha diretamente para ele, pescando a mentira.

– Ok, quatro. – Ele se mexe inquieto, começando a levantar o braço quebrado para coçar o pescoço e então recuando, esforçando-se para não soltar uns palavrões na frente de Dot. Ela era a melhor amiga de sua mãe e a pessoa mais próxima que ele tinha de uma avó em doze anos. A última coisa que ele queria era chateá-la.

– Você não vai ao basquete há três semanas – diz ela. Os olhos dele se arregalam e ela assente. – Sim, já estou sabendo disso. Conversei com o treinador Tucker semana passada; ele disse que tiraram você do time.

– Ah, vai, Dot. Você sabe que esse tipo de coisa não é pra mim.

Dot aperta os olhos, estudando-o.

– E que tipo de coisa é para você, exatamente? Desafiar a morte? Fazer a gente encher a cara de tanta preocupação com você? Eu sempre amei esse seu fogo, garoto, mas não vou

tolerar mais essas insanidades.

– Não é insanidade – diz Colin, mesmo sabendo que não devia. – É ciclismo.

– Essa é uma mentira deslavada. São manobras, piruetas e pulos de vagões de trem para os trilhos. É andar *em cima* dos trilhos do trem e atravessar pontes de corda sobre a pedreira. – Ele levanta rápido o olhar, e Dot assente vigorosamente. – Isso mesmo. Eu fiquei sabendo. Você podia ter morrido lá. Será que você só vai perceber que é inconsequente quando for tarde demais?

Colin suspira, praguejando mentalmente.

– O Joe sabe?

– Não. – A voz dela carrega um tom de ameaça, como se dissesse "Ainda não". – Sossega um pouco; as manobras, as corridas. Tudo isso. Estou velha demais para perder tanto sono me preocupando com você. – Ela faz uma pausa, pensando nas palavras antes de falar. – Eu sei que rapazes de dezessete anos se acham invencíveis, mas você, mais que qualquer um, sabe como as pessoas podem ser tiradas da gente. Eu não vou deixar isso acontecer com você.

Ele ameaça responder, mas Dot segura seu braço.

– Apenas prometa que será mais cuidadoso. Prometa que vai pensar nisso. – Vendo que ele não responde, ela fecha os olhos numa longa pausa. – Eu vou cancelar sua conta-corrente e seus passes de estudante. Você vai ficar de castigo dentro da propriedade da escola até que eu diga o contrário. – Ela lança-lhe um olhar, provavelmente esperando que ele exploda; mas ele sabe que não vale a pena.

Nos muitos anos desde que os pais de Colin morreram, Joe tem o acolhido debaixo do próprio teto e cuidado dos arranjos burocráticos da parca herança deixada ao rapaz, mas Dot tem a palavra final. Os dois sempre deram a Colin muita corda para ele se enforcar, mas também sempre estiveram lá para impedi-lo quando ele se mete em problemas. Isso anda acontecendo há muito tempo.

Ele assente, pendurando a mochila no ombro antes de adentrar a cozinha, caminhando até o painel de turnos para marcar seu nome. A caneta guincha no silêncio com um som de determinação, e ele consegue sentir a pressão da atenção de Dot em suas costas. Odeia desapontá-la. Sabe o quanto ela se preocupa com ele constante e obsessivamente, como uma ideia fixa.

Por isso ele se escondeu em seu quarto com um braço quebrado na noite passada – em vez de ir direto para a enfermaria. Graças a isso, Dot e Joe nunca – jamais – vão saber sequer metade da merda que ele fez.



Levantando o capuz para se proteger do vento, ele se segura no corrimão enquanto sobe os degraus de Henley Hall. O metal é frio e familiar sob a palma da sua mão, mais frio até mesmo que o ar outonal que serpenteia ao seu redor. A tinta branca começa a descamar, a superfície marcada por pneus e eixos de rodas de skates – a maior parte causada por ele. Um começo de ferrugem desabrocha pelas beiradas do corrimão. Os breves momentos de sono da noite passada foram interrompidos por uma dor aguda; agora ele está apenas dolorido e cansado e sem saber se será capaz de lidar com o dia de hoje.

Ele passa pela porta e o vazio lhe saúda; o espaço tiquetaqueando monotonamente, sincronizado com o ritmo dos relógios em ambas as extremidades do longo corredor.

No entanto, os corredores não ficam vazios por muito tempo. O sinal toca e ele vira para encontrar Jay fora da sala encurralando uma garota contra um armário: unhas vermelhas de acrílico percorrendo um cabelo loiro platinado.

Jay olha para trás quando Colin se aproxima e sorri maliciosa-mente para ele sobre o ombro.

– Já era hora de você chegar, seu preguiçoso – diz ele. – Você perdeu a aula de cálculo mais dolorosa do mundo. Dava pra ouvir meu cérebro sangrando.

Colin acena com a cabeça em cumprimento, erguendo seu gesso.

– Acho que eu preferiria cálculo em vez disso.

– Eu não teria tanta certeza.

A última conquista de Jay vai embora relutantemente quando ele e Colin caminham para a sala de aula. Os estudantes continuam a preencher o espaço ao redor, e Colin coloca sua mochila sobre uma mesa lá dentro, inclinando-se para procurar pelo trabalho feito em casa.

– Então você estava certo – diz Jay, gesticulando para o gesso. – Quebrou?

– É.

O mais rápido que pode com apenas um braço útil, Colin encontra seu trabalho e enfia o resto das coisas de volta na mochila.

– Joe e Dot passaram sermão?

Jay está no Saint Osanna há tanto tempo quanto Colin, desde o jardim de infância, e sabe bem que Dot nunca apreciou a sede de aventura dos dois rapazes.

Colin olha para ele enfaticamente.

– A Dot passou.

Jay congela.

– Ela cortou o seu dinheiro pra diversão?

– Cortou. E eu estou restrito à propriedade da escola por tempo indeterminado. Graças a Deus você levou minha bicicleta pra sua casa noite passada, senão ela provavelmente a tomaria de mim, também.

– Crueldade.

Colin murmura concordando e entrega o trabalho à professora. O que mais lhe dói é que a corrida nem tinha sido tão perigosa assim. Uma semana atrás ele tinha pulado da beira da pedreira para um bloco de pedra lá embaixo, e voltou para casa sem um arranhão. Mas ontem ele não conseguiu nem dar um pulo de principiante sem se destruir todo.

– O capuz, Colin – diz a sra. Polzweski. Ele tira e afasta seu cabelo dos olhos enquanto caminham de volta às suas carteiras.

Assim que o segundo sinal toca, ela entra: a garota do refeitório. Colin não a via há uma semana, e ele não conseguia parar de pensar no que ela tinha dito antes de sair correndo pela porta.

Eu acho que estou aqui por sua causa.

Quem diz uma merda dessas? Ele tinha tentado gritar atrás dela, mas ela se foi antes que as palavras se dissolvessem no ar.

Ela desliza pela sala barulhenta e escolhe a carteira na fileira ao lado dele, olha em sua direção e então vira-se rapidamente. Seus braços estão vazios, sem livros, papel, mochila.

Algumas pessoas a observam se sentar, mas ela se movimenta de maneira tão fluida que parece já fazer parte do ritmo da sala.

– Se você não puder andar de bike por um mês inteiro, a gente vai precisar de um plano – Jay sussurra. – Sem chances de você ficar preso por tanto tempo. Você vai ficar louco.

Colin murmura qualquer coisa, distraído. Que loucura, a garota parece de outro mundo, quase como se uma débil aura de luz cercasse a pele exposta dos seus braços. Ela parece mais um agouro do que um ser humano. Seu cabelo loiro-branco está penteado, e ela está usando uma daquelas botas pretas de cano alto fodonas, com uma camisa Oxford azul-pastel enfiada na saia azul-marinho do uniforme. Seus lábios são volumosos e vermelhos, seus olhos delineados com grossos cílios. Ela parece ser capaz de rasgar suas calças com apenas uma palavra obscena. Como se percebesse estar sendo observada, ela esconde as pernas debaixo da mesa e encolhe os braços para mais próximo do corpo.

Jay cutuca Colin logo acima do seu gesso.

– Você não vai deixar esse gessinho te impedir de se divertir, vai?

Ele tira os olhos da garota e olha para Jay.

– Você está de brincadeira? Existem milhares de outras maneiras de se divertir sem sair do terreno da escola.

Jay abre um sorriso e bate na mão boa de Colin.

A sra. Polzweski organiza sua pilha de papéis na mesa, ignorando o alvoroço da movimentação apressada: livros sendo abertos, páginas sendo folheadas, estudantes murmurando, uma ocasional tosse, um lápis sendo apontado em algum lugar. A garota se senta olhando para a frente, parecendo tentar ao máximo não ser notada.

Por onde ela andava?

Pelo canto dos olhos, Colin vê seus dedos finos alcançarem um lápis que alguém deixou na mesa. Ela o vira e revira na mão, como se o movimento requeresse prática. Examina-o como se suspeitasse ser uma varinha mágica.

Colin acha que nunca viu um cabelo mais leve antes. Ao mais leve movimento da cabeça, analisando o lápis, um poeirento raio de sol perpassa seu cabelo, fazendo-o parecer quase translúcido. Os fios se enrolam e caem sobre ombros curvados para a frente e envolvidos em uma camisa grande demais para alguém tão delicada. Ela parece a sombra de uma garota. Uma garota usando chapéu feito de raios de sol.

Como se sentisse Colin encarando-a, ela se vira, um sorriso involuntário erguendo-se no canto da boca. O sorriso é tão divertido que o contagia imediatamente e ele sorri de volta, por instinto. A covinha dela o faz pensar em risadinhas, promessas travessas e no gosto de açúcar na língua. Olhos metálicos encontram os dele e a cor é viva, agitando-se como um oceano furioso, puxando-o para dentro.

Ele se deixa afogar.

CAPÍTULO 3
Ela

A única pessoa olhando para ela é o mesmo garoto cujo rosto a tem assombrado a semana toda: o cara de cabelos negros e selvagens que precisam ser cortados, braço engessado, sorriso que faz seu estômago quase saltar pela boca e olhos que a perfuram, quentes e pontiagudos.

– Oi – diz ela com voz estridente, guardando o sorriso. Sua voz sai rouca porque esta é a primeira vez que ela fala em seis dias.

É a primeira vez que ela usa a voz desde que falara com ele e então irrompera para fora do refeitório, com a intenção de correr até a cidade para encontrar a polícia e dizer-lhes que precisava de ajuda. O mais longe que ela conseguiu chegar foi até um pesado portão de metal do campus, a quase um quilômetro descendo o caminho de pedras. Cada uma das três vezes em que tentou escapar, ao dar um passo para fora do portão era jogada de volta na trilha em que despertara, como se estivesse dentro de uma música repetida.

O olhar do garoto se estreita e desce por suas bochechas, por cima do seu nariz, parando na sua boca. Ela pisca uma vez, lentamente, então de novo.

– Aonde você foi?

Lugar nenhum, pensa ela, lembrando do galpão vazio que encontrou no meio de um campo estéril ao lado da escola. Era tão deserto quanto sua memória e parecia ser o lar perfeito para uma garota sem nome, sem passado.

Depois de ser inexplicavelmente arrastada para esse prédio da escola, todas as manhãs, durante uma semana, ela finalmente tomou coragem o suficiente para roubar um uniforme, entrar lá dentro e se sentar.

– Você desapareceu – diz ele.

Ela se remexe na cadeira, fitando a boca dele.

– Eu sei. Eu não sabia ao certo como agir depois da minha triunfante entrada… e saída.

Rindo, ele diz:

– Bem, se você não vai me pedir em casamento dessa vez, o mínimo que pode fazer é ler comigo. – Ele empurra seu livro aberto para mais perto dela.

Ela pisca, o rastro discreto do sangue percorrendo sua garganta ante o modo como os olhos do garoto se movem por seu rosto, como ele franze levemente os lábios antes de sorrir.

– Obrigada – diz ela. – Mas tudo bem. Eu posso só ouvir.

Ele encolhe os ombros, mas não se afasta.

– Acho que vamos estudar a história das relações de trabalho hoje. Você não vai gostar de perder a experiência completa.

A garota não sabe como lidar com a atenção dele. Ela suspeita, pelo modo como sua pele

parece ansiar aproximar-se dele, que ele é o motivo pelo qual ela é arrastada para lá toda manhã, assim como naquele primeiro dia, quando apareceu no refeitório. Mas ele parece ser tão gentil, quase inocente demais, como se ela fosse uma armadilha de mosquitos com veneno doce, e esse garoto perfeito voasse desapercebido ao redor dela. Como pode ser boa uma garota que não precisa comer nem dormir, e num piscar de olhos continua vendo a si mesma de volta ao campus da escola toda vez que tenta sair?

Ele continua encarando-a e ela joga o cabelo sobre o ombro, fazendo-o descer como uma cortina entre eles.

– Colin? – É uma voz feminina, clara e autoritária.

A pressão do olhar dele sobre ela aumenta.

– Perdão, sra. Polzweski – diz ele.

Agora que a garota sabe o nome dele, ela quer sussurrá-lo para si mesma de novo e de novo.

– Quem é você, meu bem? – pergunta a professora.

A sala é uma grande bolha, silenciosa e pulsando com expectativa, e a garota percebe que essa sra. Polzweski está falando com ela.

Porém, com a pergunta pairando no ar, uma voz masculina fala dentro da cabeça da garota.

"*Aposto que você não sabia que seu nome significa luz*, sussurrou ele, os lábios próximos ao seu ouvido."

"*Eu já sabia*, ela quis responder, mas a mão em seu pescoço tornava difícil até mesmo sorver o ar."

– Lucia. – Lembra-se ela, arquejando. – Meu nome é Lucy.

A professora murmura em reconhecimento.

– Lucy, você é nova?

Alguma coisa dentro de Lucy se agita ao ouvir outra pessoa dizendo seu nome. Por um pesado momento ela se sente real, como se fosse um balão e alguém finalmente a puxasse para o chão. Talvez uma garota com um nome não saísse voando para o céu.

Lucy assente e um calor fantasma queima sua bochecha no ponto em que Colin deposita seu olhar mais uma vez.

– Você não está na minha turma, Lucy. Você pode ir até a secretaria para checar?

– Desculpe-me – diz Lucy, lutando contra o pânico. – Hoje é o meu primeiro dia.

A sra. Polzweski sorri.

– Você precisa pegar seu cartão de aluna. Eu vou assiná-lo.

Lucy assente novamente e sai furtiva, desejando desaparecer como uma sombra no escuro.



Lucy entendeu o que tinha que fazer, mas ela sequer sabe onde é a secretaria e não está exatamente preparada para enfrentar o lado de fora da escola e o vento mais forte do que ela. De todo modo, aqui seus pés parecem presos ao chão, impedindo-a de sair. Ela se senta no final do corredor, joelhos contra o peito, esperando o próximo impulso instintivo fazê-la se levantar e seguir adiante.

Uma porta se abre e fecha com um clique silencioso.

– Lucy? – É uma das duas vozes deste mundo que ela tinha associado a um nome: *Colin*. E é uma voz hesitante, profunda e tranquila. A voz chega diretamente descendo pelo corredor, e a figura magricela do rapaz se move suavemente, direto para ela. – Oi. Você precisa de ajuda para encontrar a secretaria?

Ela nega com a cabeça, desejando ter algo para segurar, para parecer que está fazendo alguma coisa; não uma garota perdida sentada no chão. Em vez disso, ela levanta e se vira, observando as linhas do assoalho de madeira formarem um caminho diante dela enquanto se afasta. De qualquer maneira, ela sabe o que aconteceria: o garoto caminharia com ela, notaria como ela luta contra o vento, perguntaria se ela está bem. E como ela responderia? "Eu não sei. Eu só lembrei o meu nome cinco minutos atrás".

– Ei, espera.

Ela alcança a porta, mas está trancada. Ela tenta outra ao lado da primeira. Também trancada.

– Lucy, espera – diz Colin, deixando escapar uma risada nervosa. – O que você está procurando? Você não pode entrar aí. Esses são os armários do zelador.

Ela para, virando-se para encará-lo enquanto ele a observa. Realmente observa, como se quisesse capturar cada detalhe. Quando seus olhos se encontram, ele faz um som abafado, estreitando o olhar e inclinando-se para mais perto para observar. Os olhos dela são verde-acastanhados e escuros – ela tinha encarado-os por horas num velho espelho na esperança de se lembrar da garota por trás deles.

– Que foi? – pergunta ela. – Por que você está me olhando assim?

Ele balança a cabeça.

– Você é…

– Eu sou o quê?

O que ele vai dizer? O que ele *vê*?

Ele pisca mais uma vez, lentamente, e ela percebe que isso é simplesmente algo dele: uma piscada sem consciência, sem pressa, como se estivesse capturando uma foto dela e a revelando em suas pálpebras.

– Intensa – murmura ele.

Com essa palavra, a voz do outro homem surge mais uma vez em sua cabeça, um eco da mesma memória intrusa: *Você precisa saber como isso é intenso para mim*.

Ela cambaleia para trás, com os olhos arregalados.

– Você está bem? – Colin tenta alcançar-lhe o braço, mas ela já está se virando, fugindo apressada.

"Com lábios molhados e grudados em seu ouvido, ele perguntou: *Você tem medo de morrer?*"

– Lucy!

"O relance do reflexo dela na nitidez de uma lâmina de prata. Hálito cheirando a café e açúcar, cigarros e prazer. Água fresca gotejando perto de sua cabeça. Uma faca, afogando-a no próprio sangue. A sensação de estar sendo escancarada de dentro para fora."

Ela irrompe pela porta de saída lateral, sorvendo uma enorme lufada do penetrante ar de outono.

Então essa é ela. A garota que não está mais viva.

CAPÍTULO 4
Ele

– Olha. Aquela garota nova – diz Jay com a boca cheia de sanduíche.

Colin acompanha o olhar dele e solta um grunhido evasivo, enquanto Lucy desliza pelo campo de futebol. Quando está sozinha, ela parece uma estátua: linhas compridas e perfil esguio. Quando se aproxima de outros estudantes, ela se encolhe em si mesma: ombros curvados para dentro, cabeça baixa.

Ela o faz se lembrar de si mesmo depois que seus pais morreram e ele não; e a tristeza e a culpa pareciam um peso esmagador debaixo de suas costelas. Ele não sabia como poderia suavizá-lo. Não era o tipo de dor que passava com ibuprofeno ou com sono ou com a afeição sem fim de Dot. No começo, quando as pessoas tentavam conversar com ele, ele sentia o desejo de se transformar em ar e se dispersar em mil direções diferentes. Lucy carrega o mesmo tipo de fragilidade, desorientada, confusa.

Faz três dias desde que ela apareceu em sua sala de aula, ofereceu-lhe o sorriso mais dolorosamente vulnerável que ele jamais vira, e então fugiu mais uma vez. Ninguém fala com ela. Ninguém olha para ela. Ela não tem livros, nem mesmo mochila. Ela olha para cada prédio como se estivesse tentando ver através das paredes para descobrir o que há dentro deles. Ela sempre toca o braço esticado da estátua de Saint Osanna Andreasi, enquanto passa pelo canto mais escuro do pátio, depois recua como se tivesse sido queimada, antes de estender o braço para tocá-lo mais uma vez, com cautela. Ninguém nunca toca a estátua, que dizem ser amaldiçoada. Mas Lucy toca. Colin nunca a viu com ninguém. Lucy nem mesmo assiste às mesmas aulas todo dia. Ela fica perambulando pelo campus.

Ele se sente um total perseguidor por saber essas coisas quando todo mundo parece contente em deixá-la no seu canto. A maior parte dos novos estudantes recebe uma grade horária e se deixa levar pela maré. Lucy parece determinada a continuar desorganizada.

Ao menos ela está mais calma hoje, como se estivesse curtindo o tempo bom antes que tudo caia para abaixo de zero. Ainda está fresco, mas ela nunca usa casaco, somente um fino tecido azul que envolve a extensão dos seus braços. Como ela pode estar aquecida o suficiente? Ela deve morar fora do campus, ele pondera. Ela pode ter esquecido o casaco em casa.

– Ela é esquisita – diz Jay.

Isso chama a atenção de Colin e ele lança um olhar para Jay, perguntando-se o que ele quer dizer. Há duas noites Colin pega no sono pensando nos olhos instáveis de Lucy. Será que Jay também percebe?

– Esquisita como?

Jay encolhe os ombros e dá mais uma mordida no sanduíche, escorando seus pés na parede do prédio de Artes. Seu tênis sujo se funde no concreto cinzento.

– Ela aparece na minha aula de inglês de vez em quando. Não fala muito.

– E os olhos dela também.

Fitando Colin, Jay pergunta:

– Olhos?

– Deixa pra lá. Eles são… não sei dizer… diferentes.

– Diferentes? Eles não são, tipo, castanhos ou algo assim?

Colin murmura:

– Talvez cinzentos.

Mas ele sente seu coração retumbar. Ele tem certeza de que se disser "São como metal derretido", Jay vai encomendar para ele uma camiseta com as palavras EU SOU UM DELICADO POETA impressas no peito.

– Cabelo castanho, olhos cinzentos – diz Jay, como se recitasse os elementos de um cálculo. Colin para com o sanduíche a meio caminho da boca. Ele se vira para Jay e segue seu olhar mais uma vez, certificando-se de que os dois estão olhando para a mesma garota. Eles estão.

– Castanho? – pergunta Colin, gesticulando para onde ela está, no limite campo. – Aquela garota ali?

– Hum, sim – responde Jay. – A mesma que você não para de olhar há vinte minutos.

O cabelo de Lucy não é castanho. Nem perto disso. Colin a observa mais uma vez e sente um arrepio, levantando o capuz.

Ele se pergunta se deveria surtar por Jay ver cabelo castanho quando ele via um loiro quase branco. Mas, com uma estranha onda de calor percorrendo seus membros, ele descobre que gosta do fato de estar vendo-a de forma diferente. É estranhamente surreal e lhe ocorre que essa reação pode estar vindo da mesma parte do seu cérebro que se atiça quando ele olha do alto de um penhasco e que, em vez de pensar *para trás!*, pensa *pedala mais rápido!*

– Amanda disse que a viram andando perto do lago – diz Jay.

– Do lago?

– Sim. Ela é nova, não deve saber das histórias, né?

Colin assente.

– É, não deve saber de nada disso.

As histórias são tão velhas quanto os prédios do campus, e são contadas com uma piscadela maliciosa. *Todo mundo sabe que elas não são reais, mas a gente sente medo mesmo assim.* Mortos-vivos andando à luz do dia, perambulando perdidos e confusos. As pessoas contam terem visto um homem em uniforme militar sentado num banco perto do lago. Ou uma garota desaparecendo entre duas árvores. Às vezes, algum estudante diz que um morto-vivo tentou se comunicar com ele ou, pior, agarrá-lo. Mas são apenas histórias de fantasma, lendas criadas em cima da mórbida história da escola.

A instituição católica foi construída numa terra onde crianças filhas de colonizadores foram enterradas, antes que os sobreviventes fizessem sua longa trilha pelas montanhas. Na primeira semana depois da abertura da escola, mais duas crianças morreram num incêndio que destruiu a capela. Durante anos estudantes afirmaram ver duas crianças perdidas paradas perto da então nova estátua de Saint Osanna, ou sentadas num dos bancos da capela reconstruída. A lenda sobreviveu, e com o tempo a população de mortos-vivos aumentou no imaginário coletivo dos estudantes. Ainda que as populares histórias não sejam reais, todo mundo finge que elas são. De que outro modo uma cidade inteira deixaria suas crianças viverem nos

terrenos da escola?

É uma história de terror, Colin sabe disso, e os estudantes mantêm as histórias vivas porque elas deixam a escola interessante e os fazem parecer corajosos. Mas ainda que todo mundo jure de pés juntos que mortos-vivos não existem, somente viciados e bêbados têm a ousadia de dar uma volta pelo lago ou penetrar as profundezas da floresta no Halloween. Ou idiotas como ele e Jay, que estão sempre fazendo merda e não serem pegos por isso. Claro, Amanda seria a única que veria Lucy lá.

Jay desencosta os pés da parede.

– Você gosta dela.

Colin se abaixa para amarrar cadarços que não precisam ser amarrados.

– Tudo bem você gostar dela. Ela não é feia nem nada disso, mas ela é… não sei, quieta – Jay dá longas goladas da sua garrafa de água. – O que nem sempre é algo ruim. Amanda nunca calava a boca. Céus. Ela ficava sempre falando e falando quando vocês…

– Cara – Colin não quer pensar em outra garota enquanto está observando Lucy. Parece errado, como comparar uma pedra comum a um rubi.

– Claro que ela ficava – diz Jay, imitando Amanda. – Ah, Colin, Colin, Colin – geme ele, fazendo uma voz aguda e ofegante.

Colin não responde, preferindo enfiar uma mão cheia de batatas fritas dentro da boca. A imitação de Amanda até que está bem fiel.

– Você falou com ela? – pergunta Jay.

– Com a Amanda?

– Com a garota nova.

Colin dá de ombros e limpa a mão no jeans.

– Uma ou duas vezes. Da última vez que tentei, ela saiu correndo.

– Porque você é um trouxa – diz Jay, dando um soco em seu braço. – Um trouxa bem bacana. Mas, ainda assim, um trouxa.

Colin faz uma pausa antes de juntar seu lixo e lançá-lo dentro do cesto.

– Você acabou de me chamar de "trouxa bem bacana".

Jay lhe dá uma piscadela e, dois segundos depois, dá um soco no seu braço bom mais uma vez.

– Então, você vai falar com ela de novo ou o quê?

Colin dá de ombros, mas ele sabe que vai, claro.

– Beleza, garanhão – diz Jay, alongando seus braços acima da cabeça. – O papo está bom, mas eu combinei de encontrar Shelby atrás da escola.

– Você é um clichê ambulante.

Jay vai de uma garota a outra assim como giram os pneus da bicicleta de Colin. Usados apenas em poucas corridas selvagens. Ignorando o comentário, Jay acena com a cabeça para onde Lucy acabou de dar meia-volta e agora está caminhando para o pátio, a uns sessenta metros de distância.

– Ela está voltando.

Por um breve momento, os olhos de Lucy encontram os de Colin e se prendem a eles. E ainda que ele pense que ela lhe observava também, de repente ela caminha mais rápido e para o outro lado, afastando-se de onde ele está sentado.

– Deixe-me orgulhoso de você – diz Jay, dando um tapinha nas costas de Colin antes de sair

caminhando.

Colin se levanta e atravessa o campo de futebol, acelerando suas longas passadas para alcançá-la. Ele não faz ideia do que dizer. Não é a mesma coisa que se aproximar de uma das garotas da escola, que o conheciam desde que ele tinha cinco anos de idade e não conseguia escrever a letra S. Garotas que o conheciam desde que ele tinha dez anos e usava a mesma camiseta do Han Solo por uma semana inteira. Garotas que, mais tarde, pareciam nunca dizer não. Isso é mais como se aproximar de uma cobra exótica no meio de uma trilha.

Como se soubesse que ele estava lá, Lucy se vira e lhe lança um olhar por cima dos ombros.

– Oi – diz ele nervosamente, enfiando a mão boa dentro do bolso. Os dedos da sua outra mão se contorcem ao seu lado.

Ela franze o cenho e continua caminhando pela grama. Onde está a garota com aquele sorriso divertido?

– Eu não vi você comer nada – continua ele, dando uma larga passada para caminhar ao seu lado. – Você não estava com fome? A Dot faz o melhor queijo quente. – Lucy apenas balança de leve a cabeça, mas é o suficiente para fazer algo parecido com esperança se abrir em seu peito. – Você está com frio? Eu tenho um casaco de lã no meu quarto… – Ele se encolhe. Aquilo soou como o pior xaveco de todos os tempos.

Eles andam por mais uns minutos em silêncio, as folhas quebrando sob as solas de seus sapatos. Apesar de ser estranho como ela é quieta, por algum motivo, ele não se sente ignorado.

– Você se mudou pra cá? – Inclinando a cabeça de lado, ele sorri para ela. – É que parece que você simplesmente apareceu num belo dia.

Seus passos titubeiam levemente, mas nada mais. Colin a analisa de perfil: pele pálida, cor de creme, lábios inchados que se projetam para fora com um delicioso beicinho.

– Onde você estudava antes? – pergunta ele.

Lucy titubeia mais uma vez, mas não responde. Ele já tinha decidido desistir e dar meia-volta, quando ela diminui o passo, gesticulando para seu gesso.

– Como você machucou seu braço?

Ele flexiona os dedos da mão esquerda instintivamente.

– Na minha bicicleta. Má aterrisagem.

– Está doendo? – pergunta ela. Sua voz é rouca, como se ela tivesse ido a um show na noite passada e berrado a plenos pulmões. Ele a imagina dançando sozinha, requebrando e pulando, não dando a mínima para o que os outros pensam.

– Que nada. Já tive piores. Ossos quebrados, fraturas, concussões, pontos. Qualquer coisa que você imaginar. Isso aqui não é nada. – Ele abruptamente para de falar, percebendo que parece um garoto imaturo se gabando por ter amassado uma lata de cerveja na testa.

Lucy franze a sobrancelha mais uma vez.

– Por que você continua fazendo essas coisas, se você só se machuca?

Sem pensar, Colin responde:

– Pela emoção? Pela explosão de adrenalina? Aquele sentimento que a gente tem quando faz alguma coisa que nos faz lembrar que estamos vivos?

Lucy para de súbito; seu rosto se torna inexpressivo e seus braços envolvem sua barriga em proteção.

– Eu preciso ir.

– Espera – diz ele, mas é tarde demais. Com longas e determinadas passadas, ela vai embora.

CAPÍTULO 5
Ela

Assim que Lucy se lembra do que aconteceu com ela, um entrelaçamento de outras memórias se conecta, ligando grupos de boas e tênues sinapses. Ela se recorda de sua risada alta, quase um latido, seus braços sempre finos e seu cabelo, tão liso que escapava de presilhas e lenços. Um talento para a química, mas também para as artes, medo de cachorro e amor pelo cheiro de laranjas.

Ela se lembra do rosto do seu primeiro professor e, com uma dor afiada, lembra-se da profundidade retumbante da risada de seu pai. Ela se lembra de aprender a esquiar com sua melhor amiga, Kelly, de seu jeans rasgado favorito e de um moletom do Come-Come que ela queria usar todo dia quando era pequena.

E embora a maioria de suas memórias ainda permaneça disforme, como uma pilha de gravetos jogada negligentemente no chão da floresta, Lucy se lembra de cada segundo dos momentos que levaram ao seu último suspiro. Do terror tão enorme que obliterou tudo até ela se tornar apenas uma inspiração, e então expiração, e então inspiração. E então mais nada. Ela se *lembra* daqueles primeiros momentos pulsantes de nada.

Em outras palavras, ela não se lembra de nada que pudesse lhe dizer por que ela está *aqui* em vez de flutuando numa nuvem em algum lugar, ou abaixo do pavimento, dançando entre chamas.

É essa pergunta – *por que eu estou aqui?* – que começa a destruir seu tranquilo e bem formado casulo. Perguntas fazem sua língua queimar, desejosas de serem gritadas no ar frio, mas ela suspeita de que não há ninguém para respondê-las. Desde que acordou, ela passou horas tentando entender quem ela é. Se está de volta ao lugar onde foi morta, então ela é um fantasma? E se for, então como ela pode usar roupas e abrir portas e até mesmo ser vista? Seria um anjo que veio rompendo as nuvens e aterrissou na trilha? Então onde estão suas asas? Onde está seu senso de propósito?

Seu peito dói com a ansiedade inquietante de que ela pode desaparecer tão rapidamente – e misteriosamente – quanto foi sua aparição. De algum modo, a ideia de ir embora e ser enviada para outro lugar é mais assustadora que a ideia de permanecer aqui como uma sombra. Ao menos ali é familiar. Outro lugar pode ser como os pesadelos: monstros costurados juntos e escuridão quase preta, garras amareladas e miséria.

Tanta coisa nessa vida estranha que não faz sentido. Lá está a estátua no pátio, aquela com os braços esticados e uma pesada capa de mármore pendurada sobre os ombros. Lucy está convencida de que a tocou centenas de vezes antes, mas agora ela não parece… certa. Ou, pelo menos, parece mais certa do que pedras deveriam parecer. Na primeira vez, Lucy deixou sua mão se demorar nos dedos delicadamente entalhados, tentando se lembrar do momento

exato em que os sentira, admirando-se com a textura estranha. Mas, da última vez, ela afastou-se de repente, convencida de ter sentido um tênue calor sob a pele de mármore, certa de que um dos dedos tinha se mexido. Outros estudantes, ao passarem, fazem um largo arco em torno da estátua. Mas, para Lucy, ela acena.

Como os estudantes podem ser tão desconfiados e cegos ao mesmo tempo?

Sua reação à estátua parece ser mais uma coisa que a separa dos adolescentes à sua volta: sua pele se torna quase translúcida à luz do sol. Objetos normais como lápis e pedras a fascinam quando ela os observa, mas, ao segurá-los, eles se tornam sem graça em sua mão. Ela é sólida o suficiente para vestir roupas, mas elas pesam bem mais do que ela mesma, e Lucy está sempre consciente delas: pegajosas e grudando em todos os lados. Sua mente está cheia de perguntas e vazia de memórias. É como se tivesse sido jogada aqui, e agora está só esperando, suspensa, para que sua queda seja escutada.

O *desconhecido* disso tudo às vezes a toma despercebidamente e a deixa sem ar, com o peito apertado, em pânico. Nesses momentos, Lucy fecha os olhos e expulsa todo o resto, exceto o silêncio. Ela está aqui, é um fantasma em roupas de garota, assombrando essa escola privada; devia se acostumar com isso de uma vez. Mas ela não quer assombrar ninguém. Ela quer ser tangível e sólida. Dormir num dormitório, comer no refeitório e flertar. Com ele. Tudo que deseja é estar perto dele.

E ele parece desejar isso também. Colin a segue por todo lado e, enquanto ela se sente feita de um milhão de perguntas e dúvidas, ele parece ser apenas instinto, simplesmente feliz em estar perto dela. Seu sorriso levemente destacado torna-se genuíno quando ele a vê, como uma máscara que se derrete. A presença dele faz surgir um arrepio quente, suavizando sob sua pele. Ele está atrás dela enquanto ela caminha pelos corredores entre as aulas. Às vezes, ele anda ao lado dela e fala sobre *tudo* – ainda que ela raramente responda o que ele pergunta. Ele parou de oferecer seu lanche para dividirem. Ele parou de oferecer seus livros para dividirem. Desde aquele primeiro dia no corredor, ele nunca tentou tocá-la, mas ainda não abriu mão de fazer-lhe companhia.



Ela se isola na escola porque se sente tão *outra*. Os outros estudantes moram no campus ou vão para casa no fim do dia. Os outros estudantes ficam com fome e inquietos na sala de aula, fazem algazarra no pátio. Os outros estudantes podem sair dos terrenos da escola.

Lucy não consegue jogar fora as roupas que estava usando quando despertou, mas elas parecem um gancho para outro lugar, dobradas no canto do velho galpão que ela encontrou. Toda vez que Lucy olha para elas, sabe que as vestia quando foi enterrada em algum lugar. Garotas normais não se lembram de ter morrido. O uniforme novo e roubado fica frouxo em seu corpo magricela, e ela pede a si mesma para continuar indo às aulas, pois, realmente, o que mais lhe resta? Pelo menos lá ela pode ficar perto dele. E, quanto mais perto ele está, mais ela relaxa. Será perigoso querer tanto conhecer alguém sem primeiro conhecer a si mesma?

Ela finge que está passeando pelo campus – não o procurando –, mas é inundada por uma excitação intensa e selvagem quando o encontra no estacionamento perto dos portões da escola, pedalando uma BMX com o outro cara que anda sempre com ele. Seu amigo – Jay, ela se recorda – é bonito, um pouco baixinho, mas de constituição magra e rígida, carrega um sorriso constante. O olhar dele desliza dela para se concentrar na reação de Colin, enquanto ela se aproxima. Então Jay se endireita nos pedais e se afasta.

– Oi – diz Lucy, achando que falou baixo demais, mas a cabeça de Colin ergue-se rápida e seus olhos se arregalam. Ela vê o rosto dele toda vez que fecha os olhos, mas a realidade dele ali, em pessoa, ainda a surpreende.

Ele se aproxima pedalando, membros e cabelos muito compridos, saltando da sua bicicleta, que continua vindo, derrapando, até parar a centímetros das pernas dela. Ele parece surpreso por ela não ter recuado.

– Oi, Lucy.

Ela engole em seco, despreparada para o tom de intimidade em sua voz quando ele diz seu nome.

– Como você consegue andar de bicicleta com um braço quebrado?

Ele dá de ombros, mas alguma coisa brilha no fundo de seus olhos, que ela reconhece como alegria.

– Estamos dando uma praticada pra ver se conseguiremos fazer uma trilha lá pelo fim de semana.

Um pequeno arranco no seu peito. Um arrepio de excitação.

– Com um braço?

– É.

Ele sorri e a combinação de seu dente torto inferior sobrepondo-se aos dois de cima com a pequena argola de metal envolvendo seu lábio a faz piscar e desviar o olhar para conseguir processar a resposta recebida, em vez de fantasiar com um beijo dele.

– Minhas pernas estão boas e eu só preciso de um braço bom pra guiar.

Ela assente, passando a mão nos esparsos fios de cabelo em seu rosto para afastá-los.

– Você está me seguindo?

Ela espera por uma reação de constrangimento ou de defesa, mas ele a surpreende ao sorrir, enxugando a testa na manga da camisa do seu braço não engessado.

– Se estou seguindo você? – Os olhos dele vão da bicicleta e então de volta para ela, divertidos. – No momento, não.

Ela se constrange, esforçando-se para não sorrir.

– Você sabe o que eu quero dizer.

– Eu sei – diz ele. – E, sim, tenho seguido você. – Ele faz uma pausa, enquanto observa cada parte do seu rosto. – Quer dizer, nós dois sabemos que sim. Tenho a sensação de que estou tentando te fazer falar comigo há um mês.

O sorriso dela então aumenta, afetando cada traço de seu rosto e fazendo seus olhos brilharem, encantadores. Ele não está acostumado a levar um fora e ela entende o porquê. Ele

é autêntico e maravilhoso, mas também um pouco triste. Ela quer encará-lo, encontrar uma maneira de curar essa parte. Longos cílios descem lentamente enquanto os olhos dele se fecham, como se estivessem desenrolando uma nova imagem. Ela adora quando ele pisca os olhos. É um estranho fascínio que ela sente, e um desejo de perguntar o que ele vê por trás de suas pálpebras.

– Por quê? – pergunta ela.

– Por que eu estou seguindo você? – Ela assente e o sorriso divertido dele desaparece. – Não sei.

– Você olha pra mim de um jeito diferente dos outros – diz ela.

Ele a estuda aquele jeito dele, como se todo dia fosse feito de centenas de horas e ele não estivesse com nenhuma pressa de abreviar sua inspeção.

– E de que jeito os outros te olham?

– Bem, na verdade, acho que eles não olham.

Ele dá de ombros e seus olhos se suavizam.

– Então eles são idiotas.

Cada centímetro de sua pele anseia por estar perto dele, mas dúvidas revolvem pela sua mente, cinzentas como nuvens de chuva. Ele não sente um instinto de proteger a si mesmo da estranheza dela. Será que ele não percebeu que ela é diferente?

– Você não devia me seguir. Eu não sou quem você pensa.

Ele revira os olhos.

– Isso é meio dramático.

– Eu sei. Esse é o ponto.

Ele chega mais perto, com a expressão suave.

– Você veio até aqui atrás de mim pra me dizer pra parar de ir atrás de você?

Ela dá de ombros, esforçando-se para não sorrir novamente, e ele se aproxima mais um passo, vindo para desferir o golpe final.

– Parece um desperdício da sua hora de almoço – diz ele, mais baixo agora. – Você podia ter me esperado te encontrar mais tarde. Está nos meus planos, logo depois da aula de química.

– Sério, Colin. Você não devia…

– Não é tão fácil assim – interrompe ele. Toda a provocação se esvai de seus olhos enquanto ele encara o céu, corando vivamente e acalmando-se. Sua voz desce para quase um sussurro e ele admite: – Eu não sei por que, ok? Eu só quero conhecer mais você, e parece que eu não consigo ficar longe.

Lucy bebe de seus lábios cheios, de sua expressão faminta e de sua atenção grave, e tenta mantê-los num lugar seguro dentro de si mesma.

– Colin…

Ele exala uma baforada de ar, dizendo, agitado:

– Que foi?

Ela desvia o olhar para as densas nuvens de outono, que agora começavam a se transformar em uma tempestade, verdes de eletricidade e pesadas de chuva.

– Como você disse, eu sou uma garota dramática.

Ela sorri, sentindo sua pele vibrar com eletricidade ante a maneira com que ele se pendura em cada palavra sua.

– Garotos não odeiam isso?

– Normalmente, sim – ele lambe os lábios, contornando a forma da argola prateada –, mas a maioria das garotas não são tão bonitas quanto você.

– Mas, sério – diz ela, puxando o olhar para longe da boca dele. Seu peito lateja. – Eu nem mesmo sei o que estou fazendo aqui.

Ele vê algo nos olhos dela, impedindo que a rejeição escureça seu rosto. Ele pisca uma vez mais, assentindo lentamente, como se já soubesse disso.

– Certo.

Ele a observa se afastando, ela consegue senti-lo; seu olhar é como um ponto quente em suas costas. Ela realmente pediu para ele ficar longe dela? Como se houvesse um ímã atrás dela e ela fosse feita de restos de metal, sente-se quase irresistivelmente puxada para trás. Mais adiante, encontra-se a cabine nos limites do campus, e um homem de calça cáqui e suéter está parado na varanda, alongando-se no ar frio. Em uma pequena placa ao pé do caminho que leva à entrada, lê-se:

ANTIGA RESIDÊNCIA DE WILLIAM P. VERNON
Joseph Velasquez, diretor

Enquanto segue do caminho aos degraus, o homem que ela deduz ser Joseph Velasquez nem mesmo acena, sorri ou a reconhece de alguma forma. Está concentrado no estacionamento atrás dela, onde ela deixou Colin e Jay andando em suas bicicletas. Os olhos dele se estreitam, e o que parece ser exasperação percorre seu corpo, ultrajando-o.

– Colin Novak! – grita ele, a irritação engrossando sua voz. – O doutor disse sem pedalar!

A pressão aumenta no peito dela, um balão que se enche com alguma necessidade indescritível até que fica tão forte, tão *cheio*, que ela teme que suas costelas possam se quebrar. Ela sente *raiva*, mas não faz ideia do porquê. E enquanto o eco das palavras dele passam por ela até o pátio, retornando em ondas e juntando-se aos sussurros do nome de Colin repetindo-se em seus pensamentos, o homem lança-lhe um olhar, o horror surgindo em seu rosto antes que a rígida varanda rangesse e, num estalo agudo, tábuas de madeira se estilhaçassem. Acontece muito rapidamente, mas, na cabeça de Lucy, parece uma lenta sucessão: madeira quebra, Velasquez lança-se para frente, e então para trás, quando suas pernas afundam na varanda.

O balão de ar preso explode e o alívio infiltra-se em cada canto de seu corpo. Ela inspira mais uma vez, engasgando-se como se fosse a primeira vez que respira em sua vida. Está horrorizada. Lucy sobe os degraus e estende o braço para segurar a mão do homem, antes de recuar imediatamente. Ela nunca tocou alguém, não neste corpo. Ela não sabe nem se *pode* ser tocada. O instinto puxa-a para trás. O homem olha para cima, a cintura afundada sob a varanda e o rosto repuxado de dor.

– Vai embora – diz ele, implorando.

Ela dá mais um passo para trás, as mãos levantando-se para cobrir a boca num pedido silencioso de desculpas. Mas seu rosto é irreconhecível sob seus dedos, como se calor e raiva tivessem rasgado sua pele.

– Acho que eu não consigo tirar você daí – diz ela bem baixinho, sentindo-se dolorosamente culpada, mas sem querer chegar mais perto, quase como se uma parede invisível estivesse entre ela e o homem ferido. Ele olha para ela com pavor, que dá um passo para trás,

levantando as mãos para o alto. – Temo que se eu tentar…

Gritos vindos do estacionamento chegam até ela e passos pesados sobem pelo gramado. Colin chega gritando, com Jay seguindo de perto: "Joe! Meu Deus, Joe!". Colin se agacha, aproximando-se do buraco aberto na varanda, e ele e Jay se esforçam para puxar um sr. Velasquez sujo e ferido.

Há sangue e roupa rasgada, e Lucy está estranhamente fascinada pelo modo como o vermelho se infiltra através do tecido da calça dele e forma uma poça ao lado de Colin na varanda.

– Eu vou… chamar alguém – diz ela.

– Chame a Maggie – pede Jay, rasgando um pedaço da própria camisa e amarrando-a em torno da perna do sr. Velasquez.

– Maggie?

– A enfermeira do campus. Espera. Eu vou com você. Você cuida disso, Col?

Colin assente, entorpecido, e a observa afastando-se e começando a descer os degraus.

– O que aconteceu, Lucy?

O sangue rubro quase alcança a perna de Colin e ele recua rápido antes de tocá-lo. Olhando para baixo, ele diz, calmo:

– Nós vamos dar um jeito em você, Joe.

Seu caráter é feito de tijolo e pedra. Coisas firmes, coisas sólidas. Ele é tão *bom*.

Lucy vira-se para ir embora, incomodada pela estranha sensação de ser responsável por aquilo, lembrando-se de como o sr. Velasquez reagiu, como se o rosto dela dissesse a ele que algo horrível estava prestes a acontecer. Ao lado dela, Jay desliza o dedo por uma lista de nomes em algo que ela acabou de entender o que é – um telefone com uma tela brilhante e colorida.

– Eu vou com você – diz ele.

Lucy tinha ficado confusa na primeira vez em que viu os estudantes de cabeça baixa, pressionando os dedos no que parecia ser uma pequenina TV. Ela nunca tinha visto nada assim em sua vida. *Eu não sou daqui*, pensou ela. *Eu não sou de agora*. Ela se pergunta o que aconteceria se ela tentasse pegar um desses para ligar para fora da escola. A ligação voltaria para os terrenos da escola também?

Eles seguem trilha abaixo num ritmo acelerado enquanto Jay passa os detalhes para Maggie, e Lucy esforça-se para acompanhar as passadas frenéticas dele. O gramado estira-se adiante, duro e tão verde que parece quase irreal. Estão indo até a enfermaria juntos? Será que ela teria que explicar como uma varanda aparentemente firme simplesmente se esburacou sob o peso de um homem pequeno? Pela primeira vez, Lucy, a garota sem respostas, deseja que a terra se abra e a reivindique.

Ela se vira e olha por cima do ombro na direção onde Colin continua curvado sobre o sr. Velasquez, falando em voz baixa.

– Por que ele está tão preocupado?

– Você não viu o homem atolado até o peito na varanda? O *sangue*? – pergunta Jay, com um tom de divertimento escondido na voz.

Lucy assente, afundando o queixo no peito e observando a grama brilhante e verde curvando-se apenas levemente sob seus pés. Suas próprias palavras ecoam de volta para ela e lhe parecem ridículas.

– Claro. Eu não quis dizer que ele não devia estar preocupado.

– Não, eu sei o que você quer dizer. Ele está mais preocupado que a maioria de nós estaria, eu acho. – Jay se curva para frente para encontrar seus olhos. – É que Colin sobreviveu milagrosamente a um acidente horrível que matou os pais dele. Então acidentes meio que o deixam abalado. Além disso, Joe é o padrinho dele e praticamente o único membro da família que sobrou no mundo.

CAPÍTULO 6
Ele

Colin esteve na enfermaria mais vezes do que pôde contar, mas raramente como a pessoa sentada ao lado da cama, enquanto a outra fala coisas sem sentido sob o efeito de analgésicos.

– Parecia um demônio. Ou um fantasma. Ou alguém que tem um rosto que derrete – balbucia Joe.

– Está tudo bem agora – assegura Colin ao seu padrinho. Joe estava falando desconexamente sobre demônios por quase uma hora. – É a morfina.

A porta do corredor se abre e Maggie entra, trazendo ataduras limpas e um copo de água. Ela ainda devia estar na faixa dos trinta, mas carregava a sabedoria de uma mulher muito mais velha. Isso transparecia em suas profundas linhas ao franzir as sobrancelhas e nas persistentes rugas de preocupação em sua testa.

– Como ele está? – pergunta ela a Colin.

– Ainda falando de um demônio com o rosto derretido, mas parece melhor.

Maggie murmura alguma coisa, os lábios juntos, e abaixa o lençol para checar a atadura de Joe.

– A gente tem que levar esse aí pro hospital, só pra garantir.

– Eu estou bem – resmunga Joe, de repente coerente. – A gente não vai andar de carro por duas horas pra uma coisa que você pode muito bem fazer aqui.

– Eu posso dar os pontos, mas os cortes são profundos. Você vai ficar com uma cicatriz bem feia.

– Por mim, tudo bem. Não preciso impressionar ninguém com uma pele impecável.

– As gatinhas curtem uma cicatriz – diz Colin, tentando distraí-lo.

Joe solta um gemido quando Maggie puxa a atadura banhada de sangue. Colin desvia o olhar, recuando. O corte é profundo, mas está limpo agora e Colin jura que viu um pedacinho de osso. Maggie o despacha para o outro lado do quarto enquanto ela dá os pontos em Joe. Seu estômago revira ao ver Joe assim: visivelmente velho e vulnerável.

– Saia daqui, garoto – diz Maggie, indicando a porta com o queixo. – Você está verde.

– Eu nunca… o vi assim.

– Ah, é? E como você acha que ele se sentiu vendo você todo quebrado tantas vezes que não dá nem pra contar?

Colin sabe que ela está certa. Ele se lembra de ter estado na enfermaria e no hospital depois de uma batida grave de bicicleta, com várias costelas quebradas e um corte enorme na cabeça. Na época, tinha se perguntado se iria morrer. Parecia uma questão bem corriqueira para ele: ou ele morreria, ou não. Era simples. Nunca tinha pensado em como eles se sentiriam ao perdê-lo.

– Anda. Vá dormir um pouco. Eu cuido disso – diz Maggie.

Colin olha para o homem na cama.

– Você está bem, Joe?

Joe solta um gemido enquanto Maggie dá mais um ponto.

– Amanhã já vou voltar a trabalhar – diz ele.

A enfermeira ri.

– Sem chances.



Colin desperta assustado quando Jay volta para o dormitório. Uma luz suave vinda do corredor rapidamente desliza pelas paredes e desaparece.

– Espero que esteja sozinho – diz Colin, o rosto afundado no travesseiro. Foi um dia daqueles, e a última coisa com que ele gostaria de lidar essa noite é uma das namoradas de Jay esgueirando-se para dentro do quarto deles. Se fossem pegos, todos os três seriam repreendidos.

– Eu estou. Cara, estou tão cansado.

Colin ouve o farfalhar de roupas, Jay praguejando ao tropeçar e o ruído das chaves e sapatos caindo sobre o tapete. O colchão do outro lado do quarto range quando ele desaba sobre a cama. Ele geme alguma coisa e vira-se de bruços.

A respiração de Jay assume um ritmo regular e Colin abre um olho, tentando ver o relógio ao lado da cama. São quatro da manhã – de algum modo cedo e tarde demais para adivinhar facilmente onde Jay estava.

– Onde você estava? – pergunta ele. Jay não responde e ele repete a pergunta mais alto, esticando seu braço bom e lançando uma garrafa vazia de água na direção de Jay.

Jay se sobressalta, levantando um pouco a cabeça antes de deixá-la cair mais uma vez.

– Eu estou dormindo, cara.

– Shelby? – pergunta Colin.

– Não, ela é tão dramática. Pra não dizer louca.

Colin revira os olhos, bufando para que Jay ouça seu desdém, ainda que não possa vê-lo. Todas as garotas com quem Jay sai são loucas.

– Como está o Joe?

– A perna dele está bem machucada – diz Colin, passando a mão pelo rosto. – Mas, de resto, ele parecia bem quando eu fui embora.

– Ele tem, tipo, sete mil anos de idade – diz Jay. – E nada derruba o Joe. Porra, nem mesmo uma varanda desabando com ele.

– Ele tem 72 anos – murmura Colin num rosnado. – E ele teve sorte. Mais um dedo pra esquerda e ele teria sangrado até morrer.

Jay responde com um silêncio devidamente pesado. Às vezes, quando os planetas se alinham, até ele percebe se um comentário engraçadinho é desnecessário.

– Ah – diz ele, mais entusiasmado. – Eu vi a sua mina.

– O quê?

– Lucy. Eu a vi no caminho pra cá. Ela estava sentada em frente ao Ethan Hall. Eu perguntei

se ela precisava de ajuda, mas ela disse que não.

– Primeiro de tudo, ela não é minha mina…

Jay resmunga no travesseiro.

– Acredite em mim – insiste Colin, abrindo os olhos para fitar o teto, bem desperto agora. Acima dele estão várias estrelas que brilham no escuro e um modelo do sistema solar. Seu pai tinha feito para ele antes de morrer, e o presente acompanhara Colin em cada quarto novo. Ele suspira, passando mais uma vez a mão sobre o rosto e perguntando-se quem era essa garota estranha e por que diabos ela estava sentada sozinha do lado de fora às quatro da manhã.

– Ela me pediu para deixá-la em paz.

– Caramba – Jay solta um gemido. – É como se você não soubesse nada sobre mulheres. Elas sempre falam isso, Col. Elas têm que falar. É, tipo, como o cérebro delas funciona ou algo assim. Elas falam essas coisas pra se sentirem menos culpadas, porque na verdade elas querem que a gente ataque-as. Achei que todo mundo soubesse disso.

– Pensar assim vai te fazer ganhar, por ironia do destino, um companheiro de cela chamado Tiny[1] – diz Colin.

– Se estou errado, então por que eu me dei bem na noite passada e você ficou aqui com uma pilha de roupa suja e na companhia da sua mão?

– Acho que isso tem menos a ver comigo do que com as péssimas escolhas que as estudantes do Saint O andam fazendo.

– Ah, claro – diz Jay, a voz engrossando, quase dormindo. Ele fica em silêncio e finalmente sua respiração torna-se regular. Colin sente um turbilhão dentro de si, incapaz de parar de pensar em Lucy e por que ela estaria sentada do lado de fora, no frio.

Naquele primeiro dia, ela dissera que estava aqui por causa dele, e, embora ele não entenda o que isso quer dizer, talvez uma parte dele entenda. Saint O nunca foi uma escola normal; todo mundo adora tratar as histórias como lendas, mas ninguém nunca fica surpreso quando novas histórias sistematicamente entram para a coleção.

Certamente Lucy é diferente para Colin em comparação a como Jay a vê, e é difícil fingir que isso não quer dizer alguma coisa. Ele é atraído para ela da mesma maneira que é sempre atraído para o lago – aquele misterioso lugar que assusta todo mundo, menos os estudantes góticos e Colin, que vai para lá quando deseja o tipo de paz que lhe é tão raro conseguir. Ele se sente da mesma maneira perto dela. Na verdade, ele está se esforçando ao máximo para ignorar o sentimento de homem das cavernas babaca que sente quando pensa que, de alguma maneira, ela pertence a ele. Mas foi ela mesma quem trouxe essa ideia, plantando-a nele como uma pequenina semente negra.

E agora ele não consegue dormir. Ótimo. Com cautela, para não acordar Jay, ele pega dois casacos com capuz e sai silenciosamente do quarto.

Lucy está exatamente onde Jay disse que ela estava, sentada num banco em frente ao Ethan Hall, de costas para Colin, de frente para a lagoa. Sob a luz tênue, a água parece estranhamente convidativa, suave e escura e calma o suficiente para fazer a lua e centenas de estrelas experimentarem o próprio reflexo. A névoa enrosca-se pelas margens, como dedos

seduzindo suas vítimas para dentro da escuridão frígida.

Respirando fundo, ele diminui a distância entre eles.

– Oi – diz ela, sem se virar para vê-lo.

Seu coração é um tambor retumbante sob seu esterno.

– Oi.

Finalmente, ela o espia pelo canto dos olhos.

– O que você está fazendo acordado? – pergunta ela. Sua voz é sempre tão rouca, como se ela não a usasse muito.

– Não estava conseguindo dormir. E você?

Como era de se esperar, ela não responde, então ele deposita o casaco no banco ao lado dela.

– O Jay disse que te viu aqui fora. Achei que pudesse estar com frio.

Ela ainda está usando apenas aquela camisa Oxford azul-pastel, até parece que é quente o bastante.

– É por isso que você veio?

– Talvez.

Ele esfrega as mãos uma na outra, soprando entre as palmas, e a observa de onde está. A expressão dela é vazia, ilegível.

– Como o sr. Velasquez está?

Colin sente uma vontade irrefreável de cantarolar de tanta felicidade por ela estar falando com ele.

– Ele vai ficar bem. Quando fui embora, ele já tinha recobrado a lucidez, insistindo que poderia trabalhar da cama se Maggie deixasse. Tenho certeza de que Dot vai ficar na enfermaria forçando-o a comer a cada vinte minutos.

Lucy fica olhando para o lado durante as várias batidas do coração de Colin e ele se pergunta se estão de volta ao jogo do silêncio até que ela diz:

– A Dot é a sua chefe, não é? Você parece ser próximo dela.

– Ela é. – Ele sorri ante os esforços dela de começar uma conversa. – Mas ela sempre meio que foi como uma avó pra mim.

– Então, sua meio-que-avó administra a cozinha e o diretor é o seu padrinho?

– O Poderoso Chefão – diz Colin, em sua melhor imitação de Marlon Brando, mas Lucy apenas lhe dá um sorriso indulgente, mostrando as covinhas ao lado da boca. – Meus pais morreram quando eu era pequeno. Eles eram professores e amigos de Dot e Joe, que na época era professor de história. Dot me contratou na cozinha quando eu tinha catorze anos, mas ela cuida de mim desde os cinco. Eu tento ficar com ela o máximo que posso, tipo, ajudando a assar coisas à noite e tal.

– Sinto muito pelos seus pais.

Ele assente uma vez, desejando que eles pudessem voltar ao doce flerte do outro dia, ou mesmo aos balbucios sem sentido enquanto ele a seguia pelo campus como um cachorro sem dono. Seu estômago se contrai, ele quer sair desse assunto. Ainda dói. Provavelmente, sempre vai doer. Ele não quer pensar nos mergulhos psicóticos de sua mãe, no acidente ou em nada disso. Quase todo mundo na escola conhece a história, e ele fica grato por nunca ter que contar de verdade.

– E você mora aqui desde que tinha cinco anos?

– Nós nos mudamos de New Hampshire quando meus pais conseguiram emprego aqui. Eles morreram quando eu tinha seis, e eu fiquei morando com o Joe até me mudar para o dormitório no primeiro ano. – Ele se inclina para poder ver o rosto dela melhor. – E você? Sua família mora na cidade? Achei que você não morasse aqui, mas… – Sua voz morre, e o silêncio dela lhe responde mais uma vez.

– Colin… – diz ela, finalmente.

Ouvi-la dizendo o seu nome o faz sentir coisas, pensar em maneiras de fazê-la dizer mais uma vez, e mais alto.

Ela levanta o olhar para ele.

– Sobre o que eu disse ontem…

– Você está falando sobre a parte em que você me pediu pra ficar longe e aqui estou, encontrando você no meio da noite? – Ele corre o dedo indicador pelo lábio inferior, piscando. – Eu juro que não sou um psicopata.

– Não, não isso. – Ela solta um suspiro, levantando a cabeça para observar o céu. – Eu estou feliz que você esteja aqui.

Bem, isso foi o completo oposto do que ele esperava. Essa garota é tão difícil de ler quanto um texto em cirílico.

– Ah, ok…?

A atenção que ela está dando às estrelas o faz se perguntar se ela está tentando contá-las. Será que ela está vendo alguma coisa que ele não consegue ver?

– Eu não devia ter falado aquilo ontem – começa ela. – Eu quero você por perto. É só que eu não acho que *você* devia querer estar por perto. – Ela respira fundo, como se estivesse se preparando para uma dura prova. – E agora eu pareço louca.

Ele ri. Parece mesmo.

– Um pouco.

– Mas acho que o que eu vou dizer é um pouco louco.

Ele a encara, focando no modo como os dentes dela roçam seu lábio inferior. Ele já sabe que tem algo diferente nela. E definitivamente tem algo estranho *neles*. Só agora, neste momento, ele percebe o quanto resistiu em pensar como tudo tem sido estranho. Depois do colapso nervoso da sua mãe e da morte de seus pais, em consequência, ele aprendeu como resguardar sua mente com muito cuidado, nunca demorando muito em sua história mórbida ou – eventualmente – em qualquer coisa levemente preocupante. Até esta noite, ele considerava os boatos sobre acontecimentos estranhos em Saint O apenas como lendas, um modo de fazer as crianças se comportarem, e de direcionar o fraco fluxo de turistas para a cidade mais próxima no verão. Mas há algo de paradoxal em se sentar com uma misteriosa desconhecida à noite, diante de uma lagoa enevoada, que o faz ver as coisas mais claramente.

Ainda assim, seu corpo luta contra a clareza. Colin consegue sentir seus pensamentos esfumaçando, desvanecendo, como se ele não devesse se importar com o quão estranho parecia tudo isso. Dessa vez, ele os retém, ouvindo em vez disso o lado racional do seu cérebro e distanciando-se um pouquinho de Lucy. Ele sempre soube que ela não era uma garota normal. Para ele, o cabelo dela é loiro, não castanho. Ela nunca parece sentir frio, ela parece nunca comer. Ela é tão… *diferente*. Quando os olhos dela encontram os dele, em um demorado, afiado, *ansioso* cinza – preenchidos de metal e gelo, preocupação e esperança, e totalmente diferentes de qualquer coisa que Colin jamais imaginou antes – ele se pergunta por

um instante se Lucy é, de fato, real.

"Tiny" (em português, literalmente "Pequenino"), é um apelido usado em prisões nos EUA para grandalhões mal-encarados, mas pouco inteligentes, que frequentemente procuram outros prisioneiros para relações sexuais. (N.T.)

CAPÍTULO 7
Ela

Sua garganta se aperta, quase como se mãos invisíveis empurrassem as palavras para baixo, espremendo-as dentro de si. Mas não é nenhuma força estranha e sobrenatural que a obriga a manter sua morte em segredo. É medo, pura e simplesmente.

Seu assassinato – o sangue e a morte e os gritos não ouvidos – é a memória mais pungente que possui. Ela não faz ideia de quanto tempo se passou desde que morreu, ou se alguém desta cidade estava vivo quando isso aconteceu. O primeiro garoto que beijou? Seu professor favorito? O paradeiro de seus pais? Ela nem mesmo pode sair para descobrir. Mas, depois de uma semana perambulando pelos terrenos, sem saber seu nome ou quem lhe comprou os sapatos de seus pés, sentindo um pânico crescente devido ao vazio que sente dentro de si, saber algo sobre sua vida – ainda que seja a vida que acabou – lhe trazia um amargo alívio.

Porém, enquanto as regras humanas são sempre diretas – prioridade número um: continuar vivo – as regras depois da morte são um mistério completo. Tudo que ela sabia sobre a morte, que se morrer você está acabado, mostrou-se falso. Seria ela então responsável de alguma forma pelo que aconteceu com Joe? Parece que sim. A preocupação toma seu peito oco com um arrepio gélido ante o pensamento de que poderia machucar alguém sem ter a intenção de fazê-lo.

Uma coisa é certa: a única coisa impedindo-a de ficar completamente sozinha no mundo é este garoto nervoso sentado ao lado dela. E ela *tem* uma história para contar. Talvez seja curta e irreal e cheia de buracos, mas ela não pode ocultá-la por mais tempo dele. A questão é se ele vai querer ter alguma coisa com ela depois de escutá-la.

– Lucy? – pergunta Colin, inclinando-se para frente para olhá-la nos olhos. – Eu não quis te fazer sentir-se obrigada a falar. Você não precisa me contar nada que não quiser. Não foi por isso que eu vim. Essa não é…

– Não, eu estou organizando as palavras. – Ela sorri suavemente para ele. Engolindo em seco sua apreensão, começa: – Eu acordei ao lado do lago há algumas semanas. – Ela aponta para trás deles, sobre o ombro. – Sabe o dia em que eu te encontrei? Eu tinha acabado de levantar, perdida.

A primeira resposta dele é o silêncio, que reverbera monotonamente entre eles. Ela arrisca um olhar de lado; os olhos dele estão semicerrados, como se tentasse traduzir as palavras dentro de sua cabeça.

– Desculpa. Eu não sei o que você está querendo dizer – diz ele, finalmente. – Você pegou no sono lá? No lago?

– Eu apareci lá – ela diz. – Eu não sei se caí do céu ou me materializei no ar, ou se fiquei dormindo lá por séculos ou um dia. Eu acordei sem nenhuma memória, sem nenhum pertence,

sem nada.

– Sério? – pergunta ele, a voz aguda e abalada. Ele então se depara com os olhos dela, estudando-os. Ela vê a expressão dele se escurecer por alguma coisa. Ansiedade, talvez medo.

– Por favor, não se assuste – sussurra ela. – Eu não vou machucar você.

Pelo menos, eu acho que não.

Ela desce as mãos para seu colo, como se elas fossem capazes de alguma coisa que ela ainda não descobriu.

Ele se vira de novo, a mandíbula saliente apertada com força. É visível em sua expressão que o pensamento não tinha lhe ocorrido até ela dizê-lo.

Ela balança a cabeça.

– Desculpe, eu não estou me explicando bem. Olha, eu acho que sei por que não me lembro de nada e por que é difícil segurar as coisas e por que não preciso comer ou dormir ou… do seu casaco. – Ela ergue o olhar para ele, esperando-o dizer alguma coisa, mas ele nada diz. Lambendo os lábios, olhos pulsando com ansiedade, ela diz: – Tenho certeza de que estou morta.

CAPÍTULO 8
Ele

Colin a encara, parte confuso, parte horrorizado.

– Ah, ok… – diz ele, as sobrancelhas erguendo-se lentamente. Metade de sua boca se estica num sorriso inseguro. *Isso não pode estar acontecendo. Não pode.* – Morta, é?

Ele pisca, pressionando a palma das mãos nos olhos. Ele oficialmente perdeu o juízo.

– Isso.

Ela se levanta e dá alguns passos em direção à lagoa.

Colin a observa enquanto ela mira o próprio reflexo e se pergunta se uma garota morta sequer teria reflexo.

– Então, quando você disse que estava aqui por causa de mim, você quis dizer que voltou dos *mortos* por causa de mim?

Ele consegue vê-la assentindo, ainda que seu rosto esteja virado para o outro lado.

– Eu não… eu não faço ideia, sério. Mas, sim. É isso que eu quero dizer.

Um terror frio e pesado se instala entre as costelas dele. *Não, por favor, não*.

– Mas, se você está morta, como consegue abrir portas, ou – ele aponta para o casaco nos braços dela – segurar meu capuz, ou mesmo usar o uniforme da escola?

Ela dá de ombros.

– Eu não sei. Eu tenho quase certeza de que pareço a mesma pessoa. Ainda alta e ossuda. Mas menos atrapalhada. – Ela lança-lhe um olhar por cima dos ombros e sorri tristemente, depois vira-se mais uma vez. – Mas acho que me sinto diferente, menos sólida, menos… – A voz dela morre e ela balança a cabeça. – *Menos*, apenas. Eu me lembro de morrer, mas estou aqui. É tudo que sei dizer.

Seus longos cabelos loiro-pálidos descem até a barra da sua camiseta, e ela parece tão sinistramente linda diante da lagoa, com a lua crescente, perfeitamente recortada no céu, diretamente sobre sua cabeça. De repente, a ideia de que ele está enlouquecendo não parece tão impossível. Colin se pergunta se Lucy de fato está aqui.

– Lucy, de que cor é o seu cabelo?

Ela se vira, um sorriso confuso no rosto.

– Castanho…?

Com isso, ele derruba a cabeça em suas mãos e geme.

Lucy se aproxima, sentando-se ao lado dele no banco.

– Por que você está me perguntando isso?

– Por nada.

Ela toma-lhe a mão, mas ele imediatamente a solta, disparando do banco e esfregando as palmas nas pernas.

– Que foi isso?

Sua mão comicha onde ela o tocou, a sensação lentamente morrendo num formigamento de calor. Ela parecia como eletricidade, partículas carregadas em forma de garota. Colin a encara e então estufa as bochechas enquanto solta o ar.

– O que está acontecendo? – murmura ele, olhando além dela para o céu. Ele de repente se lembra de cada jovem que chegava ofegante da floresta com uma história sobre algo que tinha visto. Como sua mãe costumava falar sobre… *meu Deus*, não consegue nem começar a pensar nisso. A ideia de que Lucy é um morto-vivo é impossível. A ideia de que mortos-vivos são *reais* é ainda mais impossível. Mas ambas as possibilidades o fazem quase se engasgar de pânico. Porque, se mortos-vivos não são reais, então ele enlouqueceu. E, se eles *são* reais… então talvez sua mãe não estivesse louca, no final das contas.

E nesse exato momento, em todos os outros sentidos, ele se sente são. Sim, são. Ele se lembrou de pegar um casaco antes de sair. Ele está usando sapatos. Ele acha que está falando coerentemente. Quando olha à sua volta, não vê nada de errado. Nenhuma aranha subindo por seu corpo ou estrelas acenando para ele do céu. Apenas uma garota de cabelos castanhos que parece loira para ele, dizendo ser um fantasma e cujo toque é como eletricidade e calor.

É isso. Ele está louco.

– Por que eu não pensei mais nisso?

Ela balança a cabeça, sem entender.

– Pensar no *quê*?

Ele gesticula com a mão, indicando cegamente a área em torno da cabeça dela.

– Seu cabelo é loiro, e o Jay diz que é castanho. E seus olhos? Meu Deus! O que está acontecendo?

– Meus olhos? Meu cabelo? – Lucy se curva para olhá-lo nos olhos. – Eu pareço diferente pra você?

Ele encolhe os ombros endurecidos. Parece haver um estouro de cavalos selvagens galopando dentro do seu peito.

– Eu pareço diferente pra você e isso não te fez pirar *antes*?

– Não até agora. – Ele solta um gemido. – Acho que eu não queria pensar nisso. Eu nunca mais quero pensar nisso.

– Pensar em quê?

– Nada, esquece – ele enfia as mãos entre os cabelos, puxando-os. – Saint O é… um lugar fodido. Ai, meu Deus.

– Como você sentiu minha mão? – pergunta ela, mais insistente agora.

– Quê…? – Ele balança a cabeça, tentando encontrar as palavras certas. – Tipo… energia… e formigamento…

Ela lhe oferece a mão mais uma vez. Depois de olhá-la pelo que parece uma eternidade, ele dá um passo adiante, respirando pesadamente, e a toma. Em seu aperto, o toque dela estala contra sua pele antes que um formigamento quente e vibrante comece. A voz dele é trêmula quando diz:

– Como energia e ar? Hum…

O formigamento começa a preenchê-lo com um anseio tão intenso que ele se sente desorientado. Ele a solta novamente e dá um passo para trás, balançando ambas as mãos, como se quisesse secá-las.

– Que loucura, Lucy. Isso é uma *loucura*.

Ela dá um passo na direção dele, mas ele dá mais um para trás, necessitando de espaço para respirar. Ele sente como se o ar estivesse sendo sugado de seus pulmões quando ela está tão perto. Como que lendo a mente dele, ela recolhe as mãos para dentro das mangas da camisa.

Mas, depois de um longo momento, a curiosidade domina. Aproximando-se, ele puxa-a pela manga, trazendo a mão dela para ele. As pontas de seus dedos percorrem a palma dela antes de ele lhe virar a mão e pressioná-la. Estalos e pequenas explosões de energia, seguidos por um delicioso calor e o alívio de uma profunda e estranha dor. O formato da mão dela é normal, mas ele não consegue segurá-la. Quando ele aperta com muita força, a energia dela parece quase repelir seu toque.

Será mesmo sua mente lhe pregando peças?

– Selvagem. – Ele suspira. Ela parece se afastar, como se seu toque quase lhe causasse dor. – Você está bem?

– Sim – diz ela. – É muita coisa. Sua pele é tão quente e tão… viva…? Eu me sinto um pouco esmagada.

Colin pisca, desviando o olhar enquanto solta a mão dela e murmura uma desculpa.

– É como se eu não existisse, e então de repente eu estava lá na trilha — diz ela, explicando. – Lembra-se daquele vestido que eu estava usando? O vestido fino e florido? As sandálias de garotinha? – Ela fica em silêncio e ele levanta o olhar, esperando. – Acho que fui enterrada com eles.

Ela está com medo, ele percebe. Os olhos dela são de um violeta rico, afiado, salpicados com um vermelho metálico. Esperança e medo, ele pensa. Mais medo. Colin fecha os olhos com força. Ele consegue ler o humor dela nos olhos.

– Colin, você está bem?

Ele pressiona os pulsos contra as sobrancelhas e geme; nem sim, nem não. Definitivamente, ele *não* está bem.

Ela chega mais perto.

– Depois que eu te vi, quer dizer, eu senti como se tivesse que te encontrar, e sei como isso soa. Soa assustador. É por isso que eu fugi.

– Eu quase corri atrás de você – murmura ele, mas imediatamente se arrepende. Essa conversa parece ser a mesma coisa que correr em alta velocidade rumo a uma curva fechada na escuridão, numa trilha nova. Ele não sabe como proceder.

– Depois daquele primeiro dia, eu me senti puxada para a escola. Eu ficava sentada do lado de fora e… – com o canto dos olhos, ele a vê levantando o olhar para ele — você sabe quando você prende a respiração e tudo fica apertado e cheio e você se pergunta o que está fazendo seu peito queimar? Quer dizer, é só o oxigênio e o dióxido de carbono não circulando nos pulmões, mas queima, sabe?

Seus olhos se arregalam e ele assente, imperceptivelmente. Ele sabe exatamente o que ela quer dizer.

– Te ver era como poder expirar e inspirar de novo. – Ele perscruta a expressão dela. – Eu sei que pode não parecer, mas quando estou com você, ainda que nada faça sentido, eu fico feliz em estar de volta.

Ela falou demais, e Colin não sabe como lhe contar que é impossível ela estar morta, e que toda essa conversa é invenção da sua imaginação. Mas, de novo, se tudo isso está acontecendo

dentro da sua cabeça, será que ele deveria se sentir constrangido por ela, por estar falando algo que não pode ser verdade? Como lutar contra a força que leva à insanidade? Sua mãe certamente não conseguiu.

Pelo contrário, ela caiu numa depressão tão profunda depois que sua irmã morreu que ficava dias sem comer ou se mexer. Por fim, ela insistiu ter visto a falecida filha caminhando pelo campus, perdeu a cabeça e dirigiu para fora de uma ponte com todos os membros da sua família dentro do carro.

Ele a encara, sentindo como se estivesse prestes a vomitar. Os olhos dela são como metal derretido com cores. O cabelo dela é loiro-pálido somente para ele. Ela diz que voltou dos mortos, que está aqui por causa *dele*.

– Eu… eu preciso…

– Isso parece loucura. Você acha que eu sou louca. Eu…

– Desculpa. Eu tenho que…

– Por favor, Colin, acredite em mim. Eu jamais iria…

Ele se levanta antes de ela terminar, virando-se bruscamente e caminhando o mais rápido que pode de volta ao dormitório.

CAPÍTULO 9
Ela

Ela observa Colin se afastar e quase consegue sentir a agitação da sua reação. O ar parece esfriar a cada passo que ele coloca entre eles, mas o rastro da sua palma queima contra a dela. A conversa foi, ao mesmo tempo, melhor e pior do que ela esperava. Melhor, porque ela conseguiu explicar tudo de verdade. Pior, porque ele foi embora desse jeito, como se estivesse pensando que ela inventara toda a história.

Levantando-se do banco, Lucy se envolve no casaco de Colin. Ela fecha os olhos enquanto sente seu cheiro no algodão. O que mais ela pode fazer, além de esperar? Ela não pode culpá-lo por entrar em pânico e pelo medo que ela viu tão cruamente em seu rosto. O único jeito de ganhar a confiança dele é deixar que perceba que tudo o que ela quer é ficar perto dele. Ela tem tempo. Sentindo como se seu estômago estivesse despencando, ela percebe que pode ter até a eternidade para esperar.

Com um último olhar, ela inicia a longa caminhada de volta ao seu galpão.



Na manhã seguinte, ela se senta perto da estátua de Saint Osanna com os braços em torno das pernas, apertadas com força contra o peito. Ela já se acostumou com a estranheza da estátua; é a única coisa que lhe parece fora do lugar no mundo, assim como ela. Os primeiros a acordar passam arrastando os pés no ar frio, conversando, rindo, comendo. Sonolentos e desconcentrados. Um com bochechas muito coradas, uma com cabelos vermelhos e selvagens, e um com uma pele suave de marfim. Apesar disso, chama-lhe a atenção como pouco distingue uns dos outros. O espaço ao redor de cada estudante parece sem graça e oco.

Lucy pensa que Colin deve odiar esse tempo chuvoso e úmido. Será que ele andaria de bicicleta, pulando de tronco em tronco, desafiando a gravidade nesse veículo tão frágil, mesmo na chuva? Ela sente vontade de observá-lo assim, absorvido em algo que ama.

Assim que o sol finalmente alcança o topo dos prédios, Colin aparece. Ele faz uma curva dirigindo-se para trabalhar no turno da manhã no Ethan Hall; longas pernas, longas passadas, cabelo selvagem também longo. Ele o tira do rosto e mira o relógio antes de começar a se sacudir. Lucy recua rápido para a escuridão, levantando o capuz do casaco para cobrir a cabeça. Diferentemente de qualquer outro estudante do Saint Osanna, o espaço perto de Colin parece tão cheio; o ar é pesado com ele. Fica distorcido como se tivesse sido aquecido com calor, retorcendo-se para dentro, desejoso de estar tão perto dele tanto quanto ela deseja.

– Bom dia – diz ela para o ar frio, esperando que a mensagem chegue até ele.

CAPÍTULO 10
Ele

– Quando foi a última vez que eu te disse que você é incrível, Dot? – pergunta Jay, com a boca cheia e o segundo prato de *French toast* diante dele. Eles estão sentados na mesa secreta na cozinha, observando Dot e os outros cozinheiros prepararem o café da manhã para centenas de estudantes prestes a irromperem pelas portas. Nos fundos, eles podem comer em paz e roubar fatias extras de bacon.

Mas, nesta manhã, Colin apenas belisca seu café.

– Se eu sou tão incrível, então por que eu tenho sempre que levar sua louça suja pra pia? – pergunta ela por cima do ombro.

Jay imediatamente muda de assunto:

– Você vai sair depois do trabalho?

Dot dá um passo por trás de Colin, depositando uma jarra de suco de laranja na mesa antes de voltar para o campo de batalha e virar cerca de dezessete fatias de *French toast* em dez segundos.

– U-hum. Eu vou para o campeonato de pôquer em Spomane. Eu saquei da manga um *royal flush* da última vez. Primeira vitória da noite. – Ela sorri e faz uma dancinha enquanto começa a cortar laranjas.

– Dot, não sei se gosto de você dirigindo o caminho todo até aqui – diz Jay.

– Ai, por favor – zomba ela. – Minha visão é melhor que a sua, rapaz. Eu já vi algumas garotas com quem você "fica". – Ela desenha as aspas com os dedos no ar.

– Você não prefere andar com a gente em vez de um monte de velhinhas? Você machuca meu coração, Dot. Se eu fosse dez anos mais velho… – Jay dispara, erguendo uma sobrancelha para ela.

– Jay, você é tão esquisito.

Colin não precisa de nenhuma ajuda para se sentir enjoado esta manhã. Ele não dormiu nada. Ele mal quer levantar o olhar, por medo de ver alguma coisa nova que confirme que perdeu a cabeça.

Ele está um caco.

Dot enche o prato de Jay mais uma vez e limpa as mãos no avental, que diz NUNCA FRITE BACON PELADO.

– Você sabe que eu ficaria louca se nunca desse uma escapada desse lugar.

Todos ficam em silêncio, e Colin consegue sentir os dois observando-o, esperando pela sua reação às palavras casuais de Dot. Colin: o órfão que não fazia ideia do que viria a seguir, sem membros vivos da família, e que provavelmente jamais sairia dessa cidadezinha.

Para mudar de assunto, ele pergunta a primeira coisa que lhe vem à mente:

– Dot, você já viu um morto-vivo? – E se arrepende instantaneamente.

Ela para de fatiar, a faca parada no ar. Os estudantes comentam as histórias e alguns até falam seriamente sobre elas, mas nunca com os funcionários. Particularmente, nunca com Dot. Colin consegue ouvir o ritmo dos passos ecoando pelas paredes da cozinha enquanto os estudantes chegam aos bandos no refeitório. Finalmente, ela dá de ombros.

– Eu realmente espero que não, mas às vezes… Não tenho tanta certeza.

Alguns segundos se passam para que suas palavras percorram o caminho das orelhas de Colin até a parte de seu cérebro que as confere sentido.

– Mas você acha que eles existem?

Ela se vira e aponta a espátula para ele.

– É sobre sua mãe de novo? Você sabe que eu a amava como uma filha.

Jay fica em silêncio, o interesse em sua *French toast* de repente renovado. Ele sabe praticamente tudo sobre Colin. Ele definitivamente conhece a história sobre a morte de sua família e, mais que isso, ele sabe o quanto Colin odeia falar sobre isso.

– Só quero saber – murmura Colin.

Dando-lhes as costas, ela vira mais *French toasts* num prolongado silêncio, antes de dizer:

– Às vezes eu acho que eles estão com a gente, mas a gente não quer enxergar.

Jay ri, como se Dot estivesse brincando. Mas Colin não está.

– Eu sou uma senhora louca em muita coisa, mas acho que estou certa sobre isso.

– O que você quer dizer? – Colin começa a rasgar as beiradas do jornal do campus em finas tirinhas, tentando fazer isso parecer uma conversa casual. Como se ele não estivesse devorando cada palavra. – Você acredita nas histórias?

– Eu não sei. Todo mundo ouviu falar do homem fardado sentado no banco ou da garotinha perdida na floresta. – Ela pisca os olhos, considerando. – Os jornais adoram falar sobre como este lugar é diferente. Construído em cima de um terreno onde crianças foram enterradas. O fogo naquela primeira semana quando a escola abriu. Sabemos que pessoas viram coisas, e não foram poucas. Algumas foram mais precisas que outras – acrescenta ela em voz baixa. – Quem vai dizer o que é real nisso tudo?

Colin cutuca sua comida.

– Então você acha que todos eles já se foram? Fantasmas e espíritos e essas coisas? Não só aqui no Saint O?

– Talvez não "todos eles", mas aposto que sempre tem algum por perto. Pelo menos é o que dizem.

Colin se pergunta se está imaginando o modo como ela olha para fora da janela, mirando na direção do lago.

– Se você nunca viu um, como é que sabe? – pergunta Jay, juntando-se à conversa. – Eu ouvi cada coisa, é muita maluquice. Você teria que ser lou… – Ele para de repente, olhando rapidamente na direção de Colin antes de encher a boca com *French toast* mais uma vez.

– Se você acha que este mundo não é cheio de coisas que ninguém entende, Jay, então você é burro demais até pra usar um garfo sem alguém te vigiando. – O riso tranquilo de Dot suaviza suas palavras.

Colin se sente meio mole de repente, como se suas entranhas tivessem virado água. Ele não tem certeza de qual cenário seria pior: se ele perdeu a cabeça, ou se as histórias que ele negou a vida toda fossem verdadeiras. Que Lucy estivesse morta.

– Por que você acha que eles estão aqui? – pergunta ele, mais calmo agora.

Ela faz uma pausa, olhando por trás do ombro e erguendo uma sobrancelha.

– Você está levando isso muito a sério, rapaz. – Virando-se, ela não responde imediatamente e começa a cortar uma grande quantidade de mirtilos desidratados. O cheiro intenso e fresco preenche o espaço. – Quem sabe? Talvez para zelar por nós – diz ela, dando de ombro. – Ou para nos conhecer, assim a gente vai conhecer alguém de lá quando chegar ao outro lado. – Ela vira a pilha de frutas cortadas no liquidificador. – Ou talvez eles só estejam presos aqui. Talvez precisem pôr um fim em alguma coisa.

– Pôr um fim… tipo, vingança? – pergunta Colin.

– Bem, se eles forem maus, eu imagino que seja fácil saber. Eu sempre imaginei alguém do outro lado como sendo bem definido, bom ou mau. A vida é toda cinza. Na morte, tem que ser bem preto ou branco.

Ela puxa a massa de farinha e começa a formar rolinhos enquanto Colin observa, assim como fez em centenas de manhãs na sua vida. De alguma forma, cada movimento que ela faz parece mais substancial, como se ele nunca tivesse notado o quanto a experiência dela pesa, até agora.

– Obrigado, Dot.

– Pelo quê? Ficar poetizando sobre pessoas mortas?

– Quando você não está falando do barista gostoso da cafeteria ou dos benefícios do abacaxi para a sua vida sexual, até que você é legal.

– Eu tento. – Ela aponta para o armário em cima da bancada. – Pegue minhas assadeiras.



Mesmo depois da familiar rotina de ajudar Dot a assar, Colin não se sente muito melhor. Na verdade, talvez até pior. Ele consegue contar com os dedos de uma mão só o número de vezes nos últimos dez anos em que se sentiu deprimido assim, mas as coisas que Dot disse eram do mesmo tipo que ele ouviu a vida toda: vagos lugares-comuns sobre a vida depois da morte e sobre como mortos-vivos provavelmente existem, e talvez a mãe dele não estivesse louca afinal. É o tipo de conforto que é fácil de oferecer porque, no fim das contas, não importa mais se ela estava ou não louca. Ela se foi.

Ela se foi, e seu pai se foi, e sua irmã, Caroline, se foi há muito mais tempo. Agora Colin pode estar perdendo a razão também. É a primeira vez desde que seus pais morreram que Colin se depara tão cruamente com o fato de que está completamente sozinho neste mundo. Não faz diferença o quanto se importam, Dot e Joe e Jay não podem ajudá-lo nesse caso.

Dot o encontra sentado nos degraus dos fundos, desenhando no chão congelado com um longo graveto em sua mão boa. Ela abre a porta, e o ar quente sopra contra sua nuca.

– O que você está fazendo aqui?

– Pensando. – Ele enxuga o rosto e ela percebe, aproximando-se para se sentar ao seu lado.

– Você está triste, meu bem?

– Eu estou bem.

– Não está – diz ela, colocando uma mão quente sobre seu joelho. – Não minta pra mim. Você é o garoto que nunca para de sorrir. É fácil ver quando tem algo errado.

Colin se vira para olhá-la, e o rosto dela se suaviza quando vê seus olhos avermelhados.

– Eu estou perdendo a razão, Dot. Tipo, eu realmente me pergunto se estou louco.

Ele odeia o modo como o rosto dela murcha e como ela parece culpada, como se fosse a responsável pelo peso da sua vida trágica.

– Não está.

– Você nem sabe por que eu acho isso.

– Eu posso arriscar um palpite – diz ela calmamente. – Você quer falar sobre isso?

– Não, na verdade. – Ele dá um pequeno sorriso. – Mas obrigado.

– Eu já vi umas coisas bem doidas no meu tempo. E Deus sabe que você tem mais motivos que todos nós para ter alguns abalos na sua sanidade, mas ajudaria se eu dissesse que sei, de verdade, que você está tão são quanto alguém pode ser?

Colin ri sem vontade.

– Mas como você pode saber?

A expressão no rosto dela fica rígida.

– Porque eu sei. Você só tinha que amadurecer rápido, só isso.

– Talvez eu esteja imaginando você dizendo isso. Está tudo bem, Dot. Eu estou bem.

Ela o estuda por mais um instante antes de beliscar com força seu braço. Ele solta um grito, imediatamente esfregando o ponto. O beliscão de Dot dói bastante.

– Por que você fez isso, Dot?

– Viu só? – diz ela, em um sorriso tranquilo. – Você não imaginou isso. E para alguém que sobreviveu a coisas que teriam deixado qualquer outro no chão e que vive seus dias como se não houvesse amanhã, com certeza, você às vezes me dá bons motivos pra pensar que pirou. Mas, se você é louco, então eu sou jovem e feia, e nós dois sabemos que nenhuma das duas coisas é verdade.



Colin faz uma viagem rápida, para ver como Joe estava antes de se dirigir para a aula. Ele fica aliviado ao ver seu padrinho sentado, deliciando-se com um prato enorme de *French toast* e bacon.

– Entrega da Dot? – pergunta ele.

Joe assente, apontando com o garfo para a poltrona ao lado da cama.

– Você tem um tempinho?

– Alguns minutos.

Colin senta-se, e o acolhedor silêncio preenche o espaço entre os dois. É a rotina familiar deles: sentarem-se quietos, pouca conversa. Colin olha pela janela, observando os estudantes arrastando-se para a aula enquanto Joe come.

– Dormiu bem? – pergunta Joe entre uma mordida e outra.

– Eu que devia te perguntar isso.

– Eu dormi que nem morto – diz Joe. – A Maggie me entupiu de analgésicos.

Assentindo, Colin diz:

– É, você estava bem grogue.

– Quem é aquela menina?

Assim que processa a pergunta, o coração de Colin parece congelar, e então explode a todo galope.

– Que menina?

– A que veio na minha direção na varanda. A de cabelo castanho. Ela quis ajudar, mas disse que não podia.

– Ela disse isso?

Joe dá um gole do café, sem tirar os olhos de Colin.

– Você vai achar que eu fiquei doido, rapaz, mas eu preciso saber: ela é linda ou horrível?

– Quê? — Colin se aproxima mais.

Erguendo rapidamente o olhar para a porta para se certificar de que estão sozinhos, Joe sussurra:

– A menina. Ela é linda ou horrível?

Colin sussurra:

– Linda.

– Eu pensei… O rosto dela derreteu de repente e então ela se transformou na coisa mais espantosa que eu já vi. Eu pensei que fosse a Lucy.

Colin é pego por uma descarga tão poderosa na cabeça que precisa de alguns segundos antes de conseguir responder.

– Provavelmente são os remédios para dor – diz ele, engolindo em seco. – Eles te fazem ver coisas loucas.

– Não, moleque – murmura Joe, olhos apontados para Colin. – Isso foi antes de eu cair.

– Eu… – Colin mal consegue sentir seus dedos. Parece que o mundo inteiro se fechou em torno dele. – Você deve estar lembrando errado.

Joe não responde e Colin, com relutância, continua:

– O nome dela *é* Lucy.

Os olhos de Joe se fecham, e ele balança a cabeça.

– Bom, então estou condenado.

A bile sobe densamente na garganta de Colin.

– Joe?

– Lucy era… uma menina que foi assassinada aqui. Maus tempos para este lugar, deve ter sido há uns dez anos. É igualzinha. Tenho certeza de que foi por isso que minha cabeça pirou. – Ele ri, mordendo um pedaço de maçã. – Deve ser o remédio para dor, no fim das contas.

Colin entra sorrateiro na sala de computadores, deixando as luzes apagadas para continuar escondido.

Ele se lembra da primeira vez que fez isso, chapado e bêbado com Jay, depois de uma fogueira e histórias de terror nos limites da floresta. Entrara furtivamente para ver se algumas das horríveis histórias podiam ser de fato verdadeiras. Encontrou mais resultados do que imaginaria para uma coisa que a maioria das pessoas descrevia como folclore. Histórias de um lugar onde os estudantes pareciam morrer num índice maior que qualquer outro internato no país. Mas quantas escolas tinham invernos tão rigorosos e terrenos tão enormes e

selvagens? Colin nunca entendeu por que era uma surpresa que jovens tenham morrido ou desaparecido mais frequentemente ali que em outros lugares por exposição prolongada ao frio, pneumonia e suicídio. Mesmo quando estava chapado, ele não acreditava em nada disso.

Ele tem uma vaga lembrança de ter lido sobre a história que Joe mencionou, da garota que morreu. A maioria dos sites tem informação sobre o assassinato e seus subsequentes julgamentos e execução. No entanto, pelo fato de o assassinato ter acontecido uma década atrás, há apenas duas matérias dessa época sobre o assunto. Colin clica num link com uma foto e cobre a boca com a palma da mão, para segurar um grito quando vê o rosto dela.

O cabelo é castanho, seus traços são menos transparentes, mas *é ela*. Abaixo da foto, há uma matéria da *Coeur D'Alene Press*.

> O julgamento do assassino em série Herb August Miller, que está sendo acusado pelo assassinato da jovem de dezessete anos Lucia Rain Gray, bem como de outras sete jovens nos últimos oito anos, terá continuidade no dia 1º de junho.
> Os promotores da acusação alegam que o antigo diretor do internato Saint Osanna, localizado fora de Coeur D'Alene, em seus 42 anos de idade, perseguiu Lucia durante várias semanas antes do homicídio. O assassinato de uma jovem em sua escola indica que Miller, que anteriormente selecionava somente vítimas que moravam longe do seu estado natal, estava se tornando cada vez mais confiante em sua habilidade de escapar da lei. Miller supostamente a convidou para seu escritório, dopou-a e levou-a para a floresta, onde cortou a garganta da vítima antes de abrir o peito dela. No que agora se acredita ser sua horrível marca registrada, em seguida Miller removeu seu coração.
> A polícia encontrou-o tentando enterrar o corpo numa trilha ao lado da escola depois que um garoto o viu carregando uma garota que se debatia para a floresta. Esse menino avisou alguém da equipe de funcionários que ligou para o 911.
> "Estamos caçando esse assassino há oito anos, ele causou uma dor de cabeça indizível em muitas famílias pelo país. É possível que ele simplesmente tivesse continuado na escola, se não fosse pela coragem do garoto em encontrar ajuda", o xerife de Coeur D'Alene, Mo Rockford, disse numa conferência de imprensa na última sexta. "A prisão de Herb Miller é um imenso alívio para os promotores da lei no país, e essa comunidade tem uma dívida de gratidão com o garoto e o funcionário, por terem agido imediatamente."
> Miller foi indiciado por um total de sete assassinatos em primeiro grau. O estado está tentando pena de morte sob a luz dos horríveis fatores agravantes de tortura e mutilação. A jovem de dezessete anos foi a vítima mais jovem da fúria assassina de Miller.
> Essa tragédia não é a primeira para a escola, que foi construída num lugar de sepultamento para colonizadores que rumavam a oeste, e que perdeu duas crianças num incêndio dois dias depois da inauguração, em 1814. Saint Osanna viveu tragédias com frequência ao longo dos anos, pela sua proximidade da floresta, dos lagos congelados e outros elementos que resultaram em várias

mortes de estudantes e visitantes.

Colin para, fechando a janela na tela do computador antes que alguém veja o que ele está lendo.

– Lucia Rain Gray – diz ele em voz alta.

Ele deixa seu coração abafar qualquer outra sensação em seu corpo, batendo impiedosamente em seu peito e garganta e ouvidos. Lucy estava dizendo a verdade.



Colin não a encontra durante o dia todo. Ela não aparece para a aula de história e não está do lado de fora na hora do almoço. Ele não a encontra em lugar algum do campus e vai ficando cada vez mais desesperado enquanto circula pelos prédios e checa cada sala. Ele diz a si mesmo que vai parar de procurar, mas volta atrás depois da aula de educação física, vestindo-se rapidamente para poder explorar a floresta nos limites da escola antes das aulas extras.

Os dias passam e Jay lhe conta que Lucy parou de ir às aulas de inglês também. A mesa em que ela se sentou naquele primeiro dia continua vazia. Colin não entende por que sente isso como um soco no estômago. Se essa situação é louca, como ele continua a reafirmar para si, então por que sequer se importar se ela se foi? Ele não deveria estar aliviado?

E por que ele não para de esfregar a palma da mão, tentando se lembrar da sensação de seu toque? Por que ele quer tocá-la de novo?

Ele quer se lembrar: a pele dela é mais cálida que o ar, mas não muito. Os olhos dela mudam, como ondulações numa lagoa. Ela nunca sente frio, mesmo quando venta forte do lado de fora. Exceto por um lápis naquele primeiro dia, ele nunca a viu tocar de verdade em alguma coisa. E mesmo aquilo parecia difícil, como se ela tivesse que se esforçar para manter o lápis entre os dedos. Os olhos dela, quando perguntou sobre Joe, mudaram de cor enquanto ele observava, de um cinza profundo para um azul ansioso e honesto.

Ele considera sair do campus para procurá-la, mas não imagina aonde ela vai quando não está aqui. Será que desaparece em pleno ar?

Na sexta-feira à noite, Colin sente a mesma sensação de quando está sem andar de bicicleta por muito tempo – nervoso e como se alguma coisa estivesse crescendo dentro dele e empurrando seus órgãos vitais para um cantinho do seu peito. Ele está preocupado por Lucy ter partido, mas está ainda mais preocupado por ela simplesmente ter evaporado. Por ela ter tentado se aproximar dele e sua rejeição, de algum modo, tê-la afastado para longe. Quanto mais ele pensa nela, mais ele pensa em sua mãe, em sua irmã e em como ele sente que essa parece sua chance de consertar alguma coisa. *Qualquer coisa.*

Ele guia a bicicleta até a floresta, pedalando pelas trilhas estreitas ao lado das frágeis tábuas que ele e Jay enfiaram na terra anos atrás. Salta pedras e córregos, desce veloz por colinas, cansando-se, até estar machucado e ralado. Faz o máximo que pode para clarear a mente, mas nada funciona. Come o jantar e não sente gosto de nada. O calor em seu dormitório parece claustrofóbico, opressivo.

Sentando-se em sua cama, ele folheia uma revista sobre ciclismo antes de lançá-la ao chão

e cair para trás, punhos contra os olhos.

Do outro lado do quarto, Jay faz uma pausa em seu repetitivo arremesso de uma bola de tênis contra a parede.

– Você não tem nenhuma ideia de onde ela está?

– Não. O último lugar em que a vi foi…

As palavras morrem em sua boca ao pensar no lago. Onde ela disse que tinha acordado, perdida e sozinha.

– Colin?

– Talvez eu saiba. Nos vemos depois.

Jay lança um olhar pela janela cada vez mais escura, preocupado, mas guarda quaisquer objeções para si mesmo.

– Só toma cuidado, cara.

Colin dispara descendo o caminho em direção ao parque, dirigindo-se para o trecho da cerca que ele e Jay estouraram quando estavam no primeiro ano, o que provavelmente ainda nem tinha sido descoberto pelos jardineiros.

A trilha tem em torno de um quilômetro e meio apenas, mas ele se sente todo congelado ao chegar lá. Assim que o som de seus tênis no cascalho emudece, o silêncio é pavoroso. A ideia de que Lucy poderia estar sentada ali fora sozinha faz suas mãos tremerem de um modo que nada tem a ver com o frio. Ou talvez porque ele sinta medo de que ela não esteja lá.

Ele olha ao redor, debruçando-se para a frente contra o vento. O céu paira pesado e nublado acima, as nuvens tão densas que é impossível dizer onde uma para e a outra começa.

Há uma velha doca não muito longe de onde a trilha termina. Está sem várias tábuas, e a madeira que restou está encharcada e em decomposição. Apesar de toda essa área ser fora dos limites da escola, os garotos ainda brincavam ali no verão. Agora, no entanto, está coberta por uma leve camada de neve e, por algum motivo, Colin não se surpreende ao ver Lucy sentada na extremidade dela, em pedaços irregulares de tábuas quebradas e apodrecendo. Longos fios loiros de cabelo lhe caem quase até a cintura, e o vento os levanta, enroscando-os na brisa que chicoteia pelo lago.

A madeira range sob o peso dos seus passos cautelosos. Ela trocou de roupa, mas suas botas, que são sua assinatura, estão logo atrás dela na doca, desamarradas. O casaco que deu a ela repousa em seu colo.

Agora que está aqui, ele percebe que passou mais tempo tentando encontrá-la do que planejando uma maneira de falar com ela. Olhando-a de costas, ele procura mentalmente por modos apropriados de começar. Precisa dizer que sente muito, que é um moleque idiota que não tem ideia do que fazer com qualquer garota desse mundo, imagina então quando ela não é. Talvez deva dizer a ela que é um órfão e provavelmente precisa de um porto seguro tão ardentemente quanto ela.

Lentamente, ele caminha na direção dela.

– Lucy? – diz ele e hesita, absorvendo a cena diante de seus olhos. A saia dela está puxada acima dos joelhos e sua pele é pálida e perfeita na luz que se extingue, sem uma cicatriz ou sarda em nenhum lugar.

– Não está fria – diz ela, baixando o olhar para suas pernas mergulhadas na água, que deve estar trinta graus abaixo de zero, e o lago tem aquela aparência de xarope, quando as algas desapareceram e a água parece vacilar entre líquida e sólida. Os membros de Colin doem só

de observar a água congelante batendo contra a pele dela. – Quer dizer, racionalmente, eu sei que está fria – continua ela –, mas não parece. Eu consigo sentir a sensação da água fria, mas a temperatura não me incomoda como devia. Estranho, né?

O vento parece ter roubado suas palavras, e ele não tem certeza de como responder. Em vez disso, ele se aproxima, colocando cautelosamente a mão sobre seu ombro. Os olhos dela se arregalam ante o contato, mas ela nada diz.

– Eu não sabia onde você estava – diz ele, finalmente. – Você está bem?

– Estou – sussurra ela.

Ele olha para a própria mão, assombrado. Ele consegue sentir o peso do cabelo dela roçando em seus dedos, a textura da pele do pescoço, mas onde devia haver calor, há somente a sensação formigante de movimento, como o bater de uma brisa. É como se o que quer que a esteja mantendo aqui – mantendo o corpo dela de pé, os membros movendo-se para frente – pudesse ser sentido, pulsando na ponta de seus dedos.

Eles se encaram por um longo tempo, e finalmente ele sussurra:

– Eu sinto muito.

Um sorriso treme no canto dos lábios dela, uma covinha gentilmente abrindo-se em sua bochecha, antes de um largo sorriso se espalhar pelo rosto. Os olhos se metamorfoseiam de negros para amarelo-pálido à luz da brilhante lua cheia.

– Não sinta. Qualquer pessoal normal teria surtado.

Ele não sabe ao certo como responder porque, ela merecendo ou não um pedido de desculpas, ele se sente como um imbecil por ter desaparecido naquela noite.

– Seu primeiro erro foi achar que eu sou normal.

Rindo, ela diz:

– Você quer dar uma volta? Um cara normal não sairia para uma caminhada perto de um lago quase congelado com uma garota sem sapatos.

Ele sorri e se afasta enquanto ela tira os pés da água. Ele usa o casaco para secar as pernas dela. Elas parecem gelo ao seu toque. Ela abaixa os olhos e, *puta merda!*, ela está olhando para a boca dele. De repente, sua cabeça se enche com outras possibilidades: Como seria beijá-la? A pele dela é a mesma em toda parte do corpo? Que gosto ela tem?

– Quando você fez isso? – pergunta ela, calçando as botas.

Ele luta para controlar os pensamentos. Por reflexo, ele lambe os lábios e percebe que ela está falando do seu *piercing*.

– Meu lábio?

– É.

– No verão passado.

Ela fica em silêncio, e isso dá a ele um minuto para assistir à brisa chicotear seu cabelo para todo lado, como se pesasse menos que ar. Ela demora um pouco para dizer mais alguma coisa, de modo que ele fica observando-a amarrar as botas enquanto pensa.

– A escola não tem regras sobre isso?

– As regras são tão velhas que os *piercings* nunca entraram no livro, mas eu te desafio a tentar quebrar alguma usando shorts curtos na sala de aula. A Dot e o Joe dizem que estou autorizado a me fazer de "punk meia-boca" se eu agir como um cavalheiro. Você não gostou?

– Não, gostei. É só que…

– Você parece estar surpresa por ter gostado.

Ele ri, observando-a levantar-se.

– Não acho que muitos garotos tinham isso quando eu estava na escola. Pelo menos, não garotos como você.

– Garotos como eu?

– Garotos legais. Já os garotos arrogantes eram cheios de tatuagens e furos e zoeiras.

– Ah, eu sou cheio de zoeiras.

Os lábios dela se curvam num meio-sorriso.

– Disso eu não duvido.

– E como você sabe que eu sou legal? Talvez eu seja um cara arrogante com um fetiche por fantasmas.

Ela lhe lança um olhar surpreso, e ele sente vontade de pegar uma pedra e quebrá-la na cabeça. Mas então ela joga a cabeça para trás e solta essa risada ridiculamente alta e ronronada.

Colin solta o ar preso no pulmão. Aparentemente, tudo bem fazer piadas com fantasmas.

Ela sorri para ele.

– Você é legal. Está estampado no seu rosto. Você não consegue esconder nada.

Ele observa os olhos dela mudarem de verde para prata, e os lábios dela se torcem no seu sorriso divertido favorito. Ele contempla o cabelo, os olhos, o modo como ela se dissolve no cenário aos olhos de todos exceto para ele.

– Nem você.

– Sério? – pergunta ela.

– Pelo menos, não de mim.

O sorriso lhe abandona os lábios, mas permanece nos olhos dela, mesmo quando pisca.

– Que bom. Você é meu único amigo, então você não tem escapatória.

Alguma coisa se agita numa moita de juncos perto da trilha, e as últimas folhas esquecidas se quebram sob a sola dos seus calçados enquanto caminham adentrando mais a floresta. Seus passos estão perfeitamente sincronizados, mas os de Lucy parecem mais leves que os deles, de algum modo mais silenciosos.

E agora que ele está se deixando acreditar, ele nota outras diferenças: as bochechas dela não estão coradas pelo frio. Enquanto cada respiração sua parece sair flutuando em pequenas baforadas de fumaça no ar diante dele, o espaço diante dos lábios de Lucy é perceptivelmente vazio.

Ela olha ao redor dele, como se pudesse ver cada detalhe sob a luz da lua, e isso o faz imaginar se ela seria como um gato. Teria ela uma incrível visão noturna? Ainda que pareça estranho haver qualquer assunto proibido entre eles, agora que os dois sabem que ela está morta e ele não está, ele sente que seria estranho perguntar a ela como é.

– Então você acredita em mim? – pergunta ela.

Ele pensa em contar a ela o que Joe disse, mas opta, em vez disso, pela resposta mais simples:

– Eu li sobre você. Vi a sua foto. Você foi assassinada pelo antigo diretor aqui fora, perto desse lago. Acho que na época foi mesmo uma história e tanto.

Ela assente, observando a água ao longe, e parece muito desinteressada no que ele está dizendo.

– Eu me pergunto por que eu gosto de ficar aqui fora, então. É meio mórbido.

– Não é estranho não se lembrar de tudo?

Ela pega uma folha e a examina.

– Acho que sim. O mais estranho é esse tudo ou nada e essas coisas esquisitas. Eu me lembro com detalhes absurdos de um buquê de flores que meu pai me comprou num feriado, mas não consigo me lembrar do rosto dele.

– Uau.

Colin sente vontade de dizer alguma coisa, mas, de fato, o que dizer em resposta a isso?

– Outra noite eu estava pensando nisso. Sabe aqueles programas de TV em que alguém fica numa cabine telefônica e o dinheiro dispara voando do chão e a pessoa tem que pegar o máximo que conseguir em um minuto?

Ele não faz ideia do que ela está falando.

– Claro.

– Bem, algumas notas são de vinte, provavelmente centenas, mas a maior parte delas é de um. Então parece que é muito dinheiro voando, mas não é. E não importa com quanto você termine, você fica feliz porque acaba com dinheiro nas mãos.

Ela dá a volta suavemente em uma enorme pedra no meio da trilha, ele pula por cima dela e então salta para um comprido tronco apodrecendo. Ele consegue senti-la observando-o com o canto dos olhos.

– De qualquer maneira, eu acho que, em algum momento depois que eu morri, eu devo ter tido um minuto dentro de uma cabine com minhas memórias e peguei algumas notas de cinco, mas a maioria era de um…

– Então, traduzindo, você está feliz de ter alguma coisa…

– Mas só acabo me lembrando de coisas bem inúteis – completa ela, com um sorriso seco.

– Sem muita grana pra gastar, né? Tipo, quem você era e por que está aqui?

Ela ri, os olhos claros de alívio.

– Exato.

Alívio que quase o mata, pois ele está começando a acreditar que, se alguém devia entendê-la desde o começo, essa pessoa era ele.

– Me desculpe por ter sido um babaca.

– Você não foi um *babaca*. – Ela abafa uma risada. – Nossa, tinha me esquecido de como eu amava usar essa palavra assim. E *banana*.

– Essa também serve. Você me dizendo: "Ei, eu morri", e eu, tipo: "Uau, que merda pra mim, vou nessa, falou!".

Ela ri mais uma vez e, dessa vez, alto o suficiente para ecoar pelas árvores ao redor deles. Ele adora ouvi-la, adora como alguém tão delicada pode produzir um som tão ruidoso.

– Bem, como você devia reagir? Na verdade, eu acho que ficaria mais preocupada se você ficasse totalmente calmo em relação a isso. Eu provavelmente teria pensado: "Talvez esse cara tenha um fetiche por fantasmas".

É a vez de Colin gargalhar, mas ele rapidamente murcha.

– Minha mãe começou a ver coisas. É como ela… – Ele faz uma pausa, parando para olhá-la no rosto. – Sabe, algumas semanas depois de mudarmos para cá… minha irmã mais velha, Caroline, foi atropelada por um caminhão de entrega a caminho da escola. Ela estava de bicicleta. Nunca imaginei que aconteceria, acho. Minha mãe perdeu a razão, caiu num poço profundo. Então, depois de mais ou menos um mês, ela começou a dizer que viu Caroline perto

do portão algumas vezes. Uma noite, ela colocou todos nós no carro, disse que a gente ia comprar sorvete na cidade, e então jogou o carro de uma ponte.

– Colin… – sussurra Lucy, horrorizada. – Isso é horrível!

– Meus pais morreram. Eu sobrevivi. Então, quando você me disse que tinha morrido, acho que você entende por que eu pirei. Pensei que estava ficando completamente louco.

– Meu Deus, sim… – Ela tira o cabelo do rosto, expondo cada centímetro de pele suave e pálida. Ela é tão linda; ele quer sentir sua bochecha encostada na dela. – Eu sinto muito.

Ele faz um gesto dispensando o assunto, odiando prolongá-lo.

– Onde você esteve nesses últimos dias?

– Eu não lembro direito o que fiz, mas tenho certeza de que estava por aqui. Aqui ou no campo. Eu não consigo sair do terreno do campus.

– Tipo, pra lugar nenhum?

Ela confirma com a cabeça e o observa um minuto a mais antes de derrubar sua folha pelo caminho, que desaparece quase imediatamente na lama. É a vez de ele de encará-la, observando-a de perfil enquanto ela percorre o olhar pela água.

– Lucy?

Ela vira-se para ele com um sorriso.

– Eu gosto quando você fala meu nome.

Colin sorri de volta, mas, um instante depois, o sorriso murcha nos cantos dos lábios.

– Você sabe por que você voltou pra cá?

Ela balança a cabeça negativamente.

– Você está com medo de mim?

– Não. – Ele deveria estar, com certeza. E ele quer dizer mais, falar sobre a escola e as histórias que a rondam, sobre os mortos-vivos e como talvez seja isso que ela é; e será que *todos eles* estão presos no campus? Ele definitivamente *deveria* estar assustado. Mas, agora que está com ela perto o suficiente para poder tocá-la, ele só consegue sentir alívio e aquele estranho, intoxicante anseio.

De repente, caminhar lado a lado não é mais suficiente.

– Segura minha mão? – pergunta ele.

Lucy enrosca na mão dele seus compridos dedos; eles estão frios e quentes, sólidos mas intangíveis. Ele consegue sentir pontos de contato contra a pele, mas nunca no mesmo lugar por muito tempo. Quando ele pressiona, uma corrente corre pelos seus dedos, fazendo seus músculos relaxarem. Ela é como uma constelação viva contra a sua mão.

Ao levantar os olhos, ele a vê de olhos fechados, os dentes mordendo o lábio inferior.

– O que foi? – pergunta ele. – Te machuca?

Os olhos dela se abrem, desejo e alegria são como um redemoinho verde e avermelhado dentro deles.

– Você já entrou numa piscina e depois saiu correndo e pulou numa banheira quente?

Colin ri. Ele sabe exatamente a qual sensação ela está se referindo, a temperatura subindo quente e maravilhosa, mas é também uma mudança tão intensa que parece que cada extremidade dos seus nervos está pegando fogo.

– Isso. E como a água fica num quente relaxante em vez daquele quente de arrancar a pele.

Ela assente.

– Eu fico esperando a água ficar assim – os olhos dela se fecham mais uma vez –, mas

nunca acontece. Quando você está me tocando, é como o primeiro momento de imersão, sempre. É um alívio tão enorme que quase perco o fôlego.

O coração de Colin bate pesadamente dentro do peito. Hesitante, ela leva as mãos até os lábios dele e passa um dedo trêmulo pelo seu *piercing*.

– Doeu?

– Um pouco.

– O metal deve ser frio – sussurra ela, e ele percebe que está inclinando-se na direção dela. – Qual é a sensação?

– Pra mim ou pra você? – pergunta ele, sorrindo.

CAPÍTULO 11
Ela

– Pra mim – responde ela, aproximando o dedo para tocar o metal frio, na pontinha.

"*Coloque a mão no cano,* disse o professor. *O frio e o calor juntos causam ardência.*"

"Lucy largou o cano sorvendo o ar entredentes, erguendo um olhar surpreso para o professor."

"*Alguns receptores da pele sentem frio, outros, calor. Os dois enviam sinais para o cérebro, que escuta essa mistura de sinais como intenso calor. É uma forma de percepção que chamamos de calor paradoxal*."

Lucy perde o ar ante a perfeita lembrança e a intensidade do toque, afastando o dedo, surpresa.

O *piercing* de Colin estava gelado pelo vento e a pele dele estava quente pelo sangue; como o cano, a sensação do lábio dele contra a ponta do seu dedo era de ardência. E embora ela entenda a ciência por trás do experimento com o cano, não pode haver nenhuma explicação no mundo para o que acabou de acontecer entre eles. Durante um breve contato – poucos segundos – o ar se incinerou.

Colin engole em seco, sem tirar os olhos de sua boca. Pisca algumas vezes. Ele vai beijá-la? A pele dela esquenta com a ideia e, quanto mais ele se inclina para perto, mais inundada ela fica com um estranho, intoxicante alívio. Ela sentia-se tonta, como se fosse desmaiar.

Lucy agora sabe que já foi beijada antes – ela não é tão inocente assim –, mas não foi nada parecido com isso. Ela se lembra de como era ser adolescente quando morreu: segurando mãos e beijando, rindo com suas amigas, sendo desejada. Mas as memórias desses outros toques monocromáticos tornam-se pálidas ao lado da vibração da pele de Colin. Ela se inclina para mais perto, desejando o beijo dele com um tipo de fome que parece inflar dentro do peito.

A reação murcha em seus pensamentos, inquietando-a. Se o simples toque do lábio dele na ponta do seu dedo foi tão intenso, como seria beijá-lo de verdade? Ela teme ser incapaz de processar o turbilhão de sensações. É assustador não querer nada além dessa outra pessoa, importar-se tão pouco com os *flashes* da sua própria vida que está lembrando. Algum instinto, pouco usado e silencioso, diz a ela para ir devagar, aprender, deixar-se confiar nisso só um pouco. E então ela vira de volta para a trilha, olhos fechados por um momento, enquanto aprecia a sensação da fria argola de metal com o calor da respiração dele quando expirou na ponta do seu dedo.

Ela deu alguns passos antes de ouvir Colin caminhando para alcançá-la. Se está surpreso com sua reação, ele não demonstra, e os dois continuam a caminhar em silêncio. A cada poucos passos, a mão de Colin roça na sua. Eventualmente, ele desiste do fingimento e

enrosca os dedos nos seus. Muito cuidadosamente, exatamente como na primeira vez.

Ele se inclina para encontrar seus olhos.

– Tudo bem? – pergunta ele, tão terno, de algum modo conseguindo parecer ao mesmo tempo confiante e completamente inseguro de si mesmo. Ela só consegue assentir, esmagada pelo simples toque. A pele dele é quente e viva, como se a cada uma das batidas do coração dele ela pudesse sentir as ondas de sangue em suas veias.

Ele abre um largo sorriso.

– Então, se você nunca consegue sair do campus, onde você mora?



Lucy o leva para sua humilde residência e se impressiona por ele não se mostrar chocado ao descobrir que ela estava morando em um galpão abandonado ao lado da escola. Ela acende a pequena lâmpada de gás no canto antes de esticar os braços, quase tocando a parede dos dois lados.

– Lar, doce lar.

Ele ajeita seu longo esqueleto em cima de um caixote e ela senta-se em outro, contando a ele tudo que consegue lembrar. Os fragmentos da sua vida humana são aleatórios e insignificantes, mas ele escuta como se cada um fosse parte de uma história maior e completa. Quando ela começa a contar tudo que lembra desde que acordou na trilha, ela vê uma sombra perpassar pelo rosto dele por um momento, como se estivesse triste ao perceber que a história de sua primeira vida adicionou tão pouco a isso, tão incompleta. Por outro lado, as lembranças dessa vida são tão numerosas que ela as trata como pedras preciosas. Ele a observa e escuta, recostado contra a parede em ruínas do galpão.

Ela conta de quando fica sentada do lado de fora da escola e observa os estudantes em sua rotina, e de como nem por um momento sentiu inveja; sentiu-se simplesmente como se estivesse esperando. Conta que não sentiu a necessidade de procurar seus pais, apesar de eles provavelmente estarem vivos, e como essa falta de vontade era de alguma maneira preocupante. Uma garota não desejaria se juntar aos seus iguais? Não iria direto a um encontro com sua família?

Ela o traz de volta para o presente momento com uma síntese:

– Eu te contei que morri. Você pirou. Eu fiquei vagando por aí e me forcei a ficar longe da escola, e então… você veio e me encontrou. Fim.

Ele ri.

– Não fazia ideia de que você gostava tanto de falar.

– Eu não sinto vontade de falar com mais ninguém.

– Você podia pegar meu celular emprestado. Ligue para 0800-Garota-Fantasma. Fazer novas amizades.

– Você acha que eu conseguiria usar um telefone celular? – Ela ri.

– Vai ser igual quando tentei ensinar Dot a usar um computador.

Colin imita alguém apertando furiosamente botões, e Lucy cai de costas em sua cama improvisada, gargalhando.

O sorriso dele desaparece e ele olha ao redor, como se estivesse vendo o galpão pela

primeira vez desde que chegou.

– Você não quer ficar num lugar mais confortável? – pergunta ele. – É meio estranho você ficar sozinha aqui.

– É *isso* que você acha estranho nessa história toda?

Ele lança um divertido olhar de exasperação.

– Eu só não gosto daqui.

– Eu gosto. Sinto como se fosse minha casa agora, é limpa e tranquila, e ninguém nunca vem aqui.

Ele hesita e depois olha para o celular.

– Tenho que ir. – Ela o observa tirar as folhas e o mato grudado na roupa. Quando ele levanta os olhos, pende a cabeça para o lado, balançando-a. – Não, eu sinto muito. Eu realmente não posso deixar você aqui.

– Já faz quase três semanas que estou aqui.

– Vem comigo, só essa noite. – Ele sente a hesitação dela e insiste: – Só até a gente arranjar cobertores e deixar esse lugar menos…

– Rústico? – sugere ela.

– Eu ia dizer sinistro. Rústico é nosso objetivo.

Nós.

Ela o segue pela trilha, incapaz até mesmo em sua leveza de competir com a graça com que ele saltava os troncos e passava por trechos lamacentos. Toda a conversa parece tê-los esvaziado de palavras e eles caminham sob a luz da lua em um silêncio tranquilo até os grandes e cinzentos prédios de Saint Osanna surgirem acima do topo das árvores. A ideia de um dormitório, de um consolo, um tapete e paredes que mantêm as coisas do lado de fora é quase depressiva.

O quarto de Colin grita "menino". Suaves tons terrosos, revistas de ciclismo, roupas sujas. Parafusos sujos sobre a mesa, uma lata de refrigerante, uma fileira de troféus. Ela consegue ver, por trás das camadas, a forte estrutura arquitetônica: janelas moldadas por madeira escura, madeira de lei polida. As prateleiras, encravadas profundamente nas paredes, estão agora bagunçadas com papéis e partes de bicicleta e pequenos montes de fotografia.

– Uma toca bem masculina – diz ela.

Colin pula na cama e solta um gemido feliz de alívio, mas Lucy não quer se sentar. Ela quer ver as coisas dele. Ela tem dois uniformes da escola, um par de botas e um galpão. Está fascinada com todas as *coisas* dele.

– Roupa de cama marrom? Que despretensioso – ela sorri e passa a mão pelas beiradas do colchão.

– Eu gosto de imaginar que estou dormindo na sujeira – brinca ele.

Ela o sente a observá-la enquanto examina uma pilha de roupas próxima à porta do armário; consegue praticamente ouvi-lo encolher na cama ao perceber o que acabou de dizer para a garota morta.

– Não seja um esquisitão – diz ela por cima do ombro, sorrindo para ele.

Ele sorri aliviado e tapa o rosto com um braço, antes de murmurar:

– Eu e o Jay… não somos muito bons com limpeza.

– É… – Ela afasta para o lado um par de meias numa prateleira para poder ver seus livros. – Estou percebendo. É esse o seu conceito de rústico?

– Pelo menos meus lençóis estão limpos.

Ele imediatamente pigarreia limpando a garganta, e ela continua a olhar os livros. Um clima estranho e denso se instaura no quarto.

– Bom saber?!

– Não foi o que eu quis dizer. Quer dizer, sim, meus lençóis são limpos, mas… pra dormir. – Ele solta um gemido. – Ai, meu Deus, deixa pra lá.

Lucy já está dando risada.

– Eu não durmo.

– Claro, claro. – Ele fica em silêncio por vários instantes antes de perguntar: – Você não vai ficar entediada?

– É bom ter alguém por perto. Eu prometo que não vou desenhar um bigode em você quando estiver dormindo.

Ele boceja de repente, escancarando a boca.

– Bem, caso desenhe, quero um igual ao do Fu Manchu. É isso ou nada. – Ele se espreguiça ao se levantar, e uma faixa do abdômen nu dele aparece.

O calor pulsa por ela, e ela se pergunta se ele consegue notar o modo como seu corpo todo parece reverberar. Fazendo um gesto com a mão na boca, ele indica que vai escovar os dentes.

Sem os olhos de Colin sobre si, ela se sente livre para explorar um pouco à sua volta. Não para fuçar as gavetas ou olhar debaixo do colchão, mas para olhar mais de perto as fotos na mesa, os troféus nas prateleiras.

Ele venceu corridas e campeonatos de manobras. Ele pratica *snowboard* e, ao que parece, costumava jogar hóquei. Medalhas e placas se alinham em duas prateleiras, e são tantas que ela rapidamente para de tentar ler cada uma delas.

Sobre a mesa dele há uma foto de um garotinho com um homem que parece como ela imaginaria Colin nos seus trinta anos: cabelo escuro, denso e bagunçado, olhos claros. Espalhados pela mesa, papéis e *post-its* e recibos que ela deduz serem do refeitório. Enfiada debaixo do teclado do computador dele e grudenta por causa do refrigerante derrubado, há uma foto de Colin numa escola de dança com uma morena baixinha. Ela se inclina para ver melhor, e os dois não estão apenas sorrindo comportadamente para a foto. Eles estão rindo juntos.

Um aperto se forma em seu peito e se expande subindo por sua garganta. O modo como as mãos dele repousam no quadril dela chama-lhe a atenção, como se ela fosse sólida e pertencesse a ele e estivesse *ali*. Lucy não sabe como o toque dele pode um dia se tornar normal e se jamais conseguirá ficar íntima dele como imagina que essa garota era.

A pele da sua nuca arde ao senti-lo retornar para o quarto, e ela rapidamente põe a foto de volta ao lugar. Ela acha que ele percebeu, mas ele nada diz, tampouco ela. É cedo demais para a conversa sobre o que os dois são, mais cedo ainda para falar sobre quem aquela garota era. Ainda assim, Lucy não consegue deixar de sentir o fogo invejoso que lambe suas entranhas ante a imagem de Colin com outra pessoa.

– Eu sei que isso é chato – diz ele –, mas estou realmente cansado. O relógio acusava duas da manhã.

– Nossa. Claro. Me desculpa…

Com um pequeno sorriso, ele senta sobre as cobertas e alisa o lençol ao lado. Lucy sobe no cantinho da cama e senta em cima das pernas dobradas, de frente para ele.

– Você vai ficar me assistindo?

– Até que você durma e eu possa roubar um marcador de texto da sua mesa.

Ele sorri e se encolhe num canto da cama.

– Ok. Noite, Lucy.

Perguntas latejam em sua mente na escuridão do quarto, implorando por respostas. Sobre ela, sobre ele. Sobre por que o universo a enviou de volta para cá e por que Colin parece ser a única coisa que importa.

– Noite, Colin.



– Olha só! Oi, garota nova.

Jay sorri, puxando uma cadeira ao seu lado e dando palmadinhas sobre o assento.

Colin ignora o gesto, puxando uma cadeira para Lucy, do lado oposto ao amigo na mesa.

– É Lucy, Jay. O nome dela é Lucy.

– Lucy é um nome muito bonito, mas Garota Nova é melhor. É misterioso. Você pode ser quem você quiser. – Inclinando-se para a frente, Jay oferece a Lucy seu sorriso mais caloroso. – Quem você quer ser, Lucy?

Lucy dá de ombros, pensativa. Ela nunca tinha considerado esse aspecto de ser nova, não nomeada e desconhecida. Tudo que tinha feito fora por instinto. Ela olha para a entrada do refeitório, onde a maioria dos estudantes come. Todas as garotas parecem desbotar juntas num único e entediante uniforme.

– Eu toco baixo numa banda só de mulheres chamada Safadas Furiosas, tenho fetiche por matemática e abro garrafas de cerveja com os dentes. – Ela sorri para ele. – Uma dessas coisas é verdade.

Jay estreita o olhar.

– Por favor, diz que é a banda.

– Eu voto nos dentes – diz Colin.

– Desculpem – diz ela, fingindo um sorriso simpático. – Matemática.

Jay encolhe os ombros, mordendo um pedaço de bacon.

– Isso é da hora também. Quer dizer, tocando baixo ou não com um monte de minas safadas, você gosta do lago. *Isso sim* te faz interessante.

– O que tem de interessante em gostar do lago? – Lucy vira-se, procurando uma confirmação no rosto de Colin. – O que ele tem para eu não gostar dele?

– Eu amo o lago – diz Colin num sorriso fácil, aparentemente gostando da interação. – Várias trilhas pra andar de bike, e ninguém nunca vai pra lá. – Com uma piscadela, ele acrescenta: – Eu não tenho medo do que pode estar à solta por lá.

– Eu não ligo para as histórias – diz Jay. – Só *parece* assustador. No verão, fica tão quente e sufocante que tudo no ar se retorce. No inverno, o lago congela e tudo fica azul. – Jay empunha um garfo cheio de ovos e o aponta na direção de Lucy. – Você ouviu falar dos mortos-vivos, certo?

Lucy balança a cabeça, o frio espalhando-se da ponta dos seus dedos até os braços. Instintivamente, ela arrasta a cadeira para mais perto de Colin.

– As pessoas falam que o Saint O é assombrado. E *ninguém* vai até o lago. Algumas pessoas aqui dizem que viram uma garota andando debaixo d'água. Que merda, dizem que esse lugar todo é assombrado.

Lucy se arrepia, mas somente Colin percebe. Ele pousa uma mão gentil sobre sua perna debaixo da mesa.

– Mas, se quer saber o que penso – começa Jay, e os ovos caem de volta para o prato dele com um estalo baixinho –, as pessoas não gostam de fazer todo o percurso até lá porque são um bando de preguiçosos que preferem ficar sentados nos seus quartos abrindo garrafas de cerveja com os dentes.

– Entendo – diz Lucy.

Jay a observa com uma expressão ilegível no rosto.

– Eu e o Jay não temos medo de fantasmas – diz Colin.

Jay ri e empurra o prato de lado.

– Não, cara. Eu não *acredito* em fantasmas.

Quando Lucy lança um olhar para Colin, ele está olhando de volta para ela, sorrindo com o segredo dele nos olhos.



Lucy seleciona uma grade horária com professores que nunca passam a lista de chamadas. Tem somente uma aula com Colin (história), mas é na metade do dia que ela vê o meio-sorriso tranquilizador dele, os dedos tamborilando em um ritmo impaciente na carteira – dedos que, ela sabe, desejam tocá-la.

É mais difícil do que ela teria imaginado que qualquer coisa no mundo pudesse ser. Ela observa constantemente todo mundo, imaginando se alguma frase, algum pequeno maneirismo, despertaria uma lembrança ou daria uma dica de por que ela está de volta e como continuar ligada a este mundo e um dia sair da escola com Colin.

Ela vê a si mesma pensando no que Jay disse sobre mortos-vivos e histórias que rondam a escola. Sabe que devia ter feito mais perguntas, que ainda deve fazê-las, mas a força instintiva que sente ao estar perto de Colin zumbe como eletricidade em seus ouvidos, bloqueando todo o resto. Suas perguntas, suas dúvidas – seu *propósito* – parecem secundárias perto do formigamento corporal que ela sente debaixo da pele na presença dele. Ela é fisicamente atraída na direção de Colin com a mesma intensidade com que é repelida pelo portão.

– Lucy?

Sua cabeça ergue-se rapidamente ao som do seu nome, todo pensamento sobre mortos-vivos desaparecendo. Leva um minuto para ela se lembrar de onde está – aula de francês com Madame Barbare, que nunca a notou antes. Como a maioria dos professores em Saint Osanna, Madame Barbare presume que se você conseguiu passar pelos portões de segurança e está usando um uniforme, você obviamente está matriculada na aula dela, mesmo que seu nome não esteja na lista.

A voz da professora ecoa nos ouvidos de Lucy, reverberando em seu crânio, quicando de um lado para o outro desconfortavelmente. É a primeira vez em dias que alguém além de Colin diz o seu nome.

– S-sim?

Somente quando Lucy ergue o olhar que a atenção da professora recai sobre ela, e Lucy tem certeza de que ela chamou um nome cuja dona lhe era um mistério.

– Eu tenho um recado aqui me dizendo pra te mandar para a sala da conselheira? – ela formula a frase como uma pergunta, e parece que está pedindo para Lucy confirmar. Ela fica de pé, dolorosamente consciente da atenção da classe toda em cima dela, e pega o pedaço de papel.

MANDE LUCY PARA A SALA DA SRTA. PROCTOR.

Claro que alguém tinha notado a garota com o uniforme roubado.

Lucy vira a srta. Proctor pelos corredores, falando casualmente com estudantes ou gritando com garotos baderneiros. Ela é jovem e bonita, e os meninos olham para trás depois que ela passa. Mas a mulher sentada na sala da conselheira não é a srta. Proctor.

Essa mulher é baixinha e curvada, sentada numa cadeira ao lado da mesa, os olhos concentrados em uma pilha de papéis diante dela. Seu suéter azul tem a cor do céu de primavera guardado na memória de Lucy e parece não combinar com o escritório escuro e sombrio, nem com o corpo volumoso e sem forma da mulher.

Ela levanta os olhos, observando Lucy caminhar da porta até a cadeira.

– Oi – diz Lucy, finalmente. – Sou a Lucy.

– Sou Adelaide Baldwin.

A voz da mulher é mais suave do que sua aparência jamais sugeriria.

– Oi – diz Lucy mais uma vez.

– Eu sou a chefe dos conselheiros do Saint Osanna. – A sra. Baldwin ajeita alguns papéis sobre a mesa ao lado dela e cruza as mãos sobre o colo. – Parece que você caiu no nosso radar. – Ela faz uma pausa. Quando Lucy não oferece nenhuma explicação, ela continua: – Eu gosto de checar com a escola a cada um ou dois meses, para saber se a gente tem alguém… qualquer coisa de diferente no campus. Nessa manhã, a sra. Polzweski disse ter visto pela escola uma garota que pensou não estar matriculada. Geralmente, preferimos lidar com essas questões internamente, antes de envolver as autoridades.

Lucy sente como se um tijolo tivesse entalado em sua garganta.

– Ah – suspira ela.

– Onde estão seus pais?

Lucy não tem uma resposta; talvez, se pudesse um dia sair desse campus, ela teria. Ela consegue sentir os olhos da sra. Baldwin em cima de si, enquanto remexe inquieta num pote de clipes de papel sobre a mesa diante dela, olhando para as pinturas católicas genéricas espalhadas pela sala. É estranho estar sozinha com alguém que não Colin e ser objeto de tão minucioso exame.

– Lucy, olhe para mim. – Lucy ergue o olhar para a mulher, encontrando olhos cheios de preocupação. – Ah, meu bem.

Algo parecido com esperança desabrocha dentro de Lucy ao perceber que não há segredos entre elas e que, de algum modo, Adelaide Baldwin sabe que Lucy não é nenhuma estudante comum entrando em seu escritório.

Lucy puxa inquieta a manga da sua camisa, perguntando: – Você sabe quem eu sou?

Ela suspeita que com essa pergunta tenha mudado irrevogavelmente o curso da conversa de algo oficial e relacionado à sua matrícula para algo não oficial e relacionado a um segredo.

– Você foi uma celebridade local, que iria para Harvard antes de ser assassinada.

Lucy se força a engolir em seco seu medo da resposta, para soltar a pergunta:

– Se você sabe que morri, por que não está surpresa em me ver?

Se ela sabe quem Lucy é, isso quer dizer que há outros. Há um motivo, um padrão, talvez até mesmo uma solução.

Em vez de responder, a sra. Baldwin pergunta:

– Quando você voltou para Saint Osanna?

– Algumas semanas atrás. – O olhar de Lucy pousa atrás dela, observando os jovens saindo do prédio e dirigindo-se ao pátio, aos dormitórios, ao refeitório. – Eu peguei disciplinas com professores que parecem não me notar. Por que isso? – pergunta ela. – Por que ninguém parece me ver?

– Porque eles não estão olhando. Eles não precisam ver você, Lucy.

– Não precisam me ver? Não entendo – diz Lucy. *Colin precisa vê-la? E para quê?* – Então há outros? Aqui, na escola? O Jay tinha me dito algo sobre mortos-vivos, é verdade?

– É assim que algumas pessoas os chamam, sim. Eles andam pelos terrenos, presos a esse lugar por um motivo ou outro, incapazes de saírem. Não sei muito sobre, mas imagino que seja diferente para cada um deles.

A sra. Baldwin começa a guardar fichas e pilhas de papel de trabalho de volta em sua bolsa. Aparentemente, a conversa entre elas acabou.

O pânico começa a inundar Lucy como a maré subindo.

– Eu não sei por que eu estou aqui – diz ela atropeladamente. Será que a sra. Baldwin vai apresentá-la às autoridades que mencionou? Existe algum tipo de caça-fantasmas que a enviará de volta? – Só senti que eu devia estar aqui.

A mulher parece conformada. Entediada, até.

– Sei.

– Você *sabe* por que eu estou aqui? – pergunta Lucy.

– Não – responde ela. – Quisera eu saber.

– Existem outros? Mortos-vivos? É isso que eu sou?

A sra. Baldwin não responde, simplesmente balançando levemente a cabeça. É como se ela já estivesse resignada à realidade de que não há nada a ser feito em relação ao problema de Lucy.

– Posso ficar aqui? Em Saint Osanna?

A funcionária assente.

– Não acho que temos escolha. Exorcismos não funcionam. Nada parece funcionar. Só temos que esperar você desaparecer. – Ela desvia o olhar, jogando dentro da bolsa uma caneta e murmurando: – Graças a Deus, a maioria desaparece.

O coração de Lucy se aperta e ela se vira para a janela, encarando a fina vidraça. *Desaparecer*? Para onde ela iria? Como ela poderia impedir isso de acontecer?

A sra. Baldwin a tira dos seus pensamentos.

– Você tem dinheiro?

Lucy não tivera necessidade disso ainda, confinada ao campus e com a sorte de não precisar comer ou beber. Ninguém na lavanderia tinha percebido uma garota fantasma

roubando botas e meias e uniformes velhos.

– Não.

A sra. Baldwin enfia a mão dentro da bolsa, puxa um envelope e tira várias notas de vinte.

– Duvido que alguém perceba, mas eu não quero ver você sendo pega roubando algo da loja da escola. Onde você está alojada?

Lucy pega o dinheiro e o dobra, fechando-o na palma mão. Sente-o quente, por ter estado antes na bolsa, e áspero contra a pele.

– Em um galpão.

A sra. Baldwin assente mais uma vez, como se isso a satisfizesse.

– Alguém mais sabe sobre você?

– Um garoto.

A mulher ri e fecha os olhos, mas não é uma risada feliz. É uma risada do tipo "claro que um garoto sabe". E do tipo "nem devia ter perguntado".

A sra. Baldwin assente decidida ao se levantar.

– Cuide-se, meu bem.

Ela levanta a bolsa e a pendura no seu rechonchudo ombro.

– Obrigada.

Adelaide Baldwin encara Lucy e sorri brevemente antes de virar-se para a porta. Com a mão na fechadura, ela para, olhando em outra direção, de modo que Lucy não consegue ver a expressão no rosto dela quando ela diz:

– Quanto aos outros como você, parece que sempre querem levar alguém com eles. Tente não fazer isso, Lucy.

CAPÍTULO 12
Ele

Essa garota, *essa garota*. Ela murmura desafinada junto com as músicas que ela diz não lembrar. Ela faz as coisas mais loucas com o cabelo e o uniforme, amarrando folhas e fitas numa longa trança. Ela ri alto das suas piadas quando eles caminham pelo corredor juntos e não parece se importar por ninguém nunca percebê-la. Colin se pergunta por quê. Jay a vê. Alguns professores. Mas só. É como se, para eles, o rosto dela se misturasse ao cenário. Comum. Genérico.

Mas Colin percebe *tudo*.

E esses pequenos detalhes – sua delicada confiança, sua risada contagiante e o modo como ela lambe os lábios quando o olha pensando que ele não está vendo – tornam impossível para ele parar de ficar obcecado em tocá-la como deseja. Ela demonstra afeto tranquilamente: uma mão no braço dele, apoiando a cabeça em seu ombro quando estão sentados num banco. Mas ele está tão fascinado por ela, pelos pensamentos e lábios e mãos dela, que o mais desinteressado dos toques deixam-no cada vez mais faminto, sentindo-se pequeno demais dentro da própria pele.

– Você passou o dia todo com esse sorrisinho secreto – ela diz depois da aula, certa tarde. – Vou te atacar no chão e fazer cosquinha até você cuspir o motivo.

Colin solta um gemidinho meio frustrado, meio animado.

– Fique à vontade.

Mas, em vez de fazer o que ele gostaria, ela o convida a dar uma volta pelo campus e pela floresta para contar sobre como é crescer numa cidade pequena com um internato de prestígio que emprega praticamente todo mundo.

– As pessoas acham que eu tive uma infância traumática, e acho mesmo que tive, mas a maior parte do tempo era eu fazendo umas loucuras e manobras radicais sempre que podia. Havia tanta gente cuidando de mim aqui que era impossível me sentir perdido ou solitário.

Ela sorri para ele, mas os olhos dela são de um provocativo e gentil azul-anil. Ele passa seu olhar desesperado pelo rosto dela, registrando cada expressão. Esse tipo de anseio lhe dá vontade de rugir, atirar troncos e pedras para todos os lados, *reclamá-la* de alguma forma.

– Então você sempre foi o Garoto Cujos Pais Morreram? – pergunta ela.

Ele ri da lembrança instintiva de como todo mundo nessa cidadezinha tem um rótulo.

– Eu acho que era. Agora eu sou o Garoto que Saltou Dezoito Metros Direto na Pedreira e Não Morreu. Até a Dot ouviu essa.

Balançando a cabeça, ela diz:

– Foi uma *loucura* isso que você fez. – Mas os olhos dela tinham se tornado castanho-metálico, num redemoinho.

– Até você!

– Colin! Racionalmente falando, foi um salto insano.

– Não é insanidade – diz ele. – Tem a ver com medo. Todo mundo tem as mesmas habilidades. *Fisicamente falando*, eles têm capacidade. A diferença é que eu não tenho medo de tentar.

Colin consegue se lembrar da proeza quase melhor que qualquer outra coisa: ele impulsionou a bicicleta até a beirada, respirou fundo e equilibrou-se – olhar concentrado e músculos tensionados – antes de alavancar para o alto num salto acima da borda. A bicicleta fez, afiada, o caminho direto para o bloco de pedra, cortando o ar em dois. Ambas as rodas rasparam a pedra em uníssono antes de rolarem por um caminho pedregoso até a base da pedreira. Ele aterrissou ali. Corpo: machucado. Braço: quebrado.

– No dia seguinte, eu te conheci – acrescenta ele.

Ele ainda se sentia naquele momento antes do salto, e então ela estava lá: a coisa mais maravilhosa que ele já vira. Essa segunda lembrança é tão vívida quanto a anterior.

Ela murmura de lábios fechados, roçando os dedos nos dele, e a corrente formigante sobe até seu braço antes de evaporar. Ele quer mais. Ele praticamente sofre de desejo pelo toque dela. Não são somente os hormônios. É como se ele fosse fisicamente atraído para dentro do espaço dela, tendo que forçar a si mesmo para manter qualquer tipo de distância suportável. Ele retira lentamente a mão, fechando o punho.

– Fico imaginando qual era o seu rótulo – diz ele, distraindo-se da necessidade urgente de deitá-la sobre a trilha e cobrir o corpo dela com o seu. – A Garota da Risada Rom-Rom?

Ela ronrona, e então bate em seu braço como se fosse sua culpa.

– Talvez.

– A Garota dos Olhos Malvados?

– Só pra você.

As covinhas dela aparecem nos dois lados da boca.

– Claro – diz ele, rindo. – A Garota que Chutou o Traseiro de Todos os Garotos na Aula de Química?

Ela começa a responder, sorrindo, mandíbula esticada de orgulho, mas olha para as mãos dele, fechadas firmemente ao lado da cintura, e a expressão do rosto dela fica rígida.

– O que foi?

Ele abre os punhos, soltando as mãos, rindo nervosamente.

– Nada.

– Você está chateado?

Colin começa a andar mais uma vez, gesticulando com a cabeça para que ela o acompanhe. Ele não sabe como fazer isso ou como um dia pode chegar a fazê-lo. Ele *gosta* dela. Ele quer que Lucy seja sua namorada de todas as maneiras possíveis, incluindo as maneiras em que ele pode tocá-la. O anseio pelo beijo dela está se tornando asfixiante.

– Colin?

Parando, ele se vira para encará-la.

– O quê?

Ela ri da sua cara de bobo, caminhando em sua direção.

– O que foi?

– Eu gosto de você – ele deixa escapar. – Muito. – Seu coração se aperta e então começa a

bater loucamente, e parte dele deseja virar-se e sair correndo pela trilha. Em vez disso, ele fica parado e observa a expressão dela mudar, de surpresa para alegria.

– Mesmo?

– Mesmo. E é difícil ficar perto o tempo todo sem poder te tocar – admite ele, a voz quase morrendo.

– Pra mim também. – Esticando-se na ponta do pé, ela sussurra: – Mas eu quero tentar.

A língua dele escapa para fora, deslizando pelo *piercing*.

– Eu penso nisso – diz ela, o hálito cheirando a chuva e pétalas. – Eu quero te beijar até você ficar tonto de desejo, também.

Colin precisa de quatro tentativas para conseguir emitir um som dos lábios.

– Você está me dizendo que está tonta de desejo por mim?

Ela ergue-se na ponta dos pés mais uma vez, e ele sente uma sensação de lábios contra sua bochecha. Ele se vira e se depara não com a boca dela, mas com sua cabeça rapidamente virando-se. Logo antes de ele se afastar, um pouco constrangido e muito confuso, a mão dela o pressiona pela frente de sua camisa.

– Calma – diz ela. – Só vai devagar.

Primeiro com a bochecha, depois com o nariz apenas roçando os lábios dela, ele chega mais perto, esperando que o modo como ela treme seja de antecipação e não de alguma coisa menos prazerosa. Ela move a cabeça apenas o suficiente para ele roçar a boca sobre a dela, e seus punhos se fecham reprimindo-se ao seu lado. É diferente; a pele dela é diferente. É ainda energia formigante e dá a sensação de que se ele a pressionasse com muita força ela evaporaria, mas, ainda assim, são lábios: perfeitos, entre sorrisos, e agora molhados pelos dele. Quando ele a beija mais uma vez e a saboreia, ela emite um pequeno som de alívio. É um som de desejo, de ar e fogo, e Colin quase perde o controle: apertando, dedos cravando-se. Mas então se afasta, respirações ofegantes enquanto ele olha para ela.

– Ok, foi um bom começo.

– Um bom começo? – diz ela, com uma risadinha. – Minha mente está cheia de buracos, mas tenho certeza de que esse foi o melhor primeiro beijo da história dessa cidade.

Gentilmente, ele toca o cotovelo dela, cautelosamente encorajando-a a começar a caminhar mais uma vez. O beijo foi um passo gigante na direção certa e ainda assim apenas uma fração do que ele necessitava. Dentro de seu peito, uma corda enrola-se firmemente, esfiapada nas extremidades.

A escala de trabalho de Colin saiu há dois dias, e ele não se lembra de ter se sentido tão grato por poder lavar louça. Ele e Dane terminaram de limpar a cozinha, e Colin fica mais tempo para fazer companhia para Dot. Ela esteve quieta a noite toda: sem assobiar enquanto cozinha, sem acertá-los com a espátula. Era apenas uma Dot pensativa e silenciosa, e ele acha isso estranho.

– Dia longo? – pergunta ele.

Ela encolhe os ombros.

– Sabe como é, quando uma tempestade está a caminho.

– Joelhos barométricos em ação?

Ela lhe lança um olhar carrancudo sobre o ombro.

– Muito engraçadinho você. – Quando ela se vira para a pia, ele consegue ver o reflexo dela enquanto olha através da ampla janela, mirando os fundos do pátio. Aparenta estar preocupada. – Parece que – ela recomeça, procurando pelas palavras – alguma coisa está errada. Não sei ao certo o quê.

Colin engole uma densa saliva e se ocupa empilhando pratos.

– Ei, Dot, você se lembra de uma garota chamada Lucy Gray?

Ela para, desamarrando o avental.

– Claro. Todo mundo aqui se lembra desse nome.

– É. – Colin se esforça para respirar. – Então você estava aqui quando… quando tudo aquilo aconteceu com ela?

– Por que você está perguntando?

Ele dá de ombros, pegando das mãos dela um pesado saco de açúcar e colocando-o sobre a bancada.

– Por nada. Um pessoal lá no lago começou a falar disso na hora do almoço.

Ela o alfineta com uma expressão séria.

– É melhor eu não pegar você por lá.

– Claro que não – diz ele. É uma mentira, e, como regra geral, ele não mente para Dot. Mas Colin está sempre no lago e imagina que, sendo a mesma mentira que ele contou repetidas vezes ao longo da vida, contava como única.

– Ela foi assassinada – diz Dot, finalmente, observando-o começar a separar os talheres. Do canto dos seus olhos, ele pode ver que ela plantou o primeiro punho no quadril e quase consegue ouvir seu cérebro tiquetaqueando enquanto pensa em alguma coisa. – Você se lembra de alguma coisa? – pergunta ela, finalmente.

Ele aponta um punhado de garfos para o peito.

– Eu?

Ela assente.

– Quê? Não.

– Ela foi morta quando você tinha seis anos.

Ele morava no campus e tinha acabado de perder os pais. Ele se lembra tão pouco daquele tempo, exceto do estranho e constante desejo de se dissolver e sair flutuando no ar.

– Eu não me lembro de nada sobre isso.

Ela assente e vira-se de costas, cruzando os braços e olhando pela janela de novo.

– É, acho que não se lembraria mesmo. Tinha tanta coisa acontecendo com você na época. Foi brutal, Col. Simplesmente… – A cabeça dela pende e ela a balança. – Simplesmente horrível.

Ele não quer ouvir a versão dela da história, mas uma parte doentia dele quer saber de tudo.

– Seus pais tinham morrido e você estava morando com o Joe. Acho que você não estava conseguindo dormir naquela noite, e o Joe estava numa reunião com os representantes dos dormitórios. Você estava na varanda, brincando sozinho com seu soldadinho. – Ela se vira para ele e sorri tristemente. – Você o viu levando a menina para a floresta. Você correu e me encontrou. Isso não a salvou, mas foi por causa de *você* que esse cara foi encontrado. A gente não fazia ideia que aquele monstro vivia bem do nosso lado. E ele tinha matado… Meu Deus,

eu acho que ele tinha matado mais sete crianças diferentes!

Colin se levanta e sai em disparada da cozinha, sentindo o refluxo do que comeu no jantar.

CAPÍTULO 13
Ele

Exceto pelas memórias borradas do funeral, Colin tem poucas lembranças sólidas de seus pais ou do acidente de carro que imediatamente os matou e que o deixou estranhamente ileso. Os caixões deles foram colocados lado a lado diante da igreja, e o cheiro dos lírios era tão forte que fazia seu estômago revirar. O peito do seu pai fora esmagado pelo painel e a funerária teve de reconstruí-lo, substituindo músculos e ossos por varas de metal e cera. Colin lembra-se somente de uma grave ferida roxa saltando debaixo do punho da camisa branca engomada de seu pai. O braço da sua mãe tinha sido arrancado do corpo pelo cinto de segurança – algo que ele só ficou sabendo anos depois – e a manga do seu vestido rosa preferido estava vazia. Como se pensassem que ninguém sequer notaria.

Ele se perguntou por que alguém desejaria ver alguém que amava assim, com a pele na cor errada e olhos que jamais se abririam novamente.

Não é como ele deseja se lembrar.

Ele quer abrir o próprio cérebro, arrancar as páginas feias e substituí-las por novas, mais felizes. Páginas nas quais mães e pais não morrem e monstros não arrastam garotas para a floresta no meio da noite.

Ele não tinha se sentido mal assim outra vez até Lucy chegar. Ele imaginou que saber mais da história dela seria um alívio, outra peça faltando no quebra-cabeça, uma peça que se encaixaria perfeitamente no lugar. Em vez disso, saber que ele foi a última pessoa a vê-la viva é como pegar páginas em branco e tingi-las com horror e sangue.

Ele não quer imaginá-la cortada em pedaços, sem cor. Sua boca é rosa e macia como pêssego, seus lábios, molhados e suaves. A risada dela explode da garganta, rebelde e irreverente. Ela exala uma confiança silenciosa que ele nunca viu nas garotas do Saint O. Lucy parece tão vital, tão impossivelmente *viva*. Como pode qualquer coisa da sua história ser real?

E agora ela está aqui, viva ou não, parada na soleira quando ele abre sua porta. O sorriso divertido dela torna as outras coisas mais fáceis de esquecer. Pelo menos por algumas horas. Faz três dias desde que Dot revelou-lhe seu papel nos eventos em torno do assassinato de Lucy. Toda noite, sempre que começava a contar para ela, sua garganta parecia se fechar.

Como sempre, Lucy descalça as botas e se dirige direto para sua janela, abrindo os braços para afastar as cortinas. O dia todo ameaçou nevar, e alguns flocos pequenos flutuam sob o poste de luz, para depois caírem lentamente no chão. Apesar de estar escuro lá fora, o céu está claro, praticamente brilhando, e cheio de nuvens que parecem acesas por trás.

– Sem estrelas essa noite. – Ele soa como se estivesse se desculpando, de algum modo.

– É céu de neve – diz Lucy, o nariz pressionado contra o vidro. Não há nenhuma marca no

ponto onde o nariz toca a janela, nenhuma nuvem de condensação. – Minha avó dizia que parece que alguém esqueceu a TV ligada no céu. – Ela ri e então se interrompe, virando-se para ele. – Como eu me lembrei disso?

– Não sei. Talvez seja como pessoas com amnésia. Algumas coisas reavivam memórias específicas.

– É, talvez.

Ela volta-se para olhar o céu e ele fecha os olhos, tentando afastar as imagens para sempre impressas. Ele quer lhe contar mais sobre sua morte e sobre o papel dele nisso tudo. Mas há algo mais, uma voz dentro da sua cabeça se repetindo de novo e de novo, dizendo-lhe que é uma má ideia.

Dot diz que os fantasmas vêm porque têm questões não resolvidas. Talvez seja por isso que Lucy está aqui. Ele sabe que devia dar ouvidos a isso, a esse aviso para levar as coisas mais a sério. Ele duvida que alguém voltaria do mundo dos mortos porque perdeu um livro da biblioteca ou sentiu falta de ficar sentada o dia todo na escola. Teria que ser por algo maior que isso. Para acertar alguma conta? Vingança? Ele afasta a ideia; Lucy jamais o machucaria. Ele *sabe* disso. Mas se alguém tem questões não resolvidas, Lucy definitivamente é essa pessoa. O que poderia ser mais não resolvido do que ter seu coração arrancado do peito por um homem em quem seus pais depositaram confiança para protegê-la?

Ele sente um arrepio quando Lucy vira-se para ele.

– Frio? – pergunta ela.

– Não, só inquieto.

Lucy diminui a distância entre eles, parando apenas quando os dedos do pé dela tocam os dele dentro da meia. Ele luta contra o que parece ser cada componente do seu corpo conspirando para fazê-lo se aproximar mais dela. Quer beijá-la mais uma vez.

Está tão silencioso, é difícil acreditar que há quartos cheios de pessoas nos andares acima e abaixo deles, do outro lado das paredes. E Lucy está tão quieta. Ela não se agita ou tosse ou parece estar sempre se ajeitando, como as outras garotas. Ele pensa quase conseguir ouvir a neve começando a cair lá fora.

Mas, na ausência de todas essas distrações, há algo mais, algo que paira no ar entre eles e torna cada um dos seus sentidos, de algum modo, sobrenaturais. Quando ela ergue a mão para tocar seu lábio inferior, circulando com o dedo seu *piercing* prateado, é como se todo o ar em torno deles se movimentasse com ela.

Ele está fora de si com o desejo por ela. Os olhos dela estão derretidos num profundo âmbar.

– Me beija – diz ela. – Tudo bem.

Ele se inclina para beijá-la, mal tocando os lábios dela com os seus. Cada beijo é breve, cuidadoso, pontuado por olhares e sussurros de "está tudo bem?", e a resposta dela, "sim". Ao se concentrar muito intensamente, ele começa a se perguntar se está de fato a tocando. Fisicamente, o beijo dela é muito menos que qualquer beijo que ele já experimentou, mas, por dentro, ele está perto de entrar em erupção. Suas mãos encontram a cintura dela, os quadris, puxam-na para mais perto.

Ela estremece, recuando. É demais para ela.

– Merda. Desculpa – diz ele.

Mas ela o puxa pela camisa e lhe oferece um olhar com tamanha determinação que ele se

curva, rindo um pouco, e apenas roça a boca dela num beijo.

Ele não quer ser esse tipo de cara, aquele que insiste por mais e mais e mais, pois sabe que cada toque a esmaga. Mas ele está morrendo de desejo de saber qual a sensação de sua pele, como seus quadris se encaixam contra os dele. Ele se sente ávido.

– Quero que você fique aqui.

Seus olhos pairam sobre a boca dela antes de encontrarem-se nervosos com o olhar dela.

– Posso? – pergunta ela. – O Jay vai passar a noite fora?

– Acho que sim.

Ela se deita de costas sobre a cama, e ele se inclina sobre ela, traçando uma linha invisível do pescoço dela, passando pela clavícula, antes de desabotoar os três botões de cima da camisa. Nenhuma cicatriz é visível na pele dela. Não há batidas de coração sob a ponta dos seus dedos, mas alguma coisa mais parece formigar no lugar disso.

Os breves beijos dela derretem-se como açúcar contra sua língua, e como uma rajada de vento ela o joga de costas sobre a cama. Ele sente o peso dela sobre suas coxas, como o corpo dela o pressiona. Quente, mas, ainda assim, de algum modo, sem ser. É a tortura mais linda: a sombra de uma sensação, que se vai antes mesmo que ele tenha a chance de processá-la.

É como se estivesse sonhando. Tudo é essa fantasia, não há nenhum alívio real do modo como anseia por ela.

– Colin…

– Oi?

– Tire a camisa.

Ele a encara, não vendo nenhum traço de hesitação, e num instante puxa a camisa por trás da cabeça. As mãos dela e a ilusão do seu peso descem pressionando seu peito; uma sensação provocadora, que causa arrepios em sua pele.

Mas todo sentimento se vai rápido demais, quando se senta embaixo dela, hesitante em tocá-la por medo de sobrecarregá-la. Talvez seja muito de uma só vez.

Ela sussurra, pressionando as palavras contra seu pescoço, seus ouvidos, sua boca. *Eu gosto do gosto da sua pele. Você tem cheiro de sabão e grama e mar.* Os dentes dela mordem-no, provocadores, puxando a sua argola no lábio; as mãos dela estão por todo lado.

Então suas próprias mãos tornam-se desesperadas, puxando a camisa dela pelos ombros, tocando sua barriga, seus seios, apertando e querendo memorizar cada curva.

– Forte demais – engasga ela, inspirando como se o ar lhe faltasse. Ele receia que ela esteja tentando esconder que ele a machucou.

– Desculpa, desculpa – diz ele, passando as mãos pelos cabelos. Ele fecha os olhos e os aperta, agradecido pelo formato sólido dessa sensação. Ele não anda em sua bicicleta há dias, não corre, não faz nada, e de repente sente-se como um urso tentando carregar um cristal; seus músculos parecem que vão explodir da pele e partir com essa tensão. Ele se pergunta se é isso o que as pessoas querem dizer com a expressão de que quase ter alguma coisa é pior do que nunca tê-la.

A mão dela desliza por sua bochecha, trêmula de excitação.

– Olha pra mim.

Ele ergue o olhar e vê olhos cor de sangue e da noite e do céu. Vermelho e azul profundo, riscados de anil.

– Você devia… se tocar, se… – Ela sequer pisca. Sequer faz um único daqueles gestos de

garotas tímidas, como enroscar o dedo no cabelo ou cobrir o rosto. Ela apenas espera, observando.

– Você quer dizer…? – Ele consegue sentir as próprias sobrancelhas arqueando até a franja do cabelo. – Me tocar *eu mesmo*?

– É.

E então ela sorri. É aquele doce sorriso acompanhado de covinhas que o mata, o modo como ela parece ao mesmo tempo vulnerável e exigente. É o que faz esse absurdo, a enraizada necessidade de se cobrir, desaparecer.

Ele faz o que ela pede, bruscamente descendo as calças pelos quadris e fechando os olhos apenas quando ela sussurra seu nome. Acontece rápido e de um jeito familiar, e um calor se estende por sua pele enquanto tenta recuperar o fôlego. Mas não era o que ele queria de verdade. Ela está observando-o com olhos turbulentos, sem desgrudarem do seu corpo. E embora eles ardam fascinados, é visível que não era o que ela queria também.

Colin a traz ansioso para debaixo das cobertas com ele, virando-se de lado e puxando-a para ficarem de conchinha. O peso dela muda de pesado para nada, pressionando e retirando-se como vento que bate contra uma vidraça.

Eles dão boa noite um ao outro; e então mais uma vez, sem vontade de se abandonarem.

Ela respira, ele nota. A respiração curta dela harmoniza-se com o ritmo da sua, e ele se acalma no reconfortante padrão. Uma dor meio amarga meio doce, pulsa profundamente em seu peito. E conforme o sono começa a arrastá-lo, ele não consegue lutar contra o medo de que, quanto mais precisar dela, mais impossível será para ela ficar.

Seus olhos se tornam pesados, seus músculos começam a relaxar e ele sente a si mesmo deixando-se escapar.

Colin sonha com Lucy usando seu vestido florido e sandálias brancas, as mãos cruzadas sobre a barriga e lírios por toda a sua volta.

CAPÍTULO 14
Ela

Ela tenta ficar totalmente parada, enquanto ele cai no sono, ouvindo o padrão da respiração dele. Há dias Colin não anda de bicicleta e não se mete em um acidente e se ferra todo, como costumava fazer. Lucy está acostumada a vê-lo sempre se mexendo, quase vibrando com sua vitalidade que mal consegue conter. Mas, agora, conforme o sono se aproxima, ele parece estranhamente quieto. Isso lhe dá a mais pequenina pontada de inquietação, ainda que ela sinta a força e o aperto dos braços dele, e seu peito largo pressionado contra a curva de sua espinha.

Colin respira fundo e murmura alguma coisa antes que seu corpo pareça desinflar, cada vez mais tranquilo e cansado e até mesmo mais quente, de algum modo. Ela sente falta dessa válvula de escape, o abandono físico do sono.

Lucy estava de volta havia mais de dois meses. Sessenta e seis crepúsculos. Essa noite é a primeira vez em que sente a sensação de estar sendo levada para a escuridão. Ela imagina que as pessoas que gostam de dormir também adoram essa parte: a pacífica liberação.

Enquanto relaxa, sente-se como se estivesse de volta à trilha, mas, dessa vez, é apenas em sua mente, e de algum modo diferente. Está debaixo d'água. Bolhas sobem de seus lábios quando solta o ar, e ao levantar os olhos elas se tornam estrelas prateadas num céu violeta. Galhos se erguem para o alto, esticando-se para tocarem cada pontinho de luz. Diante dela está a mesma empoeirada trilha, mas na escuridão ela é de um suave castanho-escuro. A superfície parece coberta numa estranha mistura entre fundo do lago e casca de árvore da terra lá fora.

A trilha não continua para sempre, como às vezes acontece nos sonhos. Ela termina logo adiante, onde não há nenhuma curva ou subida; não há nada. Uma suave escuridão. Nesse mundo, onde meninas fantasmas podem andar e tocar e rir, o escuro não é um abismo assustador. É apenas o outro lado do claro.

Ela continua até não estar mais andando; ela simplesmente se move. Virando à esquerda, depois direita, depois esquerda de novo até que está de volta à trilha, esperando. Por intuição, ela sente se curvar e pressionar-se contra Colin uma vez mais, antes de deixar-se cair dentro do escuro.

CAPÍTULO 15
Ele

Ele nunca passou a noite na casa de uma garota, então talvez haja um estranho sentimento de estar conhecendo o que ele ainda não experimentou. Mas Colin já tinha trazido garotas para o seu quarto e dormido com elas, e em nenhuma dessas noites elas se levantaram e foram embora enquanto ele ainda dormia.

Lucy não está lá quando ele acorda, e mesmo imaginando que provavelmente foi porque estivesse morrendo de tédio, ele se sente um pouco rejeitado.

Da janela do seu quarto, ele observa que nevou em algum momento durante a noite. E muito. O céu está pesado e cinzento, e é quase impossível dizer onde ele termina e o chão começa. Ele solta um gemido ao ver o jardim de Dot. Ele quebrou o braço na véspera do dia em que deveria limpá-lo. Ainda há algumas abóboras espalhadas, e os tomateiros estão definhando, frágeis, quase curvados até o chão sob o volume da neve. Seus frutos esquecidos destacam-se num medonho contraste contra as vinhas cobertas de gelo, como pequenos corações enrugados adornando um manto de brancura.

Ele desce para ajudar a tirar a neve e jogar sal nas passagens por trás da cozinha, perguntando-se o tempo todo se Lucy voltou para o galpão. Ele não entende como alguém tão leve anda na neve densa e molhada. Tenta não imaginar ela presa em algum lugar, afundada depois de ter pisado fundo demais, incapaz de puxar o próprio peso para fora da neve. Provavelmente pela milionésima vez, ele deseja entender quem diabos ela é. A essa altura, ele está suando, mas seus dedos parecem gelo. A coisa que ele está evitando – o medo de Lucy em partir da sua vida tão rapidamente quanto veio – o corrói por dentro.

– Oi, estranho – diz Dot.

– Oi – responde ele, distraidamente.

– Está tudo bem com você hoje, querido? – pergunta ela, enquanto ele bate os pés para tirar a neve das botas. Dot está enterrada em uma das prateleiras mais baixas, escavando um par de panelas grandes.

– Claro.

Dentro da cozinha, Colin abre portas de armários e as fecha mais uma vez. Ele se sente meio em curto-circuito, e uma energia nervosa percorre seus membros. Ele não está escalado para trabalhar hoje, mas estar cercado pela intensa atividade do caos da manhã e pelo falatório de funcionários e estudantes é melhor que o silêncio de seu quarto.

– Você parece um pouco ansioso.

– Eu estou bem.

Ela lhe lança um olhar cético.

Virando-se, ele começa a pôr o pão nas imensas assadeiras industriais.

– Só pensando se devia jogar um pouco mais de sal. – Ele gesticula para a janela, onde o branco cobre a grama e os calçamentos, acortinando cada arbusto e árvore.

– Deixe isso com os jardineiros. – Dot aproxima-se por trás dele e dá palmadinhas gentis em seu ombro para suavizar as palavras. – Você é um doce de rapaz, sabia disso? – diz ela, passando a mão no cabelo dele. – E você está tão mais tranquilo ultimamente. Tem mais de mês que não te vejo na enfermaria.

– Ah, é?

Ele se senta, dando uma mordida em sua torrada. Ele não tinha percebido que fazia tanto tempo. Porque não importa quantas semanas agora, *Lucy* tem sido sua adrenalina.

– Então ou sua bicicleta, skate e caiaque estão todos quebrados, ou você conheceu uma menina nova. – Ela fica pairando por um momento antes de se afastar, mas Colin não se incomoda em responder. Agora que ele sabe a verdade, pergunta-se como Dot reagiria se o visse com Lucy.

Se ela sequer *veria* Lucy.

Enquanto ela segue com sua rotina matinal, ele escuta o guincho familiar dos seus sapatos sobre os azulejos, enquanto fica empurrando a comida no prato. Se ele não tomasse café da manhã, Dot iria mandar trazer a cavalaria. Mas cada mordida parece cola dura instalando-se dentro dele.

Tão logo termina, pensamentos de fazer qualquer outra coisa que não encontrar Lucy são lançados para fora da janela. Talvez seja verdade que ela veio para este mundo por causa dele, mas também é verdade agora que ele sente uma estranha mudança na composição do céu, como se uma garota tão leve arrastasse consigo toda a atmosfera ao ir embora do seu quarto no meio da noite.

A primeira coisa que Colin nota quando chega ao campo em volta do galpão de Lucy é que a neve está intacta. Ele diz a si mesmo que tudo bem. Ele sequer sabe se Lucy teria pegadas, mas de algum modo sente que ela não voltou.

Ele está arfando quando chega ao galpão e irrompe pela porta. Os cobertores em cima do velho colchão de ar estão lisos e intocados. O livro de Lucy repousa imperturbável sobre a mesa, um pedaço seco de lavanda marcando a página.



Ele está alucinado de adrenalina e, antes que perceba, está segurando no corrimão e galgando os degraus do Ethan Hall. O sino já tocou, os corredores estão vazios, e um estranho sentimento de *déjà vu* passa por ele.

Ele olha em todas as salas do primeiro andar antes de se dirigir ao segundo. Na livraria, checa a pequena alcova perto do armário de depósito, na qual ela gosta de se refugiar e esperá-lo terminar o trabalho.

Ela não está lá.

Colin checa os banheiros do segundo andar, espiando dentro de cada sala por onde passa, do refeitório e até mesmo do armário do zelador. Nada.

Ele manda uma mensagem para Jay pedindo que o encontre perto do auditório. Jay vem assoviando pelo corredor, mas, tão logo vê Colin, sua expressão fica séria.

– Uou. O que aconteceu?

– Você viu a Lucy?

– Não, desde ontem.

Colin pressiona a testa contra a janela.

– Col, o que…

– Ela se foi. – Sua voz soa tão oca e estranha, como se pertencesse a outra pessoa, e sua respiração condensa no vidro diante dele. – Ela estava comigo ontem à noite, e quando acordei… ela tinha ido.

– Relaxa. Ela deve estar com…

– Ela não tem mais ninguém.

Ele encara os olhos de Jay, esperando, desejando que ele entenda o que ele está dizendo sem necessariamente ter de dizê-lo.

– Parece que está rolando um clima entre a gente – diz Jay, tentando suavizar o sofrimento de Colin. Funciona, e ele quase sorri. Depois, sério mais uma vez, Jay acrescenta: – Ela é uma garota meio excêntrica, né?

– Ahn, é.

– Beleza, cara. Vamos atrás da sua Lucy.



Mas eles não a encontram.

Quando eles se arrastam cansados para a trilha, Jay não diz uma palavra. Quando dão a volta em todo o lago, ele segue no encalço de Colin. Quando cortam pelo campo coberto de neve e pisam no galpão para encontrá-lo vazio, ele nada pergunta a Colin.

Lucy não voltou naquela noite.

E quando Colin falta à escola na manhã seguinte para esperá-la no galpão, ela também não aparece.

Durante dez dias ele procura. Ele frequenta as aulas, trabalha quando é seu turno, consegue descobrir a trilha na qual ela despertou, esperando que ela esteja lá mais uma vez. Talvez ela venha em sua direção, vestindo suas botas fodonas e um uniforme roubado grande demais para ela.

Ele considera a ideia de contar a alguém que ela desapareceu, mas então percebe que não há ninguém a quem contar. Ninguém sequer nota que a garota bonita de olhos inquietos e cabelos cor de neve desapareceu.

Por fim, ele não consegue suportar o dormitório, a escola, o galpão, nada disso. Cada uma das paredes está impressa com a forma, a sombra delgada dela. Ele irrompe pelos terrenos em sua velocidade única, espirrando neve e água pelo calçamento enquanto parte.

Pernas pedalando, coração disparado, sangue tão tão tão quente nas pernas, no peito, as mãos apertando com tanta força que ele consegue sentir a dor pulsando pelo braço recém-curado.

Ele salta de meios-fios e caminhões, vagões de trem e cabos ferroviários. Pedala sobre uma ponte de corda congelada na qual ele nunca antes tinha conseguido se equilibrar, juntamente

com um estreito trilho de trem, e escorrega só duas vezes. O som do trem rugindo pelos trilhos, cada vez mais perto, apenas o faz ver mais claramente, respirar mais livremente. Sentir-se *vivo*. Ele faz piruetas que não devia. Pedala até que suas partes de fora fiquem tão maltratadas quanto as de dentro.

Ele tenta fingir que não a está procurando em cada sombra. Decide que não importa. Que nada importa. A morte espreita em carros, em prédios silenciosos de escolas e sob a terra congelada. A morte encontra-se em todos os lados, mas sua fantasma se foi.

Quando ele faz o caminho de volta até seu quarto na calada da noite, está machucado e coberto de arranhões. Ele suspeita que uma de suas costelas possa estar quebrada; mas ele está vivo e Lucy é apenas uma memória.

CAPÍTULO 16
Ela

Lucy paira no limiar de um sonho quando o ar parece de repente se alterar à sua volta. Por trás de seus olhos estava maravilhosamente escuro, mas é tão fácil levantar as cortinas, deixar a fraca luz do sol rastejar para dentro do quarto. Colin está lá, dormindo e aquecido. De algum modo, durante a noite, os dois trocaram de lugar. Ela está atrás dele, com os braços em torno das suas costas.

– Você vai trabalhar no café da manhã? – Ela lança um olhar para o relógio. Já são sete horas. Você vai se atrasar.

Ele se vira tão rápido na cama que a faz estremecer, os olhos cheios de horror e alívio. E raiva.

– Lucy.

Raiva?

Ele a segura, puxando-a para ele tão rápido que ela perde o fôlego enquanto ele espreme o rosto na curva do seu pescoço. Ela fecha os olhos, e a rápida batida do coração dele entra dentro dela, fazendo vibrar seu peito silencioso e vazio, e ela se sente tão completa, quase inflada. Ele produz um som de frustração, quase um uivo, como se não conseguisse apertá-la forte o suficiente, não conseguisse envolver o suficiente de si mesmo em torno dela. Ela ri e o faz deitar-se de costas, ficando por cima dele, mas, quando baixa os olhos, percebe que ele não está rindo.

– O que foi? O que aconteceu com você? – Ela toca um arranhão na testa dele, vê um machucado feio no queixo. Eles não estavam lá antes.

Ele senta-se abruptamente e ela escorrega do colo dele para o pé da cama, aterrissando distante. A raiva dele está maior agora. Há mais fogo que afeição em seus olhos de avelã.

– Onde você esteve?

– Do que você está falando? – pergunta ela, aproximando-se dele mais uma vez. – Você estava dormindo. A noite passada foi… – Ela para, aterrorizada agora com a ideia de tudo ter sido apenas um sonho estranho e sombrio. – Noite passada você me tocou e… eu pensei…

– Noite passada? *Noite passada*, Lucy? Noite passada você não estava aqui. Você está desaparecida há quase duas semanas.

Ela sente dedos gelados deslizarem por dentro do seu peito e enrolarem-se em torno de onde seu coração costumava bater.

– O quê?

Só temos que esperar você desaparecer.

Graças a Deus, a maioria desaparece.

– Onde você esteve todo esse tempo?

Agora ela percebe as sutis mudanças que acontecem com os vivos em alguns poucos dias: o cabelo dele está um pouquinho maior. Um corte no cotovelo estava curado, e outros novos cercavam a marca que estava desaparecendo.

– Eu não sabia que tinha desaparecido!

Ele puxa os próprios cabelos com força antes de se erguer e caminhar até o guarda-roupa. Ele está usando uma cueca diferente e começa a vestir roupas como se não quisesse ser visto. Uma camisa amassada e um casaco. A gravata da escola deixada frouxa em torno do mesmo pescoço que ela um dia tinha beijado. Camada por camada que a separam dele.

– Lucy, eu te vi há dez dias. Era dia sete de dezembro, hoje é dia *dezessete*.

Seu estômago cai num abismo.

– Não entendo – diz ela.

– Eu te procurei na escola, na trilha, no galpão… – Ele para e aperta as juntas da mão contra o peito com força, como se doesse do mesmo modo como doeu. – Num momento, você está aqui, e no seguinte, você simplesmente desapareceu. Aonde você foi?

Ele dá um passo adiante e então recua, fechando um punho. Ele parece dividido entre querer ficar junto dela e querer dar um soco na parede.

– Você dormiu. E, pela primeira vez, eu consegui fechar os olhos e sonhar… Não pareceu tanto tempo assim. Eu… vi uma trilha escura debaixo d'água. Eu caminhei até o fim dela, estava escuro lá e… calmo. E então eu acordei. Agora mesmo…

– Bom – diz ele, pegando alguma coisa do canto do quarto e depositando-a em cima da cama. As roupas dela, daquela noite. Ela não tinha nem percebido que não estava usando nada exceto calcinha. Ela cruza os braços sobre o peito nu, de repente autoconsciente. Ela o vê recuar, mas ele diz: – Fico feliz que tenha curtido bastante a tranquilidade da supertrilha debaixo d'água. Eu estava surtando, pensando que nunca mais te veria de novo.

– Colin, eu sin…

– Tenho que ir pra aula.

A caminhada pelo campus é torturante. Ele não vai falar, não vai olhar para ela. Pior ainda, não vai tocá-la.

Ela tenta se aproximar, hesitantemente colocando a mão sobre a dele, e ele a afasta, como se estivesse surpreso mais uma vez com a sensação. Ela esperava que seu toque fosse familiar, até mesmo reconfortante. Mas talvez o constante formigamento da sensação o faça recordar apenas o quão inconstante ela é.

– Não fazia ideia que eu iria desaparecer.

Os passos dela diminuem, depois vacilam, aumentando o espaço entre eles. De alguma maneira, ela sente a necessidade de bater o dedo nessa tecla.

Ele suspira lentamente antes de parar, virando-se para encará-la.

– Eu sei.

É assim que términos acontecem? Alguém desaparece, literal ou metaforicamente, e o ritmo se arruína para sempre?

– Eu ficaria muito mal se acontecesse o contrário – diz ela.

Ele ameaça se aproximar, mas então passa a mão pelo cabelo.

– Eu não estou querendo ser um idiota. Eu pensei de verdade que você tinha ido embora para sempre. Eu só estou muito surtado.

Aparentemente, não vai haver nenhum toque reconfortante nessa reconciliação, e essa ideia a esmaga de tristeza. Ela odeia não ter respostas. Ela morreu, voltou e deseja estar perto dele com cada partícula de seu estranho corpo. E ainda assim, não há absolutamente sentido algum em nada disso.

– Eu estou aqui – diz ela, em vão.

As sobrancelhas dele se juntam e os olhos escurecem.

– Por quanto tempo? Quer dizer, como podemos saber?

Dando de ombros, ela olha para trás dele, na direção das árvores enraizadas tão firmemente no chão congelado, dos prédios que estão lá há mais de um século. Fantasmas têm assombrado o mundo desde o início dos tempos, e de repente, ela é tomada pelo desejo de saber como fazer as coisas direito.

CAPÍTULO 17
Ele

– Então ela simplesmente… voltou? Tipo, sem explicar onde estava? – Jay espreguiçou-se na cama, folheando uma velha revista que achou debaixo do travesseiro. Colin não se aproxima muito.

– É. É meio que… – Seus olhos fitam o teto. – Complicado.

– Complicado. Cara, você está falando com o cara que conseguiu se relacionar com duas garotas ao mesmo tempo sem se dar mal. Acho que consigo acompanhar.

– Jay, não é brincadeira.

Com um suspiro entediado, Jay se senta, joga os pés para o lado da cama e encara Colin.

– Olha, eu sei que não é brincadeira, ok? E eu entendo que Lucy seja… diferente das outras. Eu nunca te vi tão envolvido assim – diz ele, erguendo uma única sobrancelha para dar ênfase. – Só quero saber se você está bem.

– Eu estou – diz Colin.

Soa como mentira, até mesmo para ele. Se estivesse bem, ele teria dito tudo a Lucy, inclusive sobre seu papel na prisão do assassino dela. Que ele foi a última pessoa a vê-la viva e não conseguiu salvá-la. Uma fração supersticiosa sua sente que ele precisa guardar algum detalhe, como se soltar toda a verdade fosse desamarrar o nó que prendia o balão à terra, e ele ficasse só observando-o ser levado pelo vento.

– E se ela… tipo, e se ela saiu pra curtir e beber?

– Ela não saiu.

– Ou, sei lá, Col. Tipo, foi pra casa de um ex-namorado em Portland durante uma semana. Eu não estava brincando quando a chamei de misteriosa. Literalmente ninguém aqui a conhece, exceto você e eu. Se eu disser "A Lucy que anda com o Colin", levaria cinco minutos pra qualquer um se lembrar até mesmo de como ela se parece.

Colin o encara, tentando perfurar um buraco na testa de Jay.

– Eu consigo lidar com isso.

– Tem certeza? Porque quando ela desapareceu, você estava surtando. Eu sei que você perdeu toda a sua família, mas eu nunca te vi desse jeito antes. Você não falou comigo, ou com a Dot, nem com o Joe. Quando foi a última vez que você falou com o Joe? – Colin nada responde, Jay prossegue. – E… e se isso acontecer de novo? Você vai ficar bem também?

Colin empurra a cadeira para trás afastando-se da mesa e esfrega o rosto com as mãos. A resposta para isso é um enorme, inequívoco "NÃO", mas não há maneira de dizer isso a Jay.

– Estamos resolvendo isso entre nós dois. Não vai acontecer de novo. Estamos numa boa – diz Colin.

Esse é um daqueles momentos que definem por que eles são amigos. Jay sabe que Colin está

mentindo na cara dura, mas sabe também que esse é o único modo de o amigo ficar firme.

– Viu, é por isso que eu não tenho "relacionamentos" – Jay faz sinais de aspas com os dedos, e Colin revira os olhos.

– Com certeza.

– Beleza, então – diz Jay. – Onde está a evasiva e mágica garota-fantasma, então?

Colin ergue rápido a cabeça e o olha boquiaberto – o chute de Jay passou muito perto! Ele está mascando chiclete e folheando a revista mais uma vez. Sem pistas.

– Ela vai chegar a qualquer momento.

Colin fecha o livro de matemática e olha para o relógio, tentando não parecer tão cansado quanto está se sentindo.

Jay se levanta e ajeita seu boné de beisebol, vai até a janela e volta, antes de retornar ao lugar na beirada da cama. Ele está tão ansioso quanto Colin para sair.

– A gente realmente não pode sair até ela chegar? Que tédio.

Colin balança a cabeça.

– Eu quero que ela venha com a gente.

A noite anterior à volta de Lucy, a noite em que ele quase rolou pelo chão pedalando, foi a primeira vez em dias que Colin se sentiu são, como se tivesse subjugado sua ansiedade. Algumas das coisas que ele e Jay fazem são mesmo um pouco loucas e muito perigosas, mas, na bicicleta ou no skate, chega uma hora em que tudo fica borrado nas beiradas até ele se concentrar num só pensamento: *respirar*. Quanto mais radical, mais a salvo se sente. É um paradoxo com o qual ele consegue viver. Mas agora ele só quer Lucy por perto.

– Que bom que a Lucy é legal, senão eu não teria escolha a não ser chutar o traseiro dela – diz Jay. – Então, pra onde vamos? Arranjaram um lugar muito louco pra saltar nos trilhos, mas na semana passada estava cheio de *posers*, então sem chance.

Colin brinca com os cadarços do seu tênis, lembrando-se da noite no lago com Lucy, das pernas balançando, imersas até os joelhos na água congelada. Além da área perto do grande carvalho, ela parece gostar de água – a lagoa, o lago, o sonho maluco sobre a escuridão debaixo d'água.

– Eu acho que o lago está congelado. Sem chances de ter mais gente agora. Vamos fazer umas manobras lá?

Jay assente e sai para dar umas voltas de bicicleta, enquanto Colin procura algo mais quente para vestir entre pilhas de roupas limpas.

Lucy se materializa à porta do quarto, usando um novo uniforme roubado. Essa versão tem aquelas cordinhas feiosas de marinheiro, provavelmente por isso foi fácil para ela encontrá-lo e roubá-lo: dificilmente alguma garota usa aquilo. Mas suas botas pretas estão amarradas quase até os joelhos, e seu cabelo empilha-se sobre a cabeça num amontoado de desordem, preso com uma brilhante fita vermelha. Ele não faz ideia de onde ela a encontrou, mas ela parece uma roqueira tentando ficar mais certinha. Ele ainda não consegue deixar de se sentir aliviado por vê-la. A estranheza de ter uma namorada que ele mal pode beijar parece tão sem importância em comparação ao alívio que sente em tê-la de volta.

– Não é necessariamente o traje padrão – diz ele, puxando para baixo a camisa Oxford branca que ela amarrou na parte inferior das costas, zombando do ar frio ao redor.

A boca dela se curva num sorriso provocador.

– A administração pode ficar à vontade para notar e me expulsar não oficialmente.

Ele ri. Lucy tem se escondido pelo campus por mais de dois meses – menos dez dias de desaparecimento inexplicável – e nenhum professor realmente se dá ao trabalho de questionar sua presença, sem falar de suas botas, certamente fora das regras.

Ela lança um olhar para o tênis pendurado em sua mão livre.

– Para onde vamos?

– Para o seu lugar favorito: o lago.

– Claro. Para… andar de bicicleta? – Ela parece cética.

Sorrindo, ele puxa-a consigo ao se virar para sair.

– Confie em mim, vai ser divertido.

CAPÍTULO 18
Ela

Há semanas Lucy não voltava para o lago; não desde o dia em que Colin caminhou com ela por toda a trilha à sua margem e ela descobriu o que agora sabe ser o local de seu assassinato.

Então, enquanto Colin e Jay preparam suas bicicletas, ela sai para vaguear, tomando tempo para observar de verdade ao redor. O inverno cravou suas garras nesta parte do mundo, e tudo parece ao mesmo tempo mais estéril e também suave. A neve cobre tudo, os galhos das árvores são suavizados pelo branco e azul refletidos da água congelada. Em sua lembrança, as folhas de outono são chamas, e seu despertar desorientado é um inferno que ficou no passado.

Ela encontra o lugar onde aterrissou, e por algum motivo fica surpresa por não haver nenhum rastro. Não há nenhum formato de garota na terra, nenhum contorno de corpo com um giz. Ela caiu, ela está aqui, e é hora de seguir em frente.

Dirigindo-se de volta para o lago, ela avista Jay e Colin sobre o gelo, pedalando cheios de energia.

– Espera – diz ela. – Vocês vão andar *em cima* do lago?

– Sim. Está congelado – diz Colin, pulando com a bicicleta. Os pneus guincham no gelo como se concordassem. – Sólido.

– Vocês estão *loucos*?

– Com certeza – grita Jay, mais afastado.

Antes que ela possa responder, Colin está com a mão erguida, pacificando.

– Não, não, é sério, é seguro. Tem pelo menos uns oito centímetros de espessura, e a gente faz isso sempre.

Ele claramente espera que ela fique horrorizada – qualquer pessoa *deveria* ficar horrorizada ao escutar isso –, mas Lucy não está. Está apenas curiosa. Oito centímetros de espessura não parece muito, e ela se entrega à estranha energia vital que de repente irrompe por ela. Quase acredita que, se baixasse o olhar, veria sangue vermelho engrossando por suas novas veias sólidas. Sentada num monte de neve à margem do lago, Lucy assiste aos dois garotos traçando cobras com o pneu na fina camada de neve derrapante.

Ela nunca viu Colin assim antes. Ela adora como ele parece solto, como deixa a bicicleta ser dura enquanto ele prefere ser flexível, adaptando-se aos movimentos dela, deslizando sobre os pedais e inclinando-se na força de cada virada brusca. Ele escreve o nome dela na camada de neve sobre o gelo, e salta de uma suave barragem apoiado no pneu da frente, aterrissando agachado sobre os pedais.

– Quer tentar? – grita ele.

Balançando a cabeça rapidamente, ela responde:

– Não, estou bem.

Ele ri e freia perto dela, cuidadosamente beijando sua bochecha. Ele a mira, como se estivesse surpreso. É diferente aqui, onde está nevando e o ar está pesado com água prestes a se solidificar. Ela pressiona os dedos contra a pele enquanto ele se afasta, apertando a lembrança e a sensação do beijo mais para dentro.

Jay leva um tempo fazendo uma rampa de neve, e eles revezam saltos nela. O gelo range quando eles aterrissam onde os rastros dos pneus marcaram a neve, e eles instintivamente mudam seus saltos de direção, para evitar o ponto.

Apesar do cuidado e da visível habilidade deles, ela baixa os olhos, de repente incapaz de olhar. Em vez disso, concentra-se no modo como sua pele parece tilintar sob a estranha luz azul. Pequenos cristais de gelo pousam em seu braço e então afundam, tornando-se parte dela. Colin aproxima-se e a beija de novo, soltando uma baforada de vapor em seu rosto, que desaparece em sua bochecha.

– Tudo pronto para o salto – berra Jay do meio do lago.

Colin se afasta de ré antes de virar e descer veloz até subir na rampa. Ele voa pelo ar, seu torso vira e revira, e por um momento apenas ela pode ver seus olhos quase eufóricos, pode imaginar como seria vê-lo fazer essa cara mais perto da sua própria. Os braços dele se flexionam e as mãos apertam os guidões enquanto ele se recupera e pousa. Soltando um audível "U-huuu!", ele dá meia-volta enquanto Jay salta. Eles saltam da rampa repetidas vezes, e a cada vez seus saltos são mais audaciosos, suas aterrisagens, mais sólidas, e suas bochechas brilham mais vermelhas no ar gelado.

– Estou morrendo de fome – grita Jay, pedalando até a beira do lago e tirando o celular do bolso para checar a hora.

– Você está sempre morrendo de fome. Mais dez minutos – Colin pedala na direção de Lucy. – Está entediada?

Tão logo ela balança a cabeça, ele dispara de novo. Mas, dessa vez, no que deve ser seu vigésimo salto, Lucy percebe imediatamente que ele está torto – muito para a direita – e, quando aterrissa, o gelo se parte num estalo ensurdecedor.

A água, azul e gelada de doer, sobe em bolhas pela superfície. Colin desliza para baixo como se derretesse no lago; não houve sequer um instante para se agarrar em qualquer coisa exceto nos guidões da bicicleta. Tudo acontece tão rápido, mas a longa pausa que se segue depois que ele desaparece parece durar um ano, e jamais o mundo esteve mais silencioso.

Ele se foi. Debaixo da neve e do gelo. Lucy está gritando e Jay está gritando, mergulhando os braços dentro d'água, tentando desesperadamente alcançar Colin. O primeiro pensamento lhe surge como uma sombra: se ele morrer, poderá encontrá-la?

– Colin! – grita Jay, deitando-se de bruços sobre o gelo e inclinando-se sobre o buraco rachado. Ele mergulha o braço de novo e de novo, procurando qualquer parte de um corpo. O gelo sobre o qual ele se apoia range e racha, e ele gira rápido, arrastando-se. Colin de repente aparece, esmurrando a superfície sólida. Jay tenta segurar sua mão, mas não consegue alcançá-lo.

– *Segura ele!* – grita Lucy, da beira do lago. – Jay, tire-o daí! Tire-o! Tire-o!

Jay dá uma investida, mas Colin está longe demais, agora movendo-se sob o gelo na direção errada. Lucy empurra-o para o lado e mergulha sem pensar, mas a água a traz para a superfície, fazendo-a vir à tona em vão. Ela não tem força contra o peso da água que a pressiona. Colin cai inconsciente, o rosto estranhamente azul enquanto começa a afundar. Já

parece estar congelado.

Num ímpeto de força selvagem, ela mergulha o braço para agarrar a mão dele, trazendo seu braço perto o suficiente para que Jay possa segurá-lo. Ele está gritando tantas palavras para ela enquanto arrasta Colin para longe da água, mas ela não escuta nada porque já está de pé correndo atrás de ajuda.

Ela desce correndo a trilha, gritando o mais alto que pode e decidida a ir direto para a cozinha ou para a casa de Joe ou para algum lugar que alguém possa ajudar. Ela cai na neve e se levanta mais uma vez, com as roupas pesadas de água, que rapidamente congela. Seus membros estão movidos pelo terror.

– Lucy?

Só pode ser uma alucinação. Na voz dele, ela escuta alívio. Mas isso é impossível, pois ela acabou de deixá-lo inconsciente e congelado e morrendo no lago.

– Lucy, *para*!

Virando-se rápida, ela vê Colin correndo atrás dela pela trilha. De algum modo, ele consegue ao mesmo tempo sorrir e se desculpar com os olhos.

– Para – diz ele. – Por favor.

Ela não consegue ver através dele, ele não desaparece se ela abrir e fechar os olhos. Ele está ali, dizendo seu nome mais uma vez e esperando-a responder, com as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo.

O alívio a inunda tão rapidamente que ela se engasga com as palavras, incapaz de falar. Tudo que ela consegue fazer é se virar e correr, lançando seu corpo inteiro contra o dele. Ele a segura, e se antes sempre foi duro e sólido demais, agora está apenas quente e perfeito. Os braços dele envolvem-na por trás, puxando-a para ele, e ele aperta o rosto contra seu pescoço. Não está quente demais, não está demais. É apenas Colin e os contornos dos seus olhos e lábios e nariz e queixo contra sua pele. Ela sente-o beijando-a, sente a boca dele aberta sobre seu pescoço, os lábios dele saboreando sua pele antes de ele sussurrar:

– Oi.

Estranho, mas perfeito. Eles parecem *iguais*.

Ela deseja gritar palavras de alívio aos sete ventos. Sua pergunta sai estridente: “Como você conseguiu sair?”. A voz desaparecendo, esganiçada no final.

Colin se curva silencioso e beija o ponto onde o pescoço dela cai num declive para o ombro.

– Onde a gente está? – sussurra ele, a voz pesada com assombro. – É sempre assim pra você?

– Onde o Jay está? – pergunta ela, olhando a trilha atrás dele. Gritos abafados vêm do lago, e Lucy percebe com pesada clareza que Jay está lá, em pânico.

Mas Colin está aqui. *Seco*.

A compreensão é filtrada por sua mente, densa e lentamente. A pele dele é como a sua, e é quente, macia e familiar. Não está congelada. Olhando atrás dele, descendo a trilha e atrás do corpo agachado de Jay, Lucy consegue enxergar o topo da cabeça encharcada de Colin e uma única mão imóvel sobre o gelo.

Ela é inundada por pânico e confusão.

– Oi – diz ela, puxando-o pelos cabelos para que ele encontre os olhos dela. E então ela finalmente vê o que ele vê ao olhar para ela: suas íris são um redemoinho em línguas de fogo.

O que antes era um âmbar-amarelo escuro, mel pontilhado de ouro, agora é lava derretida. Ele sente medo, excitação e esperança.

E ela também consegue perceber que ele sabe que tem algo errado. Ele sabe e não se importa.

– Só me toque. – Ele sacode a cabeça, olhando ao redor como se pego dentro de um mundo inteiramente diferente. – Só finja que está tudo bem.

Ela assente, erguendo-se na ponta dos pés para beijá-lo. Os lábios se encontram, línguas se tocam, e então se aprofundam, finalmente. O calor e a umidade de um beijo de verdade, o sabor vibrante dos sons da boca dele, e a fome voraz de Colin finalmente podendo ser saciada. Ele fica fora de si, e um formigamento se espalha tomando conta da pele dela, labaredas descendo pelo seu pescoço e cruzando seu peito. Ela sente o calor pulsando até as extremidades do seu corpo. E, ainda assim, enquanto os olhos dele estão fechados, os olhos dela não conseguem. Ela está simplesmente fascinada pelo que está acontecendo. Ele solta o ar pelo nariz e deixa escapar um som de anseio tão cansado e choroso que ela crava os dedos no cabelo dele, envolvendo-o com tudo o que pode de si mesma.

Mas não é o suficiente; ela não é forte o suficiente para segurá-lo ainda.

De algum modo, um momento antes, ela pressentiu. Um pequeno puxão pelas costas dele, o impacto da vida sendo-lhe forçada de volta. Ou de ele sendo forçado de volta à vida. E então ele desaparece, sendo sugado, rodopiando pelo ar, engasgando e sem ar, puxado por um laço invisível amarrado ao peito. Lucy é deixada sozinha na trilha onde, por um doloroso e perfeito momento, ele foi exatamente como ela.

CAPÍTULO 19
Ele

A princípio, a mudança é lenta: o silêncio é quebrado a intervalos regulares por um bip. A escuridão abre espaço para a luz. O entorpecimento se torna dor.

Ele está em algum ponto entre acordado e dormindo. Ou, talvez, vivo e morto.

Colin sempre pensou que morrer seria a parte difícil. Mas sentir a vida sendo filtrada de volta para dentro do corpo é uma dor diferente de tudo o que já conheceu.

Queima. As pontas dos dedos parecem pesadas como chumbo, vermelhas de calor. Cada centímetro de sua pele pinica e pulsa; a dor é tão intensa que ele consegue escutá-la, como se ele estivesse pegando fogo e as chamas lambessem e cutucassem seus ouvidos.

Será que está sonhando? Somente um sonho poderia tirá-lo do paraíso e trazê-lo para o inferno em instantes, deixando-o com vontade de desistir de tudo para poder ter aquilo de novo. Ele não estava em outro lugar apenas segundos atrás? Um lugar ao mesmo tempo muito brilhante e muito escuro, um mundo feito de prismas de cores distorcendo-se num ritmo próprio, como se tudo à sua volta pulsasse com energia. Por um instante, ele se lembra da sua pele arrepiando-se toda com a antecipação mais intensa que já sentiu.

Um rosto flutua no espaço vazio entre suas lembranças. Lábios frios tornam-se quentes ao toque dos lábios dele, e as cores giram em um mosaico de tonalidades que contam uma história da qual ele deseja se lembrar. Ele finalmente conseguiu tocá-la. Foi como um turbilhão de adrenalina, diferente de tudo que ele jamais experimentou.

Se dormir de novo, talvez ele volte. Talvez ela esteja lá também.

Vozes penetram no silêncio e ele abre os olhos, piscando contra uma luz tênue. Duras paredes o cercam, e rastros do cheiro nauseante de antisséptico e café perduram no ar parado. Tudo à sua volta parece sem vida.

A enfermaria.

Ele flexiona as mãos, mas elas se movem em espasmos. Seus dedos estão duros e adormecidos, como engrenagens enferrujadas. Colin tenta se sentar, mas rapidamente percebe que é uma má ideia. O quarto gira e retorce na frente dele, e ele cai de costas sobre o travesseiro macio demais, acertando a cabeça no encosto da cama. Tubos e fios enroscam-se em torno de seus braços, e cada tentativa de respirar dói mais que a anterior. Parece que está inalando gás propano, exalando fogo; ainda assim, está tremendo de frio.

Uma garota do lado de fora do quarto está pedindo para vê-lo. Ele reconhece seu próprio nome e vira a cabeça na direção da voz familiar. Seus lábios conhecem a forma do nome dela, mas, quando tenta dizê-lo, não produz som.

– Prometo que não vou ficar mais que alguns minutos – diz ela.

– Eu já disse, não posso deixar você entrar. – A voz da outra mulher é familiar, mas, se

antes era doce, agora é amarga.

– Eu não vou embora – diz a garota, decidida. – Por favor, diga a ele que Lucy está aqui.

Lucy. Cabelos loiros e olhos de redemoinho. O lago. O gelo. Frio como nunca experimentou. O medo de estar morrendo e depois aqueles breves momentos, quando não se importou com isso.

– Você acha que eu não sei o que você é? – As vozes estão mais íntimas agora, num tom mais baixo. – De jeito nenhum eu vou deixar você chegar perto daquele doce rapaz.

O silêncio do lado de fora do quarto se estende, fazendo o ar ao redor dele parecer ainda mais estagnado. Ele abre a boca e solta o nome de Lucy, baixo demais para que qualquer um pudesse ouvir.

– Você sabe dos outros? Onde eles estão? – pergunta ela.

– Se é que existe mais um aqui, você já é o bastante. Você vai partir o coração daquele garoto. Ou pior.

Maggie. Colin lembra-se do nome da enfermeira, e tudo retorna numa sequência de imagens e sons: quantas vezes ele esteve nessa cama, quantas vezes Maggie consertou seu ombro deslocado, deu-lhe pontos, deu-lhe tudo entre aspirina e morfina.

– Por favor – diz Lucy. – Só um minuto. Eu prometo que não vou ficar muito…

– Olha – diz Maggie, mais gentilmente. – Nada de bom pode sair disso. Deixe o garoto em paz. Vá assombrar outro lugar.

Assombrar.

A porta se escancara e Maggie entra sozinha. Sua sombra alta move-se inclinada na parede enquanto ela caminha até a cama. Atrás dela, Lucy está no corredor, e encontra seu olhar.

– Oi – ela acena.

Ele ergue o braço alguns centímetros acima da cama para acenar de volta. A pele de Lucy é pálida e quase brilha sob a luz artificial. Ela não parece real. O monitor registra o aumento da sua frequência cardíaca quando ele percebe que, pela primeira vez, Lucy parece *exatamente* o que ela é.

Com mais um sorriso cheio de desculpas, ela desaparece pelo corredor.

– Olha só quem acordou.

Colin volta sua atenção para Maggie, enquanto ela começa a ajustar os tubos e checar os monitores. Ele quer perguntar a ela o que aconteceu com Lucy, como ela sabe que Lucy é um fantasma, e o que quis dizer com "assombrar outro lugar". Ele quer perguntar se foi alucinação sua o mundo de luz e sombra, o fogo prateado do toque de Lucy. Seu coração aperta dolorosamente ante a ideia de não ter sido real. Mas, quando se depara com os olhos de Maggie, ele percebe que ela está esperando-o dizer alguma coisa.

– Desculpa, o que foi? – pergunta ele.

– Eu perguntei como está a dor, meu bem.

Ele estica os braços. Doem. Sua cabeça dói. Suas pernas doem.

– Estou um pouco destruído – ele diz.

– Você pode me dar um número? – Ela aponta para uma fileira de desenhos de rostos num cartaz, que vão entre sorrindo e chorando, com uma pontuação abaixo de cada um.

– Hum… Oito? – Sua pele grita *dez*. Parece estar descascando, da ponta dos dedos até o torso.

Assentindo, ela pressiona os conteúdos de uma seringa para dentro da sua veia.

– Foi o que pensei.

Colin observa o líquido transparente desaparecer em seu braço. Ele se lembra do frio que queimava, das cores, da garota.

– O que é isso que você me deu? – pergunta ele. O que quer que seja, ele quer mais.

– Não se preocupe, meu anjo. É fentanil. Você estava gritando quando chegou. Devia ter te levado para o hospital.

– Você pode me deixar vê-la? A Lucy?

Ele se pergunta se está imaginando a maneira como ela parece endurecer.

– Você precisa descansar agora, meu doce. O Joe foi pegar o jantar e logo estará de volta.

Ele não fica acordado tempo o suficiente para ver Maggie sair do quarto.



Abrir os olhos parece mais desafiador do que levantar um carro. O peso do sono é inacreditável, e é apenas o som de Joe entrando no quarto acompanhado de Maggie que convence Colin a lutar contra a força que o puxava de volta para o sono e para as memórias de Lucy e seu mundo luminoso.

Joe lhe conta o que ele já lembrou: ele caiu dentro do lago, e a temperatura baixa fez o ritmo do seu coração cair. Por sorte, a exposição foi mínima e, por ele ser bastante jovem e saudável, não terá danos permanentes.

Aparentemente, a história do acidente se espalhou pelo campus e alguns dos estudantes mais corajosos se aventuraram no gelo para ver a cena do crime com os próprios olhos. O falatório confuso de Joe cessa quando Dot entra no quarto, indo direto ao ponto. Colin está na cama, com cortes e ferimentos cobrindo praticamente tudo o que não está sob o vestido de algodão do hospital. Joe está falando sem parar, tentando não gritar. Os monitores estão apitando em intervalos sobre um carrinho perto da cama.

– Colin! – É tudo o que ela diz.

– Oi, chefe.

– Dot vai ficar até a hora que você dormir à noite. Tudo bem? – A testa de Joe se espreme em centenas de rugas e, pela primeira vez na vida, ocorre a Colin que o homem que ficou de cama pela primeira vez ao cair da varanda pode morrer de verdade tendo um ataque cardíaco por causa da travessura de um moleque como ele. – Eu preciso voltar e me certificar de que os estudantes estão longe do lago.

O estômago de Colin se contrai culpado.

– Ok – murmura ele.

Num gesto atípico de demonstração de afeto, Joe se curva e o beija na testa.

– Que bom que você está bem.

Ele se vira e sai, com seu velho casaco azul dobrado cuidadosamente sobre o braço. Assim que Joe sai pela porta, Colin olha para Dot.

– Onde está minha bike? – pergunta ele, mas sua voz esvanece nas duas últimas palavras.

– Imagino que perdida no lago – responde ela, dando palmadinhas gentis em seu braço. Qualquer outra pessoa viria cheia de “eu bem que te avisei”, mas, em vez disso, ele pode ver

o pedido de desculpas em toda a expressão no rosto dela. Ele está na enfermaria, sofrendo os efeitos de uma hipotermia por ter resolvido passear de bicicleta sobre um lago em dezembro – obviamente um lugar aonde não deveria ter ido. Ele não vai poder trabalhar por sabe-se lá quanto tempo. Mas Dot entende como lhe dói perder sua bicicleta preferida.

– Eu sei que não nos falamos há algumas semanas, mas você me diria se tivesse alguma coisa errada, né? Alguém te fazendo fazer manobras radicais em cima de um lago congelado?

É visível para ele que ela mal está conseguindo conter a vontade de fazê-lo desembuchar, e ele assente, sorrindo de leve.

A expressão no rosto dela registra que ele não respondeu de verdade sua pergunta.

– Acha que está bem pra receber mais uma visita?

Praticamente assim que Colin assente, Jay entra no quarto, para ao pé da cama e olha para o amigo como se tivesse visto um fantasma.

– Você me matou de susto, Col. Eu achei que você não fosse conseguir.

– Obrigado por me tirar de lá.

– A Lucy te tirou de lá – diz ele, e Colin sente seus olhos tornarem-se maiores. *Lucy*? A garota que mal consegue aguentar seu beijo puxou seu corpo inconsciente de um lago? Jay já está assentindo, com um sorrisinho de canto, como se ambos estivessem imaginando Lucy abrindo aquela garrafa de cerveja com os dentes. – Beleza? E foi incrível. Eu basicamente espanquei seu peito até fazer você respirar.

O olhar dele se estreita, e Colin consegue ver traços de outro sorriso. É uma luta para Jay permanecer sério por muito tempo, mas, por causa de Dot, ele se esforça para deixar o clima sóbrio.

Colin sabe que Dot provavelmente está juntando as peças, mas ele não pode pensar nisso agora. Ela não consegue olhar para nenhum deles, seus olhos enormes apontados para o volume das pernas de Colin sobre o monte de cobertores.

– Isso explica meu esterno machucado – diz Colin.

– Sério? – Jay parece um tanto impressionado.

Colin abre a parte de cima do seu vestido de hospital para mostrar ao amigo as marcas de soco no peito. Jay ri e finge uma tosse quando Dot lhe lança um olhar afiado. Dot tem alguns estados que nem mesmo o charme de Jay pode penetrar, e um desses é o Dot Protetora.

– Ei, você sabe onde a Lucy está?

Os olhos de Jay deslizam na direção de Dot mais uma vez, provavelmente sentindo a tensão instalar-se nos ombros dela, e então se voltam para Colin, antes de articular com os lábios, sem emitir som: “Aqui”.

Ela não foi embora.



Quando a luz da lua invade através da janela e espalha-se pelo piso, Colin começa a se sentir acordado. Dot já foi embora, e o lado oposto do quarto está vazio, exceto pelas sombras vagamente geométricas dos equipamentos médicos. Tudo à sua volta parece estranhamente… *comum*. Até mesmo as sombras carecem da dimensão daquelas flutuando perto da estranha trilha.

Maggie entra silenciosa no quarto para checar mais uma vez seus sinais.

– Está se sentindo bem?

Ele encolhe os ombros e dá uma pontuação quando ela aponta para os rostos na escala de dor pregada na parede:

– Em torno de seis.

Ela tira uma cartela de remédios do bolso, lhe oferece um copo com água e pergunta:

– Ela vai tentar voltar?

Ele olha para ela. Os olhos de Maggie estão ocultos pela escuridão do quarto, e ela está fazendo uma anotação em sua ficha, mas ele sabe que sua pergunta não foi sobre Dot.

– Provavelmente. Por que você não quer deixá-la entrar?

Ela suspira e ajeita os cobertores sobre as pernas dele.

– Vou te dizer a mesma coisa que eu disse para ela: nada de bom pode sair disso.

– Como você sabe quem ela é?

– Como *você* sabe?

– Ela me contou – diz ele. – Mas ela não precisou contar pra você. Você já sabia.

Maggie assente e encontra os olhos dele.

– Ela foi assassinada logo depois que eu comecei a trabalhar aqui. Eu nunca a conheci, mas o rosto dela estava estampado em todos os jornais. – Ela faz uma pausa, estudando-o enquanto seus olhos se enchem de dor. – Mas não é isso que você está perguntando, né? Sim, eu já vi outros como ela por aqui.

Colin engole em seco, mas a pergunta que ele quer fazer não está sendo formulada rápido o suficiente.

– Me fala – diz Maggie. – Quando ela te contou que estava morta, você decidiu que não importava a estranheza dela, não importava que o beijo dela não parecia com o de nenhuma outra garota? – Ela se aproxima mais, repousando a mão sobre um lado da cama. – Lucy sentiu como se tivesse voltado para este mundo por causa de você?

O que ela está falando é íntimo demais. Parece que ela está olhando debaixo de sua própria pele. E ele odeia o eco das palavras: *Você vai partir o coração daquele garoto. Ou pior.* Ele puxa os cobertores sobre os ombros.

– Bem – Maggie suspira, pegando sua prancheta e enfiando-a debaixo do braço –, eu já estive na sua pele, Colin. Aquela garota precisa de alguma coisa, e nada vai impedi-la de obter. Pense nisso. – Ela se vira para partir, parando em frente à porta. – E talvez ela tenha *mesmo* vindo por causa de você. Você vai dar e dar até se sentir esgotado. Mas quando essa garota desaparecer sem aviso, sem deixar nenhum rastro, você se verá se perguntando quanto tempo mais pode aguentar sem ela.



A mudança de turno de trabalho é silenciosa do lado de fora da porta do quarto, e a única indicação de que o tempo passou é a aparição de uma desconhecida enfermeira de cabelos cinzentos materializando-se ao seu lado e checando seus sinais.

Ela passa a mão pelo tubo em sua veia, vendo se há alguma parte enroscada.

– Eu sou a Linda. Eu trabalho no hospício da cidade, vim para Maggie poder fazer uma

pausa. Como está a dor?

– Melhor. Em torno de três.

Colin estica o braço, alcançando o botão ao lado da cama que o ajuda a se sentar.

– Aquela no corredor é sua namorada? A morena? Alta que nem uma árvore, magrinha?

O monitor de Colin se agita, e a enfermeira lança um olhar para a tela. *Morena*.

– Sim – diz ele. – Posso vê-la?

Ela sorri por cima da prancheta.

– Me disseram que você tem que repousar.

Ele a encara, tentando o máximo que pode comunicar silenciosamente que ela pode deixar Lucy entrar. Que ele não vai contar a ninguém.

Ela começa a sair e então para à porta, olhando para trás por cima do ombro.

– Meia hora.

– Meia hora – repete ele, com ímpeto. – Eu prometo. Obrigado.

Uma pálida luz amarela escorre pelo quarto enquanto ela sai, e ele conta até 83 antes da porta abrir novamente e Lucy entrar.

– Colin? – sussurra ela.

Ele se apressa para abrir espaço para ela se sentar na cama.

– Estou acordado.

O ar se movimenta enquanto ela chega perto dele, e o colchão surpreendentemente afunda sob o acréscimo do seu peso. Eles sentam-se lado a lado, duros e silenciosos. Colin não faz ideia por onde começar a perguntar sobre o mundo que ele viu, sobre o que sentiu, se algo daquilo era real.

– Você está bem? – pergunta ela por fim.

– Acho que sim. E você?

Ela assente.

– Você quer falar sobre o que aconteceu?

– Foi real? – pergunta ele.

Ela o estuda, mas não parece precisar que ele explique melhor.

– Acho que sim.

Colin consegue sentir seus dedos começarem a suar. Seria tão mais fácil explicar se tudo tivesse acontecido apenas em sua cabeça.

– O mundo não parecia com nada que eu tivesse visto antes. Brilhava e… era como se houvesse mais camadas em tudo. Eu sei que não faz sentido, mas eu nunca vi cores assim. E você… – Ele rapidamente levanta o olhar para ela. – Eu te senti, Lucy. A gente era igual.

As lembranças invadem lentamente seus pensamentos, arrastando-se para dentro: pingentes de gelo pendurados em galhos prateados, folhas verdes como jamais estiveram em um dia de dezembro, um céu azul-cristal tremeluzindo, envolvendo tudo. É um mundo digno de sonhos.

Os olhos dela escurecem, cor de café mudando para vinho.

– Como foi pra você? – pergunta ela, hesitantemente.

Ele consegue se lembrar de apenas alguns fragmentos antes de cair naquele mundo.

– Eu vi a água se infiltrando sobre o gelo logo antes de ele rachar – diz ele. – Mas já era tarde demais. Como tudo isso é possível, Lucy? Eu morri?

Ela toca a mão dele, e ele fica surpreso pela força no toque dela.

– Não sei.

Ela não diz mais nada, e ele se recosta na cama, fechando os olhos. Colin se sente cansado e dolorido, mas, no geral, sente-se como sempre se sentiu depois de uma ótima corrida acompanhada por algumas quedas dolorosas. A ideia de cair dentro de um lago congelado pareceu-lhe sempre tão extrema; isso o faz se perguntar por que não está num estado pior.

Eles não conversam sobre como foi finalmente sentirem um ao outro pela primeira vez. Ele não fala sobre o aviso de Maggie, e não fala que, mesmo quando percebeu o que estava acontecendo, jamais lhe ocorreu se preocupar com a própria morte.

E certamente não fala do quanto ele deseja voltar para aquele mundo.

CAPÍTULO 20
Ela

Colin é obrigado a passar o dia seguinte na enfermaria, e Lucy caminha pelo campus, sentindo-se cada vez mais um animal desacorrentado.

Avisos a perseguem. Duas pessoas agora já a viram e reagiram como se ela fosse qualquer coisa de ruim.

Parece que sempre querem levar alguém com eles. Tente não fazer isso, Lucy.

Vá assombrar outro lugar.

As palavras, exprimidas com tamanha certeza, soam todas como um engano na cabeça de Lucy. Para onde ela levaria Colin, mesmo se pudesse? Como ela poderia "assombrar" outro lugar, se não consegue nem passar pelos portões de ferro da escola?

Ela passa pelos prédios, descendo o comprido caminho de cascalho que leva aos majestosos prédios de pedra. Mesmo fora de sua visão, eles parecem se impor da mesma maneira. A âncora dela é essa escola, esses terrenos e – acima de tudo – esse garoto machucado e todo quebrado na enfermaria.

Lucy aperta a mão em torno do ferro frio do portão e então se inclina para a frente, descansando a testa nele. Factualmente, está frio. O frio domina cada centímetro de sua pele, e ainda assim não é nem um pouco desconfortável. Nenhuma sensação no mundo pode sobrepujar a memória de ter sentido Colin no dia anterior.

A pele quente, a umidade dos lábios dele e a ânsia por mais, a cada som que ele emitia. Estar com Colin desse jeito foi como ela sempre esperou que fosse. Estar com ele em seu corpo humano e ela em seu corpo fantasma sempre pareceu como tentar misturar fogo e gelo.

É mais do que querer senti-lo. É a profundidade desse querer. Ela o *quer*. Há um pequeno e oco vazio, mesmo quando ela está ao lado dele, e é porque eles de fato não sabem *nada*: por que ela está aqui, por quanto tempo, ou mesmo por que desapareceu duas semanas atrás. Ela sabe como sua cabeça funciona, conhece o próprio coração, mas não saber sua história ou propósito é assustadoramente desorientador. Quanto tempo ainda lhes resta juntos? Semanas? Meses? Um ano? Será que está aqui só para ficar perto dele e aproveitar sua companhia, ou para pagar ou consertar algum pecado de sua vida humana?

Passos ressoam sobre o cascalho do outro lado do portão, e Lucy abre os olhos, dando um passo para trás, surpresa, quando se depara com Maggie indo para o trabalho.

– Tentando sair? – pergunta Maggie, estreitando os olhos.

Lucy se lembra do modo como o mundo pareceu estalar como uma cinta de borracha quando tentou passar pelo portão e acabou voltando direto aonde começou.

– Imagino que você saiba que não posso.

A risada de Maggie sai afiada.

– Eu tinha esperanças de que com você fosse diferente. – Ela examina Lucy por um instante. – O que você está fazendo aqui, menina?

Os bons modos de Lucy lutam contra sua frustração. Ela morreu como uma adolescente, mas de algum modo continuou por aqui por mais dez anos; tecnicamente, ela é mais velha que Maggie, e um sentimento de cansaço toma conta de seu corpo ante a ideia de entrar nesse confronto no momento.

– Estou *pensando* – responde Lucy, com uma tranquilidade forçada. – Saí para uma caminhada. Estou preocupada com Colin e me sinto confusa.

– Tenho certeza que sim. Mas não consigo simpatizar com a causa.

Lucy sente-se um pouco como uma vítima de amnésia que acorda para descobrir que cometeu um grande e secreto crime. Ela evitaria ser horrível, com alegria, se alguém lhe dissesse *como*.

– Por que você não ficou surpresa ao me ver? Todos os outros que trabalham aqui, digo, aqueles que se dão ao mero trabalho de *realmente* me ver, agem como se tivessem que ter medo de mim. Você basicamente me espantou com uma vassoura.

– Imagino que o medo seja a reação natural das pessoas ao ver um fantasma. – A resposta de Maggie é tão incontestável que Lucy sente sua exasperação ferver por dentro. Mas Maggie ergue uma mão para impedi-la de responder. – Eu era nova aqui quando você morreu. Não muito tempo atrás. A Dot, o Joe, todos eles te conheciam quando você era estudante, e ainda não decidiram se querem acreditar que você é a mesma garota. Eu tentei avisar que os fantasmas voltam pra esse lugar, mas, até você aparecer, ninguém parecia querer acreditar em mim.

– Que fantasma estava aqui antes?

– De jeito nenhum – diz Maggie, balançando a cabeça. – Eu não vou com você por esse caminho.

Lucy a observa, vendo um traço de vulnerabilidade sob a superfície inflexível dela.

– Então pelo menos me diz por que eu voltei.

Dessa vez, Maggie solta uma gargalhada.

– Imagino que você está aqui por causa daquele garoto. Ele é como ímã para você.

– E por que isso é ruim?

Estreitando os olhos, Maggie diz:

– Não sei exatamente por que é *dele* que você precisa. Quem dera soubesse, Lucy. Mas pensa bem em como você se sentiu quando viu Colin deitado na cama do hospital. Você estava aliviada por ele estar a salvo? Ou desapontada por você não tê-lo matado?

Isso é demais. A enfermeira passou dos limites, e não importa o quanto Lucy deseja entender, o horror e a raiva percorrem seu corpo tão rapidamente que ela se vira, caminhando na direção do campus sem mais palavras. Ela não se volta para olhar, mas tem quase certeza de ouvir o barulho do portão atrás de si.



Tê-lo matado? Como ela pode sequer sugerir isso? Foi Lucy quem tirou Colin da água, quem correu atrás de ajuda. A própria Maggie admitiu que ela não sabia de tudo, mas mesmo

saber *alguma coisa* é muito mais do que Lucy tem. Ela sabe apenas que está apaixonada por Colin, e que vai fazer de tudo para não desaparecer de novo.



Claro que sempre existiram outros retornando. Jay falou dos mortos-vivos. Maggie visivelmente guarda suas próprias histórias. E Lucy lembra-se de algo que a sra. Baldwin disse, que as pessoas não *olham*. Que a maioria não *precisa* ver. Poderia ser assim tão simples? Lucy passou incontáveis horas observando os estudantes à sua volta – em busca de uma lembrança ou algo familiar – mas talvez ela estivesse procurando pela coisa errada. Talvez não seja uma coisa que ela deveria procurar, mas um *alguém*.

Sem um destino em mente, ela continua caminhando, virando aqui e ali, movendo-se de calçamento para gramado coberto de neve, para caminho de cascalho e calçamento de novo. Seguindo nada senão o mapa instintivo que parecia estar se desdobrando em sua mente.

Ela vê a si mesma ao lado da estátua, percorrendo a ponta dos dedos pelo suave braço estendido de Saint Osanna. O mármore vibra sob seus dedos, e Lucy envolve-o mais firmemente num aperto, sentindo seu calor. De algum modo, ela sabe que há vida ali – uma forma ou outra de vida, mesmo que não seja como a dela. Se Lucy consegue retornar e construir um corpo provisório a partir de vários elementos, por que a estátua também não poderia possuir um espírito?

Passos soam sobre a neve, e ela se vira, deparando-se com Jay enquanto ele passa quase sem notá-la.

– Jay.

Ele para, olha para ela de modo vago antes de piscar, desperto.

– Ah, oi, mina da pesada.

Ele caminha até ela, lançando um olhar cético para a estátua antes de se sentar ao seu lado. É uma resposta tão característica dos estudantes daqui: uma suspeita instintiva de que tem alguma coisa esquisita na estátua, e então uma resignação quase casual.

Segundos vazios se passam antes que algum deles fale. Por fim, Jay pergunta:

– Como ele estava quando você foi?

– Ele parecia bem – diz Lucy, e então leva as mãos até o cabelo para enfiá-lo atrás das orelhas. – Não consigo parar de pensar que ele podia ter morrido.

Jay já está balançando a cabeça.

– Você não conhece o Colin como eu. Ele é o tipo de cara que nunca se questiona se pode ou deve fazer alguma coisa. Ele apenas faz. O que você o viu fazendo no lago não é nada. Verão passado, a gente foi pular de paraquedas com meu pai, e Colin puxou o cordão no último minuto e pousou melhor que a gente. Por mais louco que pareça, já que perder a família basicamente fodeu sua vida toda, Colin não sabe nem mesmo o que quer dizer morrer.

– Como ele pode não saber o que quer dizer morrer? – pergunta ela, pasma. Ela consegue ver quando os olhos de Colin se estreitam enquanto fala sobre sua mãe, como sua respiração parece sair entre pequenos engasgos, sufocada. – A perda dos pais dele foi a pior…

– Só estou querendo dizer que nunca passaria pela cabeça dele que poderia morrer fazendo essas coisas – Jay rapidamente esclarece. – Ele vê apenas aventura, nunca perigo.

Lucy cerra os punhos, desejando perguntar a Jay sobre cada uma das vezes em que Colin ousou pôr sua vida em perigo. Mas suspeita que eles ficariam ali falando por horas a fio.

– Ele é um cara legal – diz Jay, erguendo o rosto para cima contra o vento cortante.

Lucy jura que consegue sentir o sangue pulsando por suas veias só de pensar em Colin.

– Ele parece ser o cara *mais* incrível.

Sorrindo, Jay olha para ela.

– É, acho que foi isso que eu quis dizer. – Ele levanta a gola da jaqueta, contraindo-se com o frio. – O que você está fazendo aqui?

Ela dá de ombros, evitando responder e mentindo para Jay.

– Esperando alguém.

Ele se levanta, enfiando as mãos no fundo do bolso e inclinando a cabeça na direção do dormitório.

– Pelo visto você é da pesada mesmo, mas eu estou congelando aqui. Vou voltar pro quarto. – Ele franze a testa por um momento, pensativo. – Você mora no campus?

Ela assente, evasiva.

– Eu te aviso se souber alguma coisa do Colin – diz ela.

– O mesmo.

Ela o observa se afastando, ombros erguidos e cabeça baixa, suas curtas passadas como pequenas investidas nas passagens congeladas. Lucy sente que Jay guarda mais coisas consigo, algum reconhecimento do milagre ocorrido ou alívio do trauma, mas ele é tão direto e categórico sobre tudo isso.

Coisas loucas acontecem neste campus, ninguém nunca vai poder explicar, vamos seguir em frente. O mundo aqui está encapsulado na mais estranha bolha de aceitação.

Desviando o olhar da silhueta cada vez menor de Jay, Lucy sabe que está frio pelo modo como os estudantes se curvam para dentro, agarram suas mochilas, encostam-se uns nos outros. Na entrada de cada um dos prédios, eles saem correndo para o calor dos corredores, mas Lucy fica do lado de fora, no vento, encantada por ele não mais parecer lutar contra ela. Em vez disso, ela fecha os olhos e joga o corpo para trás, determinada a ficar com os pés presos na terra. Determinada a não desaparecer ou levar Colin para lugar algum. Determinada a encontrar outro como ela.

A escuridão já avança ameaçadora, e começa a nevar quando Lucy olha além das árvores, encontrando duas figuras escondidas sob a crescente sombra do Ethan Hall. Os rapazes se acotovelam por alguma coisa que seguram entre eles. Um deles ri, e o outro toca seu ombro.

Lucy congela.

O modo como o garoto toca o amigo é familiar. É exatamente o modo como Colin a toca, gentilmente, precedido por uma lenta aproximação, como se estivesse com medo de assustá-la com o contato. Estreitando os olhos, ela analisa os traços deles. O mais cuidadoso é alto e largo, de constituição atlética. Seu cabelo sopra sobre uma testa bronzeada, uma pele que vê o sol todo mês do ano. Mesmo a essa distância, ela consegue ver que o outro garoto, o que foi tocado, tem a pele lisa, sem manchas, uma pele que parece porcelana em sua claridade. Como Lucy, ele carece das pequenas cicatrizes e imperfeições que distinguem os vivos.

Ele é como ela.

Sua mente fica desnorteada ao perceber, e mais próxima da oportunidade de compreender tudo. Ela se lança adiante, caminhando até eles em apenas poucas passadas, gritando:

– Oi, dá licença!

Quando eles levantam o olhar, aterrorizados, e se afastam um do outro imediatamente, Lucy percebe o erro. Eles são amantes, escondendo-se nas sombras em busca de privacidade para uma conversa íntima. O silêncio deles pesa com o pânico de serem descobertos, e o garoto vivo aperta as mãos contra o rosto.

Mas o fantasma encara Lucy, olhos lentamente se abrindo mais. Afastando-se da parede, ele caminha na direção dela com um sorriso no rosto.

Ela o observa, incapaz de desviar o olhar. Ele parece totalmente não humano, irreal. Mas ela sabe que nunca o notou antes.

– Eu não queria… – ela gagueja, erguendo uma mão trêmula.

– Meu nome é Henry Moss. – Ele dá um passo adiante e toma sua mão, e ela se acalma no aperto dele. – Tudo bem aí?

Os dedos dele são quentes e parece como vidro liso. Soltando-os, Lucy dá alguns passos trôpegos para trás, antes de se virar e desabar sob os pés da sua estátua favorita. Sua mente dá voltas, perguntando-se como ela não pensou em procurar antes; claro que devia existir outro como ela, aqui, *agora*.

Depois de uns instantes, os garotos aproximam-se para se sentarem, cada um em um lado dela, e Lucy consegue senti-los trocando um olhar acima de sua cabeça, embora ela seja incapaz de adivinhar o que eles estão pensando, dado o turbilhão de seus próprios pensamentos. Por um segundo, ela se pergunta se eles conseguem ver a superfície de sua pele ondulando como água com o impacto dessa descoberta.

– Estou passando as vinte e quatro horas mais loucas da minha… vida – diz ela, rindo.

– Vamos começar pelo seu nome – diz Henry, batendo o ombro gentilmente contra o dela.

– Lucy. – Ela o encara, procurando algum sinal de vida no rosto dele, e não consegue encontrar. Nenhuma pulsação na garganta, nenhuma sarda, nenhuma cicatriz. Nada além de perfeição. Ele parece simplesmente ter sido desenhado. – Você é como eu, não é?

Henry sorri tão abertamente que seus luminosos olhos azuis enrugam-se no canto.

– Acho que sim.

– Há outros como a gente aqui no Saint Osanna? – Ela hesita. – Mortos-vivos?

Balançando a cabeça, ele murmura:

– Não vi nenhum ultimamente. Na verdade, nunca usei essa palavra antes pra me descrever.

– Ultimamente? Faz tempo que você está aqui?

Ela quer se desculpar por suas perguntas à queima-roupa, mas Henry não parece estar nem um pouco surpreso com sua fome de saber essas coisas. Ela se pergunta se é possível ter visto Henry centenas de vezes nos últimos meses sem ter percebido.

– Não sei. Às vezes, acho que estou aqui desde sempre. Só me lembro de verdade de estar aqui há um ano e meio.

– Mas você ouviu falar dos mortos-vivos?

– Eu ouvi as histórias, claro – diz ele, dando de ombros. – É por isso que dizem pros estudantes não se aproximarem do lago, por isso que esse lugar tem a reputação de ser assombrado e as festas de Halloween são sempre um evento. – Ele aperta uma mão contra o peito, dando-lhe um sorriso indulgente. – Eu apenas presumi que nós éramos… mal compreendidos.

Lucy deixa um sorriso escapar antes de se lembrar do seu maior medo, e a pergunta irrompe

abruptamente:

– Você já desapareceu?

Ele pisca solidariamente.

– Aconteceu comigo algumas vezes no começo, quando cheguei aqui. Era o mais assustador. Mas faz um tempo agora que não acontece de novo.

– Um ano, pelo menos – emenda Alex.

– Sério? – pergunta ela, a curiosidade e uma agitada esperança fazendo sua voz sair grossa.

Dando de ombros, Henry diz:

– Eu imaginei que fosse um tipo de adaptação.

O alívio a inunda tão rapidamente que, por um instante, ela se sente tonta. Seu olhar passa para Alex. Há algo estranhamente fascinante no garoto vivo. Henry não parece humano para ela, mas tem alguma coisa esquisita em Alex, também. Ela sente um impulso sinistro na direção dele. É diferente de quando está com Colin, claro, mas o ar em torno de Alex não é vazio como em torno de outros estudantes. Pelo contrário, há quase um zumbido hipnotizante nele.

Sua pele é morena pelo sol, mas, agora que está próxima dele, ela consegue ver as olheiras sob seus olhos. E há algo sob a superfície, uma exaustão no modo como ele se porta, privações sob a pele, rigidez nos movimentos. É quase como se Lucy pudesse ver através dele, uma parte que se encontra lá no fundo, drenando as energias dele.

– Onde está seu Protegido, Lucy? – pergunta Henry. Lucy agita a cabeça, confusa. Os olhos dele movem-se pelo seu rosto enquanto ela tenta entender a pergunta.

– Meu *Protegido*?

Ele sorri.

– Perdão. É assim que eu penso no Alex. Digo, onde está a pessoa por quem você veio?

– Você diz o Colin?

Rindo, ele endireita o corpo e esfrega as mãos no jeans.

– Preciso começar desde o começo com você, né?

Ela pressiona as mãos contra as bochechas num movimento reflexivo que já conhece, uma lembrança dos dias esquecidos há muito tempo, quando ela teria corado.

– Sinto muito. Está sendo muito difícil processar isso tudo. Eu sabia que existiram outros em algum momento. Só não achei que eu *conheceria* algum deles.

– Bom, em parte é porque você está aqui por causa do Colin. Não acho que seja natural para os Guardiões pensarem muito em alguém que não seja nosso Protegido. Mas eu acho que estamos todos acabados. Nós somos os jovens de que ninguém nunca se lembra. Nós somos aqueles cuja falta ninguém sente nas reuniões. Até mesmo eu nunca notei você antes.

Por que ele não estava olhando, ela pensa.

Alex e Henry continuam a observá-la com o mesmo pequeno e paciente sorriso, enquanto as palavras dele pairam no ar. Ela solta uma breve risada, um suave suspiro.

– Você acha que somos *Guardiões*?

– Acho – diz Henry. – E não tem ninguém aqui pra me dizer que estou enganado. Eu não sabia de nada quando cheguei. Fiquei perambulando, sem destino. Mas, quando encontrei Alex, ficar perto dele não parecia certo, parecia urgente. Assim como, quando o deixava, eu sentia que estava fazendo algo *errado*.

– Isso – sussurra Lucy, sentindo um formigamento na ponta dos dedos.

– Eu não sei por que ele precisa de mim, se é por que ele estava doente e eu o deixei saudável, ou outra coisa. Mas, nesse ano que passou desde que o conheci, eu sinto que finalmente tenho um propósito e, ultimamente, eu me sinto mais forte a cada dia que passa. Olha pra ele; ele parece tão melhor também. Alguma coisa nos olhos dele… eu sei que estou fazendo o que eu vim pra fazer.

Lucy olha para Alex mais uma vez. Será que é isso que está vendo… doença? Ela se pergunta se Henry vê também. Quando ela olha para Alex, ela não se sente tão esperançosa assim em relação ao seu estado. Ela também não nota nada de diferente nos olhos dele. São azuis, do mesmo modo como os dela são castanhos. Exceto para Colin.

– Você está doente? – pergunta ela.

– Leucemia linfoide aguda – diz ele, direto. – Henry me encontrou na semana em que fui diagnosticado. – Ele lança um olhar para Henry antes de acrescentar: – Estou no estado de remissão agora.

– Fico feliz por isso – diz Lucy. – Mas… *quem*? Quem nos mandou de volta? Por que a gente? Por que Colin e Alex?

Henry a acalma, pondo uma mão sobre seu joelho.

– Você está gastando seu tempo fazendo perguntas. Eu perguntei a eles todo dia durante um ano inteiro e, acredite, ninguém vai descer das nuvens e te entregar um panfleto de boas-vindas.

Lucy inveja a segurança de Henry, e talvez o único modo de ela entender seja com mais tempo. O pensamento é ao mesmo tempo um alívio e um pouco deprimente.

– Você se lembra de muita coisa da sua vida passada?

– Não muito – admite Henry. – Eu sei meu nome. Eu sei que adorava esportes porque tenho algumas curtas memórias de estar jogando ou assistindo. Mas, tirando um *flash* aqui e ali, um rosto, um sentimento… o resto é totalmente branco. Nada aqui parece familiar.

Lucy se lembra de acordar na trilha e da maneira instintiva como ela soube onde encontrar alguém.

– Então você não era um estudante daqui?

– Não, acho que não.

– A gente olhou nos anuários da escola – acrescenta Alex. – E nada.

– Hum.

Lucy aperta os lábios, pensativa.

– "Hum" o quê? – pergunta Henry, inclinando-se para a frente para olhá-la nos olhos.

– Eu era uma estudante do Saint Osanna. Eu morri aqui. De acordo com uma notícia que Colin encontrou, eu fui assassinada perto do lago. Foi lá que acordei. Eu imaginei que tivéssemos essa conexão, o que explicaria por que eu vim por causa dele.

– Ah, nossa – diz Henry. – Eu sinto muito, Lucy.

– Mas então qual é a conexão? Por que nós dois estamos aqui? E por que não podemos sair?

Henry e Alex trocam olhares, ambos balançando a cabeça. Isso não ajuda. Lucy puxa as mangas da blusa sobre as mãos. Ela não está exatamente com frio, mas uma estranha sensação se arrasta pelo seu corpo até se espalhar pelos braços.

– Como você tem tanta certeza sobre a história de ser Guardião? Você nunca se preocupa se você é… do mal?

A gargalhada estrondosa de Henry é tão surpreendente que Lucy recua de verdade quando ela explode.

– Você acha que veio pra machucá-lo? Você consegue sequer conceber isso?

Ela não consegue. Ela balança a cabeça, soltando um lento e ansioso suspiro enquanto luta para se livrar da terrível sugestão de Maggie.

– Mas você está aqui e Alex continua doente. – Antes que Henry proteste, ela acrescenta: – E ontem o Colin caiu num lago congelado e quase morreu. É difícil achar que é coincidência quando essa foi a primeira vez que eu fui com ele. Eu meio que me sinto um mau agouro.

A expressão no rosto de Henry fica rígida.

– Primeiro, o Alex até está doente, mas está ficando melhor. E aquele rapaz que caiu no lago é o seu Protegido?

Ela assente.

– Sim, ele afundou e… – ela começa a contar a eles o que aconteceu na trilha, como conseguiu tocar Colin como se eles fossem feitos da mesma matéria, mas, por algum motivo, ela para. Parece estar soando cúmplice de alguma maneira, como se o acidente tivesse a beneficiado enormemente. – E eu pensei que ele fosse morrer – diz ela em vez disso.

– Mas ele *morreu*? – pergunta Henry, sorrindo um sorriso secreto que traz inquietação a Lucy, como se o lugar da peça que falta no quebra-cabeça fosse óbvio para todo mundo, exceto para ela.

– Bem, não, mas ele podia ter morrido.

– Eu ouvi falar do que aconteceu com ele – diz Alex. – A gente não anda no mesmo grupo, mas ele é conhecido por ser bem louco. Ele já não quebrou, tipo, praticamente todos os ossos do corpo? – Ele ri. – Não é de se admirar ele ter você.

– Bem, sim, mas…

– Lucy, para – diz Alex, gentilmente. A mão dele mal paira sobre seu braço, um tipo de toque que ele já se acostumou a dar. – Colin está aqui, ele está a salvo. Nem por um momento passou pela sua cabeça que talvez você seja o motivo de ele *não* ter morrido?

CAPÍTULO 21
Ela

Dessa vez, quando Lucy caminha de volta pelo campus, ela mal percebe que o vento uivante não mais a empurra. Longos fios de cabelo chicoteiam em seu rosto, e ela os afasta para trás distraída, perdida nas palavras de Alex e Henry.

Guardiã.

Ele quase morreu.

Quase mesmo?

Ela não acha que Colin faz alguma ideia de como a história se espalhou pela escola, e quando o sr. Velasquez estaciona em frente ao dormitório, parece que todo o corpo de estudantes está acampado do lado de fora. Colin parece pálido e fraco ao sair do carro e caminhar até a porta da frente, o diretor empurrando para trás a quantidade de corpos sussurrantes para abrir caminho. Lucy se afasta de onde está parada, ao lado da lagoa, e senta-se no banco onde ela contou a Colin que morreu. Ela deseja possuir ao menos uma gota da certeza de Henry, pois, se escolher não acreditar nele, então estará tão perdida quanto antes.



Lucy está grata pelos breves dias de inverno. O pôr do sol é às 18h08, e às 18h30 Colin abre a porta do dormitório para deixá-la entrar silenciosamente.

– Já comeu? – pergunta ela assim que estão dentro do dormitório, de portas fechadas, uma música tocando de fundo. Jay entrou e saiu mais uma vez, deixando Lucy e Colin juntos numa relativa paz.

Ele assente, estudando-a como às vezes faz, como se pudesse destrancar os segredos dela com a pressão de sua atenção.

– Dot me trouxe umas cinco refeições.

Somente agora ocorre a Lucy que Colin pode estar doente, como Alex; que talvez seja isso que eles tenham em comum e essa seja a razão por que cada um atraiu um fantasma para si. Mas, embora sinta e veja Colin diferentemente em comparação a outras pessoas, ela não vê a mesma exaustão subjacente que viu em Alex. Não há nenhuma doença drenando a vida dele bem diante de seus olhos. Na verdade, mesmo nesse estado de fraqueza, Colin parece melhor. O ar em torno dele pulsa com vida.

– Você está cansado? – pergunta ela, movendo-se inquieta.

– Não. Sinto como se tivesse dormido os dois últimos dias inteiros. – Ele se senta na beira do colchão da cama, puxando a manta marrom por cima dos ombros. – E não consigo parar de

pensar no lago.

– Eu não consigo parar de visualizar você caindo. E então na trilha… – Ela tenta suavizar o anseio em sua voz, mas sua pele formiga com a memória do que aconteceu depois.

Ele pisca, virando o olhar para a janela. Gordos flocos de neve amontoam-se no peitoril.

– Se eu não morri, mas consegui te tocar, então você deve estar em algum lugar entre as duas coisas, também.

– Não faço ideia. – Ela chega mais perto, mas mantém um espaço entre eles ao vê-lo estremecer levemente. – Parece que não sou a única assim em Saint Osanna.

Colin vira-se para encará-la, o rosto entre as sombras do quarto escuro. Olheiras azuis caem pesadas sob seus olhos, mas ela consegue perceber o interesse florescendo na expressão de seu rosto. Os lábios dele se curvam num meio-sorriso. Ela lhe conta sobre sua procura por outros e então finalmente seu encontro com Henry e Alex.

– Eles são como a gente. O Henry também morreu e voltou.

Colin franze a testa, e centenas de reações perpassam os traços do seu rosto antes de ele dizer simplesmente:

– E o outro cara, o Alex, é… sou *eu*, nesse caso?

– Sim, eles estão juntos.

– Alex Broderick? Um loiro, alto? – pergunta Colin, e Lucy confirma. – Ele é gay?

– Você o conhece?

– Bem, *conhecer* de verdade, não, mas já o vi por aí. Ele costumava jogava lacrosse e tal antes de ficar doente. Câncer, eu acho.

– Leucemia. Foi quando ele encontrou o Henry, acho, logo depois de ser diagnosticado.

Colin se remexe sob a coberta, o olhar tornando-se pesado.

– Então fiquei me perguntando, se eu sou um fantasma, então como eu consigo mover as coisas, usar roupa, tocar você? Mas, se eu sou quase sólida, como vou saber se não sou algum tipo de demônio? Quem me mandou pra cá?

Colin assente ao seu lado.

Ela lhe conta há quanto tempo Henry está aqui, de como ele tem certeza de que, estando o Alex doente, foi enviado por causa dele.

– Eu sempre senti como se meu coração tivesse sido arrancado do meu corpo, mas de algum modo ele acabou ficando com você. Acho que é como o Henry se sente também, tipo, ele está mantendo o Alex a salvo.

– Fico feliz com isso – diz ele, inclinando-se para beijar sua bochecha. – Eu sempre me senti a salvo com você. Será que fantasmas como você estão por todos os lados, protegendo as pessoas?

– Você não está surpreso?

– Por que eu estaria? – murmura ele, já abandonando o assunto.

Lucy vira-se e olha pela janela, percebendo pela primeira vez que ela é a única que está surpresa com tudo isso.



No meio da noite, Colin tira do peito e das pernas as almofadas de aquecimento e salta para fora da cama. Ele se agasalha com quatro suéteres, estremecendo em constantes arrepios. A

cadeira da mesa range quando ele se senta e começa a digitar. São 2h14 da manhã.

– O que você está fazendo?

– Pesquisando umas coisas.

– Que coisas?

– Coisas de espírito. Morte.

– Você quer conversar sobre isso?

Ele coça por trás do pescoço e lhe lança por sobre o ombro um olhar pesaroso.

– Ainda não. Desculpa.

Lucy deita-se de costas para observar o teto, o pequenino sistema solar que ela gosta de imaginar Colin montando em cada quarto por onde já passou.

– Você está bem? – ela pergunta.

Ele solta um grunhido afirmativo em resposta, e ela se vira na cama, desejando que ele chegasse mais perto. Ela sentiu um gostinho do que ele deve ter sentido quando ela desapareceu, e ali na escuridão, com ele tão distante, ela sente um estranho comichão de vontade de conversar um pouco mais sobre como ele se sentiu na trilha e o que ele acha que aconteceu. Ela sente como se uma difícil primavera tivesse se alojado em seu peito, desdobrando-se lentamente.

– Você sabe quantas pessoas já tiveram alguma experiência de quase morte? – pergunta ele, sem perceber sua ansiedade.

– Quantas?

– Milhares. Mais do que isso. A maioria das coisas escritas sobre isso é religiosa. Mas não todas. Algumas pessoas acham que experiências de quase morte são uma forma de alucinação, mas, como eu sei que você também estava lá, a gente sabe que eu não estava alucinando.

Ela se vira de volta na cama, forçando um tom de voz mais leve.

– Você está pesquisando no QuaseMorte.org?

– Não – responde ele, sem achar graça. – É sério, Lucy. Tantas pessoas quase morreram, ou morreram *de verdade*, e viram e experimentaram coisas como eu, e depois ficaram bem. Existe até a Revista de Estudos de Experiências de Quase Morte e o Grupo de Pesquisas de Experiências de Quase Morte. Tipo, uma *ciência*.

– Pseudociência, você diz.

– Lucy, isso faz de *você* pseudociência.

– Eu não estou quase morta, Colin. Eu morri de verdade.

Ele a ignora, e ela ouve os sons dos dedos dele no teclado. Eles não parecem estar cooperando, e ele pragueja repetidamente em voz baixa.

– Você não está viva nem morta – rebate ele. – Você foi enviada de volta. Ou talvez sua mente tenha se separado do seu corpo original e tenha descoberto um jeito de voltar como minha Guardiã. E eu posso ser como você; agora eu sei disso.

– Mas não de um jeito fácil – diz ela, sendo tomada por uma crescente energia de excitação. Ela se levanta, sentindo como se quisesse sair correndo. – E não de novo, provavelmente.

– Eu te senti, Lucy. Você me sentiu, também. E não daquele jeito nem-pouco-nem-muito. – Seu tom de voz faz as vibrações do seu corpo crescerem. Há uma sólida determinação nele que ela nunca ouviu antes. – Você está me dizendo que não gostou?

Ela fica em silêncio, incapaz de falar com o estranho formigamento em eu peito. Ela o sentiu, sim, e ele sabe disso mais que tudo.

– Tem um cara aqui que passou pela mesma coisa – continua ele, a voz tornando-se animada como quando ele está prestes a pedalar. – Caiu num lago, hipotermia, viu o mundo de um jeito que ele nunca tinha visto. Toda a coisa.

– Hum.

– Pois é, e ele está dizendo aqui nesse fórum que ele fez de novo, porque queria saber se o que ele viu era real.

– Você precisa se recuperar – diz ela. – Você não está pensando que essa é uma boa ideia, né?

O silêncio em resposta enche o quarto como água corrente. Ela se aproxima e se inclina sobre Colin, lendo as postagens no fórum por cima do ombro dele. Há milhares. Ele clica num link e cria um nome de usuário e senha.

Ela se inclina e o beija na bochecha, no pescoço, esperando distrai-lo, mas consegue senti-lo ficando tenso com o seu toque.

– Você precisa dormir.

– Num minuto. Preciso me cadastrar nesse site.

– Acho que isso vai contra o código dos Guardiões. – Ela tenta manter o tom de voz leve, mas as palavras saem duras e formais. Ela não quer ficar policiando o que Colin faz. Além do mais, ela não entende essa estranha hiperatividade que o tomou. – Esse site me dá arrepios – diz ela, em vez disso.

Ele ri disso, da garota fantasma com medo de fantasmas.

– Esse cara vê a hipotermia quase como um esporte radical. Por causa do modo como sua atividade celular diminui, morte cerebral é a última coisa a acontecer. Esse cara aqui, ColdSport, acha que só dá pra fazer de um jeito que desafie o sistema, tipo andar de bicicleta numa montanha ou correr uma maratona.

Ele está falando sério. Ela olha para o fórum de mensagens na tela. Há três nomes de usuários dominando a maioria das postagens; três pessoas loucas lá fora pregando para seu minúsculo coro de loucos. Ela desliza as mãos sob o suéter dele.

– Colin, para.

A pele dele queima de calor, e ele estremece sob a palma de suas mãos. Levantando-se, relutantemente ele a segue de volta para a cama, mas ela está com a cabeça dando voltas. Quando ele finalmente cai no sono, ela senta-se furtivamente sobre a cadeira diante da mesa, pairando sobre ela, e se concentra com a intenção de apertar cada uma das teclas do teclado para digitar sua pesquisa.

Ela encontra milhares de histórias, mas desliga o computador quando percebe que nenhuma delas se parece com o que aconteceu no lago.

CAPÍTULO 22
Ele

O silêncio é como uma espessa cortina entre eles. Colin lava os pratos o melhor que pode e os entrega para Dot, através do véu invisível do desconforto, que os seca e guarda.

– Você está muito quieta – diz ele, mergulhando as mãos dentro da água quente e cheia de bolhas. Elas estão melhores hoje: dedos menos duros, segurando com mais firmeza.

– Você também – dispara ela de volta.

Ele abaixa a forma de assar pão que estava esfregando e vira-se para encará-la.

– Credo, Dot. Só me diz o que quer que você esteja pensando.

– Você vai me contar sobre essa Lucy?

Colin solta um gemido, desviando o olhar para a janela. Ele já esperava por isso desde que Dot ouviu o nome de Lucy no hospital. Ela se lembra do assassinato de Lucy tão claramente como se tivesse acontecido ontem, mas, até onde ele sabe, Dot nunca o viu com ela. Pelo que ela sabe, é só mais uma garota.

– É uma garota da minha sala – diz ele, retornando à louça.

– Sabe, eu a vi. Ela se parece muito com uma garota chamada Lucy, que passou por aqui anos atrás. Na verdade – diz Dot, aproximando-se um passo – ela se parece muito com a garota assassinada sobre quem você queria saber poucas semanas atrás.

Colin olha para as próprias mãos na água. Elas estão tremendo agora, e não é por causa do mergulho no lago congelado.

– Eu te disse, eu sempre ouvi as histórias – sussurra Dot, a voz trêmula. – Diversas pessoas insistindo que viram uma garota no lago, um homem fardado sentado num banco, ou um homem andando pelo campus, varrendo os pavimentos. Maggie jurou de pés juntos durante anos que esse lugar era assombrado. Mas, Lucy… sendo uma parte tão grande da sua vida…

Colin vira-se para ela, implorando com os olhos.

– Dot, você se lembra de quando falou pra mim e pro Jay que existiam coisas no mundo que a gente não entende?

Dot assente, de olhos bem abertos.

– E você se lembra de quando me prometeu que eu não estava louco? Você acredita no que você me disse?

Ela solta uma risada, erguendo o braço para depositar uma mão suave na bochecha dele.

– Acredito.

– Então você pode confiar em mim?

Balançando minimamente a cabeça, ela sussurra:

– Não sei. É só que isso não parece certo.

– Não parece certo porque você não entende, não porque é errado – diz ele. – Pela primeira

vez na minha vida, eu sinto como se soubesse o que quero.

Perscrutando os olhos dela, Colin consegue ver que Dot vai alargar suas rédeas como nunca fizera antes.

Os olhos dela se enchem de lágrimas, e ela lhe oferece um meio-sorriso.

– Só que parece que eu nunca mais vou te ver.

Colin se remexe inquieto, os olhos mergulhados na água cheia de sabão.

– Ando fazendo as mesmas coisas. Escola, amigos… – diz ele, engolindo em seco a culpa que cresce em seu peito.

O silêncio se estende e Dot põe o pano de prato de lado, aproximando-se para depositar a mão sobre o antebraço dele.

– Me promete que nunca vai fazer alguma coisa que te ponha em perigo.

Ao assentir, Colin percebe que acabou de fazer uma promessa que não tem intenção alguma de cumprir.



Colin está acostumado a ser o centro das atenções. Ele participa de corridas de bicicleta e outras competições praticamente desde que começou a andar. Ele é assumidamente louco; nunca foi alguém tímido. E, quando seus pais morreram, durante anos ninguém lhe deu sequer um minuto de solidão.

Mas a atenção que ele está recebendo hoje é totalmente indesejada. Duas novas vans estão estacionadas no campus, e os repórteres ali acampados tentam lhe fazer perguntas antes que Joe chame a segurança. Seus colegas de aula estão histéricos; alguns estão insistindo que foi o fantasma do lago que o fez cair. Outros o olham como se ele fosse algum tipo de criatura lendária. Todo mundo quer tocá-lo. Os professores parecem abalados, e vai haver uma reunião obrigatória na quadra de esportes sobre segurança no inverno. Ele sente a pressão de cada par de olhos observando-o para ter certeza de que ele está bem, de que seus braços estão funcionando, de que seus passos estão firmes, de que ele está fazendo sentido. As palavras "tragédia", "por um triz" e "cercas" estão sendo usadas por todos os lados.

O lance é o seguinte: não foi uma tragédia. Não foi por um triz. E mesmo que construíssem uma cerca em torno daquele lago, ele destruiria a porra toda. Ele quer voltar. Ele quer saber se o que ele viu foi real. Se não foi sua imaginação ter sentido Lucy daquele jeito. Os minutos com ela naquele mundo foram melhores que qualquer manobra radical, mais viscerais que qualquer coisa acontecendo ao seu redor. Seu corpo podia até estar morrendo, mas ele se sentiu vivo. Vivo de verdade.

Ele sabe que isso devia assustá-lo, mas não assusta.



– Ai. Meu. *Deus*. Colin! – Uma voz aguda berra atrás dele, e ele instintivamente recua a cabeça, antecipando o conjunto de garras que subirão por seu pescoço até seu cabelo.

Amanda o agarra pela cabeça e crava as unhas nela enquanto o puxa para um abraço.

– Ouvi dizer que você morreu por, tipo, uma *hora*!

– Eu não morri.

– Eu estou *surtando* por causa disso, Colin. Sur-tan-do.

– Sinto muito – diz ele, livrando-se de seus apertos. É claro que Lucy escolhe esse exato momento para chegar pelo corredor e parar ao seu lado. Ela lança um olhar para Colin, depois para Amanda, mas onde ele esperava ver sobrancelhas erguidas, ele vê apenas um sorrisinho divertido.

– Oi – diz ela.

– Oi. – Ele sorri para ela, prolongando o olhar nos lábios dela até ela sorrir de todo. – Assim é melhor.

Amanda ignora Lucy.

– A Shelby me ligou noite passada e me contou o que aconteceu. E, ai meu Deus, eu surtei total. Tipo, e se você tivesse morrido? E se você tivesse *morrido*, Colin? A gente ficaria completamente sur…

– Você conhece a Lucy, Amanda? – interrompe ele, esperando-a parar para respirar. Ele se sente constrangido tanto pela falta de modos de Amanda quanto pelo Colin do passado, que ficava com essa garota.

Amanda trata Lucy como se nunca a tivesse visto antes.

– Oi – diz ela, sem interesse, antes de se virar para Colin. – Doeu? Você sentiu o corpo quente? Tirou a roupa?

Ele ergue uma sobrancelha ante o modo como Lucy parece gostar e sente-a deslizando para mais perto.

– Não tirei a roupa – diz ele.

Amanda tem a audácia de parecer desapontada.

– Ah, que bom. Eu ouvi dizer que muita gente tira, por causa da hipertermia.

– Hipo – murmura ele.

– Eu estava chegando – diz Lucy, sorrindo para ele. – Só não deu tempo.

Colin finge-se chocado, pressionando a ponta dos dedos contra a boca aberta. Do canto dos olhos, consegue ver Amanda matutando alguma coisa. Ela se estufa de ar, respirando fundo, segurando a irritação e o ultraje e tentando revesti-los de indiferença.

– Você estava lá?

Lucy assente meigamente para Amanda e se ergue na ponta dos pés para beijá-lo na bochecha.

– Te vejo mais tarde.

Ele acena, praguejando em voz baixa por Lucy tê-lo deixado sozinho com sua ex-namorada, embora ele não possa exatamente culpá-la por não querer ficar. Num perfeito *timing*, a colega de quarto de Amanda aparece, com um sorriso solidário no rosto.

– Oi, Colin – diz ela. – Como você está?

– Estou bem – responde ele, pela milésima vez hoje. Mas, dessa vez, ele não se importa tanto. Ele sempre gostou de Liz. Deve muito a ela por ter conseguido controlar o estrago depois de ele e Amanda terminarem. – E você?

– Bem – responde ela simplesmente. E bem quando Colin espera que a conversa mude de direção, ela acrescenta: – Eu tinha uma prima que caiu no gelo. Lá em Newfoundland.

Ele assente, desapontado e distanciando-se da interação. Ele já tinha ouvido variações

dessa história mais ou menos metade das vezes em que respondeu o "Como você está?" de praxe. O que vem a seguir é o previsível: *Você tem sorte de ter sobrevivido. Ele nunca mais foi o mesmo. Ela perdeu o dedão do pé, teve danos permanentes no rosto.*

Mas ele devia ter adivinhado que Liz romperia com o padrão.

– Ele ficou horas inconsciente no gelo e sobreviveu.

– O quê? – Com Amanda agora esquecida, ele chega perto de Liz, surpreendendo-a tanto que ela dá um passo para trás, ficando de costas para a parede.

– Ele caiu e conseguiu sair, mas isso quatro horas antes de ele ser encontrado sem nenhum pulso perceptível. Pelo menos foi o que disseram.

– E agora ele está vegetando?

– Não, essa é a parte mais esquisita – diz ela, sorrindo de um modo estranho, que faz sua pele formigar. – Ele está totalmente bem.



Quando chega o fim do dia, Colin está praticamente vibrando com a vontade de falar com Lucy. Só quando a vê caminhando na sua direção e distanciando-se da massa de estudantes indo para a trilha, enrolados em cachecóis e chapéus de acordo com o feriado, é que ele se lembra de que a Festa de Inverno é nesta noite.

– Pra onde todo mundo está indo? – pergunta Lucy assim que se aproxima dele, virando-se para observar a migração de pessoas.

– Os estudantes dos últimos anos organizam essa coisa do mal, que eles chamam de Festa de Inverno, todo ano antes do feriado. Todo mundo menos a gente que mora aqui fica nostálgico e sentimental por ficar separado por duas semanas inteiras. Eles decoram o morro que dá de frente para o lago e…

– *Nosso* lago?

Ele olha para ela e sorri ante o ímpeto possessivo em seu tom de voz.

– Sim. Mas não se preocupe. Eles não se aventuram descendo até o lago. Ninguém faz isso – acrescenta ele, esperando que ela ouça o mesmo tom em sua própria voz. – Eles decoram a área do morro acima e tocam umas músicas pop horríveis, e todo mundo pega todo mundo e então as pessoas começam a brigar porque encheram a cara, aí tudo vira um drama enorme.

Lucy sorri.

– Parece divertido.

– É uma festa num internato. Então, basicamente, você sai com as mesmas pessoas, nem um quilômetro de distância de onde você já faz isso.

Ignorando-o, ela acrescenta:

– E já é hora de você me levar para um encontro.

– Confie em mim, Lucy. Não tem nada a ver com você.

– Como você pode saber disso? – O sorriso dela se torna sedutor. – Acho que ficar perto do lago te beijando tem tudo a ver comigo.

Ele se vê incapaz de rebater esse argumento.

Um longo caminho, feito de luzes à bateria enfileiradas, guia o caminho até o morro, e milhares de outras luzes penduram-se em todo galho possível, iluminando as dúzias de corpos que dançam numa multidão ao som da música explodindo de quatro caixas de som que ladeavam a área. O morro está salpicado de guirlandas de azevinho penduradas, e tudo na área ao redor parece banhado num gélido azul sob a luz da lua.

É difícil acreditar no quão perto ele está de onde tudo aquilo aconteceu, e Colin se vê com o olhar distante, descendo o morro até o outro lado do lago, onde o gelo se abre para a escuridão abaixo. Não havia maneira de vê-lo daqui, mas ele imagina o buraco rodeado de pontas afiadas, cercado por uma fita, avisando a todos para manterem distância. Ele se pergunta o que a fita diz, e por que ele não está com medo. Em vez de medo e terror ante a memória de mergulhar na escuridão, sente anseio e antecipação, a provocação da adrenalina fazendo cócegas em suas veias.

Jay aparece ao lado deles e estica o corpo para enxergar.

– O lago parece tão menor vendo daqui.

Por um instante, o mundo ao redor deles parece cair em silêncio, antes de Jay tossir, quebrando a tensão. Colin desvia a atenção para os outros estudantes atrás deles.

– Me beija, Lucy. Estamos debaixo de um visco.

Lucy finge se inclinar para beijar o rosto de Jay, mas então sai correndo, fingindo nojo. Colin observa, fascinado, enquanto Jay a persegue descendo um pequeno declive e ela se esconde atrás de uma árvore, rindo e guinchando quando ele tenta tocá-la. Colin não faz ideia de como Jay reagiria se sentisse a pele de Lucy contra a dele, e mais que isso, não faz ideia de como ela reagiria se ele conseguisse agarrá-la de verdade, mas, no momento, ela não parece preocupada com isso. É a primeira vez que Colin vê Lucy agir como alguém de sua idade.

– Se divertindo? – diz ele quando ela volta. Ele não pode estar imaginando o rubor vermelho nas sobrancelhas dela, ou o modo como ela parece quase sem fôlego de felicidade. Ele não pode estar imaginando como ela parece sólida ao se apertar contra ele, como se uma garota sólida estivesse se formando sob a névoa de sua pele.

– Demais. Mas ainda tenho que ver alguma bebedeira, pegação ou drama.

Colin observa enquanto Lucy se curva para amarrar um cadarço solto de suas botas. As botas são pretas, mas, nessa noite, sob as luzes e a neve, elas parecem refletir as cores do arco-íris, prismáticas. Ele se pergunta se tudo se torna de alguma forma sobrenatural tão logo ela os coloque.

– Pronto pra dançar? – pergunta ela.

– Nem um pouco.

Ele a segue mesmo assim.

Enquanto Lucy dança, Colin se pergunta como ela não se destaca como uma chama acesa entre os outros estudantes, menos graciosos que ela. Suas mãos movem-se no ritmo sobre sua cabeça. Seus pés deslizam, quase desconectados com a terra. Ela é leve, sem peso, enquanto dança fazendo círculos em volta dele, brincalhona, e isso torna mais fácil para ele resistir à atração que sente morro abaixo, na direção do lago.

E então seu sorriso esmorece por um instante, e seus olhos vão dele até a extremidade do morro, no ponto bem na beirada, derramando-se até o lago, que parece como um farol

pulsando na escuridão. Os olhos dela tornam-se o mesmo âmbar quente como sempre o faziam ao repousarem lado a lado, e ele não consegue pensar em nada exceto no quanto deseja beijá-la. Enquanto ele observa, ela pisca, desviando o olhar para ele, pega de surpresa.

– Eu estava me lembrando de como era… – diz ela, a culpa drenando o âmbar nos olhos até um cinza suave. Então acrescenta: – Fico tão feliz por você estar bem.

A voz dela sai mais fraca quando diz essa parte final, e ele sabe exatamente por quê. Se ela sente o mesmo que ele, ela deseja descer o morro e mergulhar nas sombras, ainda que seja apenas para olhar para as rachaduras pontiagudas e para a fria e silenciosa água abaixo.

CAPÍTULO 23
Ela

Ela está sentada no colo dele, com as pernas em volta de sua cintura, abotoando e desabotoando a primeira metade de sua camisa, repetidamente, impressionada pelo tanto de concentração necessária para realizar a tarefa. Ela o vê fazer isso com uma mão em apenas poucos segundos.

Mas, depois que ele caiu no lago, levou uma semana para ele conseguir abotoar facilmente sua camisa.

Ela observa os próprios dedos se movendo pelo peito dele e descendo pelos traços salientes de seu abdômen. A carne dela oscila entre marfim e tênue cor de pêssego. Não possui cicatrizes, sardas ou machucados. Com a exceção do modo como sua pele parece brilhar e depois se tornar turva, não há nada que a diferencie de uma fotografia perfeita. As mãos de Colin são ásperas e cheias de cicatrizes. Ele tem uma pequena marca de nascença atrás do punho esquerdo e cicatrizes em duas juntas dos dedos da mão direita. Ela se pergunta por um segundo como é para ele ver essas diferenças agora, depois do lago e da neve e da pele de ambos parecendo uma coisa só.

– Do que você acha que sou feita? – pergunta ela.

– Acho que você é feita de… incrível.

– Quero dizer, na maior parte, você é feito de carbono. Nitrogênio. Oxigênio. Hidrogênio. Essas coisas.

– Provavelmente, muitas outras coisas. – Ele ri. – Eu como muita porcaria.

– Mas e *eu*, sou o quê? – Ela põe a mão sobre o peito dele de novo e tira uma mecha de cabelo da testa dele. Mesmo quando está tentando o máximo possível ficar imóvel, ela jura que consegue sentir as colisões de milhares de moléculas dentro de si. – Eu sinto meu corpo como uma massa sólida, mas… é tão diferente. É como se eu fosse feita de elementos que estão flutuando no ar o tempo todo.

Ele lentamente levanta o olhar para ela e sorri.

– Você com certeza está aqui, e você com certeza é diferente. Acho que gosto da sua teoria. – Os olhos dele faíscam. – Então acho que a gente devia agradecer por você não ter sido enviada de volta para algum lugar perto de Chernobyl. Você seria ainda mais gostosa.

Ela ri e ele sorri ante a própria piadinha sagaz, mas o sorriso de ambos esmorece ao se encararem.

– Quando eu te beijei na bochecha no lago, antes de cair, você estava mais sólida – diz ele.

Ela sentiu isso, também. Sentiu-se mais forte, mais presente.

– Talvez seja a água no ar. Aqui no seu quarto é mais seco, com o aquecedor ligado. Se tem mais umidade no ar, tem mais conteúdo pro meu corpo roubar e usar. Simples.

Ele produz um som no fundo da garganta, parecendo concordar.

A pergunta então irrompe, escapando:

– O que estava passando pela sua cabeça quando você me encontrou na trilha, mas ainda estava no lago…?

Ele pisca os olhos, desviando o olhar para a janela.

– Não me senti com frio ou calor ou assustado. Só queria encontrar você.

– Por que parece que você não quer falar sobre isso?

Ele empurra as mãos por trás da cabeça.

– Por que eu quero fazer de novo.

A frase, finalmente dita em voz alta e sem rodeios, ecoa no quarto dele, pendurando-se no ar como uma espessa cortina de plástico entre eles e revestindo o momento com uma sombra estranha e pesada. A reação imediata de Lucy às palavras dele é um alívio paradoxal, então a resposta sai densa, como se estivesse lutando para não sair.

– Colin, isso é loucura.

– Como assim? – pergunta ele, sentando-se de modo a forçá-la a sair do colo dele. – Eu acabei naquela trilha, debaixo da sua árvore, Lucy. Tinha alguma coisa de diferente naquele mundo, alguma coisa perfeita. E você estava lá. Não é loucura.

Ela senta-se sobre as pernas cruzadas e o encara. Parte de si – a parte escura e pequenina e perigosa – sente um denso e envolvente amor pelo que ele está dizendo. Ele está certo; *não foi* loucura. Durante aqueles poucos minutos, ela apenas o tocou, o beijou. Ele era dela. Na trilha, ele era exatamente como ela.

E então ela se lembra de que supostamente devia ser sua Guardiã, e um espinho afiado de culpa a perfura. Ela não se sente conectada à sua vida passada, está de algum modo presa nesse estranho inferno do *não saber*, mas sente seu amor por Colin mais presente e humano que qualquer coisa que conheceu neste mundo até agora. Ela quer acreditar nisso, quer confiar em sua própria mente.

– Foi fácil te encontrar – diz ele. – Como se estivéssemos destinados a estar lá juntos.

– Colin, eu sei o que o Henry disse sobre eu te proteger, mas… você podia ter congelado até morrer. Você podia ter se afogado.

Ele se inclina para a frente, beijando cuidadosamente seu ombro nu perto da alça do seu top. Ele puxa a alça para o lado e beija o ponto onde seu coração deveria bater, o que é sentido como pura eletricidade branca disparando por seu corpo. Ela quer passar as mãos pelo cabelo dele e segurá-lo ali.

– Acho que não – diz ele. Lucy abre a boca para argumentar contra o óbvio, mas, quando nenhuma palavra lhe vem imediatamente, Colin balança a cabeça. – Só me escuta, ok?

Ela assente, incapaz de protestar de maneira convincente. Ela não faz ideia de quanto tempo lhe resta com ele. Isso empresta certa urgência a cada minuto. Ela o quer dentro da água, na trilha, sob o céu estrelado debaixo d'água, com ela.

– E se eu mergulhar no lago de novo pra passar uma hora ou duas com você de vez em quando? Somente nós dois, grudadinhos juntos na neve. Lucy, o mundo era uma loucura lá. Era prateado e cheio de luz e, tipo, vivo. – Quando ele pausa, ela não consegue encontrar palavras, e diante de seu silêncio ele prossegue, encorajado. – Eu preciso ver isso de novo. O Jay podia vir com a gente e me tirar rápido…

Ela se lembra de sentir a pele, os lábios e a risada dele. Ela se lembra de saborear seus

gemidos e de sentir como eles eram perfeitos. Ele a beijou como se estivesse descobrindo uma nova e vibrante cor. E, mesmo se lembrando de outros beijos, lábios entre sorrisos pressionados contra os dela, ela sabe que nunca foi assim. Ainda assim, a tentação de alguma forma parece errada, como um cubo de açúcar mergulhado em vinagre.

– Não sei se ele toparia isso… – Ela tenta mudar o rumo da conversa, trêmula.

– Depois que você saiu, no corredor, uma garota, a Liz, apareceu. Ela disse que o primo dela caiu num lago em Newfoundland. Ele conseguiu sair, mas ficou quatro horas inconsciente no gelo.

Ela levanta um rápido olhar para ele.

– Quê?

– Quatro horas – confirma ele, sorrindo com a reação dela, como se ela já tivesse topado.

Ela se levanta, indo até a mesa dele para remexer um copo cheio de canetas à toa. Ela o ergue com facilidade, como se nada pesasse. Antes de ter a chance de se maravilhar com sua façanha, ele se levanta e caminha até ela, abotoando a camisa.

– Eu li a reportagem, Lucy. É verdade. Estava em todos os jornais locais. E já aconteceu antes. Aparentemente, todo inverno acontece pelo menos um caso desses. O repórter é um dos caras que participam dos fóruns online agora. Ele é totalmente obcecado com isso. – Ele deposita uma mão quente sobre seu ombro e o aperta gentilmente, mas dessa vez ela mal percebe. Ela quer mais informação. – Acho que, se a gente tomar cuidado, podemos fazer funcionar. Além disso – diz ele, baixando o tom de voz –, aquele cara não tinha uma Guardiã.

– Seu eu te deixar fazer isso, não vou mais ser uma Guardiã – diz ela, desviando-se do aperto da mão dele. – Vou ser uma coisa má. – Ela tenta manter um tom leve de voz, mas a verdade deixa as palavras duras, sopradas à revelia como um liso tronco de árvore.

– Você com certeza não é *má* – diz ele, com o tipo de convicção que ela está certa de que nunca vai ter. – Sabe como sei disso?

Ela levanta o olhar e se derrete. No quarto escuro, os olhos dele são de um profundo âmbar, com seus longos cílios piscando lenta e pacientemente.

– Como?

– Por que eu perdi todo mundo que eu amava. – Ele engole a saliva, a voz tornando-se pesada. – No lugar deles, eu consegui você. O universo pode até ter levado os outros embora, mas mandou você de volta.

O amor que ela sente quando ele diz isso é quase obsessivo. Ela quer devorá-lo, e vê o mesmo calor nos olhos dele. Piscando os olhos, ela pergunta:

– Mas você nunca se perguntou por que precisa de uma Guardiã, e por que *eu*?

– Costumava me perguntar.

Ele relanceia pela janela e então para os próprios sapatos, chutando alguma coisa no chão.

Ela observa a expressão no rosto dele, estudando-o de perto. Com um arranco de ansiedade subindo pelo corpo, ela percebe que ele escondeu alguma coisa dela.

– O que mudou?

Ele ergue os olhos mais uma vez e se depara com os dela.

– Acho que estamos conectados porque eu fui o menino que viu seu assassino levando você para a floresta. Eu contei pra Dot, e ela ligou pra polícia.

Lucy fica imóvel, as mãos apertando a cadeira da mesa atrás dela.

– Por que você não me contou isso?

Colin fala por cima dela, desculpando-se imediatamente:

– Eu fiquei com medo de que se você pudesse pôr um fim nessa história, se soubesse de todos os detalhes, você iria embora.

Ele se aproxima, tocando o braço dela para convencer a si mesmo que ela de fato ainda está aqui.

– Então pegaram esse cara por causa de você?

Ele dá de ombros.

– Acho que sim. É isso que a matéria fala, pelo menos.

Ela sente o próprio sorriso formar-se no rosto e se espalhar pelo peito, que nunca parece oco quando ela está com ele.

– Pode ser que eu tenha só um punhadinho de memórias sobre alguma coisa útil, mas de uma coisa eu sei.

– O quê?

– Você foi meu Guardião primeiro, então.

O sorriso dele vai de encontro ao dela, mas vem acompanhado por uma visível curva de vaidade.

– Me agrada pensar que sim.

CAPÍTULO 24
Ele

Colin sabe que Lucy concordou com a ideia de retornar ao lago. Os olhos dela estão com essa incrível cor laranja, como se todo o cérebro dela estivesse pegando fogo frente à possibilidade, e a luz passa pelas íris dos olhos como um telégrafo até ele: Faça isso. *Faça.*

– Isso só pode terminar mal.

Mas a voz dela vacila um pouco, e ele se pergunta se ela também tinha pensado nisso antes de hoje.



Os dias transformam-se em semanas, e a neve continua caindo, cobrindo como um cobertor tudo que não se move. Colin não faz pressão, não conversa mais com Lucy sobre a ideia de entrar no lago. Em vez disso, as conversas vão se tornando cada vez mais pesadas com tudo que foi deixado não dito.

Certa manhã, ela pergunta o que ele está pensando, e a resposta duramente sincera, "Na sensação de te tocar na trilha", a faz virar e se afastar, com os braços cruzados sobre o peito como se quisesse conter a si mesma.

Mas ela o encontra mais tarde, depois da aula, com um pequeno pedido de desculpas nos olhos e no sorriso.

Ele pede as suas próprias desculpas em voz alta:

– Desculpa. Eu sei que você não gosta da ideia. – Ele segura o rosto dela entre as palmas da mão, repetindo o pedido contra os seus lábios.

Eles caminham juntos, mãos enlaçadas, de volta para o dormitório dele. Ela lê na cama dele, enquanto ele faz a tarefa, deitada de bruços, as pernas dobradas, os pés lentamente chutando para trás e para frente. Colin desiste de fingir estar lendo para olhar diretamente para ela, lembrando-se da trilha, dos beijos famintos e da solidez dela. Não havia nada de imaterial ou insatisfatório naqueles beijos. Ele a sentiu rindo.

– Lucy.

Ela hesita antes de levantar o olhar, como se sentindo algo particular em seu tom de voz.

– Mmm?

Ele observa os dedos dela cutucando o colarinho da camisa enquanto ela olha para as mãos dele. Os olhos dela brilham por um instante, quentes e num profundo âmbar, quando ela percebe ele observando seu pescoço, no ponto onde ele saboreou com os lábios sua pele pela primeira vez. Era doce e um pouquinho salgada. Ela tinha gosto de garota e chuva e alívio. Ele

não diz mais nada, apenas olha para ela, pensando: *Por favor. Por favor.*

– Não posso – diz ela. – *Você* não pode.

– Por quê?

– Eu não conseguiria viver em paz se a gente fizesse isso.

Ele não consegue evitar. Ele sorri ao ouvi-la, e a boca dela se contrai nos cantos.

– Colin, eu estou falando sério.

Mas ele não consegue suportar a ideia de que isso não vai acontecer de novo. Sua curiosidade parece uma coceira em cada centímetro de sua pele.

– Eu preciso saber se o que eu vi era real.

Os olhos dela derretem-se como mel quente antes de ela voltar para o livro, os dedos formando um punho apertado em volta do edredom.

– Não existe no mundo nada tão bom quanto o que aconteceu na trilha – diz ele.

Quando ela levanta o olhar, parece tão triste.

– Eu sei.

– Mas a gente não tem isso *aqui* – sussurra ele. – Não é a mesma coisa.

Ela se remexe na cama, puxando os cabelos por cima do ombro e concentrando-se nas palavras da página à sua frente. Ele ignora a distração fingida dela, rastejando-se até ela de uma forma que o faz se sentir como um gato predador caçando sua presa.

– Lucy.

Os olhos dela continuam fixos na página.

– Quê?

– Deixe-me tentar.

– Tentar o quê?

Ele chega perto dela, gentilmente induzindo-a a virar-se e deitar de costas, fazendo-a repousar sobre o travesseiro.

Não dá trabalho algum despi-la. O deslizar de um botão, o puxão de um zíper. Tecido macio sendo puxado para cima da cabeça. Ele aperta um simples fecho e expõe um mundo de pele suave e nua.

– Tenho uma ideia – ele assegura, as mãos fazendo a calcinha descer pelas pernas dela. – Só confie em mim, ok?

– Ok – ela assente, observando-o com olhos que giram num profundo marrom café.

– Andei pensando um pouco nisso.

Ela ri, rouco e baixo.

– Aposto que sim.

Ele sente o gosto da pele do tornozelo, do joelho dela. Da coxa. Ele passa soprando onde pernas encontram a virilha.

– Está bom assim?

Ela assente, os olhos tão abertos como ele jamais os viu, e ele simplesmente solta o ar no ponto onde as pernas dela se abrem.

Ele nem precisa fingir estar ofegante. Está praticamente enlouquecido de desejo por essa garota, observando-a se contorcer debaixo dele. Os dedos dela encontram seus cabelos e puxam. As costas dela se curvam, e com uma última exalada de ar contra a pele dela, ele escuta um som que nunca antes escutou uma garota produzir, algo entre um soluço e um pedido. Ainda assim, ele se senta e a beija depois, e se desculpa.

Abraçando-o, ela também se desculpa.

– Eu quero *tocar* você de verdade na próxima vez – diz ele, sentindo a doçura do pescoço dela nos lábios.

Ela pressiona o rosto contra os ombros dele, seu segundo pedido de desculpas saindo apenas como ar.



Ele faz o que ela pede e mantém distância do lago e das trilhas enevoadas e do gelo. A neve parece engoli-lo também. Um volume pesado instala-se sobre seus ossos, como blocos de cimento ancorando seus pés no chão. Mas, dentro dele, há uma violenta agitação. Colin e Lucy vão para a escola, ele trabalha quando é escalado, e eles passam longas noites no casulo de suas cobertas, agarrados tão juntos que ele não sabe dizer onde ele termina e ela começa. Mas não é a mesma coisa.

Ele lhe diz que ela é mais do que ele jamais esperou.

Ele lhe diz que está apaixonado.

Ele implora para que ela nunca se vá.

Mas ela vai.



Quando ele abre os olhos para a luz azul-cinzenta da aurora, o ar não se move. Não há nenhum zumbido suave ao lado dele, nenhum peso fantasma sobre seu peito. Ele se senta lentamente, passando a mão pelo cabelo, e se levanta, vestindo-se com as primeiras roupas limpas que encontra. Ele não volta o olhar para trás, na direção da cama vazia.

Oito horas de escola se estendem à sua frente, e ele se pergunta se vai sobreviver a elas, carregando consigo por aí a incessante necessidade de procurar Lucy, envolto no entendimento de que isso é inútil. Ele não consegue nem pensar em quanto tempo ela pode ficar desaparecida dessa vez. Dias? Semanas? Mais que isso? Pensar nela é como apertar uma ferida: fascínio, prazer doentio e dor prolongada.

No caminho para o trabalho, ele se recorda do que disse antes de dormirem. *Fique.* Ele pensa ter sentido Lucy deslizando pelos seus dedos naquele momento, sentindo-a ficar mais leve em seus braços enquanto arqueava as costas contra seu corpo como uma pluma soprada por uma brisa.

Ele fez tudo que ela pediu, mas não foi o suficiente.

Colin conversa com Jay sobre faltar à escola no dia seguinte. Eles jogam as bicicletas na boleia do caminhão, percorrendo toda a subida até onde poucos esquiadores audaciosos deixaram marcas na neve.

Durante algumas horas, ele quase consegue esquecer. Eles pedalam no frio até ele estar suando sob camadas de roupa, esgotando-se como há muito tempo não fazia. Eles correm pelas trilhas, saltam de rampas, e cada um desliza pelo menos uma dúzia de vezes por rampas improvisadas que eles mesmos talharam na neve.

Colin está balançando-se na parte de trás do banco perto do lago, quando Jay finalmente faz a pergunta que o está perturbando.

– Ela desapareceu de novo, né?

Os pneus de Colin aterrissam com um suave esmigalhar de neve, e ele ergue o olhar para Jay, semicerrando os olhos contra a claridade do céu.

– É.

– Que merda. Você acha que ela está se drogando em algum lugar?

– Ela não está usando drogas. – Colin fita Jay penetrantemente antes de baixar os olhos e dar um peteleco numa folha em seu guidão. As colinas estão silenciosas, mas o vento uiva à volta deles, arrastando os flocos de novo e fazendo-os girar pelo ar antes de deixá-los cair no chão. – Acho que preciso te contar uma coisa.

Jay bate a neve das botas e espera.

– Então, a Lucy… Cara, eu nem sei como dizer isso.

Colin ri ante o absurdo disso e sente uma onda de simpatia por Lucy em retrospecto, por sua reação na noite em que ela lhe contou a verdade. Mas, céus, ele *precisa* contar a alguém. Não sabe se vai conseguir sobreviver a outro dia carregando sozinho nos ombros o peso da ausência dela.

– Ela está morta – diz ele simplesmente, afinal.

As pernas de Jay se paralisam, e ele bate na parte de trás do banco antes de deslizar para o chão.

– Que diabos? Você está me dizendo que…

– Não! Não desse jeito. Eu quero dizer que ela *sempre* esteve morta, Jay. Bem, não sempre. Mas pelo menos desde que eu a conheço.

Com os olhos estreitos, a expressão no rosto de Jay se contorce em irritação.

– Não tem graça.

Colin não responde; apenas observa a neve derretida infiltrando-se nas laterais de seus tênis.

– Você *sabe* que ela é diferente.

– Claro, *diferente*. Tipo, com aquelas botas da pesada vestindo aquele uniforme cafona, e como ela parece olhar só pra você e mais ninguém. Não morta.

– Eu sei que parece loucura…

– Parece? – Longos momentos de silêncio se esticam entre eles antes de Jay acrescentar: – Você está falando sério.

Colin encontra seus olhos, o olhar firme, e assente.

– Então ela é o quê? Tipo… uma morta-viva?

– Sim, basicamente.

– Mas eu a ajudei com o casaco dela. Eu… – A voz de Jay morre, os olhos piscando confusos.

– A gente não entende tudo. Ela encontrou outro fantasma aqui na escola, e está convencida de que eles são, tipo, espíritos guardiões ou algo assim. Entende?

– Se entendo? – Jay coça o pescoço, parecendo completamente confuso.

– Certo, é só me acompanhar, ok?

Jay assente, e Colin puxa um galho de uma árvore ao lado, cutucando buracos profundos na neve perto do pneu traseiro da sua bicicleta.

– Quando eu caí dentro do lago naquele dia, eu acho que tive algum tipo de experiência fora do corpo. Eu estava de pé do seu lado, vendo você surtando. Então, não sei nem por que, mas eu me afastei, descendo pela trilha. Tipo, eu não estava nem preocupado ou assustado. Lucy estava descendo, correndo pela trilha, e eu gritei para ela parar. Ela pensou que eu de alguma forma tinha conseguido sair do lago. Porque ela podia me ver, apesar do meu corpo estar com você, no gelo. E, Jay, eu podia *senti-la*. – Colin não sabe dizer se Jay acredita em alguma coisa dessa história, pois seu rosto não expressa nenhuma reação. Mas continua: – Antes de eu cair, e agora… Eu não consigo tocá-la de verdade. Eu *consigo*, mas ela não aguenta. E, quando ela me toca, nunca é o suficiente. – Colin consegue sentir o calor subindo às suas bochechas; ele e Jay não entram em detalhes. – Desculpa, eu sei que é informação demais, mas eu preciso soltar isso.

– Tudo bem. Digo, eu meio que te devo uma. Eu tenho certeza de que você estava acordado naquela vez que a Kelsey dormiu comigo e…

– Eu estava – diz Colin, balançando a cabeça para afastar a lembrança. – O toque de Lucy me deixa louco porque é quase o suficiente para ser bom, mas para no meio do caminho – ele diz, agarrando o pescoço por trás, constrangido. – Quer dizer, a gente não consegue… tipo, a gente não consegue ficar juntos assim de jeito nenhum. E não é nem isso. É *ela* e o modo como tudo parecia depois que eu caí… Sério, Jay, é a coisa mais incrível que eu já vi.

Jay pisca, desviando os olhos para a extensão de árvores que ocultam o lago da visão deles.

– Parece loucura.

– Eu sei.

– Não, digo, eu estou preocupado de verdade que você esteja com danos cerebrais.

– Eu não estou. Eu não estou louco, Jay.

Jay então volta o olhar para ele. Colin sabe quando seu melhor amigo acredita nele porque o rosto dele murcha, e ele parece derrotado, como se loucura ou dano cerebral fosse uma solução muito mais fácil. Colin ri, porque ele teve a mesma reação.

– Isso é engraçado, por acaso? – pergunta Jay, a confusão transformando-se em defensiva.

– Não, nem um pouco. É só que eu sei exatamente no que você está pensando. Quem me dera eu estivesse louco.

– Não tenho muita experiência com pessoas loucas. Ainda não dominei isso.

– Bem, então me deixe dizer tudo. – Ele para, erguendo os olhos para Jay antes de deixá-lo cair sobre o graveto que ele enfiou fundo na neve. – Acho que a gente podia fazer isso de novo.

– Fazer o que de novo?

– Entrar no lago. – Antes que Jay possa elaborar uma palavra para responder, Colin o atropela: – Eu comecei a pesquisar sobre hipotermia, e demora muito tempo até o cérebro se desligar completamente. Digo, há um grande espaço entre estar vivo e estar morto.

– Você está *mesmo* louco.

– Não, Jay, escuta. Eu sei. O metabolismo desacelera. O corpo se desliga pra preservar energia. Mas a mente ainda está funcionando, e nesse tempo, de alguma forma, eu consigo ser *como ela*. Antes de Lucy desaparecer, eu prometi que não iria mais falar sobre isso, mas ficar longe do lago não a fez ficar.

Jay solta um gemido e esfrega o rosto com as mãos, e esse é o momento em que Colin sabe que seu melhor amigo vai ajudá-lo.

– Então a gente faz isso agora, ou quando ela voltar?

– Quando ela voltar. Não sei se consigo encontrá-la agora. Eu não sei onde ela está.

– Você tem certeza? Digo, isso não é tipo pedalar com correntes ou deslizar em pranchas pelo pátio, Colin. O dia em que você caiu no lago foi assustador. Pensei que você tinha morrido.

– Eu estou aqui e estou bem. – Colin conta a ele sobre o primo de Liz, como ele caiu no gelo e ficou inconsciente por quatro horas, e como ele está vivo e andando por aí. Ele conta a Jay sobre os fóruns online, como as pessoas veem a hipotermia como o mais radical dos esportes. – Você é o único em quem confio.

– Então como vamos fazer? Vamos, tipo, planejar? Levar suprimentos? Um tempo-limite?

– Exatamente. – O coração de Colin começa a bater no peito, suas veias são infundidas com uma sensação melhor que qualquer surto de adrenalina.

Ele expõe seu plano: ele vai se despir, submergir apenas o suficiente para que sua pulsação diminua e sua temperatura caia, e então Jay vai puxá-lo para fora.

– Nós vamos contar o tempo até o segundo-limite, e então você vai me ressuscitar. A gente pode pegar uns equipamentos da enfermaria do campus. Depois do que aconteceu no lago, sem chances de alguém estar precisando do kit de emergência de inverno, ninguém vai arriscar. Lucy vai ficar na trilha onde ela estava antes, e vamos ver se funciona.

Quando termina de falar, Colin está chocado em ver que Jay não parece de modo algum horrorizado, até mesmo quando diz:

– Vamos ver se funciona, tipo, *vamos ver se você não morre*?

Colin sorri.

– Jay, eu não vou morrer.

Jay o observa, e Colin pode sentir o peso de cada segundo que passa. Ele não quer forçar Jay a nada, mas também não pode mentir para ele.

– Você não precisa fazer isso – diz ele, esperando que Jay entenda o pedido de desculpas em cada uma de suas palavras. – Mas eu vou fazer sem você. Eu preciso.

Jay não reage, apenas assente, como se estivesse ouvindo algo que já sabia.

– Você sabe que essa vai ser a coisa mais louca que já fizemos.

– É.

Jay suspira profundamente.

– Ok, seu imbecil maluco. Estou dentro.

CAPÍTULO 25
Ela

A volta é tão sutil quanto a ida. Um piscar de olhos. Um leve impulso nos membros. A escuridão se torna luz. Mas, se antes se sentia aquecida e feliz, esperando pelo rapaz na trilha, agora Lucy sente um calor abrasador. As costas de Colin estão encostadas à sua frente mais uma vez.

E dessa vez ela sabe que desapareceu porque sente como se tivesse sido acordada – e ela não dorme. Ela desaparece.

– Oi – sussurra ela às costas dele.

Ele endurece.

– Lucy? – sua voz sai empapada de sono.

– Por quanto tempo?

As costas dele relaxam, quando encosta nela.

– Só dois dias.

– Você está bem?

– Não.

O despertador dele toca e ele golpeia o botão da soneca com a palma da mão antes de se virar para encará-la.

– Sinto muito.

– Não precisa.

Ele transmuta de ansioso para doce tão naturalmente, sua alma ferida envolvendo a dela como que por instinto.

Ela afasta os cabelos dele.

– Eu sinto, mesmo assim. Eu tentei não relaxar assim de novo.

Ele a beija com tanto cuidado, como se contato demais fosse fazê-la evaporar. Sua língua roça o lábio, a língua, a pele no pescoço dela. Seu *piercing* está gelado; sua pele, quente. Suas mãos a puxam para mais perto, deslizando pelos lados do seu corpo, sobre suas curvas.

– Eu senti sua falta – sussurra ele.

Da última vez, quando ela voltou do desaparecimento, ele parecia furioso. Dessa vez, ele parecia resignado, simplesmente aliviado em tê-la de volta, mesmo por um segundo. Ela recua para poder ver seu rosto com mais clareza; as marcas desapareceram nesse último mês, e só agora, depois de dois dias fora, que ela percebe. Seus olhos estão opacos no quarto escuro, mas alguma coisa intensa pulsa por trás deles, harmonizando com o ritmo da pulsação na garganta dele.

Seu pomo de Adão sobe e desce rápido quando ele engole saliva.

– Eu contei pro Jay.

– Contou o quê?

– Que você é uma morta-viva.

Ela cai em silêncio diante de uma confissão tão brusca.

– Eu estava surtando e fiquei preocupado de ter imaginado tudo. Eu precisava de alguém pra escutar e acreditar. – Ele ri secamente.

Ela assente, supondo não poder ficar mais chateada com ele do que ele pode ficar com ela por ter desaparecido.

– Certo – ela pronuncia a palavra cuidadosamente. – E como ele reagiu?

Ele se deita de costas, encarando o teto. Ele está sem camisa. Os olhos de Lucy movem-se instintivamente para sua pele nua, para as linhas suaves do seu peito, para a definição em seu abdômen… e abaixo.

– Ele não acreditou em mim no começo. Mas não falamos sobre isso por muito tempo. Falamos sobre eu entrar no lago de novo.

O corpo de Lucy se eriça, cada elemento levado à superfície, fazendo-a se sentir como uma concha frágil e pontiaguda.

– Colin.

– Ele já está dentro, Lucy. Ele disse que vai fazer isso por mim.

– E você está fazendo isso por *mim*? – pergunta ela, ouvindo o tom cortante em suas palavras e sentindo-se orgulhosa por elas terem saído exatamente como intencionou. – Porque se estiver… não, obrigada.

– Estou fazendo isso por nós dois. Eu sei que vai funcionar.

Ele dá a longa piscada de olho que é sua marca registrada, cheio de uma arrogante confiança, mas o gesto está incorreto. Ele está fazendo isso porque ela nunca lhe pediria, embora ele provavelmente consiga enxergar através dela, diretamente para o regozijo que a trai.

– Essa não é uma boa hora pra falar sobre isso – diz ela, suavemente. – Eu acabei de voltar, e eu sei que você estava assustado por eu ter desaparecido de novo. Sinto como se não conseguisse dizer não para isso, mas eu quero dizer.

A mentira parece arder em sua garganta.

Ele se senta, virando o rosto e curvando-se para segurar a cabeça entre as mãos.

– Mais tarde falamos sobre isso, então.



Mais tarde acaba sendo em um refeitório lotado, cercados por centenas de outros estudantes. Mais tarde acaba sendo com Jay.

– Já contei pra Lucy que você sabe – diz Colin, antes de dar uma grande mordida em um pedaço de pizza. De repente, o falatório constante de centenas de estudantes silencia completamente.

Jay e Lucy o encaram por um instante antes de trocarem olhares.

– É – diz Jay. – Ele me contou. Eu sinto muito por… você estar morta.

Lucy sorri debilmente, levanta as mãos e as balança no ar.

– Buu…

Com a verdade liberta entre os três, Jay se põe a olhar. Realmente olhar. Não é que Lucy nunca foi observada; Colin a observa o tempo todo, analisando como ela é perfeita e talvez tentando fazer sua mente acreditar no que seus próprios olhos veem e seu coração sente. Mas, além de Colin, ninguém *nunca* olha para ela. Não assim. A atenção de Jay é enervante e insaciável.

– Cara, ela não é feita de cera. Você está deixando ela desconfortável.

Jay se recosta na cadeira, inclinando-a sobre duas pernas.

– Não dá pra dizer.

Colin se inclina para frente.

– Quê?

– Quero dizer, a não ser que você olhe de perto, ela parece apenas uma garota.

– Ela é uma garota – diz Lucy, irritada pela conversa que parece estar acontecendo como se ela não estivesse lá.

– Quero dizer, sim, sua pele é supermacia, e você meio que parece… – Ele faz um gesto vago com as mãos. – De vidro. Mas você parece uma garota.

Ela faz uma carranca.

– Talvez devêssemos falar sobre isso em outro lugar que não no meio do refeitório bem na hora do almoço.

– Caso você não tenha percebido, ninguém olha pra você – diz Jay, fazendo a cadeira cair para a frente, sobre as quatro pernas com uma sonora batida e pegando uma maçã. – Ninguém está olhando pra gente, também.

Ela suspira e desvia o olhar na direção da janela, para onde a neve macia cai aos punhados do céu azul-prateado. Ela escuta o som dos estudantes remexendo em suas refeições durante vários minutos, quando Jay fala:

– Colin diz que você não está a fim de ir até o lago de novo.

Sua cabeça dispara na direção de Colin, e ela estreita os olhos.

– Acho que ele está certo – Jay continua, inclinando-se para a frente para olhá-la nos olhos. – Acho que é como um esporte radical. Ele é jovem e saudável; meu pai é caçador e me ensinou a fazer primeiros socorros. A enfermaria está cheia de suprimentos. E, na última vez, eu consegui ajudar o Colin sem nada disso.

– O que foi uma sorte pra todos nós – responde ela. – Você ficou tão animado assim quando ele te contou a ideia ontem?

– Que nada – diz Jay, sorrindo. – Achei que todas aquelas batidas na cabeça tinham finalmente transtornado o Colin. Mas mudei de ideia.

Lucy balança a cabeça com essa estranha demonstração de confiança e lealdade.

– Por que você aceitou fazer parte disso?

Jay dá uma mordida na maçã e encolhe os ombros.

– O Colin perdeu muitas pessoas. Eu gosto da ideia de que ele vai te pegar de jeito e te impedir de escapar.

Lucy olha para Colin, que a está observando com uma expressão dolorosamente vulnerável e cheia de esperança. Ele se remexe na cadeira, analisando os olhos dela, e então sorri. Ela não sabe de que cor eles estão ou o que ele viu neles, mas, de alguma maneira, ela já sabe que vai dizer sim.

Ela espera que faça um dia mais quente, mas janeiro no Condado de Boundary tem poucos desses para oferecer. Com cobertores, desfibriladores portáteis e uma bolsa de equipamentos furtados dentro da mochila de Jay, os três se dirigem para o lago.

Jay fala sem parar durante o caminho. Lucy não sabe dizer se é nervosismo ou se é como ele fica quando está prestes a realizar alguma atividade motivada por completa loucura. Ela e Colin murmuram, concordando ou discordando sempre que há uma deixa, mas ela percebe que Colin não está prestando atenção também. Os dedos dele estão enroscados aos seus, e ela os aperta com tanta firmeza quanto é capaz. Ela consegue sentir a pele dele espremida entre seus dedos e se depara com os olhos surpresos dele.

Eles pisoteiam pela neve até o enorme corte aberto no gelo e descarregam o que trouxeram. O ar zumbe com o silêncio estranhamente alto que se escuta naqueles momentos situados no limite de onde a aventura está prestes a começar.

Enquanto espera, ela para uns instantes para olhar ao seu redor. É fácil perceber por que o lago ganhou uma reputação tão sobrenatural. Na luz azul-cinzenta da tarde de inverno, ele é completamente sinistro, e fitas de névoa parecem se prender à sua superfície. Não é difícil imaginar fantasmas caminhando sem rumo pela margem, ou mesmo um homem louco arrastando uma jovem para a morte. Lucy observa os pingentes de gelo pendurados nas bordas, pesados e cintilantes pelos raios do sol angulosos. Ela olha para a sua árvore assomando acima dos dois bancos à margem do lago. Percebe nunca ter dedicado um tempo para observá-la, mas, agora que ela o faz, um arrepio a percorre – um arrepio que nada tem a ver com o vento de janeiro empurrando as pontas congeladas de seu cabelo. Os galhos estão curvados para o alto, cada ramo esticado, como dedos esperando colher um fantasma do céu. Jay sopra sonoramente o ar entre as mãos e ela se vira para ele, grata pela distração.

Lucy não sabe ao certo o que esperava – talvez Colin caminhando em volta da área com o gelo rachado, examinando, ou se preparando psicologicamente para o ato –, mas, o que quer que fosse, ela certamente não esperava que ele se despisse até ficar só de cueca. Apenas alguns minutos depois, enquanto os equipamentos eram colocados a postos, Colin já tinha mergulhado os pés pela rachadura no gelo dentro da água congelante.

Ela mal tem tempo de ser tomada pelo pânico, de sentir cada parte sua se concentrar no meio do seu corpo e o aperto onde seu coração costumava bater. A cabeça dele mergulha debaixo d'água e ele emerge, engasgando e amaldiçoando, seus braços agarrando-se desesperados na corda que eles amarraram em seu pulso.

– Gelada! Meu Deus, está gelada!

Jay avança até a beirada da rachadura, tenso e inseguro.

– Desistiu? Quer que eu te tire?

– Não, não, não, não! – berra Colin. – É que… caralho, muito gelada.

Ele treme violentamente.

– Colin! – grita Lucy. Seu peito estufa com a sensação de calor, água corrente inundando seu coração vazio. A sensação inebriante é desorientadora, completamente em desacordo com o pânico que seu cérebro está lhe dizendo para sentir. – Sai daí!

Já chega.

Isso é loucura.

Não quero mais isso.

Ela estende o braço para ele, mas Jay bate em suas mãos, afastando-as.

– Deixa comigo. Lucy, é isso que ele quer fazer.

Batendo os dentes, Colin assente e então afunda mais uma vez dentro da água congelante, com a intenção de ensopar o cabelo.

– Isso não está certo – sussurra Lucy. – Jay, isso vai matá-lo.

– Não vai – diz ele, a voz firme. Como ele pode ter tanta certeza quando tudo dentro de Lucy parece estar em conflito?

– Tudo bem. Tudo bem. Tudo bem – sussurra Colin repetidamente. – Estou bem.

Depois do que parece ser uma eternidade preenchida pelo som da água batendo contra o gelo, da respiração bufada de Colin, de Jay murmurando palavras de motivação o tempo todo "você consegue, você consegue, você aguenta, cara, vamos lá, mais uns minutos e você vai poder tocar sua mina, você consegue", Colin encolhe os ombros de uma vez, e então os olhos dele se reviram e seu corpo se solta, boiando pela superfície.

Entrando em ação, Jay segura o braço de Colin e o puxa para fora da água, arrastando-o até um cobertor térmico de alumínio estendido sobre o gelo. Ele olha as horas e então o observa ali parado, imóvel.

– Ressuscite-o! – grita ela, batendo com força nos ombros de Jay. – Por que você não está ressuscitando-o? – Ela olha para as próprias mãos, para um fluxo de sangue que ela quase consegue ver pulsando sob sua pele. Alguma coisa parece murmurar em seus ouvidos: a batida de um coração.

– Vamos dar só um minuto – diz Jay, num nível de calma que ela não consegue compreender. – A gente viu tudo que tem que ser feito. Ficará tudo bem por um tempo.

O corpo quase sem vida de Colin está azul e praticamente nu, estirado sobre o cobertor de alumínio. Ele parece mais velho do que ela se recorda; seus músculos entram em violentos espasmos. Assim que Colin tosse toda a água que engoliu, Jay se senta e fica apenas a observá-lo tremendo.

Jay parece *calmo*. Ele está totalmente à vontade com essa insanidade. Não há nervosismo nem hesitação.

Exatamente quando está prestes a explodir em pânico sob o pálido céu cinzento, ela escuta:

– Lucy. Aqui atrás.

Ela gira o corpo na direção da voz de Colin e seu coração derrete.

CAPÍTULO 26
Ele

Lucy se lança ao encontro dele, pesada e quente e cheia; os lábios dela encontram seu pescoço, sua bochecha, sua boca. Ele poderia consumir essa garota, pensa. Poderia se enterrar nela e nunca mais emergir para tomar ar.

Vendo o pescoço dela exposto diante de si e esse sorriso tão grande que reflete o céu acima deles, Colin percebe que esperava que os dois fossem sair correndo para cair sobre a neve macia e arrancar a roupa e ir direto ao ponto. Mas, quando ela ergue a cabeça e olha para ele, com olhos cheios de alívio e excitação e medo e desejo, a única coisa que ele quer é estar ali, desse jeito. O mundo à sua volta é tão brilhante e rico em detalhes que ele acha difícil até mesmo piscar. É exatamente como ele lembra.

Ela deixa que ele assuma a liderança, com os dedos em torno dos braços dele, à espera que ele decida aonde quer ir. Tudo que ele sabe é que não quer assistir a Jay ressuscitá-lo quando chegar a hora. Colin a puxa pelos braços e a leva até um banco, a alguns quilômetros de distância descendo pela trilha.

Colin se lembra das aulas de fotografia do nono ano e de como a exposição ao *flash* é medida em quantidade de segundos lux – a claridade durante um dado tempo. O ponto ideal era sempre aquele onde tudo era visível, mas a luz ainda não tinha invadido apagando os detalhes. Aqui, neste mundo, parece que a quantidade de luz que pode existir é ilimitada, e tudo o que ela faz é lhe mostrar mais e mais. Mais cores, mais detalhes. Cada folha rara tem seu pequenino esqueleto, visível até mesmo a trinta metros de distância. As nuvens desapareceram. O céu está azul, sim, mas também verde e amarelo e até mesmo vermelho. Quando inspira, ele pensa que consegue sentir cada molécula colidindo dentro de seus pulmões.

Eles se sentam. Eles sorriem. Essa é a coisa mais estranha que já aconteceu no universo; ele está certo disso. Seu corpo pode estar morrendo no lago e o que quer que o mantenha vivo – seu espírito ou alma – está mais que exultante em simplesmente estar aqui.

Lucy envolve os ombros dele com um cobertor. Ela senta sobre seu colo, encarando-o, cobrindo-os de modo que somente suas cabeças ficam espiando do lado de fora.

– Eu não estou com frio.

– Eu sei. Mas é estranho ver você assim, sem um cobertor.

Ela sorri, curvando-se para beijar a bochecha dele. Ele deixa a cabeça cair para trás, sentindo a sensação.

As mãos dela deslizam pelo seu peito.

Sólidos

Sólidos

Sólidos toques. A pele dele se levanta para encontrar com a ponta dos dedos dela.

Ela fala suavemente enquanto beija seu pescoço, seu rosto, seus ouvidos.

– Você está bem?

Ele assente. Esse lugar é a coisa mais intensa que ele já viu, e ele sente Lucy melhor do que qualquer coisa que já sentiu, que tudo, melhor até mesmo que água quente correndo pela pele fria ou o primeiro gosto do açúcar na língua. Melhor que sexo rápido ou corrida ladeira abaixo.

– Você está soltando uns gemidinhos. – Ela ri.

– Eu estou no paraíso.

Ela para, dedos imóveis, esticados sobre suas costas.

– Não, não está.

– Não foi isso o que eu quis dizer. Relaxa, tigresa. Quis dizer metaforicamente.

Ela recua e o observa.

– Você acha que eu sou louco, né? Você acha isso uma loucura – diz ele, sentindo uma súbita inquietação com a intensidade dos olhos verde-cinzentos redemoinhando à sua frente.

– Sim – diz ela, encostando o corpo ao dele. Ela chupa sua orelha. Puxa seu cabelo. – Não. – Ela chega mais perto ainda, remexendo-se em cima dele. – Há poucas coisas sobre nós que não são absurdas.

– A maior parte delas não é *absurda* – diz ele, por algum motivo incomodando-se com isso. – Não somos absurdos. É só que… – Ele procura a definição correta e desiste, rindo. – Você está morta e eu meio que estou entre a vida e a morte agora.

– Ah, *claro* – diz ela, soprando as palavras no pescoço dele. – E isso não é nenhum absurdo.

As mãos dele passam pela cintura, pelas costas, pelos seios dela. Elas se tornam desesperadas e impacientes, tomadas pelo desejo de sentir cada centímetro.

Apesar de parte dele saber que Lucy simplesmente se sente como uma *garota* – curvas suaves e pele que reage aos dedos dele e palavras cortadas por suspiros –, a maior parte dele sente Lucy como nunca sentiu nenhuma outra garota. Ela é mais macia, ela emite os melhores sons. Ele agarra a cintura dela, apertando-a. Um gemido embaraçoso escapa de seus lábios ao sentir a forma dela.

Mas isso a faz sorrir.

– Você gosta de apertar.

– O quê? – Ele ergue a cabeça, tentando entender o que ela disse pelos olhos dela. Eles estão cor de mel, famintos.

– Na foto, com sua ex.

– A foto com a Trinity, da última Festa de Inverno?

Ela assente.

– Você está segurando os quadris dela. Você está apertando-os como se os *conhecesse*.

Ele sorri para ela.

– Isso é algo que só mulheres percebem. "Como se eu os conhecesse". Não sei nem o que isso quer dizer.

– Como se você os tivesse apertado muito.

– Não vamos falar sobre minha ex-namorada agora, por favor.

– É sério. Você sente falta de ficar com uma garota que você pode apertar?

– Não.

Ela não acredita.

– Eu quero isso com você, é verdade. Mas eu não quero tanto fazer sexo assim, a ponto de achar que vale a pena conseguir em outro lugar.

Ela segura um sorriso, sem que Colin saiba por quê.

– Solta esse sorriso – diz ele. – Eu sou completamente louco por você e pelos seus quadris que não consigo nem agarrar.

Lucy lhe dá um sorriso que poderia pulverizar uma cidade pequena.

– Você é tão gostosa – sussurra ele.

Para provar que ele está errado, ela pega um punhado de neve ao lado no banco e aperta contra o peito. A neve fica lá, cristalina e cintilante na luz azulada sobrenatural. Lentamente, a pele dela a absorve. Ele supõe que seus corpos devem absorver de tudo, precisando roubar qualquer coisa sólida para tomarem forma. Nesse momento, essa garota é feita de neve e beleza.

– Me conta uma história – diz ela.

Ele encara o imenso céu por um instante antes que uma imagem surja em sua mente.

– Meus pais tinham uma dessas camas enormes king-size. Ao pé dela, ficava um baú de madeira que minha avó tinha mandado do Tibete ou da Tailândia, não me lembro. Eu estava pulando na cama e então escorreguei e quebrei a clavícula na beirada do baú.

Lucy se contrai com uma careta ao imaginar a dor. Mas ela contrai o corpo todo, e isso o faz rir, pois o que nela poderia quebrar?

– Então minha mãe me levou correndo pro hospital, e eu fui colocado no gesso mais bizarro do mundo. Eu tinha quase seis anos e nós o apelidamos de Engradado. Isso foi logo antes de eles morrerem.

Ele não sabe mais o que dizer. Não é uma história muito boa, nem mesmo tão comprida. Foi apenas a primeira das muitas vezes em que ele quebrou uma clavícula. Ele brinca com as pontas do cabelo dela, amarrando-as em nós e observando-as desenrolarem sozinhas.

– Você sente saudade dos seus pais?

– Sim. Todo dia. Mas não me lembro tão bem deles. Às vezes, gostaria de tê-los conhecido o suficiente para que a saudade faça sentido. – Parece apropriado, de algum modo, eles terem as conversas mais difíceis aqui, quando podem confortar um ao outro com contato de verdade. – A maior parte da minha vida tem sido sem eles, mas pra mim não parece.

– Do que você se lembra?

Ele consegue entender por que Lucy está fascinada com a possibilidade de uma parte da vida de Colin ser tão fragmentada quanto a vida inteira dela. Colin possui partículas de lembranças dos pais, adicionadas às fotos e histórias contadas por Dot e Joe.

– Não me lembro de muita coisa. A maior parte me contaram. Meu pai era meio desastrado. Tenho certeza de que ele seria o tipo de pai que me daria muita vergonha alheia hoje. – Ele ri. – Mas ele era divertido e brincava no chão comigo. Me carregava nos ombros. Me contava detalhes até demais sobre os animais no zoológico. Esse tipo de pai. Minha mãe era carinhosa. Bom, os dois eram, principalmente depois que a Caroline morreu. E pelo menos até ela ficar ruim da cabeça, minha mãe era calma e gostava de ler e escrever e pensava muito sobre tudo. Ela nunca queria que eu corresse ou me machucasse. A Dot falou que é por isso que eu sou tão louco agora. Ela diz que eu sou como eles, mas virado do avesso. Eu guardo minhas partes

mais delicadas do lado de dentro. Ela fala que é por isso que ficar perto de mim é tão fácil, mas é muito difícil me conhecer.

Lucy está traçando alguma coisa sobre o peito dele. Uma espiral ou letras ou uma forma. Por fim, ele percebe que ela está desenhando um coração. Não um coração como de namoro, mas um *coração*. Isso chama sua atenção para sua falta de pulsação, para a sensação oca de não possuir órgãos ao perceber que não é corpóreo. De repente, ele sente como se seu peito estivesse afundando para dentro, como um saco de papel vazio sendo amassado. Ele segura as duas mãos dela entre as suas.

– Eles tinham um bom casamento? – pergunta ela.

– Acho que sim. Quer dizer, eles morreram quando eu tinha seis anos, então… – Ele olha para o lago azul cristalino a distância. – A Caroline morreu logo depois que a gente se mudou pra cá. Tenho certeza de que isso não ajudou no casamento deles.

Colin encara um ponto sobre o ombro dela.

– Ando pensando muito ultimamente. Eu não era muito maduro, mas sei que minha mãe já bebia um pouco antes de perdermos minha irmã. Ficou muito pior depois. E ninguém a culpou, digo, sua filha de nove anos foi atropelada por um caminhão. Tenho certeza de que todo mundo entendia por que ela ficou daquele jeito. Mas e se ela não estava louca? E se ela realmente via a Caroline? Seria possível que ela estivesse mesmo aqui?

– É possível – diz Lucy. – Eu estou.

– Eu nunca vou saber, vou?

– Não sei. Mas você os verá de novo.

Ele faz uma pausa, erguendo os olhos para ela pairando sobre ele.

– Você acha mesmo?

Ela o estuda por um instante, analisando a expressão em seu rosto.

– Sim, acho.

Ele a beija por isso. Por ela estar tão certa de que sua família se encontrará de novo. Por saber que é isso que ele precisa ouvir, mesmo que ele não soubesse disso.

Os beijos dela são pequenos e doces, beijinhos como se estivesse chupando pirulito no seu lábio inferior, beijinhos entre mordiscadas… e, finalmente, os dolorosos beijos mais profundos que ele deseja.

– Eu estou feliz por você estar aqui – diz ela. Ela está feliz por ele estar *aqui*. Ela não está lá, em seu mundo de carne e osso. Ele percebe que sente a mesma coisa.

Cada palavra soa tão mais íntima quando acompanhada pela sensação da carne sob os dedos. Colin nunca se sentiu tão próximo assim de alguém, nem mesmo no estágio da paixão, quando ele se torna apenas uma ereção ambulante sem cérebro. Este sentimento aqui é intenso demais quando ele a beija; essa necessidade de entrar debaixo da pele dela com os dedos e lábios e cada parte faminta de si mesmo.

A conversa morre, e seus toques tornam-se frenéticos, pois ele sente uma estranha pressão rítmica no peito e sabe que é Jay, atrás dele, lá no lago, ressuscitando seu corpo. Ele sente o calor crescendo de dentro para fora.

Ele se levanta, tirando Lucy do colo e levando-a até a trilha. Ele começa a tocá-la cada vez mais baixo, sentindo os ossos do quadril e de sua pele oculta sob o tecido de seda, rumando para onde ela se derrete numa suave garota molhada. As mãos dela descem e o apertam, segurando de um jeito insano e perfeito, e por um átimo ele se preocupa por terem

desperdiçado todo esse tempo conversando, mas então ele abaixa os olhos e a vê sorrindo o sorriso mais bobo de felicidade, que cresce mais e mais. Mesmo quando ele começa a se dissolver, longe das mãos dela.

Ele não está preparado para partir, mas sabe que vai ficar com ela de qualquer maneira, e cada segundo de hoje foi melhor que tudo que veio antes. Colin desaparece com a visão de uma Lucy amarrotada por ele e seminua, os olhos de redemoinho e lábios de rubi despedindo-se num sorriso.

CAPÍTULO 27
Ela

Lucy não precisa se lembrar de toda a sua vida anterior para saber que nunca passou tanto tempo encarando os dedos de um garoto.

Eles abrem e fecham tortos, esticando e dobrando como se estivessem presos a uma engrenagem de metal.

Colin os flexiona repetidamente e então, deparando-se com ela a observá-lo, dobra-os num punho fechado.

– Lucy.

Ela dirige o olhar para a careta no rosto dele.

– Hum?

– Estou *bem*.

– As suas mãos, elas estão… – Ela faz gestos entortando os dedos, sem querer dizer *quebradas* ou *duras* ou, pior ainda, *erradas*.

– Vem cá. Vou te mostrar como elas estão boas.

Finalmente, um riso de alívio explode, escapando da garganta dela. Ele soa agudo, como se estivesse a um soluço de se restabelecer. Ela não consegue acreditar que ele está aqui, as cores voltando ao corpo, e quente. E que, depois de cinco horas congelado no lago, a única coisa que parece estranha é o modo como ele lentamente dobra os dedos.

Sua cumplicidade a faz sentir dor pela culpa.

– Não foi tão ruim. Voltar, quero dizer – ele sussurra na escuridão do seu quarto, no dormitório. Ele está enterrado sob várias camadas de cobertores, e tudo parece excepcionalmente calmo agora que Jay se cansou do seu ânimo pós-ressuscitação e saiu para passar a noite fora.

O que ele diz é verdade. Jay insiste que trazer Colin de volta foi fácil. Mas concordar com Colin agora lhe parece errado, como se o universo estivesse meramente esperando-a dizer que dedos enrijecidos e alguns machucados são um preço pequeno a ser cobrado, para então roubar-lhe tudo de uma só vez.

Pareceu que eles ficaram juntos por dias. Dias de conversa e toques, agarrando-se tão próximos que não sobrava ar entre os dois. Na verdade, foram apenas quinze minutos. Jay disse que começou a surtar quando Colin tremia tanto que estava quase caindo para fora do cobertor de alumínio. Mas a percepção de tempo foi generosa com eles, estendendo cada minuto.

– Lucy, pare de olhar para as minhas mãos e vem cá.

Ela se enfia ao lado dele, que a puxa para perto para sentir o calor do seu carinho. Ela se sente mais forte e mais presente do que nunca, e Colin murmura alguma coisa alegre e

satisfeito.

– Que foi?

– Você – diz ele, sonolento. – Só estou pensando se você está diferente porque você é diferente ou porque eu estou sentindo você diferente.

– Como assim?

– Você parece mais sólida. Mais forte.

– Mais forte como? – Ela quer saber se ele também sente o mesmo, como se ela estivesse se tornando mais estável.

Em vez de responder, ele simplesmente diz:

– Eu quero entrar no lago de novo.



Se Lucy achou que Jay e Colin se organizaram bem antes, a organização dessa vez era quase militar. Novos equipamentos de resgate e suprimentos estão espalhados sobre o tapete diante deles. Eles escolhem a hora baseados nos horários da escola e na previsão do tempo. Eles colocam e recolocam suprimentos na mochila, visualizando todo cenário possível, até os mínimos detalhes.

É reconfortante… de um modo completamente torto. Ela sabe que, se protestar demais, Colin perceberá que está mentindo. Não quer que ele arrisque a vida, mas existe uma parte em si que se torna mais forte e parece desabrochar toda vez que ele fala sobre isso. Seria egoísmo? Ela não sabe ao certo como processar o que está sentindo, esse fascínio ao observar alguém que ela ama ser tão profundamente imprudente.

– Da última vez, eu mantive sua temperatura bem estável, em torno de trinta e três graus. – Jay dá uma risadinha debochada e acrescenta: – Claro, seria bem mais preciso se eu pudesse medir no reto.

– Quantas vezes eu tenho que te dizer que você nunca vai encostar lá? – protesta Colin.

Lucy fica observando-os cacarejarem como dois meninos de doze anos de idade, antes de baixar os olhos para o caderninho sobre seu colo. Ela rabisca círculos tortos e quadrados, flores e nuvens, tentando se lembrar de suas palavras favoritas surgindo juntas sob a pressão do lápis.

Cristalino. Treliça. Ímpeto. Sublimar. Entalpia.

As palavras se abrem em seus pensamentos, lembrando-a de uma sala de aula, de ingressar na universidade para estudar os dias úmidos de verão, de uma bolsa de estudos que deveria ter sido dela. Ao abaixar os olhos para o papel, ela se surpreende ao ver cada letra escrita perfeitamente, nada trêmulas ou com linhas desaparecendo. Ela as observa, alegrando-se. Ela nunca conseguiu segurar um lápis por muito tempo, muito menos pôr ideias no papel, de modo que ver as palavras se desprenderem da ponta do lápis é quase tão fascinante quanto a estranha obsessão dos rapazes pela nova atividade mortal no lago.

– Meu Deus, Lucy! – grita Colin, e ela imediatamente congela, quebrando a ponta do lápis.

– Que foi?

– Você está *escrevendo*. – Ele está sorrindo como se ela fosse um bebê e acabasse de ter dado seu primeiro passo.

Jay bate palmas lentamente e assovia. Ficando de pé, Colin abandona a quantidade de ferramentas e livros e cobertores espalhados em torno deles para se sentar ao lado dela na cama.

Ele chega mais perto, passando a mão no ombro dela e dizendo:

– Acho que você está mais forte ultimamente. Mais sólida.

Ela o observa. Ele está sendo repetitivo, e sua fala parece um pouquinho estranha, como se ele tivesse que encadear seus pensamentos por partes. Antes que ela possa dizer que ele disse a mesma coisa na noite passada, uma janela de repente se escancara, trazendo para dentro um intenso vento de ar congelante e interrompendo a empolgação de Colin. Ele fecha a janela com força e, quando se vira, as mãos dele estão tão frias quanto as dela. Mas, de alguma forma, a excitação que isso traz – a sugestão do frio que está por vir no lago – parece fogo dentro de Lucy.



Ela se pergunta se é assim que um tigre se sente quando capta o cheiro da presa na brisa, ou como um corredor de longa distância se sente esperando com a ponta do pé na linha de partida. Ela sente como se pudesse explodir para fora da própria pele e evaporar em milhões de pequeninas partículas cintilantes. Será que essa leveza, essa alegria que ela sente enquanto Colin se despe até ficar de cueca no frio, significa que ela vai sair voando pelos ares?

Da última vez, Colin se despiu e pulou direto na água, como se, ao parar e pensar demais, ele não fosse seguir com o plano. Dessa vez, ele olha para ela, seu sorriso formando-se tão lentamente quanto as piscadelas que lhe são características. Ela dá um passo para trás, e então, de novo, vira-se para a trilha antes mesmo que ele submerja.



Acontece exatamente como ela espera. Eles se encontram no mesmo ponto na trilha e viram-se, rindo e correndo com o vento, descendo o caminho até o galpão, aos tropeços.

Jay acha que pode lhes dar uma hora.

Uma hora.

Mesmo com o brilhante azul-pálido da manhã lá fora, parece noite dentro do galpão. Raios de luz brincam com as estrelas do ar empoeirado, e a pele de Colin parece acesa por dentro, como se ele agora fosse alguém diferente.

Ele pragueja em voz baixa, um som de fascínio, apertando o rosto dela entre as palmas da mão e beijando-a tão intensamente, tão faminto. Então ele a guia, andando de costas, vira-se e deita ela sobre o colchão de ar, afastando a pilha de cobertores. Nuvens de poeira se levantam ao redor, folhas se partem sob eles, mas o cenário não importa. A pele dele, a pele dela; deslizam e se apertam, quentes e suaves. Nem muito, nem pouco. Perfeito.

Eles se beijam tirando as últimas peças de roupa, e então ele se move dentro dela, sobre ela e entre sussurros. Ela não se importa com o final próximo, pois é essa a sensação – *esta* sensação, aqui – de que eles sentiam falta. A conexão e o toque, a comunicação além de

quaisquer palavras. Colin sussurra palavras de amor grudado ao seu pescoço enquanto estremece sobre ela.

Ela o agarra com força, apertando o rosto contra a pele dele e ouvindo o som dos cobertores farfalhando ao lado de sua cabeça, quando ele os livra. Lucy não quer sair daqui, talvez nunca.

– Tudo bem? – pergunta ele, com a boca aberta, traçando um caminho do seu pescoço até seu ouvido. Quando ela assente, ele sussurra: – Não sei como me sinto por nossa primeira vez ter sido num galpão sujo.

Ela ri.

– Não me importo com o cenário.

Ele recua e a encara, uma divertida expressão despojada no rosto, mas obviamente risonha, e então pisca, lânguido, somente para ela.

– Eu também não.

O momento se estende. Colin paira sobre ela, beijando, de olhos abertos, com uma intensidade que faz cada músculo de seu corpo ficar tenso, faz seu peito doer pelo tanto que ele a consome.

Ele não precisa dizer que a ama, mas diz.

Então ele se afasta, voando para trás como se um laço o puxasse pelo peito, a boca escancarada num grito de angústia, articulando seu nome. Ele atravessa os anéis de luz e poeira no ar, infiltrando-se facilmente pelas paredes rachadas e pelas tábuas de madeira emboloradas. E então Colin se vai.



Horas. Ela parece levar horas para se vestir e descer a trilha, em disparada, para o local onde Jay o tirou da água, para onde Colin estará acordado. Lucy salta sobre raízes e galhos na lama cheia de neve à margem do lago. Ela não sabe como administrar esses membros novos e estranhamente pesados.

E então ela está lá, caindo em cima do corpo azul-cinzento, desculpando-se e beijando o rosto inconsciente.

– O que aconteceu? Por que você o trouxe de volta antes da hora?

– Não foi antes da hora, Lucy. Esperei exatamente uma hora. – Jay a afasta de Colin, soprando ar dentro dos pulmões e golpeando o peito dele. – *Porra*, acorda, Col.

Lucy cerra as mãos em punhos, uma onda de fúria faiscando por sua pele, e afasta num golpe o braço de Jay, que grita, encarando-a horrorizado por um instante.

– O que aconteceu com você? – pergunta ele, a voz trêmula. Ele fecha os olhos com força e olha para ela mais uma vez, antes de alcançar outro aquecedor de mão para enfiá-lo dentro das luvas que cobriam os dedos de Colin. – O que aconteceu com seu rosto?

– Meu rosto?

Ele balança a cabeça.

– Nada. Eu devo ter…

Lucy ignora os murmúrios incoerentes de Jay e se deita em cima de Colin, abraçando-o através da pesada camada de cobertores.

– Eu estou aqui. Você vai ficar bem. Eu estou aqui.

CAPÍTULO 28
Ele

É tão estranho estar neste lugar de novo, entre a vida e a outra vida se desenrolando. Colin sente a suave ardência do gelo e da neve contra a pele, mas não está com frio. *Flashes* de luz pulsam, reverberando em suas pálpebras fechadas, e o eco de seu nome vibra pelo ar gritado por vozes em pânico, mas ele está sem forças para abrir os olhos. Apesar do barulho em sua cabeça, seu peito está estranhamente silencioso. Está demorando tempo demais, e o instinto de retornar enfraquece cada vez mais.

Ele sente uma tênue picada de medo, mas passa rápido, o impulso de escorregar para dentro da escuridão envolvendo-o como um cobertor. Numa repentina e sinistra compreensão, Colin percebe que sua inclinação de se deixar levar pelo lago deve-se ao fato de o lago *pertencer* a Lucy. Ele está menos surpreso em saber que Lucy é o fantasma do que em sentir em seus ossos gelados que ela está esperando por *ele*. Há muito tempo não há nada para ele aqui, mas há tudo para ele no lago. Seria tão fácil voltar e caminhar pela trilha com Lucy.

O tempo todo, bastava só fazer isso.

CAPÍTULO 29
Ela

Os olhos dele abrem-se de repente. Não é aquele despertar tranquilo e pestanejante que ela esperava; num momento ele está azul e inconsciente e, no seguinte, ele a encara, sorvendo ar, o rosto queimando vermelho.

– Lucy – ele arfa. Ele engole o ar com força, como se estivesse sugando oxigênio por um canudo.

Ela põe a mão no pescoço dele para sentir sua pulsação.

– Colin – ela tem milhares de perguntas. *Você consegue me sentir? Você se lembra? Está doendo? Está conseguindo se mexer?*

– Eu acho que sei pra onde você vai – ele murmura emocionado em seu pescoço. O corpo todo dele começa a tremer violentamente, e ele demora um momento para conseguir soltar as palavras. – Eu acho que você mora no lago.

O sangue em suas veias congela com o pensamento de que seu lar é aquele mundo profundo e isolado. Que é ela quem assombra esta escola. Mas algo nisso soa verdadeiro; ela encontra mais paz no lago do que em qualquer outro lugar no campus. E suas águas não saem nem entram; o lago é tão cercado de terra quanto ela.



Centímetro por centímetro, a claridade do sol rouba a escuridão do quarto de Colin e um ponto de luz finalmente cai sobre seu corpo quente que respira pesadamente. Pela centésima vez, ela memoriza o rosto, o pescoço dele, o modo como seus cabelos se enrolam e caem sobre a testa.

– Acorda. Fala comigo – diz ela. Foi uma das noites mais longas que ela já passou com ele, esperando que ele voltasse e lhe mostrasse que não estava machucado. Ou doente. Ou com danos cerebrais.

Ele balbucia afastando o sono, virando-se para encará-la.

– Sua pele parece tão diferente ultimamente. – Ele faz uma pausa, e Lucy espera que ele perceba que essa conversa já é familiar. – Você acha que isso tem a ver comigo? – ele diz, em vez disso.

Ela recua para observá-lo. Observá-lo de verdade, tentando ver se as pupilas dele reagem à luz ou se a pele dele voltou à cor normal. Será que ele não lembra que tiveram essa conversa antes, e agora já é a segunda vez?

– Talvez.

– Você acha que eu ficando perto de você, ou mesmo *igual* a você no lago, de alguma forma te faz mais… – Ele balança a cabeça, esfregando o rosto. – Tipo, mais real?

Ela sorri, tentando ignorar o estranho comichão que sente na espinha ao ver a expressão ingênua, de olhos arregalados, no rosto dele.

– Eu quero ser uma menina de verdade, Gepeto.

– Eu falo sério.

– Eu também.

– Talvez a gente consiga ir pra uma outra dimensão, que nos mostre como fazer pra você voltar a ser humana – diz ele. – Com mais prática.

Ela lhe lança seu melhor olhar de o-que-diabos-você-está-falando e fala:

– Não vamos fazer mais nenhuma viagem interdimensional. Acho que você já usou sua última passagem.

Ele balança a cabeça, imediatamente aborrecido, e embora a mente dela se preocupe, seu coração sente uma silenciosa corrente elétrica. Algo dentro dela começa a bater. E é isso que a preocupa: se ela é uma Guardiã, por que ela se sente tão bem por ele estar aos frangalhos?



Lucy nunca viu Jay desconcertado antes. Pelo menos, é o que ela pressupõe estar acontecendo no almoço, enquanto ele está silencioso e inquieto. Seus olhos frequentemente incisivos estão focados nos tênis. Ele está rabiscando com um marcador preto sobre rabiscos mais velhos. A fresca tinta preta se destaca contra o agora cinza-desbotado.

Sobre "grenouille", ele escreve "eau". Sobre "papillon", ele escreve "froid". Como se pensasse melhor, ele acrescenta "CHAUD", inteira em maiúsculas.

"Sapo" e "borboleta" viram "água fria", e depois "quente".

Ela vasculha dentro da cabeça por mais palavras em francês, mas uma vasta extensão nebulosa a saúda. Ela não consegue montar o quebra-cabeça de suas memórias, como elas parecem estar enterradas até receberem o menor dos puxões e então serem expelidas para fora. Ela se pergunta que outras coisas serão reveladas quando o devido empurrãozinho for dado. Talvez algo que explique aonde ela vai quando desaparece, e que tipo de Guardiã deixa seu Protegido mergulhar dentro de um lago congelado repetidas vezes apenas para que ela possa tocá-lo.

– Eu não sabia que você pegou aulas de francês – diz ela. Ao seu lado, Colin está com o rosto enterrado num livro sobre os efeitos agudos da hipotermia.

– Não peguei – diz Jay na defensiva, como se de algum modo tivesse sido flagrado. Como se ele devesse uma explicação.

Eles formam um trio esquisito, tendo entre eles um segredo do tamanho do Oceano Pacífico, levando suas vidas normais no estranho mundo de uma escola particular. O som dos tênis derrapando na quadra de basquete lhes chega a distância. Um garoto gordinho e rechonchudo faz três cestas seguidas da linha dos três pontos. Lucy quer perguntar a Jay como ele conhece a palavra "sapo" em francês, já que ele não está fazendo aulas, mas essa lhe parece ser a pergunta mais inconsequente que ela poderia formular depois de tudo o que aconteceu no último fim de semana.

– Você está bem, Jay?

– Minha mãe é francesa – ele diz, em vez de responder.

– Isso explica o "grenouille" – diz ela e ele sorri, corrigindo a pronúncia dela em voz baixa. – Mas isso não explica por que você está mudo hoje. Você está surtado pelo que aconteceu?

Ele encolhe os ombros, relaxando lentamente. Jay é agitado e cheio de tiques nervosos; esse encolher de ombros é decididamente um gesto nada típico seu.

– Só pensando. – Ele pega sua mochila e tira uma revista. A capa está amassada e coberta por notas rascunhadas e desenhos. As páginas estão com orelhas, rasgadas nos cantos, TRAPO SUJO escrito no topo em sinuosas letras verdes.

– Jay – começa Lucy, incerta sobre o humor dele e sobre como melhor formular seus pensamentos. Ela lança um olhar para Colin, satisfeita por ele estar suficientemente distraído. – Nenhum de vocês dois ouve aquela voz dentro da cabeça dizendo que o que estamos fazendo é loucura?

– Eu ouço – diz ele, então acena na direção de Colin. – Ele que nunca ouve.

E claro que Colin escolhe esse exato momento para tirar os olhos do livro.

– Eu nunca ouço o quê?

– Instinto de autopreservação. Você nunca dá meia-volta diante de um morro ou um salto. Eu nunca vi você olhar uma coisa e dizer "Eu não devia tentar fazer isso". O que não quer dizer que você sempre consegue, mas você sempre tenta. O seu anjo da guarda não é muito bom. – Curvando-se sobre a revista, Jay acrescenta em voz baixa: – Só o demônio.

Colin ri, e Lucy sente como se uma mão torcesse seu coração. Jay continua:

– Não consigo acreditar que as coisas aconteceram daquele jeito no lago.

– Que jeito? – pergunta Colin, cautelosamente.

Lucy começa a formular mentalmente uma desculpa para Jay, selecionando as palavras em sua cabeça para falar do modo melhor e mais simples, para que ele entenda que ela está mais agradecida do que ele imagina. Ela considera acrescentar que eles nunca mais irão pedir isso de novo, mas as palavras parecem escorregadias em seus pensamentos.

Mas, em vez de explicar sua preocupação, Jay abre lentamente um sorriso para Colin.

– Funcionou. Digo, olha pra você. Você está bem. É uma loucura a gente ter feito de verdade isso, e eu estou aqui viajando. Não sei como mais pessoas não tentam. Até *eu* estou com vontade de tentar.

Já assentindo, Colin se lança na conversa, e os dois disparam a falar a um quilômetro por segundo, e apesar de Lucy saber que deveria se preocupar, tudo dentro dela explode em alívio. Aparentemente, pular dentro de um lago congelado é como qualquer outro esporte radical. Você acha que vai morrer, mas o que você consegue é o surto de adrenalina da sua vida.

Ela odeia a própria reação, odeia a própria calma. Odeia o quanto deseja Colin no lago. Odeia não entender.

Mas Lucy não consegue ficar ouvindo-os fazendo planos animadamente, pois sente como se estivesse consentindo com essa insanidade. Em vez disso, ela dá uma palmadinha na perna de Colin enquanto se levanta, dizendo que vai sair para uma caminhada. Apesar de sua luta interior, ela sente uma força envolvendo solidamente seus ossos, seus músculos enrijecendo com vitalidade ante o mero pensamento de ver Colin mergulhando para encontrá-la na trilha

que já lhes pertencia. Ela quer esconder dele essa força estranha que parece puxá-la, mas sabe que não importa o quanto vá longe, ela não conseguiria escondê-la de si mesma.

Seria por que ela morreu perto do lago? Seria essa a conexão? Talvez se entendesse o que aconteceu com os outros Guardiões no campus, ela saberia mais sobre o motivo por que voltou e por que consegue levar Colin para seu mundo. A irmãzinha de Colin morreu na estrada da escola e a mãe dele jogou o carro com todos eles para fora de uma ponte, provavelmente tentando encontrá-la. Agora que Colin sabe como encontrar o mundo de Lucy, seria diferente para eles? Conseguiriam os dois lidar com esse estranho equilíbrio entre o mundo de cima e o de baixo? Onde Henry morreu? É para lá que ele vai também quando desaparece?

Na biblioteca, Lucy procura nos arquivos por qualquer informação sobre Henry Moss. O nome aparece em vários lugares: um dentista em Atlanta, uma celebridade do futebol americano em um colégio em Augusta. E então uma história sobre um estudante de Billings, de 22 anos, morto por uma bala perdida de um caçador durante uma excursão nas profundezas da floresta do campus. Recostando-se na cadeira, ela encara a foto de Henry antes de ser morto, mostrando para a câmera o largo sorriso que lhe é característico.

Caroline Novak foi atropelada por um caminhão que se dirigia para a escola. Henry morreu na floresta. Lucy morreu na trilha. Os três voltaram e parecem ter voltado *por causa de* alguém: uma mãe arrasada, um garoto com câncer, e um órfão que impediu um assassino de matar inúmeras outras pessoas.

– Mas *por que* desaparecemos? – pergunta ela em voz alta, esfregando distraída a forma sólida de seu braço. Ela está começando a suspeitar que ela volta para o lago – e que sempre esteve lá. Acontece o mesmo com os outros também? Será que também ficam flutuando em alguma imagem espelhada deste mundo quando desaparecem?

Ela precisa encontrar Henry. Ela precisa perguntar-lhe quando ele se sente mais sólido e permanente, e se ele se sente no polo oposto logo antes de desaparecer. Mas ela precisa fazer isso sem dar a entender que se sente no melhor estado possível bem no momento em que Colin está escapando da morte por apenas um triz.



Dessa vez, acaba sendo fácil encontrá-lo, lendo sentado sobre um banco, debaixo de um grande bordo sem folhas próximo ao prédio de Artes. Quando Henry a vê, ele se levanta, gritando seu nome e gesticulando para ela juntar-se a ele. Eles sobem os degraus e passam pelas pesadas portas juntos, exatamente quando o céu se abre e a neve começa a cair.

– Onde está o Alex? – pergunta ela.

Henry gesticula na direção do pátio atrás deles.

– Inglês. Eu estou cansado das aulas de história desse semestre. Não que eu me lembre de tudo do passado, mas ainda assim parece que já ouvi tudo aquilo antes.

Com uma piscadela, ele a puxa pela mão e ela o segue, entrando no auditório, descendo pelo corredor central e entrando no fosso da orquestra. Embora os passos deles ecoem na pequena quase-caverna, é fácil perceber que estão completamente sozinhos. Eles seriam capazes de ouvir uma agulha caindo sobre o palco.

– Preciso te contar uma coisa – diz ela, puxando as mangas da camisa. – Eu sei como você morreu, ou pelo menos quem te matou.

– Ai – diz ele. – Ai. Eu fui… assassinado também?

– Foi. Bem, acho que "morte acidental" define melhor. Você foi morto por uma bala perdida de um caçador. Eu acho que você visitava a floresta quando estava de férias da faculdade, e foi então que você levou o tiro.

Henry se levanta, dando alguns passos antes de se sentar novamente, e Lucy morde os lábios para não sorrir ante essa ignorância familiar. Se Colin não tivesse lhe contado sobre sua morte, provavelmente ainda estaria alheia a tudo isso, também. Henry ergue os olhos para o teto, faz uma pausa, e então pisca de volta para Lucy.

– Eu sempre fiquei meio preocupado de que essa informação seria a final e, de repente, bum! O céu se abriria e eu seria liberto ou mandado de volta ou o que quer que seja nosso destino.

– Por isso que o Colin não me contou como eu morri no começo; ele ficou com medo de que isso seria a coisa que me mandaria embora para sempre. – Lucy estremece, odiando a sensação de ter uma bomba em contagem regressiva sob a pele, esse fator desconhecido desolador. O que será que a mandaria embora? Ela hesita. – Mas eu acho que tem alguma coisa nessa escola. Tipo, que ela prende a gente aqui, sabe-se lá como. Todo mundo que morreu aqui tecnicamente morreu onde ainda era terreno da escola. Eu acho que existiram outros, talvez ainda existam *agora* mesmo.

– Você viu alguém?

Ela balança a cabeça.

– Não, mas a mãe do Colin jurava que viu o fantasma da filha dela, Caroline. Ela dirigiu com eles para fora de uma ponte, e fico me perguntando se ela pensou que seria uma maneira de juntar a família de novo. Colin quase não sobreviveu ao acidente. Mas e se a mãe dele estivesse mesmo vendo a filha? E se formos apenas fantasmas, e apenas estamos… *aqui*?

– Sem um propósito?

Lucy assente.

– Sem um propósito. Assombrando. Presos.

Henry parece não gostar da ideia, balançando veementemente a cabeça.

– Se a Caroline era uma Guardiã como a gente, não tem como ela ter feito a própria *mãe* dirigir pra fora de uma *ponte*.

Uma inquietação faz o peito de Lucy se apertar. Ele a encara em seu costumeiro modo intenso, como se pudesse ver os pensamentos dela pairando sob a pele.

– E como anda o Colin?

– Ele está bem – diz ela, sem acrescentar o milagre que é isso.

– Que mais anda te perturbando, irmãzinha? – Henry vira-se na cadeira de modo a olhá-la de frente, os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Algumas vezes você se sente mais forte que em outras? – pergunta ela.

– Como assim "mais forte"? Você diz mais sólido?

Ela assente, puxando um fio da manga da camisa.

– Eu sei que isso é algo particular, mas às vezes o Colin mal consegue me tocar, e em outras eu sinto como se… – Lucy se recorda da foto de Colin com as mãos descansando sobre as curvas de uma garota humana – como se ele pudesse me segurar. Mas não sei dizer o que eu

faço pra isso acontecer. Eu gostaria de saber, assim eu poderia fazer mais vezes.

– Eu não tenho nenhum conselho pra dar porque isso nunca parece mudar pra mim – diz Henry, como quem pede desculpas. E então solta um gemido, oferecendo-lhe um olhar brincalhão de enfezamento. – Sortuda.

– Mas quando o Alex te toca, ele consegue, tipo, te *tocar*?

Como se estivesse em algum lugar escondido esperando a deixa, Alex entra no auditório. Suas botas batem pesadas pelo corredor central, descendo os degraus do fosso antes de desabar numa cadeira ao lado de Henry. Ele olha de um para outro, as marcas sob seus olhos quase pretas na sombra.

– O que está rolando?

Henry leva as mãos até as pernas de Alex, puxando-as sobre seu colo.

– A Lucy me perguntou se você gosta de me tocar.

Lucy solta um gemido e enterra o rosto entre as mãos.

– Não foi isso que eu perguntei. Perguntei se você *consegue* tocá-lo. Não preciso de um relato sobre isso.

Alex sorri.

– Consigo. Mas ele se sente cheio de eletricidade.

Henry observa Lucy por um instante antes de perguntar:

– Tenho certeza de que você já pensou nisso, mas o que acontece quando você se sente mais forte?

Ela se lembra de quando percebeu isso: no lago, quando Colin saiu pedalando. Mas também quando Colin voltou do hospital. Ela gostaria de poder identificar um humor ou mesmo um evento.

– Eu percebi isso quando estávamos lá fora juntos, ou quando ele está andando de bicicleta. Achei que fosse por ele estar feliz, mas eu também me senti assim quando ele estava se recuperando.

– Mesmo se recuperando, eu acho que provavelmente ele estava feliz em estar vivo, no quarto dele com a namorada, então eu não tomaria como regra essa sua teoria.

Lucy deixa a cabeça cair, sorrindo para o próprio colo.

– Acho que sim.

– Mas quer saber a *minha* teoria? Você se sente mais forte quando está no caminho certo, quando está fazendo o que deveria estar fazendo. Pode ser que seja quando Colin está mais feliz, pode ser que não. Pense no momento em que você se sentiu mais forte, mais real, e faça isso de novo.

Ela ergue o olhar para o teto adornado acima de sua cabeça, pintado em vermelho e ouro intensos e decorado com complexas molduras. Ela se sentiu quase sólida antes de Colin decidir entrar no lago. *Será que devo esconder esse segredo de Henry? Ele não iria querer saber que pode ficar assim com Alex também?*

– Digo – diz Henry, interrompendo o debate interno de Lucy –, eu acho que me sinto mais forte a cada dia que passa. E o Alex ainda está em remissão. O que me faz pensar que tudo que estou fazendo por ele é certo.

Isso faz Lucy se decidir. Jamais pode contar a Henry o que ela está deixando Colin fazer no lago.

– Entendo.

– O que eu quero dizer é: olhe para o Colin. Observe-o. Se você fizer alguma coisa que o deixe feliz, você vai sentir essa força dentro de você crescer. Se a força vem de outro lugar, você vai perceber. Eu vi seu nome em algumas placas de química no prédio de Ciências – diz ele, com um largo sorriso. – Faça alguns experimentos.

Ela se levanta, decidida a começar os experimentos imediatamente:

– Henry, meu cabelo é de que cor?

Ele ergue rápido o olhar para ela, antes de romper num riso suave.

– Não é a coisa mais estranha que você já me perguntou, mas tudo bem, vamos lá: é castanho.

CAPÍTULO 30
Ele

Está um frio dos diabos. Colin junta as mãos na boca e assopra, tentando esquentá-las. O vento chicoteia ao lado da biblioteca, congelando-o através da roupa térmica, de duas camisetas, gorro e seu casaco favorito. Ele se encolhe mais, buscando o calor de seu capuz, e balança suavemente, para a frente e para trás sobre seu skate, observando Jay fazer sua bicicleta voar baixo sobre um longo lance de escadas. Grandes amontoados de neve suja acompanham ambas as laterais da escadaria, e o céu parece pesado e inchado, como se estivesse prestes a se abrir e desabar sobre eles.

O descongelador espalhado pela calçada estala e é esmagado sob as rodas de Colin, que se aproxima de Jay.

– Achei que hoje devia esquentar. Por que está tão frio? – resmunga Jay.

Colin não responde, sem querer pensar no que vai acontecer quando o lago começar a derreter. Ao contrário do amigo, ele está satisfeito com a temperatura congelante, com o modo como, a cada vez que sorve o ar, ele parece queimar em seus pulmões, e também com o modo como os outros estudantes passam apressados, praticamente subindo em disparada no lance de escadas para entrar.

– Graças a Deus não estamos no lago hoje – diz Jay, os dentes batendo. – Nossas bolas estariam congelando. Literalmente.

Colin solta uma risada.

– Isso porque não é você que fica pelado e molhado.

– Pois é. Eu sou o que fica sentado num lago congelado por uma hora enquanto você fica com toda a diversão.

Colin bufa ao ouvir a palavra “diversão”. A ideia de diversão deles nunca fez muito sentido para mais ninguém, mas com Jay parece perfeitamente normal caracterizar um salto dentro de um lago congelado em janeiro como diversão.

– Você acha que ela vai querer de novo? – emenda Jay. – Ela se levantou e foi embora meio que de repente hoje.

– Não faço ideia.

Colin expira sonoramente no ar frio, a condensação formando uma pequena nuvem à sua frente. Ele se lembra de como, quando eram crianças, ele e Jay costumavam pensar que eles eram descolados e fingiam estar soltando baforadas de um cigarro invisível. Ele sabe que as pequeninas partículas de sua respiração congelam quando encontram o ar gelado, indo de um estado gasoso para um líquido mais denso e sólido, formando cristais de gelo antes de se dissolverem em partículas invisíveis. Ele meio que odeia que isso o faça se lembrar de Lucy, como uma terrível metáfora do que pode acontecer quando os dias se tornarem secos e quentes

na primavera e não houver mais nada no ar para mantê-la em sua forma. Seria possível ela desaparecer junto com o frio?

Jay ergue a roda traseira da bicicleta, apoiando-se no corrimão.

– É isso, então? Paramos? Quando a gente vai admitir isso?

– Não sei – responde Colin. – Ela diz que não quer mais que eu faça, mas…

– Céus, eu ainda não consigo acreditar que funcionou! Digo, me diz uma coisa, você já realmente pensou no que você está fazendo? Você está tendo uma experiência fora do corpo e pegando uma fantasma. Pouco importa se isso é muita loucura. É como se você estivesse trapaceando a morte, Col. De novo! Isso é muito da hora.

– *Não* diga isso perto da Lucy – diz Colin. Ele sobe as escadas e lança um olhar pelo pátio.

Ele odiou aquela frase – trapaceando a morte – se formando, como se ele fosse de algum modo mais esperto que seus pais e no último minuto tivesse conseguido puxar uma carta da manga que o deixasse vivo, mas matasse seus pais.

– Eu não estou trapaceando nada. Todos os dias as pessoas entram em carros, aviões, barcos. Escalam e planam e saltam de montanhas absurdas. Tantas pessoas já fizeram essas coisas e sobreviveram que nós nem pensamos duas vezes antes de dar partida no nosso carro e engatar a quinta marcha na estrada, com seus caminhoneiros embriagados e dorminhocos dirigindo a toda velocidade lá. E se o que eu estiver fazendo não for mais perigoso do que esquiar? Você não sabe, Jay. Ninguém faz isso, então você acha que é radical. Talvez não seja.

Jay assente quase o tempo todo em que Colin está discursando e ergue uma mão no ar quando ele termina.

– Eu entendo. Tipo, no começo eu estava fazendo isso porque parecia que eu nunca mais ia te ver. Mas agora eu acho da hora. Deixar que você se divirta congelando as próprias bolas.

Colin se endireita sobre o skate e pula do concreto, agachando-se num impulso e saltando, batendo a traseira da prancha para sair do chão. Mesmo tão dolorido, existe esse momento frequente de se sentir renascendo quando está nos ares, onde sua mente clareia e o surto de adrenalina suprime o vento em seus ouvidos e o frio em seu rosto. A frente da prancha se choca, agarrando no corrimão, e cedo demais suas rodas batem no concreto. Colin mexe os braços e se esforça para aterrissar com firmeza, segurando-se no corrimão para não cair.

– Que massa – diz Jay, apoiado no corrimão.

– Quase caí.

– Cara, você estava com hipotermia ontem. Pega leve.

Colin aproxima-se para parar diante dele.

– O que você falou antes pra Lucy, sobre o demônio nos meus ombros… Você sabe que eu não estou querendo me machucar, certo?

– Eu sei. O que eu acho é que você tem mais coragem que todos nós.

Colin balança a cabeça.

– Não, escuta. Você sabe aquele sentimento de estar numa descida íngreme a uns sessenta metros de distância do chão? Ou de olhar para uma queda de uns trinta metros e pensar "É agora ou nunca"? Só funciona se você nunca duvidar que consegue. Parado lá naquele gelo, eu me sinto completamente a salvo.

– Como se você estivesse no seu lugar – diz Jay.

– Exatamente.

– Mas você precisa convencer a Lucy disso.

– Eu sei.

– Bem, então faça isso logo, seu sortudo de uma figa. Eu não tenho uma namorada fantasma. Me deixe pelo menos viver isso indiretamente.

CAPÍTULO 31
Ela

Colin e Jay estão perto dos fundos da biblioteca, pulando de corrimãos e escadas, quando Lucy volta. Colin aproxima-se lentamente dela, como se ela fosse morder, primeiro estudando seus olhos e depois pegando sua mão.

– Você está brava?

– Eu não estava brava. – Ela leva os dedos dele aos lábios para beijá-los.

– Claro que estava – diz Jay, derrapando perto deles. – Você tem que confiar que a gente domina a parada. Nós somos experts em aventura.

– Domina a parada? – Ela balança a cabeça para ele, segurando uma risada. – Não faz isso, Jay. Você não sabe imitar um gângster.

– Ignore-o – diz Colin, pressionando uma mão sobre o peito de Jay e o empurrando de lado. – Quero ter certeza de que está tudo bem.

– Eu precisava pensar. Fui conversar com o Henry.

– Você contou do lago pra ele?

– Não, não – ela o tranquiliza imediatamente. – Eu queria saber por que eu me sinto diferente ultimamente. Mas isso não acontece com ele. Ele diz que está sempre o mesmo.

A expressão no rosto de Colin murcha, mas ele tenta esconder seu desapontamento.

– A gente vai descobrir. – Ele beija a bochecha dela antes de se virar para observar Jay descer agarrando-se aos degraus de novo.

Por sua vez, Lucy observa Colin, pensando no que Henry disse no auditório. Ela põe a mão sobre o antebraço oposto, sentindo a energia redemoinhando sob sua pele.

– Como você se sente hoje?

Ele lança um olhar para ela antes de voltar-se para Jay novamente.

– Bem. Eu juro. Sem mais formigamentos nos dedos. – Ele os agita em demonstração, brincalhão, mas Lucy sente apenas o aperto em seu peito se intensificar. Ela sente falta de alguma coisa. Sente falta de alguma coisa e não pode desaparecer de novo.

Ela está *aqui* por causa dele. Ele a trouxe de volta; ele precisa dela de um modo que ela ainda não entende inteiramente.

– E você realmente quer voltar pro lago?

Ele se vira totalmente para ela agora, os olhos brilhando.

– Sim, eu quero.

Lucy aperta o próprio braço. Nada. Colin parece esperançoso, quase leviano, mas ela basicamente se sente a mesma: está em algum lugar entre sólido e gasoso. Naquela estranha terra de ninguém, na iminência do sublime.

– E tudo bem por você, entrar sozinho no lago? Só com o Jay ao seu lado pra te tirar da

água?

– Com certeza.

Colin está praticamente vibrando de felicidade agora, mas Lucy não nota nenhuma diferença nela mesma. Não pode estar ligado apenas à felicidade dele. Tem alguma coisa que ela não está entendendo direito.

– Não tem um jeito melhor de fazer isso?

– Além de encher meu colchão de gelo e me enrolar nele? – diz ele, rindo. – Não. Desse jeito funciona.

Vá com ele.

A ideia faz brilhar uma percepção tão forte que ela leva um momento para enxergar além dela e para o presente, onde Colin desviou o olhar novamente. Ela voltou do lago para estar com ele, mas o mandou para a água sozinho. Toda vez que ele entra, ela se sente mais forte… Ela se sente mais forte para poder *ajudá-lo*.

– Você quer que eu entre na água com você?

Seus dedos sentem o choque de energia afluindo sob a pele, e ela tira a mão como se tivesse ligado os próprios dedos numa tomada.

Colin põe a mão sobre o ombro dela, trazendo-lhe segurança. Ela se lembra do primeiro dia, no refeitório, quando ela o viu e se sentiu faminta pelos detalhes do seu rosto visto mais de perto, de sua voz, da sensação da pele dele na dela. Há anos ela esteve encarando o rosto dele. O rosto que se encontra aqui, bem diante dela, inclinando-se para perto e beijando-a como se ela fosse feita de vidro soprado.

– Quero – diz ele. – Você faria isso?

– Claro que faria.

– Eu seguiria você até qualquer lugar do mundo, Lucy. É só me apontar o caminho.

– Então vamos nadar. – Ela percebe que está sorrindo com o corpo inteiro.

– Quando? Quando a gente pode ir?

Ela recua para olhar atrás de Colin, onde Jay está fingindo muitíssimo bem não olhar o que eles fazem.

– Jay, você está livre amanhã?

Jay solta um grito de comemoração e caminha até Colin, batendo as mãos nas dele.

– Estou dentro.



É cedo, mal amanheceu. O céu prende-se debilmente à escuridão até que nuvens tomam seus lugares e começam a soltar uma neve suave. Colin e Jay enfiam manteiga de amendoim e sanduíches de geleia dentro da boca enquanto fazem uma checagem final dos suprimentos.

– Ainda está dentro? – pergunta-lhe Colin, com uma enorme mochila sobre os ombros.

Lucy assente, incapaz de abrir a boca por medo de admitir que ela nunca se sentiu tão forte ou tão certa assim sobre algo. O que sente por Colin é inebriante; ela quase deseja dar tudo a ele.

Quando chegam e caminham até a margem, a superfície quase cega-os sob os primeiros raios da manhã, num branco brilhante salpicado aqui e ali apenas de folhas marrons caídas. O

lugar de entrada original de Colin, a fina e marcada camada de gelo no meio do lago, brilha num azul luminoso, mais fina que o gelo ao redor dela. Agora, quando vê as afiadas extremidades apontando como flechas para o centro, a lembrança de Colin caindo é reescrita como algo calmo e idílico. Como um rolo de imagens passando, ela o vê entrando na água, o rosto aliviado em vez de aterrorizado. Ela se lembra de ouvi-lo chamando seu nome na trilha, da primeira sensação sólida de pele contra pele, do modo como os olhos dele imploravam para que ela não arruinasse isso dizendo que algo não parecia estar certo.

Os tênis deles esmigalham a superfície enquanto caminham, e ela escuta Colin escorregar no gelo, e os dois riem atrás dela. Ela nem sequer se vira para olhar, porque ela quer *entrar*. É diferente agora que eles decidiram entrar juntos. Algo pesado repuxa dentro do seu peito, uma repentina corrente de alguma âncora debaixo d'água.

Ela se vira e olha para ele aqui e se pergunta se é verdade que ela viveu por tanto tempo no lago. Será que ela o viu? É essa a fome que domina todo pensamento? Debaixo do gelo azul há algo mais profundo, um espaço aberto para eles. É tudo que ela pode fazer para não puxá-lo para a abertura no gelo com ela. As mãos dela são ímãs, a pele dele é ferro e o lugar deles juntos é logo abaixo da superfície.

Enquanto Jay desenrola um cobertor térmico e desfaz seu kit de suprimentos, Lucy se despe até ficar de calcinha e sutiã, sem querer desperdiçar um só segundo. Botas, calças, suéter, camisa formam uma pilha amarrotada aos seus pés. Sua pele está incrivelmente branca sob o sol, iridescente e opaca como nunca viu antes.

Ela levanta o olhar para um Colin surpreso, os olhos dele devorando cada centímetro dela. Ele balbucia alguns sons incompreensíveis antes de se atrapalhar com os próprios botões para acompanhá-la.

– Eu nunca te vi… assim – diz ele, os olhos brilhando, as bochechas coradas.

Lucy lança um olhar para a abertura que dá para a água e então para ele.

– No três?

Eles mergulham, os braços abertos para a cristalina água azul. Ela a sente em cada centímetro do seu corpo, fria e prateada. Quando se metem sob uma árvore caída, uma penugem de musgos se movimenta ao despertarem, soltando milhares de pequeninas bolhas que viajam subindo até a superfície. Lucy não sabe exatamente aonde está indo, mas ela é empurrada na direção das profundezas do lago, sob as sombras de onde o gelo é grosso e escuro.

Ela sente os dedos de Colin roçarem a pele do seu tornozelo, o cabelo dele em suas coxas enquanto ele se esforça para acompanhá-la e nadar ao seu lado. Ao virar a cabeça, ela o vê tentando segurar o fôlego. Atrás deles, o corpo inconsciente dele flutua na superfície.

– Deixa – diz ela, tão audivelmente quanto se estivessem em terra seca. Ela segura a mão dele e o puxa para mais perto. Sente-a quente contra si, sólida e familiar. Na superfície, Jay puxa o corpo de Colin para fora da água. – O Jay te tirou.

Ele hesita por um momento, um olhar de medo passando por seus olhos arregalados enquanto se esforça para deixar o instinto de respirar de lado. Puxando-o pelo braço, ela o

leva adiante, para onde o azul profundo lentamente escurece cada vez mais, transformando-se num túnel de suave escuridão.

– Lucy – sussurra Colin ao lado dela. – Onde estamos?

– Não sei direito – diz ela. E ela não sabe. Ainda que estar de volta ao lago pareça familiar, ela percebe que nunca soube o que este mundo é. Não é o céu nem o inferno. Não é um universo diferente.

As luzes brilham no alto, e ambos olham para a brancura acima deles e seguem o caminho pela água azul cristalina até irromperem pela superfície desse estranho outro lado. É diferente de tudo que Lucy viu desde que foi enviada de volta, mas, ao mesmo tempo, o espaço é tão familiar e desperta algo no fundo de sua mente, algum instinto que lhe diz que ela está encontrando o mundo onde ela se retira quando desaparece.

Há um breve instante de desapontamento: tudo está igual – árvores, pedras e a trilha – mas Lucy percebe que não é nem um pouco como a margem que acabaram de abandonar.

Pelo contrário, é uma imagem espelhada, uma réplica da terra gélida acima do chão, mas é tão *mais* que isso. Mais cores, mais luz, mais reflexos em cada superfície. Entrar nesse mundo é como pisar no núcleo de um diamante.

Lucy e Colin saem da água para uma margem de areia tão cristalina que cintila sob a luz oblíqua do sol penetrando entre as árvores. Galhos âmbar, folhas de um verde prateado tão brilhante que Lucy tem que piscar várias vezes para que seus olhos se acostumem.

Ao lado dela, Colin está em silêncio, e quando ela olha para ele percebe que ele está observando a sua reação, esperando. "Tinha alguma coisa de diferente naquele mundo, alguma coisa perfeita". Ele viu isso todas as outras vezes em que esteve aqui, e é ela quem se esqueceu de como era, porque, até então, ela não tinha entrado debaixo d'água com ele.

– Você consegue ver isso? – pergunta ela, olhando para um céu tão azul que quase precisa de outro nome. É o reflexo do lago, uma galáxia inteira, um imenso oceano num único olhar para o céu.

Ele assente, segurando-a pela mão e levando-a para a trilha. Mas, quando espera que ele a leve na direção do galpão, ele a surpreende, caminhando para o lado oposto, longe do campo e dos prédios da escola e para as profundezas da floresta em vez disso.

Sob os pés deles, folhas âmbar esmigalham como lascas de pedra preciosa. A neve é hipnotizante, cintilando em centenas de tons de azul refletidos do lago e do céu. É como se ela pudesse ver cada cristal congelado e cintilante que cobre o chão, as árvores e os morros mais além.

As lembranças de Lucy retornam lentamente, dando tempo à sua mente para se acostumar, do mesmo modo como seus olhos se acostumaram à luz. Primeiro, recuperar. E, então, *ver*: ver o mundo que deve ter sido seu lar pelos últimos dez anos.

– É como um reflexo – ela diz a Colin, seguindo-o até uma bifurcação na trilha. – Tudo lá de cima está aqui. Prédios e árvores. Até mesmo o lago. Como um País das Maravilhas. – Ela aponta na direção da água atrás dele, parecendo uma safira incrustada num leito de quartzo.

Colin deve estar ouvindo o espanto em sua voz, porque ele para, virando-se para encará-la.

Ela se vira para ele.

– Menos as pessoas. Digo, acho que estive sozinha aqui, observando.

As sobrancelhas castanhas dele se juntam, e ele sussurra:

– Odeio pensar nisso.

Sem querer preocupá-lo, ela acrescenta:

– Não acho que o tempo passou do mesmo modo. Digo, eu me lembro de estar aqui, mas não me sinto como se tivesse ficado sentada à toa, num tédio sem-fim pelos últimos dez anos. – A expressão no rosto dele relaxa e ela diz: – Eu me lembro de olhar pro alto, como se conseguisse ver tudo através de um espelho. Acho que estava esperando. E eu me lembro de observar você.

– Mesmo?

Assentindo, Lucy toma a mão dele e o guia descendo pela trilha, sentindo um ímpeto de seguir adiante, continuar em *movimento*.

– Eu me lembro de ficar te observando no morro durante a Festa de Inverno. Você e o Jay se balançaram do galho de uma árvore e pularam dentro do lago.

Colin ri, balançando a cabeça.

– Eu tinha me esquecido disso. A gente tinha doze anos. Eu quebrei meu tornozelo. – Há uma ponta de orgulho em sua confissão que a faz sorrir.

– Eu te vi pedalar aqui pela primeira vez – diz ela, as imagens desenrolando-se de sua cabeça como um rolo de filme. – Você estava um pouco assustado, mas muito empolgado. – Ela sorri ao se lembrar das bochechas rosadas e do rosto sorridente dele, do modo como ele não parava de olhar para trás, por cima do ombro, como se esperasse ser pego a qualquer minuto. – Vocês dois eram os únicos que vinham aqui no começo, mas você não parecia estar procurando por mim.

– Eu me lembro disso! O Jay me desafiou a andar no gelo quando a gente tinha sete anos. A brincadeira acabou terminando mal pra ele, porque ele se cortou na doca e precisou de uma injeção de tétano. Cara, a gente se meteu numa enrascada por causa disso.

As suas mãos unidas balançam entre eles enquanto continuam a caminhar pela trilha. Entre breves intervalos, Colin leva a mão dela à boca, beijando-lhe as costas. Os lábios dele são quentes. Ela consegue sentir a baforada de ar na pele, o calor da respiração dele quando solta o ar.

– E claro que isso não te impediu de continuar.

Ele sorri.

– Claro que não. A gente cresceu ouvindo histórias sobre este lugar. Sobre mortos-vivos e desaparecimentos, pessoas afirmando terem visto uma garota caminhando pela margem e ouvido vozes. – Ele se abaixa para pegar uma folha do chão, girando-a entre os dedos diante dele. – Digo, elas botavam medo. Mas nem todo mundo comprava. Era apenas os adultos tentando impedir um bando de crianças loucas de beber e transar no lago. Isso fazia tudo parecer ainda mais legal, na verdade.

Lucy bufa e balança a cabeça.

– Claro que a perspectiva de perigo *tornaria* tudo mais atraente pra você. Mesmo antes de eu morrer, eu não acho que a gente podia vir aqui. É longe demais dos prédios principais, existem muitas maneiras de entrar numa enrascada.

Eles param de caminhar, e ele se inclina na direção dela, sussurrando, cobrindo seus lábios com um beijo sorridente:

– Eu consigo pensar em muitas maneiras de entrar numa enrascada aqui.

– Quanto tempo já se passou desde que a gente está aqui? – pergunta ela, inclinando a cabeça para trás enquanto Colin percorre com beijos um caminho do seu queixo ao pescoço.

Ele murmura alguma coisa ininteligível, e ela quer lhe perguntar o que ele disse, mas um pássaro corta o ar sobre o ombro dele. Um corvo. É lindo, com asas como cacos de ébano. Ele voa acima de suas cabeças, gritando no silêncio antes de dar meia-volta e aterrissar em algum lugar diante deles.

Lucy se vira para olhá-lo, para indicar o pássaro perturbadoramente lindo para Colin, mas ela congela, as palavras perdendo-se num engasgo, ao perceber quão longe já caminharam.

Ela consegue ver a forma do Ethan Hall elevando-se à distância atrás deles, e à frente está o corvo, suas garras em torno do arco mais alto do imponente portão de metal que cerca Saint Osanna.

Mas algo está diferente. Em vez de sentir uma bolha invisível empurrando-a pelo peito e mandando-a de volta para a trilha, ela se sente como um peixe pego por um anzol, puxada lentamente pelo fio.

Ela dá um passo à frente.

– Lucy? – pergunta Colin. – Você está bem?

– Não sei – diz ela, continuando a caminhar, os passos mais rápidos agora. Decididos. Ao se aproximar da cerca de metal, ela olha para o alto e encontra o olhar vigilante do corvo, podendo ver o próprio reflexo no negro luminoso dos olhos do pássaro. – Tem algo… diferente.

Ela escuta o esmigalhar de neve enquanto Colin corre para acompanhá-la, sentindo a batida de uma pulsação em suas veias ocas. Quando Colin para ao lado dela, o impulso se torna mais forte.

– Você está sentindo isso?

– Sentindo o quê? Lucy, o que foi?

– Tipo uma sucção. Como se eu fosse metal, e tivesse um ímã gigante do outro lado? Você não está sentindo?

Colin balança a cabeça, os olhos arregalados enquanto pisca, de Lucy para o portão e de volta.

– Você acha que a gente consegue passar?

– Eu não sei.

Sua boca de repente encontra-se tão seca, mais seca do que nunca. Pela primeira vez desde que despertou na trilha, ela deseja beber alguma coisa, consegue quase sentir a sensação da água fria enquanto engole.

– Toque nele. – Ela escuta Colin sussurrando. – Toque nele, Lucy.

Ela lambe os lábios secos, tremendo, enquanto levanta o braço, os dedos estremecendo ao encontrar o metal gelado, que não lhe oferece resistência. Ela prende a respiração, observando sua mão passar entre as duas balaustradas ornadas para o outro lado.

– Ah, meu Deus! – arqueja ela. – Meu Deus! – A sugestão mais tênue de um bronzeado transparece em sua pele; veias azuis formam um mapa na palma de suas mãos subindo até o pulso. Uma cicatriz. Marcas. Imperfeições. Ela fecha o punho, sentindo o calor da própria pele. – Colin!

Mas ele não responde. Colin desapareceu.

CAPÍTULO 32
Ele

Em algum momento durante a noite, Colin sente Lucy deslizar na cama ao lado dele. O colchão muda com o peso dela enquanto ela se entoca sob as camadas de colchas e cobertores térmicos para envolver os braços em torno do peito dele. Ele não sabe como, mas Lucy e Jay conseguiram transportá-lo do lago ao dormitório e subir até o quarto sem ninguém perceber. Ele está usando um pijama velho e está numa cama sob um monte de cobertores. Jay não está; Colin presume que ele fez a primeira vigília. Ele não se lembra de nada depois de ter deixado Lucy no mundo debaixo d'água.

– Oi – diz ela, a voz abafada contra as costas dele.

– Oi. – O cumprimento sai como um coaxo, e ele fecha os olhos com força por causa da ardência. Sua garganta parece inchada, queimada, como se ele tivesse comido uma refeição de fogo sólido. – Faz tempo que você está aqui?

– Não. Cheguei poucos minutos atrás. Fiquei esperando a Dot ir dormir. Ela está lá embaixo na sala comunal mexendo a colher numa xícara de café e encarando uma TV desligada há mais de uma hora.

Ele não quer que Dot o veja assim, e a culpa que ele está tentando ignorar cresce em seu peito.

– Ela não viu você, viu?

– Não – Lucy o tranquiliza. – Ela jamais me deixaria passar pelas escadas.

Então Dot veio até o dormitório para ficar perto dele? Ele passa as mãos pelo rosto, gemendo baixinho.

– Ela está preocupada. Ela se sente responsável por mim.

– É.

– Eu acho que ela sabe que eu estou fazendo uma loucura. Ela sabe de você. – Ele sente um arrepio e aperta mais a almofada de aquecimento contra o peito.

– Eu imagino que sim. – Lucy ignora o modo como a ansiedade se aloja em seu peito, e puxa os cobertores com mais segurança em torno do corpo dele. – Você está se sentindo quente o suficiente?

– Um-hum. Mas, se você está querendo me seduzir, talvez você tenha que me deixar de meias – diz ele, tentando deixar o clima mais leve.

Ele não quer pensar no lado negativo disso tudo. Quer apenas senti-la em torno dele e se lembrar do mundo debaixo d'água. Uma parte pequena de sua mente percebe a loucura disso – para alguém de fora, ele pareceria até mesmo um suicida. E com uma punhalada afiada no peito, ele percebe que é assim que sua mãe deve ter se sentido, fazendo o que podia para ter um dia a mais com sua filha. Colin nunca se sentiu tão certo como agora de que sua mãe não

estava louca, afinal de contas. Ela apenas queria ter sua família de volta.

É cedo – horas antes do sol aparecer e os estudantes afluírem pelo campus – e Colin consegue ouvir um dos caminhões de entrega lá fora, trazendo mantimentos para a cozinha. O apito contínuo enquanto ele dá ré ecoa nos prédios de pedra e preenche o pátio vazio.

– Ei, e como vocês conseguiram me trazer pra cá?

– Foi o Jay. Parece que ele é excelente em distrair as pessoas, e muito mais forte do que parece.

– Como ele está?

– Ele está bem – diz ela, e ele a sente encolher de leve os ombros. – Digo, ele parece se realizar fazendo esse tipo de coisa. Eu não entendo, mas fico feliz que ele seja assim. O que ele está fazendo por nós é maravilhoso.

– Eu sei.

– Fico me perguntando se a gente conseguiria fazer isso sem ele. Se eu conseguiria tirar você da água de alguma forma. – Ela faz uma pausa, observando-o. – Se é essa a razão por que eu estou tão forte agora.

Colin fica em silêncio. Ele andou pensando um pouco nisso. Se o lago é onde Lucy estava antes de encontrá-lo e para onde ela vai quando desaparece, Colin se pergunta se ele poderia simplesmente ir para lá encontrá-la. Ele não sabe ao certo como chegaram ao outro lado, pois sua cabeça está ainda um pouco confusa, mas ele gosta de pensar que, se precisar, pode encontrar o lugar sozinho.

– Me conta o que aconteceu – diz ele. – É verdade, não é? Você conseguiu passar pelo portão.

– Você se lembra disso?

Ele assente. Ela estremece ao lado dele.

– Tirando quando te encontrei pela primeira vez, eu não me lembro de ter me sentindo tão atraída por alguma coisa. Eu vi minha mão, e ela parecia viva, Colin. Eu senti como se tivesse que estar do outro lado do portão.

– Você acha que é assim que é? A gente precisa sair do campus? Tipo destravar uma nova fase?

– Não sei. Não sei por que, mas eu não acho que seja tão simples assim. Não pode ser.

– Talvez você esteja cismada demais com isso.

Ela não responde, apenas aperta as bochechas atrás da camisa dele, certificando-se de que ele está quente e realmente ali.

– É onde você estava antes de vir pra cá? – pergunta ele.

– Acho que sim. Eu sinto como se tivesse ficado presa numa jaula, andando de um lado pro outro, observando através do lago, esperando pra vir ficar com você.

– E você acha que é pra onde você vai quando desaparece?

Ela coloca seus braços em torno dele quando ele diz isso.

– Sim, mas eu não tenho planos de desaparecer de novo.

Talvez não, ele pensa, *mas pelo menos eu sei onde te encontrar*. Colin relaxa. Saber disso torna a previsão da primavera muito menos assustadora.

CAPÍTULO 33
Ela

O céu líquido de um roxo escuro tremula acima de suas cabeças, com estrelas feitas de milhões de mínimas bolhas. A ilusão de terra e fundo do lago torna-se uma escuridão suave e convidativa. Um surto instintivo de energia percorre o corpo de Lucy, e ela força os passos adiante com mais rapidez.

– Céus, não vejo a hora de chegar – diz Colin, flutuando atrás dela. – Espero que a gente possa ficar mais tempo dessa vez. Eu quero tentar o portão de novo.

Lucy não responde, simplesmente chutando os pés na água cristalina. É tudo que ela tem conseguido pensar: como sua pele parecia carne de verdade, como sentiu a picada do ar frio na ponta dos dedos. Mas ela receia que exista algo que ainda não considerou.

É estranho não conseguir enxergar, mas sabe exatamente para onde ir, como se as direções estivessem embutidas em seus músculos. Será que ele também sente isso?

– Você consegue encontrar? – pergunta ela, parando.

– O quê? – Ele para ao seu lado, os braços encostados na extensão do corpo dela.

– Você lembra como chegar lá? Você conseguiria encontrar sozinho?

Ele olha para trás deles, para onde a água simplesmente esvaziou-se em escuridão, e então para a frente mais uma vez.

– Não desse jeito. Não consigo ver nada. Acho que quando viemos antes não estava assim.

– Deixa pra lá – diz ela, agarrando a mão dele para puxá-lo para mais perto. – Acho que é uma coisa instintiva. Talvez depois que você vier pra cá mais algumas vezes.

– Talvez – diz ele, embora soe inseguro.

Alguns segundos depois, ela instintivamente se vira. Uma luz na distância começa a brilhar cada vez mais intensa.

Leva um momento para que os olhos deles se acostumem à luz, mas tudo se encontra exatamente como deixaram. Um dossel de folhas cristalinas faísca acima deles. O sol é um raio trapezoidal amarelo pela margem congelada. Flores laranjas, azuis, vermelhas e roxas desabrocham em pequenos estalos antes de congelarem, produzindo ondas de vidro colorido ao despertarem. Uma leve neve está caindo e Colin estende a mão; flocos intrincados e rendilhados aterrissam em sua palma.

Ela sorri, observando-o olhar ao redor. É tudo ao mesmo tempo: cores vibrantes e gelo reluzente. Eles conseguem sentir o cheiro da terra molhada sob a neve e ouvir a água congelar no lago. Isso tudo torna-se desorientador e esmagador para os sentidos, e ela consegue ver o momento em que é demais para ele, quando ele se senta no banco e tapa os olhos.

Ela senta ao lado dele, descansando a mão sobre seu joelho dobrado dele.

– Você está bem?

– Eu te amo – diz ele calmamente, piscando lentamente para o céu acima.

Ela abre um sorriso tão grande que demora vários segundos para responder.

– Eu também te amo.

Ele segura sua mão e massageia seus dedos.

– Antes eu achava que sabia o que era amar.

– Eu não. – Ela se abaixa para beijar as costas da mão dele.

Colin olha para ela, os olhos tão famintos quanto ela se sente ao empurrá-lo de costas na neve.

– Fria? – pergunta ela, montando sobre ele.

Ele balança a cabeça, as mãos percorrendo as laterais do corpo dela, levantando sua camisa e tirando-a num só gesto.

– Nem um pouco.

Os cabelos dela caem como cortinas em torno deles, e ele os afasta, beijando-a como se ela fosse uma garota normal que ele pode segurar e sentir e não se preocupar se vai desmanchar.

Lucy imagina se o tempo de fato passa aqui, pois, antes que perceba, suas roupas se foram e Colin está em cima dela sorrindo, com flocos de neve no cabelo e nos cílios, desaparecendo na pele de seus ombros nus. Ele morde o lábio enquanto se move acima dela, os dedos memorizando cada centímetro e encontrando o ponto onde os dois se encontram.

A geada se acumula e desaparece rapidamente na pele deles. Uma luz explode por trás dos olhos dela, e Colin segura suas mãos trêmulas. Ele diz seu nome contra seus lábios, diz que a ama e que, mesmo tendo tudo dela, nunca seria o suficiente. Ele geme em seu pescoço, e quando param, o coração dele silencioso contra o peito dela, ela consegue ouvir o ruflar da neve caindo em volta deles.



– Como é possível eu me sentir querendo estar aqui com você, mas como se não devesse? – pergunta ele. Eles estão na trilha de novo, de mãos dadas, enquanto caminham para a entrada da escola. Lucy tentou dizer “não” para distraí-lo, mas não havia firmeza por trás de suas palavras.

– Eu não sei – diz ela –, mas é como eu me sinto também te trazendo pra cá. Eu me sinto egoísta.

– Lucy? – diz ele, e ela vê uma nuvem de ansiedade passar pelos olhos dele. – Acho que era disso que a gente sentia falta. Você não acha?

Ela olha para o alto, observando como o sol parece se mover muito rapidamente pelo céu de neve. A cada passo, a necessidade de seguir em frente, de escapar, aumenta.

Eles param com o portão de ferro diante deles, sua massa elevando-se como uma cicatriz brotando da neve imaculada. Lucy percebe Colin esfregando um ponto sobre o esterno.

– O Jay está me levando de volta. Meu peito está doendo – diz ele. – A gente não tem muito tempo, Lucy.

Ele leva as mãos até ela, puxando-a para ele com um sorriso que não preenche completamente o olhar. Ela sente a boca dele suave, mas insistente, molhada e quente.

Ela se vira, uma sensação de anseio enchendo o peito como um banho quente, uma fisgada

sob os membros puxando-a na direção do que quer estivesse do outro lado do portão.

O mesmo sentimento de antecipação sobre sua pele. Ela leva as mãos até o trinco, levantando-o. O velho portão geme, as dobradiças guincham, e Lucy dá um passo para trás enquanto escancara as portas.

Ela enrosca os dedos nos dele, e como que por instinto, dá o primeiro passo.

Ela escuta a exclamação antes mesmo de se virar. Ele está sorrindo. Lágrimas percorrem linhas em sua face, e ele está olhando para ela como se ela fosse a coisa mais linda que já viu.

– O seu cabelo – diz ele. Ela baixa os olhos: estão castanhos, todos os tons de castanho de uma só vez. – E seus olhos. – Ele está rindo agora, a descrença estampada em cada canto de seu rosto. – Eles são verdes.



Ela está de volta à trilha. Seus pés caminham facilmente pela terra coberta de neve, mas ela quase tropeça num banco de neve ao avistar Jay, curvado até o chão, vomitando as tripas vários metros de distância de onde se encontra o corpo de Colin.

Os lábios de Colin estão azuis e, ao se aproximar, ela pode ver que os olhos dele estão abertos, ocos, fitando diretamente o pesado céu cinzento. O peito dele sobe e desce em rasos arquejos, mas, quando ouve os pés dela pisando sobre o gelo, ele vira a cabeça para ela e tenta sorrir. Sua respiração se torna mais esfarrapada; os olhos se fecham.

– *Fica longe dele!* – grita Jay, limpando a boca com a manga da camisa e correndo aos tropeços até Colin, afastando Lucy. – Eu acabei de trazê-lo de volta, Lucy. Fica longe dele!

Os olhos de Jay se fecham com força. Ele se recusa a olhar para ela.

– O que aconteceu, Jay? Por que ele está tão mal?

– Eu não sei. Eu não *sei* – balbucia ele. – Não está funcionando. – Ainda assim, ele mantém os olhos baixos, enfiando aquecedores de mão debaixo dos cobertores e contra a pele fria de Colin.

O pavor goteja pelos braços dela.

– Você está com medo de mim?

– Quando ele volta, você está assustadora – diz ele, a voz tremendo no frio. Ele aponta sem olhar. – Pegue aquela bolsa, as luvas estão nela.

Ela chega entorpecida até a bolsa, as palavras de Jay ecoando em sua cabeça. *Quando ele volta, você está assustadora*.

É a mesma reação que Joe teve no acidente na varanda. Ele disse a Colin que ela parecia um demônio. Lucy sente a felicidade do tempo que passou debaixo d'água com Colin evaporar.

– Aqui – diz ela, entregando cuidadosamente as luvas para Jay. – O que eu posso fazer? Ele vai ficar bem? – Sua voz sai tão desanimada, soa tão indiferente. Ela fecha os olhos com força, incapaz de se livrar da imagem de Colin diante dela, sorrindo ao sol antes de desaparecer.

– Ele ficou debaixo d'água por mais de uma hora, Lucy! Ele não está respondendo com um pulso de trinta. Trinta! O pulso normal de repouso dele é sessenta e quatro. Você por acaso sabe o que isso quer dizer? Ele pode morrer!

– Me deixa chegar perto dele, ele vai melhorar quando eu ficar perto dele. – Ela está tão certa disso que, num primeiro momento, não percebe que quando coloca a mão sobre o braço dele, o pequeno monitor ao lado emite um apito estável.

– Lucy! – arqueja Jay, puxando o braço dela e encarando o ponto onde a mão dele envolve firmemente sua carne. – Vai embora. Vai embora. Vai embora – ele sussurra repetidas vezes.

Ela percebe que estava completamente enganada quando pensou que um Jay silencioso é um Jay em pânico. Esse é o Jay em pânico, e ele não consegue parar de falar consigo mesmo. Ele é um elástico esticado, prestes a se soltar num estalo.

– Vamos levá-lo para o dormitório – diz ela. – Eu acho que posso ajudar você a carregá-lo. Eu me sinto tão forte.

– Não. Não toque nele de novo. Você não está ajudando.

– Claro que estou ajudando. Jay, a gente precisa tirá-lo daqui. Você não consegue carregá-lo sozinho!

Sirenes prolongadas ecoam ao longe. Jay encontra os olhos dela; desculpa e medo e raiva e lágrimas bordejando dos seus.

– Eu liguei pra emergência. Não sabia mais o que fazer.

A ambulância chega mastigando a neve pela trilha, derrapando. Os paramédicos irrompem de todas as portas, apressando-se em direção ao corpo de Colin, tirando os cobertores e almofadas de aquecimento, checando os sinais vitais dele. Eles o envolvem em algum tipo de bolsa e enchem Jay de perguntas. Como ele entrou? Quanto tempo ficou na água? Ele disse alguma coisa? Jay responde, entorpecido. Ninguém sequer olha para Lucy.

Ela observa os dois homens erguerem Colin e colocá-lo sobre uma maca. A mão dele se levanta debilmente, e ela acena.

– Eu te encontro lá. – *De alguma forma*, ela pensa. Seus pensamentos aumentam em pânico e confusão enquanto a ambulância dá partida, apitando sonoramente no silêncio cheio de ecos do lago, dando ré para voltar à trilha. Como ela poderia segui-lo?

Ela corre na direção da escola, e a distância vê Joe e Dot apressados na direção do estacionamento. Luzes de freios piscam numa cintilante caminhonete azul enquanto Joe destrava as portas com um controle.

Sem pensar, Lucy dispara para o veículo, agachando-se na traseira. Assim que os dois passageiros fecham as portas, Lucy lança o corpo por cima, caindo deitada sobre a parte de cargas.

O cascalho é cuspido pelos pneus atrás deles enquanto saem do estacionamento, perseguindo a ambulância que desce a estrada de terra para fora da escola.

Só ao passarem pelos portões de ferro é que Lucy percebe que não foi mandada de volta para a trilha. À frente deles, o lamento da ambulância desce a rodovia de mão dupla.

Mas por que agora? O que mudou? Ela ergue o olhar para as luzes piscando adiante na estrada, para onde seu coração está, amarrado na parte de trás de uma ambulância. *Para onde você for, eu vou*, ela pensa.

Sempre.

– Sexo masculino, dezoito anos, hipotermia severa. Pressão sanguínea a 54. Temperatura atual de 34,8°C; catorze de frequência respiratória. Soluto de Ringer injetado a 150 milímetros por hora. ECG estável, com ritmo sinusal normal. Os resultados do raio X do tórax estão aqui pra você avaliar. Uma amostra do sangue foi enviada ao laboratório para análise.

Lucy abre caminho até o canto, cerca de três metros de distância de onde um médico olha a ficha de Colin, enquanto um dos paramédicos anota os sinais vitais. Lucy conseguiu chegar até a área de triagem sem ninguém lhe dirigir uma única palavra.

O médico de plantão escuta o relato da cena: os jovens estavam brincando no lago, Colin mergulhou, eles tinham equipamentos para ressuscitá-lo, e parecia ser intencional.

– Não é esse o rapaz de que estavam falando no jornal? Na época do Natal?

– Colin Novak. Do Saint O.

– Sim. – O doutor gentilmente afasta o cabelo de Colin da testa. – É ele.

Lucy se vira enquanto eles o empurram na maca e passam por duas portas amplas. Ela perambula pelos corredores até não aguentar os apitos, o cheiro de antisséptico e o papear das enfermeiras. Fica feliz por elas, pelo estresse da sala de emergência ser tão tolerável quanto qualquer outro trabalho, mas a conversa delas sobre o último dia dos namorados está distante demais das informações que ela deseja obter. Ela quer ouvir notícias sobre Colin irrompendo pelo interfone.

Lucy gostaria de ser um fantasma como da televisão, tão sólida quanto apenas um holograma. Ela seria capaz de passar pelas paredes e entrar em qualquer sala, espiar com a cabeça do outro lado e observar as cores retornando à pele de Colin.

Na sua sétima volta pelos corredores, ela espia dentro da sala de espera das famílias. Jay foi embora, mas Dot continua lá, mirando o estacionamento por uma grande janela, sem realmente ver. Não há ninguém aqui para confortá-la, e não há ninguém aqui para confortar Lucy. Ela adentra a sala escura e silenciosa, pronta para compartilhar de sua solidão.

Dot está tão perdida no próprio sofrimento que nem sequer percebe quando Lucy entra. Ela simplesmente baixa os olhos para o livro que claramente não está lendo. Lucy quer falar com ela, explicar o que aconteceu e assegurar-lhe que Colin está bem e que eles quase solucionaram todo esse mistério, mas as palavras viram pó em sua garganta. Em vez disso, ela se senta num sofá em um canto escuro e espera.

Nos vinte minutos seguintes, Dot pede quatro vezes à recepcionista para deixá-la ver Colin, anda de lá para cá sete vezes, senta-se e encara o livro no colo o resto do tempo, sem virar a página nem uma única vez.

Dot é alta – alguém pode até descrevê-la como impressionante –, com uma surpreendente pele jovem e cabelo que pouco mudou, embora o prata predomine sobre o castanho-escuro. Está amarrado para trás num bagunçado rabo de cavalo, salientando seus grandes olhos azuis. Mesmo com sua notável presença física, Lucy consegue ver que Dot está se sentindo pequena. Impotente. Ela é uma massa ansiosa, constantemente em movimento.

E então Dot para. Suas mãos congelam na altura das coxas enquanto ela as esfrega, preocupada, e vira-se para olhar Lucy. Para o próprio horror, Lucy vê no rosto de Dot uma mistura de compreensão e medo.

– Sabe, eu me lembro de você. – A voz suave dela traz uma pontada de acusação. – Você é a garota que eu vi toda suja no refeitório, aquele dia. – Ela ergue uma mão trêmula para enfiar uma mecha solta de cabelo atrás da orelha. – Mas eu me lembro de você antes disso também.

Lucy sente as camadas da afirmação e desvia os olhos antes de assentir, incapaz de encarar a preocupação e a acusação que ela consegue ver em cada linha no rosto da mulher.

Muitos minutos se passam antes que Dot fale de novo.

– Me diz seu nome.

– Lucy.

Dot repete o nome dela, e então acrescenta, com voz trêmula:

– Lucia Gray.

– Sim, senhora. – Algo frio e pesado troveja nos membros de Lucy, trazido pela expressão no rosto de Dot: medo. E sob ele, raiva.

– Você se importa com ele? – pergunta Dot, inclinando-se para a frente para ver melhor Lucy na sala escura.

Lucy assente mais uma vez, mas vira os olhos para o chão.

– Me diz.

– Eu o amo.

– Não foi isso que eu perguntei.

– Me desculpe – diz ela, finalmente olhando no rosto de Dot. – Sim, eu me importo com ele. Eu quero que ele fique a salvo. Eu não sei mais nada sobre o que estou fazendo aqui, além de supostamente protegê-lo.

Murmurando silenciosamente, Dot fecha o livro sobre o colo e encara a parede. Lucy consegue sentir a inquietação dela crescer como uma cortina entre elas.

– Você se importa a ponto de deixá-lo levar cobertores e equipamentos de ressuscitação para o lago?

– Nunca foi minha intenção que algo ruim acontecesse com ele – começa Lucy, mas as palavras soam falsas com o barulho dos equipamentos do hospital atrás delas. – Nós estamos tentando descobrir um jeito de me trazer de volta.

– Te trazer *de volta*? – Confusa, Dot solta um suspiro e balança a cabeça. – Eu sempre soube que isso aconteceria com ele. Só não pensei que seria tão cedo, ou que seria ele quem buscaria isso.

Antes que Lucy possa perguntar o que ela está querendo dizer, a enfermeira pisa na sala com Joe, que gesticula para Dot, chamando-a. Com um último e prolongado olhar para onde Lucy está sentada na dura cadeira, Dot a deixa sozinha na sala.

Lucy espera cinco minutos antes de segui-los. Ela nunca vai acreditar que é digna de ser a Guardiã de Colin. É isso que ela devia ter dito a Dot. Devia ter dito que faria de tudo para merecê-lo e que lhe dissessem o que tinha de fazer.

Dot está no quarto com ele agora, falando em tom suave enquanto Joe caminha até o final do corredor, cabisbaixo, o olhar cansado caindo sobre o piso lustrado de linóleo, desaparecendo dentro do elevador. Lucy senta-se numa cadeira de vinil do lado de fora da porta de Colin, esperando até poder vê-lo, senti-lo, desculpar-se.

– Colin – diz Dot, com tom de desculpa na voz. – Eu conheci sua garota.

– Você conheceu a Lucy? – A voz dele está pior do que tinha imaginado. Esfacelada e fraca.

– Sim, meu bem. – Ela fica em silêncio por um instante, e Lucy ouve batidas baixinhas, com se Dot estivesse segurando a mão dele e dando-lhe palmadinhas confortadoras. – Eu não sei o que está acontecendo. Eu não preciso saber. Mas eu preciso que você me prometa que essa é a última vez que você vai chegar perto daquele lago.

O único som que Lucy ouve por um longo tempo é o apito estável dos monitores e a confusão de vozes e risadas da sala das enfermeiras.

Por fim, Colin limpa a garganta.

– Dot – ele soa como se tivesse engolido estilhaços de vidro –, eu não posso te prometer isso.

– Eu sabia que você diria isso, mas receio que você tenha que prometer mesmo assim.

– Não é o que você pensa. Eu sei o que estou fazendo.

– Eu não sei o que pensar, querido. Tudo que eu sei é que isso não foi um acidente. Eu não confio naquela garota.

Lucy ouve um farfalhar de lençóis e Colin dizendo algo, que soa como:

– Não chora, por favor.

– Você está tentando se matar? – pergunta Dot.

– O quê? Não, Dot. Eu estou tentando ajudá-la a voltar. Já está acontecendo. Ela está mais forte agora e eu…

– Chega disso, Colin. Porque isso vai te matar. Você entende isso, não é? Você deve estar aqui, não lá. Você não pode trazê-la de volta, meu bem. Você não deve morrer.

Lucy sente o próprio coração batendo no ritmo do monitor dentro do quarto. O tiquetaquear familiar de um relógio parece pulsar sob sua pele.

Minutos se passam.

Não me obrigue a abandoná-lo. Não me obrigue a abandoná-lo.

Ela se lembra de sentir as mãos dele em seus braços, a suave respiração do beijo dele contra seu ombro. Ela já acompanhou com os dedos uma constelação de sardas no rosto dele, sentiu a pressão fria do *piercing* no lábio. Ela se lembra da primeira tentativa de toque dele e dos últimos toques, mais exaltados.

Ela implora silenciosamente que ele não a abandone. Que não prometa isso, que nunca prometa isso. Ao mesmo tempo, está odiando a si mesma.

– Tá bom, tá bom, Dot. Não chora, por favor. – Ela solta um chiado baixo e derrotado. – Eu prometo que vou parar.

O tiquetaquear para e Lucy fecha os olhos, sentindo como se estivesse se descosturando.

– Eu prometo que não vou entrar de novo no lago.

CAPÍTULO 34
Ele

Colin dorme pelo que parece ser dias. Suas pálpebras parecem lixas quando finalmente se abrem. O quarto está claro demais; a luz do dia irrompe pela abertura de cortinas familiares, banhando o pé da cama numa ofuscante luz amarela. Há um vaso de flores sobre uma mesa, e sua mochila e uma pilha desordenada de livros estão no sofá.

– Olha só quem voltou – diz Dot, levantando-se de uma cadeira perto da porta. Ela enfia um papel já gasto dentro da bolsa e atravessa o quarto na direção dele. Ela parece mais leve, feliz, e por um breve momento Colin quase esquece o motivo. – Eu acho que você realmente precisava dormir, não? – A mão macia dela toca seu rosto e tenta ajeitar seus cabelos, como fez várias vezes em sua vida.

– Que horas são? – pergunta ele, e contrai o rosto ao sentir as palavras saindo da garganta. Com algum esforço, ele consegue se erguer um pouco para se sentar. Dot leva um canudo dobrado aos seus lábios e ele bebe. Seu estômago vazio embrulha, apertado. A sala se altera e gira à sua volta.

– Onze, mais ou menos. Agora deita – ela lhe diz.

– Onze da manhã? – pergunta ele, arregalando os olhos.

Ela sorri.

– Sim, onze da manhã de uma quinta-feira, dia dezoito de fevereiro.

Colin tenta lembrar que dia devia ser, sentindo-se mal quando finalmente consegue. Ele está dormindo há dois dias.

– Onde está Lucy? – pergunta ele, o coração batendo rápido, as cores do terror tingindo lentamente as extremidades de tudo à sua volta.

– Eu não sei, meu bem – responde Dot, o alívio esvaindo-se do rosto. – Eu não a vi desde a noite em que te trouxeram pra cá.



Colin recebe alta do hospital no dia seguinte. Joe e Dot não falam muito com ele ou um com o outro durante a viagem de volta ao campus, e por um longo tempo escuta-se apenas os pneus no asfalto quebrando o silêncio. É uma estranha tensão, que Colin não faz ideia de como abordar, mesmo com o seu lado da história. Joe e Dot não poderiam entender o que ele passou, ainda que tentassem. Colin está bem certo de que, a essa altura, ambos pensam que ele quer morrer, que ele estava tentando se machucar de propósito. Mas ele está grato por Joe não fazer perguntas; é quase impossível para a maior parte das pessoas entender a distância entre

vontade de perigo e vontade de morrer.

Quando Joe finalmente fala, a conversa é breve. Ele pergunta como Colin está se sentindo, informa-o que não voltará para a escola nos próximos dias e que vai ficar em casa por prazo indeterminado. Colin resmunga alguma coisa, ressentindo uma resposta que poderia dar em outro lugar. Está desapontado, mas não surpreso.

Ele não vê Lucy desde que foi tirado do gelo e não tem muitas esperanças de que ela esteja esperando-o em seu quarto, tampouco na escola ou no galpão. De alguma forma, ele sabe que ela desapareceu de novo. É quase como se ele conseguisse sentir a ausência dela em cada partícula por onde passam. As árvores parecem mais vazias, o ar parece sombrio.

Ele fecha os olhos e a imagina na escuridão logo antes de emergir na superfície. Ele consegue vê-la na trilha sob o céu espelhado e se pergunta se ela conseguiu passar pelo portão sem ele.

No começo, Colin diz a si mesmo que precisa ser paciente e esperar. Ela não se distanciaria, não agora. Então ele faz o que lhe dizem para fazer: ele vai à aula e volta para casa logo depois. Ele passa uma tarde toda conversando com um conselheiro porque Dot diz que isso é importante. Ele fica longe de problemas. Ele espera.

Mas a tempestade está sempre lá, se formando. Ele a sente espalhar-se como o vento debruçando sobre o lago, como dedos gelados que se fecham em torno de seus pulmões até que ele mal consiga respirar – até que se veja quase desesperado com a necessidade de encontrá-la.

Os dias se transformam em semanas e o gelo começa a derreter. Apesar de soar clichê, ele sente estar se afogando – derretendo junto com o lago. Ele faz o possível para não demonstrar sua crescente insatisfação, para não descontar em Dot ou em Joe, que agora o observam com olhos de falcão. Colin se pergunta o que eles disseram a Jay, que parece ter sido diretamente intimidado, imediatamente acabando com qualquer discussão sobre ir ao lago.

Três semanas depois de ter acordado para descobrir que Lucy desapareceu, Colin sabe que não pode mais ficar sentado esperando. Ele faz uma média limpando seu quarto, estudando na mesa da cozinha de Joe e se voluntariando para ajudar Dot a finalizar o preparo da sobremesa.

O céu escurece e Joe ergue uma sobrancelha quando Colin se senta no sofá ao seu lado. Alguns gritos distantes vêm de fora, dos estudantes começando a atravessar o campus.

– É bom te ver ocupado – diz Joe. Ele bebe de uma caneca fumegante antes de depositá-la cuidadosamente sobre a mesa.

– Está sendo bom – responde Colin, e eles ficam em silêncio por uns minutos, os olhos de Joe presos no jornal e os de Colin, na TV. – Na verdade, eu estava me perguntando se eu poderia conseguir uma suspensão para a aula de amanhã, talvez sair do campus por algumas horas. – Há esperança em sua voz, algo que ele sabe que esteve visivelmente ausente nas últimas semanas.

Joe lhe lança um olhar cético.

– E o que exatamente você vai fazer?

– Nada – diz ele, relaxando um pouco e tentando soar calmo. – Ver um filme, talvez visitar uma das lojas de bike na cidade. – Ele dá de ombros para acrescentar certa indiferença. – Seria legal sair um pouco.

Joe considera. Colin quase consegue ver o alívio da tensão nos ombros dele, o alívio ao ouvi-lo falando de coisas tão normais.

– Na verdade, eu acho que soa como uma grande ideia – diz Joe, surpreendendo-o. – Suas notas estão boas. Você não se meteu em nenhum problema. – Ele olha Colin por cima do jornal, com a expressão séria agora. – Mas volte antes de anoitecer. Sem exceções.

– Sim, senhor – diz ele, sorrindo. Joe balança a cabeça, e Colin não sente falta do modo como os lábios dele torcem nos cantos da boca.

– De manhã eu te dou suas chaves.

Colin se recosta, feliz, com os olhos na televisão, mas com os pensamentos completamente em outro lugar.



A neve semiderretida cobre o caminho até a porta da enfermaria, e Colin ri consigo mesmo, percebendo que essa é a primeira vez em que ele sobe esses degraus sem **a)** a ajuda de outra pessoa ou **b)** sangue jorrando de alguma parte de seu corpo.

Ele deixa a porta se fechar suavemente atrás de si e limpa os pés no tapete, caminhando na direção do som de movimento no final do corredor. Está silencioso demais, e seus tênis guincham no linóleo, o som quicando pelas paredes ao seu redor. Colin esteve aqui tantas vezes que sabe exatamente para onde está indo, sabe para que serve cada equipamento e em qual quarto se encontra a cama com a mola que cutuca as costas. Ele sabe também que Maggie não ficará encantada em vê-lo e que suas pegadas provavelmente estão sujando o piso limpo dela.

Bem nesse momento, ela espia com a cabeça para fora de uma porta dupla, olhando-o carrancuda.

– Acho bom você estar sangrando – diz ela, olhando atrás dele.

Ele sorri.

– Não estou.

– O que você faz aqui?

Ele a segue para dentro do quarto, onde ela está trocando um conjunto de lençóis atrás do outro. Uma criança que ele nunca viu antes dorme numa cama no outro lado do quarto.

– Eu preciso saber umas coisas sobre a Lucy – sussurra ele.

Ela lança um olhar para o menino dormindo e volta para ele.

– Acho que não.

Maggie pega a cesta de lençóis e caminha para o próximo quarto. Ele a segue de novo.

– Por favor. – Sua voz se quebra, implorando. Ela não quer olhar para ele. Há uma rigidez na expressão de seu rosto, algo que lhe diz que ela está construindo uma parede para impedir uma infiltração de lágrimas. – Por favor.

Depois de uma longa pausa, ela finalmente encontra os olhos dele.

– Por que hoje?

– Porque eu não consigo encontrá-la.

Ela o observa, estreitando os olhos.

– Ouvi que você fez uma coisa muito estúpida. Estúpida o suficiente pra te levar pro hospital. Tão estúpida que você tem sorte de estar aqui.

Colin tenta fazer uma piada, rindo:

– Novidade, não?

Maggie claramente não acha graça.

– Isso é… Você já fez muita coisa estúpida, mas isso…

Ele assente, a culpa e o embaraço lutando com a necessidade implacável de encontrar Lucy.

– Já ouviu a história toda, então?

– Não tem ninguém aqui que não ouviu.

– Maggie, você sabia da Lucy. Quando você vai me contar como sabia?

Ela continua fazendo seu trabalho, e Colin dá a volta na cama, segurando o outro lado do novo lençol e ajeitando-o sobre o colchão.

– Quase morreu e não aprendeu nada. Miolo-mole… – ela murmura.

Colin espera; não pode exatamente argumentar com ela.

– Isso só pode terminar de um jeito, Colin. Você sabe disso, né?

– Eu não acredito nisso, Maggie. Não acredito.

– Claro que não acredita – ela suspira, a derrota impressa na queda de seus ombros. Maggie se endireita, olhando para fora pelo corredor antes de fechar a porta. – Você tem sorte de eu não chutar seu traseiro magrelo pra longe daqui.

Colin quase sente um gosto de água salgada e uma maré densa de soluços prestes a engasgá-lo, mas os engole.

– Obrigado.

Empoleirada na beira da cama, ela engole saliva e diz:

– Eu conheci o Alan aqui, quando eu tinha dezenove anos. Eu nem sempre fui a pessoa que eu deveria ser, Colin. Eu era jovem e idiota e fiz muita coisa de que não me orgulho. Eu estava cuidando da minha própria vida, tentando acompanhar o curso de enfermagem, fazer dever de casa e trabalhar em período integral. Logo antes de eu começar aqui, uma amiga percebeu que eu estava passando por um momento difícil e me deu algo pra me ajudar a passar por isso tudo. – Ela coloca um travesseiro sobre o colo, puxando um fio descosturado. – Não muito tempo depois, eu estava indo do dormitório até meu carro, e ele estava lá, varrendo a calçada. Ele ergueu os olhos e sorriu como se eu fosse um arco-íris depois da tempestade. Eu o vi como ninguém mais tinha visto. Eu vi aqueles olhos loucos e senti algo que nunca senti antes. Ele era meu. Você entende o que eu quero dizer?

Colin assente, conhecendo exatamente o sentimento.

– Ele me deu uma razão – continua ela. – Eu estava sozinha nessa escola enorme e precisava de alguém. Ele estava tão sozinho. Sem família, sem amigos, praticamente invisível pra todo mundo aqui. Ele cuidou de mim, me viu estressada e entendeu por que eu precisava de alguma coisa pra me ajudar a suportar os dias.

Colin assente e não fica sequer constrangido em perceber que ele está chorando.

– E quando eu descobri o que ele era… – Ela ri, balançando a cabeça. – Quando eu descobri que ele morreu? Aqui? Que ele assombrava este lugar? Eu podia lidar com isso. Mas desaparecer? Isso arrasou comigo – sussurra ela. – Há quanto tempo a sua Lucy está desaparecida?

– Vinte e quatro dias.

Ela solta um suspiro cético dentro dos lábios, balançando a cabeça.

– Vinte e quatro dias dá pra aguentar. Vinte e quatro dias você consegue sobreviver.

A bile sobe pela garganta de Colin com a ideia de mais um dia sequer.

– Ele desapareceu porque você estava infeliz? – pergunta ele.

– Não sei por que ele foi embora. Eu fui pra clínica de reabilitação, e ele não me visitou nem uma vez. Eu comecei a usar de novo e ele voltou, me dizendo que estava tudo bem, que eu precisava disso. Quase me encorajando. Na primeira vez, ele ficou desaparecido por seis dias. Na segunda, eu fiquei sem vê-lo durante quarenta e seis dias. E essa vez nem foi a mais longa.

Colin quer se mexer de alguma forma, se livrar desse desconforto que se alojou em seu estômago. Ele caminha até o outro lado do quarto, remexendo fundo dentro de si, esperando que algo dentro dele se desenrosque.

– E qual foi?

– Dois anos. Eu fiquei dois anos com ele, e depois ele desapareceu durante outros dois. Eu fiquei sem usar nada por um tempo, mas estava passando por uma fase difícil. – Maggie fecha com força os olhos, respirando fundo. – Eu tomei umas pílulas da enfermaria. Quando voltei ao meu quarto, lá estava ele, sentado à mesa da cozinha, como se o mundo não lhe dissesse respeito. Como se eu tivesse saído pra tomar uma xícara de café e ele me esperava voltar. Mas tinha sido tempo demais, Colin. Eu não conseguia mais.

– Dois anos? – O terror aperta com mãos frias seus pulmões, repuxando, e a sensação de estar afundando em si mesmo o domina. Ele procuraria por Lucy em qualquer lugar. Ele não sabe mais como funcionar sem ela. Maggie fica parada diante dele, mas ela está distorcida em sua visão borrada.

– Ele ainda estava com a lembrança da noite anterior. Enquanto isso, eu tinha vivido dois anos… indo à escola, voltando pra casa, procurando por ele, tentando ficar limpa. Indo à escola, voltando pra casa, procurando por ele de novo. Todo dia, por dois anos. E lá estava ele. Minha vida estava desmoronando e ele parecia ter ganhado na loteria. Então eu o abandonei. Gostaria de ter dito a ele pra ficar longe de mim muito antes disso. Queria ter pedido pra me deixar em paz na primeira vez que ele voltou.

Colin não sabe se seria capaz de fazer isso. Ele não acha que algum dia poderia ser capaz de desistir de Lucy.

Ele não percebe que pronunciou isso em voz alta até Maggie responder, a voz carregada com uma profunda tristeza:

– Você chega lá. Você vai se deparar com isso. Pode ser que seja na primeira vez em que ela desaparecer por mais de um mês. Talvez seja na vez em que ela voltar pra casa por uma hora e então desaparecer de novo por dias. Ou talvez ela consiga o que quer e você vai fazer o trabalho sujo pra ela.

Ele mal consegue processar o que ela está dizendo, mas se força a falar mesmo assim.

– Ele desapareceu para sempre?

Os olhos dela se fecham, e algumas poucas lágrimas escapam.

– Não sei.

– Mas quando foi a última vez que você o viu?

– Assim que ele voltou. Tinha algumas histórias, sempre teve. Eu não sabia, até então, que os mortos aqui estão presos pelo portão. Eu… parei de procurar. – Ela se endireita, balançando a cabeça e pegando um lenço do bolso da frente de seu uniforme. – Eu não sei o que suga mais energia. Viver passando por isso ou deixá-lo ir. Eu não sei. Eu simplesmente não sei.

Um telefone toca em algum lugar e a bolha estoura; a luz sombria parece abrir espaço mais

uma vez para uma claridade florescente e ecos de silêncio.

Ela passa por ele, voltando ao modo enfermeira e dizendo que se cuide, mas ele a para com um abraço, agradecendo num forte aperto.



Durante todo o caminho até o Cemitério Hillcrest, Colin diz a si mesmo que ver a lápide de Lucy não é a mesma coisa que ver Lucy. Mas ele tem muito a falar e, neste momento, ele sabe que ela é a única que vai entender tudo isso.

Ele estaciona e desce por uma trilha que cruza um extenso gramado aparado, que, nos próximos meses, de um marrom adormecido se tornará vibrante e verde. Ele lança um olhar para um caminho estreito e familiar mais abaixo, entre um emaranhado de árvores desfolhadas e compridas. As sepulturas daquele lado ficam sob um enorme carvalho; a terra fica coberta de nozes no outono e pintada de cores no verão. Mesmo quando o sol está brilhando e a grama reluz vivamente, Colin sente um vazio estranho lá. Ele não desce por aquele caminho – que leva às sepulturas de seus pais e de sua irmã – há mais de dois anos.

Mas o impulso de encontrar Lucy é diferente; é uma urgência que queima em seu peito. Seguindo o mapa, ele segue em linha reta e vira numa encruzilhada, para uma porção de terra separada das demais e cercada por uma cerca de ferro. Ele não sabe ao certo o que espera encontrar, mas seu coração bate mais pesado em seu peito a cada passo, suas botas chapinhando no chão encharcado.

Ele confere as inscrições com o mapa enquanto avança:

MARY JORGEY STEVENSON, AMADA ESPOSA, MÃE E IRMÃ.
* 1923 † 1984

JEREMIAH HANSEN, NOSSO PAI.
* 1901 † 1976

HARRY HAWKINS, ADORADO FILHO.
* 1975 † 1987

Nomes, palavras, datas. Vidas inteiras resumidas em poucas linhas.

E então, numa ampla porção de terra cercada por um portão ornado já torto, encontra-se uma única lápide. Parece-lhe estranho vê-la sozinha, separada das outras. Mas ele percebe que o espaço ao lado dela deve estar vazio, esperando por seus pais.

Ele se levanta, as mãos cerradas num punho ao lado do corpo, os olhos movendo-se pela inscrição simples, pelas flores delicadas entalhadas profundamente no granito polido. Seus dedos comicham de vontade de tocar as letras do nome dela, de ver se a sensação ao tocá-las é tão real quanto tocar Lucy, de ver se pelo menos alguma coisa dela resta aqui.

– Oi – diz ele para a prancha de pedra. – "Lucia Rain Gray. Nascida em 1981 e falecida em 1998. Amada filha e amiga". – Ele se sente irracionalmente irritado ante a inscrição genérica na lápide em memória dela, soltando algumas imprecações antes de lançar um olhar para trás. Ainda está sozinho, apesar de ter certeza que pode ser ouvido claramente do outro lado da colina. – Sério? Eu acho que eles podiam ter feito melhor que isso.

Ele enfia as mãos congeladas fundo dentro dos bolsos e levanta o olhar para as outras sepulturas. O cemitério parece se estender por quilômetros. Não há árvores, prédios, nada para impedir o vento de irromper ao seu lado, espalhando flores secas colina abaixo e para fora dos vasos que deveriam servir de recipientes. Venta forte e frio, mas um silêncio pavoroso impera. Colin senta-se na relva úmida e áspera que cobre a sepultura.

– Ontem teve um baile – diz ele. – O Jay convidou a Amanda pra ir com ele. – Ele sorri, sabendo exatamente como Lucy reagiria. – E eu estava planejando convidar você, mas… – Ele pega uma pedra e a vira na mão.

O fundo da pedra está úmido e parece um ônix brilhante, mas o topo está seco e quase branco sob a luz. É estranho como a água pode fazer uma simples pedra parecer uma gema de um lado e um pedaço de concreto do outro. Assim como o lago.

– Essa é a primeira vez que venho pra esse lado do cemitério, e sim, é assustador. Sabia que meus pais estão bem ali? Não é estranho? Eu já tinha um espaço pra ser enterrado aqui com minha família antes de te enterrarem. – Colin balança a cabeça, e um arrepio abre caminho sob as camadas de suas roupas. – Eles não estavam brincando sobre cemitérios serem assustadores. A gente acha que eles estão cheios de espíritos e morte, mas na verdade só são vazios. Essa é a parte mais estranha, estar num lugar que parece completamente oco e deserto. Por que alguém viria pra cá? O que tem pra se ver? Não me surpreende você ter decidido voltar para uma trilha com árvores e água e… – A voz dele morre mais uma vez, os olhos erguendo-se para o ominoso céu branco.

Há um espaço entre as nuvens que parece um vórtice, onde ele consegue imaginar as almas sendo sugadas.

– Não é estranho eu ficar feliz por ser a pessoa que viu…? Quer dizer, eu não me lembro de nada, e eu sei que isso parece errado de todas as formas possíveis, mas eu gosto de tê-lo visto. Eu quero sentir que fez alguma diferença pegá-lo naquela noite. O universo te deve uma, Lucy. Você merece voltar. – Ele limpa a garganta, tomando um fôlego muito necessário para suavizar o nó em seu estômago. – E eu sei que estou falando sozinho. Você não está aqui, na poeira e na grama e no ar, porque, se você estivesse aqui, teria encontrado uma maneira de se materializar. Eu sei onde você está. Não é estranho eu achar que essas pessoas neste cemitério se foram, mas não conseguir aceitar que você se foi? Tipo, eu nunca disse uma palavra na sepultura da minha mãe, porque… de que adiantaria? Ela foi embora há muito tempo. Sabe, eu mal me lembro do rosto dela. – Ele dá de ombros, jogando a pedra no chão. – Mas de você, não. Eu me lembro de cada sorriso seu, e devo ter passado meia hora ontem à noite tentando visualizar a expressão que você faz quando está escovando o cabelo. Eu conheço o jeito que você segura o lápis e cruza a perna direita sobre a esquerda e quase nunca o contrário. E eu sei onde você está, Lucy. Eu nunca senti que tinha alguém me esperando, nem minha irmã ou minha mãe ou meu pai. O tempo todo foi só você.

Ele encara a grama seca à sua volta e pega uma única lâmina. A raiz é tenra e verde, ainda que a parte exposta esteja seca e amarelada. Sob o solo, ainda está viva.

– Eu passei as últimas semanas tentando saber como isso foi acontecer, e acho que agora eu entendo. Eu não devia estar aqui. A Dot me disse isso tantas vezes brincando, que eu tinha nove vidas, mas eu nunca pensei muito nisso, sabe? Eu devia ter morrido com minha família e pelo menos umas doze vezes depois disso. Nem a pedreira me assusta. E quando eu caí e quebrei braço? Pela primeira vez na vida eu pensei: acabou. É o fim. Mas não foi. Você estava

me observando, esperando, e eu acho que aquele pensamento foi o suficiente pra finalmente te trazer pra cá. Se não era o fim pra mim, também não era pra você. Estamos conectados de um jeito que ninguém está. Eu não deixei o homem que te matou escapar do assassinato, e você voltou porque sabia tudo que eu tinha perdido.

Ele deixa a grama cair e passa a mão sobre as outras lâminas amareladas, ainda firmemente enraizadas no solo.

– Acho que o que estou querendo dizer aqui é: espero que você esteja esperando por mim, Lucy. Porque, dessa vez, eu vou te levar comigo pelo portão, não o contrário.

CAPÍTULO 35
Ela

Lucy inspira e expira, os olhos se abrindo para a claridade amarela do corredor da enfermaria.

Não há vozes ecoando de nenhum dos quartos, e o pânico a toma imediatamente; ela desapareceu mais uma vez.

Por quanto tempo?

Ela se levanta, movendo-se silenciosamente até a porta mais próxima.

Quando espia dentro do quarto, ela encontra Colin dormindo de lado. O alívio que sente é uma coisa tangível e quente. Um emaranhado de tubos entra sob os cobertores, e somente um punhado de cabelo está visível. Ela sente como se finalmente pudesse respirar de novo, sabendo que ele está bem o suficiente para estar aqui e não mais no hospital.

Em vez de acordá-lo com sua pele fria, ela se senta ao lado de sua cama e espera.

Ela promete não entrar no lago. Promete não deixar Colin entrar também.

Está tudo bem, ela diz a si mesma. É isso o que queria, Colin salvo acima de todo o resto. Ela se sente mais forte a cada inspiração profunda, como se o ar simplesmente passasse por seus pulmões para constituir cada parte sua, célula por célula.



– Com licença. – As palavras e a voz não se misturam; soa como cortesia de ácido escorrendo.

Lucy ergue o olhar para se deparar com os familiares olhos castanho-escuros de Maggie. Ela não acha que a enfermeira esteja particularmente encantada em vê-la; o olhar em seu rosto parece claramente irritado.

– Que diabos você está fazendo aqui? – pergunta ela num chiado, lançando um olhar para a cama.

– Esperando ele acordar.

Maggie olha para o monte de cobertores debaixo dos quais Colin se encontra e então de volta para Lucy, como se ela estivesse nua sentada sobre a cadeira.

– Você está louca, menina? Esse não é o Colin.

A cadeira bate sonoramente para trás quando Lucy se levanta.

– Onde ele está? Eu saí quando ele estava no hospital, mas acordei aqui. Eu pensei que…

– Saiu? – pergunta a enfermeira num chiado furioso, puxando Lucy para a porta. – Como quem vai ali e já volta? Pra tomar ar fresco? O Colin saiu do hospital três semanas atrás,

Lucy.

– Três semanas? – pergunta ela, com uma bola de chumbo feita de medo chocando-se em suas entranhas. Maggie assente e vai até o pé da cama para pegar a ficha médica do estranho. As palavras dela se encaixam dentro da mente de Lucy. – Que dia é hoje?

– É um domingo. E ele acabou de sair daqui, veio atrás de ajuda para procurar você. Aquele menino tinha um olhar no rosto como se fosse procurar debaixo de cada pedra se precisasse. – Quando Maggie balança a cabeça, Lucy percebe que ela acha o esforço vão. – Como se fizesse diferença. Eu disse a ele que isso aconteceria, que você iria embora sem deixar vestígios e ele seria deixado aqui, tentando juntar os pedaços. O seu tipo não serve pra nada, só partir corações. Vocês não nos querem a salvo ou felizes. Não, vocês nos querem à beira do abismo e arrasados, querem nos levar para algum lugar onde não temos que ir ainda. Vamos torcer pra ele ser mais esperto que eu. – Maggie sai do quarto em direção a um escritório nos fundos.

– Faz tempo que ele saiu? – pergunta Lucy, sentindo uma onda de raiva se formar no fundo de seu peito.

– Eu tenho coisas pra fazer – diz a enfermeira sobre os ombros. – Se me dá licença.

Dessa vez é Lucy quem a segura, agarrando um braço de Maggie para impedi-la. Os olhos da mulher se arregalam, e Lucy percebe imediatamente que algo está diferente. Maggie muda o olhar, do ponto onde Lucy a aperta – as juntas brancas, a pele sólida e quente – para encará-la.

– Você deixe aquele garoto em paz. – Há raiva em sua voz, mas, mais que isso, há medo.

Os contornos da visão de Lucy se tornam vermelhos, e o ar se move em ondas pelo quarto. Maggie perde o fôlego, levando a mão ao nariz quando um pequeno filete de sangue começa a escorrer.

– Faz tempo que ele saiu? – berra Lucy, surpresa consigo mesma.

Maggie se liberta do seu aperto, parecendo apavorada e desorientada.

– Meia hora… meia hora, mais ou menos – diz ela, vacilando sobre as próprias pernas.

Tão rapidamente quanto apareceu, a raiva desaparece, e Lucy olha as próprias mãos, aterrorizada. Ela se aproxima de Maggie:

– Eu sinto muito – começa, desejando ajudar. – Eu não sei…

– Fique longe de mim – diz Maggie, cambaleando para trás antes de desabar sobre o chão. A cor tinha fugido de sua pele escura, e o sangramento aumentou, agora correndo como um riacho pela frente do seu uniforme esverdeado. Ao cair, ela bate numa pequena mesa de metal, virando-a e derrubando os objetos em cima dela sonoramente no piso. Alto o suficiente para chamar a atenção da mulher no corredor. Ela usa casaco e luvas, como se tivesse acabado de chegar de fora.

– Não, não, não, não, não, não – diz Lucy, encolhendo-se nas sombras e observando a mulher se atrapalhar com o celular enquanto tenta ajudar Maggie deitada em uma poça cada vez maior de sangue.

Ninguém sequer nota Lucy enquanto ela sai aos tropeços do quarto, esbarrando em uma cadeira no corredor e mandando-a para longe, derrapando pelo piso de linóleo.

O que está acontecendo?

O que dizem sobre andar de bicicleta é verdade. Sem dinheiro para pegar um táxi ou fazer uma ligação, Lucy rouba uma bicicleta do lado de fora da enfermaria e sem dificuldades lembra como se equilibrar e pedalar. Enquanto cruza o pátio, ela percebe que não sabe nem o número do celular de Colin. Suas mãos tremem violentamente enquanto segura os guidões, com medo demais para lançar um segundo olhar para trás, para sequer considerar o que acabou de acontecer. Ela precisa chegar até Colin.

Lucy está quase sem ar ao chegar ao dormitório. Duas viaturas da polícia estadual estão paradas no estacionamento, e ela vê o carro de Dot a algumas vagas de distância, mas não arrisca ir até a cozinha para encontrá-la e perguntar de Colin.

Seguindo em frente, ela percebe que as calçadas estão mais movimentadas que o normal. Estudantes se agrupam, trocando vozes sussurradas e ansiosas, e Lucy os contorna, estacionando a bicicleta na lateral do Ethan Hall. Ela congela ao avistar os seguranças do campus perto da porta, conversando com um professor que ela reconhece. Parece impossível, mas sua mente culpada se acelera ainda mais, e ela não consegue deixar de se perguntar se ele está procurando por ela. Lucy se sente tão viva agora – como se cada célula estivesse pulsando com sua própria batida de coração – que teme não haver maneira de escapar. Ela se sente como um outdoor iluminado.

Um grupo de garotas tagarelando se aproxima da entrada. Elas se movem como um cardume de peixes, perdidas numa torrente de falas sussurradas. Lucy se enfia atrás do grupo e parece conseguir se passar por uma delas, pois logo está do outro lado da porta, subindo em disparada as escadas, rezando para que Colin esteja em seu quarto. Ela consegue ouvir a música vibrando antes mesmo de chegar lá.

Ela dispara corredor abaixo, e sem esperar para bater, irrompe pela porta. Jay está sentado em seu computador, a cabeça apoiada nas mãos.

– Eu já estou sabendo – diz ele, com um tom grave e gentil na voz.

Lucy freia, procurando por Colin no pequeno quarto.

– Sabendo o quê?

– Que ele morreu ontem à noite.

Ela balança a cabeça, confusa.

– Quem morreu ontem à noite?

– O seu amigo Alex.

Lucy não tem mais pernas. Elas se dão por vencidas debaixo dela, e ela se senta numa pilha de roupa suja, enquanto o mundo começa a girar rápido demais para ela se fixar em algum lugar.

– O quê?

– Ele se foi ontem à noite. Ele nunca esteve em recuperação; ele só não contou pra ninguém – Jay indica o monitor, apontando a matéria que estava lendo quando ela entrou, mas ela está rastejando na direção da porta enquanto pavor, ânsia e terror a dominam. O medo está congelando seus membros, porque se Jay está aqui e Colin não… Lucy olha os próprios braços. Ela está tão sólida que consegue ver sua pele movendo-se firmemente entre seus dedos

quando se belisca.

Minha presença está combatendo o câncer, ajudando-o a ficar saudável de novo. E eu me sinto mais forte a cada dia.

Quanto aos outros como você, parece que sempre querem levar alguém com eles. Tente não fazer isso, Lucy.

– Onde o Colin está? – pergunta Jay, olhando atrás dela. – Não sei se ele já sabe. Mas talvez já saiba, porque ele está dormindo na casa do Joe e…

– Jay, eu acho que o Colin foi me encontrar no lago.



Jay começa a jogar suprimentos dentro de uma mochila, gritando para Lucy esperar só um segundo, para deixá-lo ligar para a emergência. Mas ela não pode esperar. Cada partícula de seu corpo a empurra porta afora e escadaria abaixo, correndo para onde ela sabe que Colin está.

Seu peito queima devido às penosas passadas na neve em velocidade, e olhando para baixo enquanto corre, ela vê dois grupos de pegadas convergindo. As de Colin e as dela. Igualmente fundas. O gelo geme em aviso sob seu peso, e ela escorrega pela primeira vez, batendo seu sólido quadril na superfície. Mais perto, mais perto.

Lucy odeia como está se sentindo forte. A única coisa que a faz seguir em frente é que ela ainda está aqui. Se Colin morreu, ela teria desaparecido, não?

– Estou quase lá. Por favor, não vá me procurar. Eu estou aqui.

Na beirada do gelo encontra-se uma pilha de roupas. Jeans, botas, o casaco de capuz azul favorito dele. Na água, não há bolhas, não há ondulações, não há movimento. Apenas água azul diluindo-se na escuridão.

Seu grito é carregado pelo vento entre as árvores e ecoa pela superfície da água. A intensidade de suas lágrimas a partem em duas e a puxam para o gelo quebradiço e frágil.

Finalmente, cada peça se encaixa.

Não sou nenhuma Guardiã, sou uma cilada.

Ela sente os rastros das suas lágrimas quentes caindo pelo rosto – as primeiras que chora desde seu despertar. A distância, sirenes preenchem o ar, o som apitando no espaço vazio do lago congelado. Cada vez mais perto. Cada vez mais perto.

Enquanto encara a pilha de roupas, elas se cobrem por flocos macios de neve. Quando olha para o céu, ela se depara apenas com um azul luminoso. Segurando as mãos erguidas à sua frente, Lucy observa sua pele se desintegrar em neve, cinzas e ar, enquanto se dissolve no vento.

EPÍLOGO

Não foi simples como escorregar para a escuridão e encontrá-lo à sua espera. Ela pensava que fosse simples. Ela se moveu com o mesmo instinto que antes. Mas, em vez disso, estava de volta em seu mundo espelhado, sozinha e mais consciente dessa vez. Ela nunca esteve sozinha lá antes, porque bastava apenas olhar para o outro céu para vê-lo. Mas, quando voltou sozinha, ela se lembrou de cada minuto com Colin, de cada sorriso, de cada sensação que ele lhe trazia.

O tempo era seu único e relutante companheiro. Ele se retorcia e adormecia, prolongava-se interminavelmente para então passar rápido nos poucos momentos em que ela se deixava desfrutar das exuberantes lembranças de ter alguém. Os minutos debaixo do lago passavam de maneira diferente da superfície. Um minuto aqui podia ser um segundo ou um ano para qualquer coisa na terra. Quanto tempo demoraria para ele chegar aqui? Quanto tempo tinha se passado?

Toda vez que o estranho sol nascia, ela pensava: *Hoje é o dia em que vamos voltar a ficar juntos*. Todo dia ela caminhava até o portão, mas a vontade de cruzá-lo tinha desaparecido, como se esse impulso tivesse se dissolvido junto com seu corpo na neve.

E então tudo mudou.

Era um tipo diferente de manhã, fria como o primeiro dia em que ele entrou no lago, com o ar tão cortante que você até hesita antes de inspirá-lo para dentro dos pulmões – mesmo que seja ele que lhe dê forma e os elementos mais frios sejam sua única essência.

Ela tinha um bom pressentimento naquela manhã – uma emoção que não podia explicar. Aquele clima faria os olhos de Colin acenderem-se dourados e ela saberia então que ele estava pensando em mergulhar, em tocá-la com mãos e lábios e pele.

A trilha estava deserta, é claro. Uma camada macia de neve cobria a sujeira e a grama. Maçãs que se penduravam maduras e redondas no dia anterior agora estavam caídas sobre a neve como rubis cintilantes. E então ele estava lá.

Os olhos dele estavam cheios de confusão. Ele olhou os próprios braços, as maçãs na neve, o céu azul-gélido e o caminho diante de si. Quando viu Lucy, a expressão em seu rosto relaxou, e ele piscou uma, duas vezes na direção dela. A segunda vez, acompanhada de um sorriso.

AGRADECIMENTOS

Este livro parece ter ficado muito tempo em um canto secreto dos nossos corações, mas agora está à solta no mundo! (Só podemos torcer para que ele se comporte e não coma biscoitos em cima da cama.)

Nossa agente, Holly Root, tem acompanhado toda essa jornada. Sem dúvida, nós três estamos fazendo uma dancinha ridícula e alegre ao ver este trabalho, fruto do nosso amor, impresso pela primeira vez.

Nossa editora, Zareen Jaffery, queria publicar essa história muito antes que qualquer outro livro nosso visse a luz do dia, e na Terra Maravilhosa de Christina Lauren nós temos uma cadeira especial reservada para ela por amar Colin e Lucy há tanto tempo, e por torná-los cada vez mais fortes a cada edição. Obrigada, Lizzy Bromley, pela nossa linda capa da edição americana. Ela ainda nos faz perder o fôlego. Obrigada a todos da Simon & Schuster Books for Young Readers — especialmente Katy Hershberger, Chrissy Noh e Julia Maguire — por nos dar as boas-vindas com tanto entusiasmo! Vamos comprar pulseirinhas iguais para combinar.

Nossos primeiros leitores viram este livro tantas vezes que tenho certeza de que eles nem mesmo sabem qual versão é a final, e sentimos muito por isso! Mas, por outro lado, nós amamos vocês infinitamente: Alison Cherry, Martha Henley, Erin Billings Service e Anne Jamison. Obrigada também aos olhos críticos e gentis de Myra McEntire, Gretchen Kopmanis e Tonya Irving. Agradecemos também a Lauren Suero, por ser a mais fabulosa das assistentes, a Nathan Bransford, por dar a um mundão de escritores um mapa claro da estrada pela frente e um conjunto de ferramentas; e a Tahereh Mafi, sempre, por nos garantir que o único obstáculo à nossa frente fosse o tempo. Nós adoramos você.

Obrigada a John Donello, por ser nosso mentor, pela amizade, pelas infinitas gargalhadas e, é claro, pela faísca de uma ideia que se tornou um livro.

Finalmente, obrigada a nossos maridos e filhos por manterem o entusiasmo desde o dia em que escrevemos a primeira palavra de *Sublime* até o presente momento. Bem agora.